

SEIS VERÕES PARA SE APAIXONAREM
UM VERÃO QUE MUDA TUDO



SETE VERÕES

PAIGE TOON

MAIS DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SEIS VERÕES PARA SE APROXIMAREM
UM VERÃO QUE MUDA TUDO



PAIGE TOON

MAIS DE DOIS MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

Ficha Técnica

Este verão

1

Sete verões antes

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Este verão

12

13

14

Cinco verões antes

15

16

17

18

19

20

Este verão

21

22

Quatro verões antes

23

24

25

26

Este verão

27

Três verões antes

28

29

30

31

Este verão

32

33

34

Dois verões antes

35

36

37

38

Este verão

39

40

41

No verão passado

42

43

44

Este verão O sétimo verão

45

46

47

48

49

50

51

Epílogo

Um verão depois...

Dois verões depois...

Três verões depois...

Quatro verões depois...

Cinco verões depois...

Seis verões depois...

Sete verões depois...

Outros sete anos depois...

Playlist de Sete Verões

Agradecimentos

PAIGE TOON

Sete Verões

Tradução
Rita Canas Mendes

Ficha Técnica

Título: Sete Verões
Título original: Seven Summers
Autor: Paige Toon
Tradução: Rita Canas Mendes
Revisão: Isabel Garcia
ISBN: 9789895811403

QUINTA ESSÊNCIA
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Paige Toon, 2024
Primeira publicação como «Seven Summers» por Century, uma chancela da Cornerstone.
Cornerstone é uma marca da Penguin Random House.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.com

Para a Lucy.

Sinto-me muito sortuda por te ter na minha vida.

Este verão

O perfume emana das flores silvestres roxas e brancas que crescem nas bermas cheias de erva, e o ar da manhã está fresco e límpido enquanto me dirijo ao Seaglass, o bar-restaurante de praia onde trabalho. De um lado e do outro, as colinas parecem erguer-se cada vez mais altas à medida que a estrada desce pelo vale e, ao longe, o oceano Atlântico surge à vista, de um azul intenso no ponto em que se encontra com o horizonte. Sigo a curva da estrada, passando por casas caiadas de branco, o *pub* e o Surf Life-Saving Club antes de ver a enseada de Trevaunance Cove aparecer em pleno. A preia-mar está a meio e as ondas cristalinas e azul-esverdeadas embatem suavemente na areia branca.

O verão chegou definitivamente, e a Cornualha está radiosa. Sinto a esperança no meu âmago, como se estivesse finalmente pronta para sair da sombra fria que tem pairado sobre mim ultimamente.

O meu novo corte de cabelo também ajuda. Desde sempre que uso o meu cabelo escuro comprido, mas ontem fui à cabeleireira e disse-lhe para fazer o que quisesse.

Agora, ele baloiça em ondas, um nadinha acima dos meus ombros e *adoro-o*. Sinto-me uma pessoa completamente nova, que é mesmo aquilo de que preciso.

De repente, penso no Finn e o meu bom-humor cai a pique, mas depois uma brisa agita-me o cabelo e afasta-o do meu rosto, quase como se a própria Mãe Natureza me lembrasse de que está na altura de começar de novo.

Quando subo a escadaria exterior do Seaglass, algo invulgar na praia me chama a atenção. O riacho que vai dar ao mar abriu uma série de trilhos na areia e alguém escavou alguns deles mais a fundo em vários centímetros, de modo que agora parecem ramos de árvore a sair de um tronco. Faço uma pausa para poder analisar melhor a obra de arte entalhada na areia. A árvore não tem folhas, o que me lembra o inverno. Pergunto-me se também é inverno

na imaginação do artista. Que ferramentas ele ou ela terá utilizado para fazer a sua criação? Como escultora, isso interessa-me.

Uma onda rebenta na beira-mar e lambe os ramos mais altos. Dali a pouco a maré deixará a tela em branco, e custa-me a ideia de algo tão belo ser levado antes que outros tenham podido apreciá-lo.

Ocorre-me uma ideia – pego no meu telemóvel e tiro algumas fotografias, publicando as melhores na página de Instagram do Seaglass, juntamente com a legenda: «E que tal uma obra de arte em areia para acompanhar o seu *brunch*?»

Sou artista, não escritora, portanto, terá de servir.

Ao verificar o meu *e-mail*, vejo que tenho uma nova mensagem do Tom Thornton:

Olá, Liv.

Só uma mensagem rápida para saber se existe alguma possibilidade de a casa ficar disponível antes das quatro da tarde – já estou na Cornualha.

Obrigado,

Tom

Suspiro. Os meus hóspedes estão sempre a tentar fazer o seu *check-in* mais cedo.

Respondo-lhe:

Olá, Tom.

Pode estacionar o seu carro à entrada, mas ainda não tive oportunidade de fazer a limpeza à casa, pois os hóspedes anteriores acabaram de sair. Estou a trabalhar neste momento, pelo que duvido que a casa esteja pronta antes das quatro.

Obrigada,

Liv

Sinto-me culpada quando reparo que ele enviou a mensagem há duas horas. As regras são claras no *site*, mas estou tão grata por ele ter reservado a casa para todo o mês de junho, depois de um cancelamento de última hora, que estou a pensar que talvez devesse abrir uma exceção no seu caso. Eu estava preocupada com a perspectiva de ter de preencher quatro semanas fora da época das férias escolares e foi então que este tal Tom apareceu e salvou o dia.

Decido que me vou escapulir durante a manhã e preparar a casa mais cedo. Devo-lhe isso.

O cheiro familiar a cerveja ressequida e a mofo da humidade marítima apoderam-se dos meus sentidos quando entro no Seaglass. Sou a primeira a

chegar, mas os chefes de cozinha, o pessoal do bar e os empregados de mesa não devem tardar muito. A cozinha e o restaurante ficam no primeiro andar, na cave fica a adega e o piso térreo é o bar, com a sua *vibe* descontraída. À esquerda, há grandes portas envidraçadas que dão para uma varanda diretamente voltada para o mar. À direita fica um balcão forrado a ripas de madeira escura, que ocupa cerca de metade do comprimento da parede, com espaço para uma escada em caracol e para as casas de banho na outra ponta. Um pouco afastado da porta principal, perpendicular ao balcão, fica um palco para espetáculos ao vivo.

Sinto um aperto no estômago quando olho para este pequeno estrado, e, por instantes, viajo até ao passado e o Finn está ao microfone, com os seus lábios a desenharem um meio sorriso e o seu olhar fixo no meu.

Será que ele voltará, este verão?

Basta.

Atrás de mim, a porta abre-se, o que me faz dar um pequeno salto. Volto-me, à espera de ver o resto do pessoal do bar, mas deparo com um estranho: um homem alto e de ombros largos, carregando uma grande mochila preta, de mãos enfiadas nos bolsos de uma camisola cinzento-escura e com o capuz puxado para cima.

– Desculpe, mas ainda estamos fechados – digo-lhe.

Ele para abruptamente, com ar de quem está completamente farto.

– A que horas abrem? – pergunta ele com uma certa brusquidão.

– Às dez da manhã.

Ainda são nove e um quarto.

Ele resmunga entredentes, dá meia-volta e vai-se embora, deixando a porta aberta.

Que malcriado!

Levanto-me para ir fechar a porta e olho para a praia, mesmo a tempo de ver outra onda a rebentar na areia, apagando mais uma parte da árvore. Apesar da minha determinação em manter-me otimista hoje, não posso deixar de me sentir algo melancólica enquanto continuo a tratar das coisas para abrir as portas do bar.

*

Não há carro algum estacionado na entrada quando regresso à Casa da Praia, a casa onde vivo desde os treze. Há alguns anos, converti-a em dois apartamentos separados, mas, por fora, parece uma casa de dois pisos. É de pedra cinzenta, com uma porta ao centro e quatro janelas simétricas, de caixilhos azuis claros. Por cima do muro alto que circunda a propriedade espreitam as copas pontiagudas de três palmeiras gordas. Diante da casa corre um riacho gorgolejante, contido por um muro de pedra à altura da cintura, com tanto musgo e folhagem copiosa nas suas fendas e rachas que mais parece estar vivo. Duas pontes, com apenas um metro e meio, permitem o acesso à entrada da casa e à minha porta.

Cruzo a pequena ponte até à porta principal e entro no vestíbulo. Só depois trato de abrir o apartamento de baixo. Os meus hóspedes anteriores não tinham filhos, e o Tom vem sozinho, pelo que não há muito a fazer no quarto do beliche, nem na casa de banho adjacente.

Deambulando pela acolhedora sala de estar, olho em redor, sorrindo para as almofadas do sofá, dispostas na perfeição. A *kitchenette* e a zona de refeições, na parte de trás da casa estão igualmente impecáveis. Se ao menos todos os hóspedes fossem assim tão atenciosos.

Satisfeita por ter a casa pronta num instante, envio um *e-mail* rápido ao Tom, avisando-o de que pode entrar ao meio-dia. Espero que a notícia o deixe satisfeito.

Na manhã seguinte, quando me levanto da cama, vou diretamente à janela e afasto as cortinas. *Continua* a não haver carro algum na entrada! Será que o tal Tom chegou a fazer o *check-in*? Não o vi nem o ouvi, e nunca respondeu ao meu *e-mail*.

Uma hora depois, todos os pensamentos sobre o meu hóspede incógnito desaparecem quando chego à varanda do Seaglass e olho em silêncio para as duas árvores agora desenhadas na praia.

A primeira, à esquerda, estende-se para longe do riacho, no mesmo estilo da de ontem, uma série de ramos elegantes e sem folhas.

A segunda foi desenhada diretamente na areia, no centro da praia, uma conífera alta e esguia, com copa em forma de espiral, que me faz pensar nos ciprestes italianos que em tempos vi a ladearem os caminhos dos Jardins Boboli, em Florença.

A recordação causa-me uma sensação de vazio.

Dou por mim a ser atraída para a praia e, de perto, reparo como os bordos do cipreste se esfumam de uma forma muito realista. Ocorre-me que podem ter sido criados com um ancinho, mas a árvore que emerge do riacho parece ter sido escavada na areia com um objeto mais afiado. Pergunto-me se terá sido imaginada no inverno, mas, ao lado do cipreste alto e forte, parece sem vida.

Estou desejosa de saber o que o meu colega artista estava a pensar e a sentir quando criou estas obras. Será que o impulso lhe veio de um lugar de alegria ou de tristeza, ou de um lugar completamente diferente?

Sinto um aperto no peito enquanto caminho junto ao cipreste e fico a olhar para o mar, lembrando-me de Florença, um sítio que outrora me deu tanta esperança. Eu tinha acabado de sair da universidade quando frequentei a Academia de Arte de Florença, há seis anos, e ainda me sentia como uma estudante a brincar aos artistas. Mas, durante as quatro semanas que lá passei, enquanto fazia diariamente com que o barro frio ganhasse vida sob as minhas mãos, o futuro pareceu-me todo em aberto e cheio de possibilidades. Eu estava tão entusiasmada com a próxima fase da minha vida: mudar-me para

Londres e arranjar um emprego num *atelier*.

Depois, tudo se desmoronou.

Posso não ter conseguido ir para Londres, ou voltar a Itália, como sonhei, mas agora sou escultora profissional. Não interessa que não me dedique a isso a tempo inteiro – gosto de trabalhar no Seaglass durante os meses de verão.

Sorrio para o mar e a dor no meu peito dissipa-se.

Quando regresso à varanda, tiro algumas fotografias e publico uma no Instagram com as seguintes palavras: «Mais arte de areia belíssima a decorar a nossa costa, esta manhã... Adoráramos saber quem é o nosso artista mistério!»

Os sábados são o meu dia mais atarefado, com a abertura para o *brunch*, a que se seguem várias horas de limpeza e preparação das outras três casas de férias que giro, antes de regressar ao Seaglass para o turno da noite. Antes da hora de ponta, espreito rapidamente a publicação que fiz e descubro que já tem quase cinquenta «gostos». Percorro os comentários, à espera de respostas, mas sem sucesso. Uma das minhas amigas mais antigas, a Rach, comentou.

«Qual é a tua preferida?»

Respondo sem pensar:

«Ambas me tocam, mas de maneiras diferentes.»

Sinto que ambas aludem à perda, mesmo quando uma floresce e a outra define.

A Rach deve estar *online*, porque responde em poucos segundos:

«Será que vai haver mais amanhã?»

Digito:

«Se estiveres a ler isto, artista mistério, gostaríamos de ter uma floresta inteira, por favor!»

Pelo menos lembrei-me de usar o «nós» nesta publicação, em vez de falar na primeira pessoa. A ideia é dar a entender que somos uma equipa inteira a conversar animadamente com os nossos clientes, quando, na verdade, é apenas a minha solitária pessoa de vinte e oito anos.

Andei a mil até ser hora de fecho, à meia-noite, por isso, quando o meu despertador toca às sete da manhã no dia seguinte, desligo-o e quase volto a adormecer.

Mas a minha vontade de ver o artista da areia em ação supera o meu cansaço e levanto-me da cama, na esperança de chegar a tempo. Hoje, a maré baixa foi uma hora e dois minutos mais tarde, pelo que é bem provável que ele ou ela ainda esteja a trabalhar.

Quando chego à enseada, mais uma vez é tarde demais. Mas a minha reverência abafa qualquer desilusão que possa sentir.

Na praia, foi escavado um caminho largo e sinuoso desde a rampa para barcos, estreitando progressivamente até ser uma única linha ondulante até à

beira-mar. De ambos os lados do caminho há pinheiros desenhados com arestas pontiagudas e serrilhadas. Os que estão em primeiro plano são altos e majestosos, mas vão-se tornam-se mais pequenos e rudimentares à medida que o caminho afunila.

De repente, quero estar *no* desenho, a percorrer aquele caminho mágico que conduz a uma floresta encantada, vivenciando-a em primeira mão.

Por impulso, desço a rampa dos barcos e piso a areia. Sigo o caminho sinuoso, sorrindo à medida que ele se torna mais estreito, numa perspetiva desenhada na perfeição. Dali a nada, sinto-me do tamanho de um gigante e acabo por ter de pôr um pé à frente do outro, percorrendo o último troço com os braços esticados, como se estivesse a equilibrar-me numa corda bamba. A alegria assoma-me ao peito e não consigo conter a sensação, pelo que rodopio em círculos, com os braços ainda esticados.

Ainda tenho um sorriso estampado no rosto quando faço o percurso inverso, em direção ao Seaglass. E é então que olho para cima e tenho de olhar segunda vez. Há um homem sentado num banco, nas falésias, meio escondido atrás de arbustos de tojo com flores de um amarelo vibrante. Tropeço e desequilibro-me, conseguindo endireitar-me, e, quando volto a olhar para cima, ele já lá não está.

Na segunda-feira de manhã, chego à praia e vejo que a areia se mantém uma tela em branco.

Terei chegado a tempo de apanhar o artista, ou será que ele partiu em busca de outra enseada?

Caso seja a primeira hipótese, subo as escadas do Seaglass, achando que vale a pena ficar escondida durante algum tempo, à espera. E é então que o vejo: um desenho em tamanho real, na areia, que me escapou à primeira vista.

É o simples contorno de uma rapariga com um vestido de verão pelo joelho, semelhante ao que eu tinha usado ontem, com a bainha a pender para um dos lados, soprada por uma brisa imaginária. O seu cabelo ondulado chega-lhe quase aos ombros e os seus braços estão abertos num gesto de alegria.

Um arrepio percorre-me a espinha.

Aproximo-me timidamente do corrimão e olho para as falésias.

Lá está ele de novo, o homem no banco. Será ele o artista da areia? Estaria ele a observar-me, ontem?

Apresso-me a descer a escada exterior e corro em direção à estrada, virando à esquerda para o caminho costeiro. O tojo arranha-me as pernas a cada passo impreciso, enquanto subo o trilho estreito e rochoso, com a mente acelerada.

Ninguém que desenhe assim tão bem poderia ser um psicopata, digo a mim mesma.

A minha vontade compulsiva de conhecer este artista sobrepõe-se a

qualquer preocupação com a minha própria segurança. Sei exatamente onde fica o banco porque já me sentei nela muitas vezes, a ver a maré a subir ou os surfistas a apanhar ondas. Tenho o coração na garganta quando o caminho se abre para a charneca com a paisagem a perder de vista, e depois deparo com o banco vazio. Sinto o peito a ofegar, a tentar recuperar o fôlego.

Onde é que ele se meteu?

Continuo a andar até que o trilho íngreme se torna mais plano, e *lá está ele!* Ao longe, a caminhar em direção a Trevellas Cove, está...

Um homem alto e de ombros largos, com um capuz cinzento-escuro.

Recuo mentalmente até sexta-feira de manhã, lembrando-me do homem que não ficou nada agradado quando lhe disse que ainda não estávamos abertos. Não me recordo da sua cara. Ele está quase a chegar ao cimo da colina quando a palavra me sai da boca involuntariamente.

– EI!

Ele olha por cima do ombro e depois para abruptamente, voltando-se para mim. Está demasiado longe para que eu consiga distinguir-lhe as feições, mas aceno com as mãos sobre a cabeça, pedindo-lhe que espere enquanto acelero o passo. Percorro alguns metros mas ele vira-se de novo e afasta-se.

– EI! – grito outra vez. – ESPERE!

Mas ou ele não me ouve ou prefere ignorar-me, porque instantes depois desaparece de vista.

No caminho de volta, sinto uma estranha mistura de emoções. Sinto-me radiante e frustrada, empolgada, mas inquieta.

Há muito tempo que não sentia tanta coisa.

.

Uma hora mais tarde, quando me preparo para sair para o turno do *brunch*, ainda sinto todas aquelas coisas. Desço as escadas até à minha entrada privada quando ouço a porta principal da Casa da Praia a destrancar-se.

Vou finalmente conhecer o misterioso Tom.

Ouvi-o andar de um lado para o outro, ontem à tarde, mas, em geral, não tem feito barulho nenhum, e nunca estacionou o seu carro na entrada. Tenho andado demasiado distraída para pensar nele.

Abro a porta, exibindo o meu sorriso mais radiante e acolhedor, e dou de caras com um homem alto e de ombros largos, com um capuz cinzento-escuro.

Inspiro bruscamente e os meus olhos arregalam-se.

De perto, é ainda mais alto e mais largo – quase preenche o corredor estreito. O capuz agora está para trás, revelando um cabelo louro-escuro curto, umas sobrancelhas fortes e um maxilar quadrado, com uma barba de vários dias. Os seus olhos são da cor do mel quando os vemos em contra-luz, com estilhaços de castanho-caramelo.

– És tu – sussurro enquanto a sua expressão passa do reconhecimento chocado à resignação cansada.

– Oh, porra! – murmura ele.

Sete verões antes

Os meus pés batem no asfalto ao ritmo do baixo, e a gravidade e o impulso fazem-me descer a colina. Tenho uma missão: é sexta-feira à noite, estou finalmente em casa, e mal posso esperar por rever os meus amigos.

A Amy disse-me que a banda do Dan está em residência no Seaglass e, pelos vistos, a atuação desta noite já começou.

É espantoso pensar que estava em Florença esta manhã e que, um mês antes disso, estava a terminar o meu mestrado em Escultura, no Edinburgh College of Art. Durante quatro anos, percorri ruas empedradas entre edifícios históricos e adormeci ao ritmo da azáfama de uma cidade movimentada e vibrante. E, agora, cá estou eu em St. Agnes, onde os únicos sons que enchem o ar são o das ondas a rebentar, o da brisa oceânica que me refresca a pele queimada pelo sol, e o da banda a tocar no Seaglass.

Subo as escadas exteriores ao ritmo de um crescendo frenético da bateria e, ao dobrar a esquina, deparo com o espaço cheio e fumo de cigarros e de vaporizadores, que mais parece uma neblina marítima, sobre as cabeças que balançam ao ritmo da música.

Ouçó um guincho e a multidão separa-se para deixar a Rach passar enquanto se dirige para mim. Um instante depois, estamos nos braços uma da outra.

– Onde é que te meteste? – grita ela na minha cara quando a canção chega ao fim e a banda se lança noutra.

– Apanhei trânsito no regresso do aeroporto, e depois os meus pais quiseram que eu jantasse com a família. Nem sequer tive tempo para tomar um duche!

– Estás com ótimo ar! Anda, temos de pôr a conversa em dia!

Ela puxa-me para o interior pelas portas envidraçadas mais próximas e vamos em linha reta até ao balcão. Tem a mão cheia de areia e parece ter vindo diretamente da praia. Se bem conheço a Rach, provavelmente veio. O

seu cabelo ruivo está preso num rabo-de-cavalo baixo e as madeixas soltas à volta do pescoço estão húmidas do ar salgado. Reconheço o laço do seu biquíni verde-tropa atado no pescoço, que sobressai da sua *t-shirt* branca larga e dos seus já icónicos calções de surfista compridos. A roupa clássica da Rach.

Achei que eu tinha optado por um estilo descontraído, com calças de ganga e um *top* preto, mas a minha amiga leva o conceito de descontração a outro nível.

– Nunca vi isto tão cheio! – exclamo, enquanto ela se comprime num espaço ínfimo ao balcão.

– Acho que o Dan convidou metade da Cornualha. Está cá muita gente do liceu.

Olho para a banda e os meus olhos fixam-se em Dan Cole, o guitarrista louro e de ombros largos que era o rapaz mais popular da nossa turma, na escola secundária. A Amy costumava ter um fraquinho por ele, mas ele teve uma namorada fixa até ao seu primeiro ano de faculdade e, pelo que ouvi dizer, tem andado a espalhar a sua semente por todo o lado, desde então.

O baixista, Tarek, e o baterista, Chris, também andavam no nosso ano, tal como o vocalista da banda, o Kieran, mas ele não está cá. Os meus olhos fixam-se no substituto. O seu cabelo escuro e desgrenhado cai para a frente, por cima dos olhos que fitam o chão, e as suas ancas esguias oscilam para os lados enquanto ele empunha o microfone entre as mãos e pressiona os lábios contra o metal.

A sua voz é boa: grave e profunda, mas, ainda assim, harmónica.

– Quem é *aquele*? – pergunto.

– Lembras-te do Finn, ele era da nossa turma de artes.

– Não pode ser.

O Finn com quem andámos na escola era muito tímido. Usava sempre gorros tão puxados para baixo que mal lhe víamos os olhos. Não me lembro de ele fazer parte do grupo do Dan, nessa altura. Não me recordo de ele fazer parte de qualquer grupo de malta, sequer. Tanto quanto que me lembro, ele era um solitário.

Este Finn é um autêntico borracho, com as suas calças de ganga pretas e uma camisola de malha, também preta, larga e cheia de buracos – um estilo muito estrela de *rock* que não tenta ser *sexy*, mas é.

De repente, ele grita o verso «I'm lonely»¹, seguido de um momento de silêncio por parte da banda, silêncio esse que alastra por entre a multidão. A sua respiração aguda ouve-se pelo microfone e depois ele lança-se no verso seguinte, com o *riff* da guitarra a repetir-se.

Os pelos na parte de trás do meu pescoço eriçaram-se.

– Que canção é esta? – pergunto, com os olhos ainda postos no Finn.

Reconheço-a, mas não me lembro do nome.

Sinto o olhar incrédulo da Rach.

– É dos INXS, a «Need You Tonight»? Sinceramente, como é que não

sabes isso?

– Saiu antes de eu ter nascido – respondo com desdém.

– E a anterior foi dos Royal Blood, «Figure It Out» – acrescenta ela. A Rach é uma miúda *indie*. Ao contrário de mim. Cresci a tocar música clássica ao piano.

– Ei! AMES! – grita a Rach. Eu desvio o olhar do Finn e vejo uma loira baixinha passar por trás do balcão. Ela olha para nós distraidamente.

– Espera, já te atendo... Liv! – Ao ver-me, ela arregala os olhos e vem a correr. – Desculpem, esta noite está de loucos. Estamos com falta de pessoal.

A Amy, a Rach e eu somos inseparáveis desde que nos conhecemos numa festa, aos catorze anos. Éramos as únicas que não queríamos jogar ao «verdade ou consequência», por isso escondemo-nos numa casa de banho. As minhas amigas têm-se visto muito mais uma à outra do que a mim, nos últimos quatro anos, pois a Amy foi para a Universidade de Plymouth, muito mais próxima, e a Rach não foi para a universidade. A culpa é minha, por ter escolhido estudar a mais de oitocentos quilómetros de distância.

– Eu vou ter convosco mais tarde! – promete a Amy, passando pela Rach para me apertar o braço antes de se ir embora novamente.

– O que queres beber, caso eu consiga chamar alguém? – resmunga a Rach em voz alta.

O dono do Seaglass, o Chas, para abruptamente à nossa frente, parecendo o surfista de sessenta e tal anos, batido pelo tempo, que é.

– De certeza que não queres trabalhar aqui? – pergunta ele à Rach.

– É que nem pensar – responde ela.

A Rach trabalha a tempo parcial numa loja de *surf*, na aldeia. Ela comeria feijão de lata e esparguete durante um ano inteiro se isso significasse que poderia passar mais tempo na praia. Ela jamais quereria preencher o seu tempo livre com algo tão corriqueiro como um emprego num bar.

– Eu aceito! – digo, espreitando por cima da minha amiga. O Chas olha para mim e as suas sobrancelhas erguem-se em direção ao seu cabelo grisalho.

– Olá, Liv! Vieste cá passar o verão? Estás a falar a sério? Estás à procura de um emprego?

– Estou.

– Podes começar já? – pergunta ele, esperançoso.

– Porra, hoje não! – interpõe-se a Rach. – Ela acabou de chegar. Calma, Chas! Em todo o caso, ela vai fazer-me companhia esta noite, já que puseste a nossa melhor amiga a trabalhar que nem uma doida.

– Tudo bem, tudo bem. – Chas levanta as mãos em sinal de apaziguamento. – E que tal amanhã?

– Okay – concordo com um sorriso.

– Podes vir às quatro e meia? Esta malta vai tocar outra vez, por isso é provável que seja mais um dia atarefado.

– O olhar que lanço à banda prende-se mais uma vez no Finn.

– Cá estarei – respondo, tentando recuperar a concentração.

– Nesse caso, as próximas bebidas são por conta da casa. O que é que vai ser?

– Uma caneca de Rattler, por favor! – diz a Rach.

Ele olha para mim.

– Para mim é o mesmo, obrigada. – Apetece-me uma sidra da Cornualha.

– E dois *shots* de *tequila*! – grita a Rach enquanto ele tira dois copos de plástico da prateleira por cima do balcão.

– O quê? Não! – digo eu, batendo no braço da Rach.

– Vá lá – suplica ela. – A última vez que nos vimos decentemente foi na véspera de Ano Novo, e agora vais começar a trabalhar a partir de amanhã, por amor de Deus. Precisas de relaxar. Que ideia foi aquela, de ires diretamente da universidade para Itália, para estudares ainda mais? Nunca te apetece ter um dia de folga?

– Florença foi incrível, já que falas nisso – respondo, divertida, perante o seu protesto, enquanto o Chas enche dois copos de *shot* e nos pisca o olho antes de ir servir os próximos clientes.

Adoro a Rach, mas somos muito diferentes. Ela ainda não faz ideia do que quer fazer em termos profissionais, enquanto eu passei a vida inteira a forjar um caminho rumo à escultura. Uma das minhas memórias mais antigas é a de trepar aos leões gigantes em Trafalgar Square, em Londres. Depois disso, tive um fraquinho por leões durante anos, até que vi os majestosos Cavalos de Hélio, perto de Piccadilly Circus, e tornei-me obcecada por encontrar outras estátuas de animais.

Os meus pais acharam que as estátuas eram apenas uma fase, como quem gosta de unicórnios ou póneis, mas a minha avó prestou mais atenção.

Eu tinha oito anos quando ela me levou pela primeira vez ao Museu e Jardim de Esculturas de Barbara Hepworth, na sua cidade natal, St. Ives, e ainda me lembro de como me apetecia tanto tocar nas marcas de cinzel das esculturas de madeira no interior da galeria. Claro que não era permitido, mas, lá fora, no jardim, a minha avó deu-me rédea solta. Fiquei espantada com o tamanho de algumas esculturas, com as formas, as cores e a sensação das diferentes texturas ao toque.

No secundário, o meu interesse começou a tender mais para as pessoas do que para os animais. Numa visita de estudo a Paris, com a minha turma de artes, quase fiquei para trás por estar tão absorta a olhar para *O Beijo*, de Rodin, no jardim das Tulherias. Senti-me cativada pela história que a escultura contava de dois amantes, pela forma como os seus corpos se torciam um para o outro, agarrando-se no auge da paixão. Queria trazer figuras dessas à vida, captar momentos e contar as minhas próprias histórias. A escultura figurativa tornou-se o foco do meu trabalho daí em diante.

Quem me dera que a minha avó fosse viva para ver até onde cheguei. Os meus pais foram à exposição final da minha licenciatura, que é o pico do sucesso de um estudante, e sei que se sentiram orgulhosos, embora

parecessem mais aliviados por o meu tempo na Escócia estar a chegar ao fim. Custou-lhes que eu tenha optado por estudar tão longe, embora, de um modo geral, sempre tenham apoiado as minhas escolhas. E apoiaram-me financeiramente, subsidiando a minha passagem de um mês pela Academia de Artes de Florença, e é por isso que preciso de um emprego de verão: estou desejosa de lhes devolver esse dinheiro.

Isso e também ter de começar a poupar se quero mudar-me para Londres. Ainda não tive coragem de dizer aos meus pais que tenciono voltar a ir para longe.

A Rach pega num copo de *shot* e estende-mo por cima do seu ombro, com um ar expetante.

– Está bem – cedo, esvaziando o seu conteúdo e fazendo uma careta. Assim que recuperei, ela ofereceu-me logo o segundo copo.

– Tens de compensar o tempo perdido – recorda-me ela, falando muito a sério.

– *Grrr*, temos o quê, dezoito anos?

Sinto-me envolvida pela impressão surreal de que o tempo em St. Agnes estagnou enquanto eu segui em frente e cresci. Mas a Rach nunca se foi embora e agora olha para mim com expetativa e não quero desapontá-la. Bebo esse novo *shot* e depois saboreio o calor do álcool e dos aplausos dela. Pelo menos são de borla; não quero desperdiçar dinheiro em bebidas.

Ela pega nas nossas canecas e afasta-se do balcão. É difícil ver a banda, no meio desta multidão, mas eles estão num estrado. Chamar-lhe «palco» seria exagero.

– Qual é esta? – grito ao ouvido da Rach.

– É a «7», dos Catfish and the Bottlemen.

– Continuam a só fazer *covers*?

– Sim.

Os Mixamatosis andam por aí há anos. O nome é uma porcaria, e o facto de se escrever «Mix» em vez de «Myx» não ajuda, mas a banda em si tem muitos fãs. Sempre tocaram canções de *rock* de várias décadas, mas, novas ou antigas, raramente consigo identificar o seu nome. Este verão é a primeira vez que estão em residência no Seaglass, o que é um tanto surpreendente, tendo em conta que o Dan é sobrinho do Chas.

– O que é feito do Kieran? – pergunto à Rach.

– Ele queria passar algum tempo com a namorada, na casa da família dela, no Canadá. O Finn tem uma banda em Los Angeles, por isso, quando o Dan soube que ele vinha cá de visita, perguntou-lhe se ele podia substituí-lo, como um favor.

– Tudo me vem à memória num ápice: a razão pela qual o Finn deixou a Cornualha.

– Oh, céus, acabo de me lembrar o que aconteceu à mãe dele! – digo. – Foi tão horrível.

– Sim – concorda a Rach com solenidade.

Como é que me pude esquecer? A mãe dele desapareceu no dia de Natal, quando estávamos no décimo ano. As suas roupas foram encontradas junto a um penhasco não muito longe daqui. Presumiu-se que ela tivesse saltado com a intenção de se suicidar. O mar engoliu o seu corpo sem deixar rasto, pelo que a família nem sequer pôde fazer um funeral em condições. Depois disso, o Finn teve de deixar a Cornualha para ir viver com o seu pai biológico, nos Estados Unidos.

– Então o Finn ainda vive na América?

– Sim.

– O que é que o trouxe de volta?

– Veio ver os avós e os irmãos.

– Esqueci-me de que ele tem irmãos.

– Meios-irmãos, tecnicamente. Todos têm pais diferentes.

– Eu nem sequer sabia que ele e o Dan eram amigos.

– O Dan é amigo de toda a gente.

– É verdade. É esse tipo de pessoa; lembra-se dos nomes de todos, está sempre disposto a parar para dois dedos de conversa na rua. Pode ser o guitarrista principal e não o vocalista, mas toda a gente acha que a banda é sua.

– Quanto tempo é que cá vai ficar?

– Seis semanas – responde a Rach. – Mas já cá está há duas.

Vamos quase a meio de julho. Ela deve ter lido algo na minha expressão, porque sorri.

– Estás obcecada!

– Cala-te. De qualquer forma, não tens autoridade para falar. Olha, e como é que sabes estas coisas todas?

– Olhos e ouvidos sempre alerta, cara amiga. Sempre alerta.

– Não, a sério, como?

– A Sophie e a Claire contaram-me tudo. – São outras duas antigas colegas de escola. – Estavam coladas ao Finn no fim de semana passado, quando a banda deu o seu primeiro concerto. Quase escorreguei na baba delas. Caso estejas interessada, tens concorrência feroz.

Faço um gesto de desinteresse com a mão.

– Não estou para aí virada. Nem com ele *nem* com mais ninguém, já agora.

Tenho outras coisas em que pensar, neste verão.

.

A Rach e eu passámos a hora seguinte a dançar e a falar aos berros, mas durante todo esse tempo estou hiperconsciente do Finn. Posso ter outras coisas em que me concentrar neste momento, mas não posso fingir que não sinto arrepios na espinha nas raras ocasiões em que ele se dirige aos presentes.

Mais para o final da noite, a Amy junta-se a nós na pista de dança.

– Estou tão feliz por irmos trabalhar juntas outra vez – diz ela, dando-me

um abraço.

Ambas tivemos uma curta passagem pelo Seaglass no ano em que fizemos dezoito anos. Na altura, parecia o fim de uma era – eu ia para Edimburgo durante quatro anos e ela estava a tirar um ano sabático antes de começar um curso de três anos de parteira – mas, agora, sinto que este é o início do resto das nossas vidas.

– Pelo menos até conseguires um daqueles empregos a que te tens candidatado – respondo com um sorriso, pondo-lhe o longo cabelo louro atrás das orelhas.

– De certeza que não serei selecionada. Escolherão alguém com mais experiência.

– Toda a gente tem de começar por algum lado.

Sinto uma onda de nervosismo quando me lembro de que o rumo profissional que escolhi é muito incerto. Quantos escultores figurativos conseguem ganhar a vida com o seu trabalho? Mas eu esculpiria mesmo que fosse apenas um passatempo. Esculpir é a minha paixão. Fazê-lo a tempo inteiro seria um sonho, mas tenho muito trabalho pela frente até que isso seja possível.

No entanto, nos próximos dois meses, as minhas prioridades são poupar dinheiro e passar tempo com os meus amigos e familiares.

Olho para a Rach e para a Amy e sorrio. O rabo-de-cavalo ruivo da Rach desfez-se há muito e a Amy usa o seu cabelo solto, como de costume. Sinto que o carrapito desalinhado que fiz antes de me vir embora do meu quarto de hotel em Florença, esta manhã, começa a soltar-se. Por impulso, tiro os últimos ganchos e as minhas melenas escuras caem, quase até à cintura.

– Há alguma mensagem escondida nesse gesto? – pergunta a Amy com um ar divertido.

– A Rach disse-me há pouco que eu precisava de descontraír – respondo com um encolher de ombros.

– Podes crer que precisas – afirma a Rach.

A voz grave e profunda do Finn aproxima-se do microfone para anunciar a última música.

Fico completamente arrepiada.

Não faço ideia do nome da música, mas, nos três minutos seguintes, tudo o que quero é dançar muito com as minhas duas melhores amigas.

*

Preciso de ir à casa de banho, mas, estupidamente, decido esperar que a banda saia do palco, uma decisão de que me arrependo quando vejo a enorme fila à porta das casas de banho das mulheres. O álcool que me corre nas veias leva-me a ignorar a fila das mulheres e a ir direita à casa de banho dos homens. Quando levanto a mão para abrir a porta, ela abre-se à minha frente e quase esbarro no Finn.

– Ena! – exclama ele.

Ena mesmo.

– Sabias que esta é a casa dos homens? – pergunta ele, rindo-se.

– Estou desesperada – respondo.

– Ah!

Ele recua, para segurar a porta, abrindo espaço para eu passar. Sinto o rubor subir-me do peito até ao couro cabeludo quando me cruzo com ele e me fecho num dos cubículos.

Estou desesperada?

Quando saio do cubículo, ainda estou corada e dou com ele parado junto à porta.

– Achei que seria boa ideia manter a ralé afastada – diz ele com descontração.

– Obrigada – murmuro, desviando o meu rosto vermelho enquanto lavo as mãos, usando o meu véu de cabelo como escudo.

– Sou o Finn – diz ele, sem fazer qualquer menção de sair.

Olho para cima e encontro os olhos dele no espelho.

– Eu sei.

– E tu és a Olivia Arterton.

– Eu sei – volto a dizer, sacudindo as mãos e virando-me para o encarar.

O seu sorriso aumenta.

Caraças, ele tem covinhas. Das grandes. De onde é que *elas* apareceram? Sinto-me como se o termostato debaixo da minha pele tivesse sido posto no máximo.

As pessoas sempre me disseram que tenho pestanas compridas, mas as dele são de outro nível. A esta luz, não consigo discernir ao certo a cor dos seus olhos, mas não são suficientemente escuros para serem castanhos. O seu nariz é ligeiramente torto, e a falta de simetria fica-lhe bem. Sinto uma vontade irresistível de pousar as minhas mãos no seu rosto e, depois, recriá-lo em barro. Será que ele foi sempre assim tão bonito?

Quando me apercebo de que ainda estou especada a olhar para ele, sobressalto-me.

Mas ele também continua a olhar para mim.

Desvio o olhar, concentrando-me na sua camisola preta esburacada. De perto, consigo ver que está a usar uma *t-shirt* cinzenta por baixo.

Ele passa os dedos por alguns dos buracos, reparando que me chamaram a atenção.

– Parece que foste atacado por uma traça – comento.

Ele olha para baixo.

– Oh, não! Fui atacado por um Jimmy.

– Um Jimmy?

– O meu sobrinho. Tem um ano de idade e lançou-se à minha camisola. Para ser sincero, ela já tinha alguns buracos, mas ele decidiu *alargá-los*. E eu adotei visual.

Ele dá à palavra «alargá-los» um sotaque deliberadamente americano,

mas a sua pronúncia continua igual a como se fosse de cá.

Levanta o olhar da camisola e sorri para mim, e o meu estômago dá uma cambalhota.

O Dan aparece junto à porta.

– O que é que se passa aqui? – pergunta ele, desconfiado.

– Nada. Estamos só a conversar – responde o Finn.

– Um ótimo sítio para conversas. Olá, Liv – diz o Dan – Como vão as coisas? É a primeira vez que te vejo, este verão.

– Acabei de chegar de Itália – respondo.

– Boa! Férias?

– Não, estive num curso de escultura.

– Oh, fixe! Como é que correu?

– Este é um ótimo sítio para conversar, amigo – interrompe o Finn, secamente. – Porque é que não tratas do que vieste aqui fazer e depois vemo-nos lá fora?

– *Ya, ya* – responde o Dan, afastando-se da porta e fazendo um gesto para que eu saia.

Eu estou muito ciente de que o Finn caminha atrás de mim enquanto nos dirigimos para a sala principal. Os seus companheiros de banda chamam-no do outro lado do balcão, onde o Chas está a fazer uma fila de *shots*. Também lá estão algumas raparigas, incluindo a Sophie e a Claire.

O Finn passa por mim em direção ao balcão, quando eu me junto às minhas amigas.

– Tens alguma coisa para nos contar? – pergunta a Rach com um sorriso.

– Não – respondo. Mas, quando me viro para ver o Finn a passar o braço à volta do pescoço do Tarek, ele olha para mim e os nossos olhares fixam-se. Os seus lábios dobram-se para cima nos cantos, num meio sorriso, e eu fito-o por alguns segundos até que o meu ritmo cardíaco acelerado se torna uma distração demasiado grande e tenho de desviar o olhar. Pego na minha bebida, sentindo-me trémula quando dou um gole.

Talvez eu esteja a repensar as minhas prioridades para este verão.

3

– Julguei que passariam várias horas até te vermos! – exclama a minha mãe na manhã seguinte, quando entro na cozinha às sete e quarenta e cinco.

– Também eu – respondo com desalento, aceitando o abraço que me oferece.

A minha intenção era aproveitar para dormir, mas, enquanto alternava entre o sono leve e o sono profundo, a minha consciência agarrou-se ao encontro com o Finn e, depois disso, já não voltei a pregar olho.

– Chá? – pergunta ela, afastando-se.

– Sim, obrigada. – Observo o que me rodeia com espanto. – Não deixa de me espantar a quantidade de luz natural que agora aqui temos.

A nossa casa é uma antiga habitação de pescadores e a parte original do edifício tem muita personalidade, com paredes grossas e irregulares e parapeitos profundos. No outono passado, os meus pais mandaram deitar abaixo a extensão da cozinha e substituíram-na por uma estrutura moderna, com cerca do triplo do tamanho. É composta por uma cozinha elegante, incluindo uma ilha central e respetivos bancos, e uma grande zona de refeições com uma mesa de madeira de oito lugares. Esta é a parte da divisão que mais me atrai, pois tem portas de vidro do chão ao teto que dão para um pátio, além de uma janela de canto gigantesca, voltada para o jardim exuberante e frondoso, com os seus fetos e plantas suculentas. O clima na Cornualha é ameno e, aqui, estamos abrigados num vale, pelo que muitas vezes parece subtropical.

O jardim foi o que mais de cativou quando viemos ver a casa pela primeira vez. Na altura, tinha treze anos e custava-me a ideia de deixar Londres e todos os meus amigos – estava a começar a encontrar o meu lugar na escola e sentia-me muito nervosa com a ideia de, agora, cair de paraquedas noutra. Mas os meus pais achavam que já devíamos ter saído da cidade há muito, para meu benefício e do meu irmão Michael, e a minha mãe queria

viver mais perto da minha avó, para a acompanhar na sua velhice.

Alinhei no plano, pois também queria viver mais perto dela. Mas, uns meros dois anos depois de termos feito aquela grande mudança de vida, ela partiu.

A minha avó era a pessoa de quem me sentia mais próxima, a única alma que compreendia as minhas esperanças e os meus sonhos artísticos. Antes de nos mudarmos para cá, eu passava uma temporada todos os verões na Cornualha, em sua casa, enquanto o Michael ficava em Londres com a nossa mãe e o nosso pai. Ela ensinava-me a tocar piano, lia-me histórias e levava-me ao teatro, museus e galerias de arte. O tempo que passámos a sós significava muito para mim.

Sento-me num dos bancos, voltada para o exterior, a olhar para o pátio. Daqui a pouco, o sol entrará por estas janelas. O que eu não daria para poder esculpir aqui!

A minha mãe senta-se ao meu lado e oferece-me a minha primeira chávena de chá feita pelos meus pais em mais de seis meses. Não vim a casa na Páscoa porque tinha demasiado trabalho para fazer, para a exposição do meu curso.

– Obrigada.

Encosto-me momentaneamente a ela, invadida pelo conforto por estar novamente em casa, aninhada no seio da minha família.

– É tão bom ter-te de volta a casa, finalmente – diz ela com ternura, dando-me um beijo no ombro. – Parece que estiveste fora uma eternidade.

As suas palavras suscitam-me uma pontada de culpa. Vou-me embora outra vez, em breve, mas ainda não precisamos de ter essa conversa.

– Que tal foi a noite passada? – pergunta ela, alheia às minhas preocupações.

É bastante mais velha do que as mães das minhas amigas – teve-me aos quarenta e dois anos – e continua a ser muito bonita: relativamente alta e magra, com o cabelo um pouco abaixo dos ombros, louro cor de mel, graças às tintas.

O meu irmão Michael e eu temos ambos os tons mais escuros do nosso pai, embora eu tenha herdado os olhos azuis da minha mãe. No entanto, os meus são mais mares tempestuosos do que céus de verão.

– Foi divertido – respondo à pergunta da minha mãe. – Admira-me que não me sinta mais resacada. Mas, vendo bem, às onze e meia já estava em casa.

– Foi mais perto da meia-noite.

Sorrio-lhe.

– Ficaram à minha espera?

Ela encolhe os ombros.

– Não conseguia dormir.

– Quando eu era adolescente e saía à noite, ela mantinha-se sempre em alerta máximo até eu chegar a casa em segurança. Julguei que, agora que já

tenho vinte e dois anos, ela conseguiria descontrair.

– Como estão a Amy e a Rach? – pergunta ela com carinho.

– Estão boas. – Sorrio para a minha caneca enquanto bebo um gole. – Ah, é verdade! – Ergo a cabeça num gesto rápido. – Arranjei um emprego!

– Onde? – pergunta ela, franzindo o sobrolho.

– No Seaglass, a trabalhar ao balcão. Começo esta tarde.

– Oh!

Ela parece desapontada.

– Pelo menos evita trabalhar aos domingos – implora ela. – Há muito tempo que não almoçamos juntos, em família.

Franzo o sobrolho.

– Mas os domingos são os dias mais movimentados no Seaglass, no verão...

Ela pressiona-me com o olhar.

– Está bem, tentarei – cedo.

Ela suspira.

– Acho que não me devia surpreender que tenhas arranjado logo um emprego. Sais à tua avó. Ela também não conseguia ficar quieta.

– Não podes falar, mãe. És exatamente igual.

A minha mãe equilibrou a vida profissional com a vida familiar desde sempre. Hoje em dia, trabalha nas urgências do Royal Cornwall Hospital, perto de Truro, mas já foi médica de clínica geral, tal como o meu pai. Estão ambos com sessenta e quatro anos e já *falaram* sobre a reforma, mas não me surpreenderia se continuassem a trabalhar durante mais alguns anos.

– Não fui sempre assim – confidencia. – Os meus pais não me conseguiam levar a fazer fosse o que fosse. Eu só queria ficar deitada na cama, a ler.

– Vivias a cinco minutos da praia! – Eu dormi no seu antigo quarto, quando visitámos a minha avó, antes de nos mudarmos para cá. – Tu nunca me deixavas ficar deitada sem fazer nada. Estavas sempre a empurrar-me porta fora. – Sinto-me indignada com a sua duplicidade de critérios.

– Faz o que eu digo, não o que eu faço – responde ela com irreverência.

Quando o meu pai entra, estamos a duas a rir-nos.

– Desisti de esperar pelo meu chá – repreende ele, aproximando-se para me dar um beijo no cimo da cabeça. Aperto-lhe o braço com afeto.

– Oh, desculpa! – A minha mãe parece arrependida, mas não se levanta enquanto o meu pai põe a chaleira ao lume.

Ele veste as calças de pijamas de xadrez vermelho que a minha mãe lhe deu no Natal passado. Ofereceu um par idêntico ao Michael.

Ainda me lembro da cara do meu irmão a iluminar-se quando abriu o presente. Ele chegou a casa completamente vestido, na manhã de Natal, enquanto nós ainda estávamos todos de pijama, portanto também vestiu as suas novas calças.

O meu irmão tem síndrome de Down e vive sozinho, embora a minha

mãe e o meu pai passem muito tempo com ele. É nove anos mais velho do que eu, e tinha vinte e poucos anos quando os meus pais o instalaram numa minúscula casa de campo a poucos minutos a pé daqui. Ele queria mais independência e privacidade, mas eu detestava não o ter comigo à mesa do pequeno-almoço.

Em criança, nunca me deixavam comer cereais açucarados, mas o Michael era guloso e, sendo mais velho, os nossos pais tinham de respeitar as suas escolhas. Por isso, quando eles não estavam a ver, ele dava-me uma mão-cheia de cereais doces e eu escondia-os debaixo dos meus aborrecidos flocos de milho, e depois tentávamos ambos não nos rir quando eles tornavam o leite achocolatado.

Foi uma brincadeira recorrente que durou toda a minha adolescência. Depois, um dia, ele deixou de lá estar. Tive saudades dele.

No entanto, não tive saudades nenhuma de partilhar a casa de banho com ele. O meu irmão é um desarrumado assumido.

Às quatro e vinte e cinco, saio de casa para percorrer o caminho de alguns minutos até ao Seaglass. As grandes portas envidraçadas foram abertas de par em par, e as pessoas estão sentadas na varanda, a apanhar sol, a relaxar enquanto tomam as suas bebidas e a música ecoa nos altifalantes, não tão alta que abafe o som da rebentação das ondas.

O Chas está atrás do balcão, a rabiscar qualquer coisa num bloco de notas.

– Olá, Chas.

Ele levanta a cabeça.

– Liv! – Ele sai detrás do balcão, abrindo os seus braços delgados. – Ontem não tive direito a abraço.

O Chas pode ser tio do Dan, mas eu e os meus amigos vimos cá há vários anos e ele sempre nos tratou como se fôssemos família.

– Estou mesmo contente por te ter por cá – diz ele enquanto trocamos um breve abraço.

Ele cheira a coco, provavelmente da cera que esfrega na sua prancha de *surf*. Tem mais ou menos a mesma idade que os meus pais, mas a ideia de eles surfarem dá-me vontade de rir. Não é que lhes falte energia, mas o Chas põe qualquer um no chinelo, até os adolescentes. O seu espírito é muito jovem.

– Onde está a Amy? – pergunto.

– Ela só entra às cinco, mas acabou de telefonar a dizer que o seu carro se avariou e chegará atrasada. Está à espera da assistência.

– Oh, não! Ela continua a guiar aquela carripa a cair aos bocados?

– Receio bem que sim.

Faço uns estalidos de língua em sinal de censura, mas com afeto.

– Por onde queres que eu comece?

– Salta para trás do balcão e eu mostro-te como se fazem as coisas, embora provavelmente ainda te lembres da maior parte. Não houve grandes mudanças por aqui.

Às seis e meia, a Amy entra des preocupadamente. Quando reparo com quem ela está, percebo por que motivo parece não ter pressa.

– O Dan viu-me na berma da estrada e deu-me boleia – explica ela com um sorriso de felicidade.

– Achei que tinhas chamado a assistência em viagem – digo eu.

– E chamei. Espero que me reboquem o carro. Mas, de qualquer forma, preciso de um novo.

A julgar pelo brilho que ela emana, desconfio que a sua paixão pelo Dan não é uma coisa do passado.

Não temos oportunidade de conversar, porque o sítio já começa a encher e, dali a uma hora, é o caos atrás do balcão, com clientes em segunda fila a gritarem os seus pedidos. O Chas, a Amy e eu temos cada um uma secção de dois metros para gerir, e há também um empregado que está a lavar copos, recolher os sujos, a encher a gaveta do gelo e a ir buscar cerveja à cave. Nós os quatro movemo-nos como água, fluindo à volta uns dos outros.

Quando vejo o Finn a chegar, esqueço-me do pedido do cliente que estou a atender e tenho de lhe pedir que o repita. Durante toda a noite, os meus olhos e os meus pensamentos são atraídos para ele, no palco, mas lá consigo concentrar-me no trabalho. À hora do fecho, doem-me os pés e as costas, mas sinto-me completamente ao rubro.

Olho em volta, à procura do Finn. O Dan, o Tarek e o Chris ainda cá estão, juntamente com outros que conseguiram não sair quando o Chas estava a fechar as portas, mas não há sinal dele. Será que já foi para casa?

A minha adrenalina abranda e a exaustão atinge-me no preciso momento em que Amy vem ter comigo.

– O Dan está a convidar o pessoal para casa dele – diz-me ela com urgência, pegando nas nossas coisas, que estão debaixo do balcão. – Anda.

– Não íamos tomar uma bebida aqui?

– Mudança de planos. Anda lá, quero ir com eles!

– Oh, tenho mesmo de ir segurar a vela?

Estou exausta e se o Finn não vai lá estar... Ela faz uma pausa e olha para mim.

– Por favor, Liv? – suplica ela.

Nunca consigo dizer não àquela cara.

Subimos a estrada íngreme em direção à aldeia, passando pelo Surf Life-Saving Club, a estalagem Driftwood Spars e várias casas, incluindo a minha, antes de deixarmos para trás o último candeeiro de rua, e mergulharmos na escuridão.

Puxo do meu telemóvel e envio uma mensagem rápida à minha mãe, para a avisar dos meus planos – é bem provável que ela esteja à minha espera – e depois uso a lanterna do telefone para iluminar o caminho.

O Dan e o baixista da banda, o Tarek, vivem juntos num apartamento de dois andares, e a sala de estar, a sala de jantar e a cozinha aberta para a sala,

pouco iluminadas, parecem cheias de gente, mesmo com apenas quinze a vinte pessoas no interior.

Estou de rastos e puxo a Amy para o sofá junto à janela que dá para a rua. Em poucos segundos, duas latas de cerveja gelada chegam-nos às mãos.

O Chris liga o telemóvel à aparelhagem e aumenta o som ouvindo-se música *rock*.

Entretanto, chegam mais pessoas e apinham-se no espaço, encostando-se às nossas pernas.

Levo os joelhos ao peito e bebo uns goles de cerveja. De repente, a Amy levanta-se e tira os sapatos, subindo para o sofá e empoleirando-se no parapeito da janela. Os seus pés descalços balançam sobre as almofadas do sofá e ela sorri-me, totalmente à vontade e pronta para tudo o que a noite lhe trouxer.

Eu esboço um pequeno sorriso e imito-a, sentando-me ao seu lado e coço as picadas de mosquito da minha última noite em Itália.

Alguém acende um charro e o Tarek inclina-se entre nós com um «desculpem» enquanto abre a janela, com os seus ombros estreitos a roçarem os nossos braços.

É um rapaz bastante bonito, o Tarek, com sobrancelhas escuras e bem cuidadas e olhos afetuosos, de cachorrinho. É muito diferente do Chris, cujo cabelo loiro curto e sujo dá a ideia de que não toma banho há semanas.

Quando o Finn entra, estou a bocejar. Mas, de repente, desperto.

Por cima das muitas cabeças, vejo-o a preparar jarros de *cocktails* com o Dan, na cozinha. Ambos têm pouco mais de um metro e oitenta, mas o Finn é mais magro e tem mais ar de rapaz *indie* do que o Dan, que eu desconfio que levanta pesos.

O Finn sobe para uma cadeira e grita «*Punch!*».

A Amy olha para mim para avaliar o meu interesse.

Sinto-me demasiado nervosa para ir até lá, por isso levanto a minha lata e digo «Depois disto», e olho novamente para a cozinha, onde o meu olhar se cruza com o do Finn.

Sinto uma sacudidela interior quando ele inclina a cabeça, como se a minha presença aqui fosse interessante. Olhamos um para o outro durante alguns segundos e depois ele sorri, com aquelas covinhas a aparecerem enquanto ele salta da cadeira para o chão.

Ele enche um par de copos e abre caminho por entre as outras pessoas.

– O que é que tem? – pergunto, com ar desconfiado, enquanto ele nos estende os copos, a mim e à Amy.

– Vodca, rum, coca-cola. Atenção, está forte.

Aceitamos os copos no momento em que a «Cotton Eye Joe», dos Rednex, começa a tocar na coluna. Claro que *esta* música horrível eu havia de reconhecer.

– Meu, a sério? – ri-se o Finn, aproximando-se do Chris.

– Eu *não* pus isto na minha *playlist*! – protesta ele enquanto o Finn

procura o seu próprio telemóvel no bolso das calças.

– Eu passo à frente! – grita o Chris, correndo em direção à aparelhagem.

– A minha irmã deve tê-la posto lá!

– Tarde demais, perdeste a tua oportunidade – responde o Finn, afastando-o do caminho. A Amy e eu rimo-nos, juntamente com os outros que estão a assistir.

A «Cotton Eye Joe» é silenciada e depois começa a tocar uma canção *indie rock*.

O Chris parece desanimado por ter perdido o controlo da música. O Finn, rindo-se, dá-lhe uma palmada na barriga e volta para a cozinha.

Cerca de quarenta e cinco minutos mais tarde, estou no meio de uma conversa surpreendentemente séria com o Tarek sobre arquitetura, quando o Finn se aproxima e salta para o lugar recentemente desocupado pela Amy no parapeito da janela.

Fico imediatamente alerta.

A minha amiga está encostada à parede da sala de jantar, a conversar com o Dan. Ele sorri-lhe e não espero voltar a vê-la tão cedo.

O Tarek levanta-se, murmurando qualquer coisa sobre ir buscar um copo de água, e eu volto-me para o Finn, com todos os meus sentidos a vibrar.

Ele desliza para a borda do peitoril e deixa-se cair no sofá, batendo na almofada ao lado dele, convidando-me a sentar. A multidão gravitou em direção à cozinha, por isso esta parte da casa não está tão apinhada como estava.

Pego no meu copo e instalo-me cuidadosamente ao lado dele. O sofá afunda-se ligeiramente no meio, inclinando-nos um para o outro, e fico muito ciente do calor da sua coxa contra a minha.

– Então, o que é isso da escultura em Itália? – pergunta ele.

O meu coração alegra-se ao ver que ele me prestou tanta atenção a mim como eu a ele.

– Fiz um curso de escultura figurativa de um mês.

– E o que é que isso implicou?

Os olhos dele parecem demonstrar uma curiosidade genuína. Acho que são verdes, talvez com um pouco de azul.

– Passámos três semanas inteiras a modelar figuras em barro e a última semana foi dedicada sobretudo ao fabrico de moldes. – Fiz algumas destas coisas na universidade, claro, mas não fizemos muita escultura figurativa. A maioria dos meus colegas de turma eram escultores pós-modernistas e eu destacava-me como a única pessoa com um estilo mais clássico. Na verdade, foi um dos técnicos de fundição que me sugeriu que procurasse o curso na Academia de Arte de Florença. – Foi muito intenso, mas foi, sem dúvida, uma das melhores experiências da minha vida. Fez-me sentir uma verdadeira artista. Também fizemos algumas visitas guiadas a museus, com especialistas, para ver de perto o trabalho dos mestres, como a estátua de David e as esculturas de Bernini. Foi incrível. Embora isso talvez possa parecer

aborrecido a quem não gostar de escultura – remato um tanto embaraçada, apercebendo-me de que falei sem parar.

– Não, de todo – responde o Finn com cara séria, enquanto eu me viro para ele e dobro as pernas, pondo-as debaixo de mim, eliminando a distração da sua coxa contra a minha.

– Há pouca coisa que não me fascine – acrescenta. – Talvez seja por isso que gosto de escrever.

– Canções? – pergunto, tentando coçar discretamente as minhas picadas de mosquito.

– Sim.

– Como é que se chama a tua banda? Ouvi dizer que tens uma em Los Angeles.

Ele franze o nariz.

– O que foi? – pergunto com um sorriso.

– É uma porcaria.

– Não pode ser pior do que a Mixamatosis.

– Shiu! – diz ele, olhando de forma alarmada em redor, em busca dos seus companheiros de banda, antes de voltar o seu olhar novamente para mim, com um sorriso cheio de malícia. – Não deixes que o Dan te ouça dizer isso.

– Pelo menos, desistiu da ideia das máscaras de coelho alucinadas – digo com um risinho conspiratório.

– O quê? Máscaras de coelho? – Ele parece perplexo.

– Uma vez usaram umas horríveis máscaras de coelho, no Halloween – explico em voz baixa, levando-o a inclinar-se para diante, para me ouvir melhor. As pestanas dele são surreais. – Tinham sangue falso a sair-lhes das bocas e os olhos pintados com *spray* vermelho. Imagina os Daft Punk só que perversos e doentios. Assustaram um grupo de miúdos, e os pais fizeram queixa.

O seu rosto ilumina-se com uma expressão de pura alegria e ele desata a rir.

– Isso é impagável. Não acredito que ele não me tenha contado.

Não consigo parar de sorrir enquanto dou um gole na minha bebida e pouso o copo no parapeito da janela atrás de mim. Quando me viro para o Finn, ele está a olhar para mim pensativamente.

– É mais assim que me lembro de ti – comenta. – Com o cabelo apanhado num carrapito. Parecias sempre tão aprumada. Não costumavas fazer *ballet*?

Sinto-me em estado de choque.

– Quando era miúda. Como é que *sabes*?

– Uma vez ouvi-te a falar sobre isso, nas aulas. Também costumavas tocar piano, certo?

– Sim! – A minha cara fica quente. – Surpreende-me que te lembres de mim, sequer.

Mal nos falávamos, na escola.

– Costumava achar que parecias uma bailarina, com o cabelo assim apanhado, e a forma como te mexias, com uma postura perfeita e o queixo erguido...

– Assim, até parece que eu era uma snobe.

– Não, nada disso. Parecias elegante. Ainda pareces.

O seu contacto visual é inquietantemente constante. Tento corresponder, mas não consigo.

– Bem, nunca tive muito jeito para o *ballet*. – Pego numa almofada e puxo para o meu colo. – Vir-me embora de Londres deu-me uma desculpa para desistir.

– Porque é que vieste para a Cornualha? – Ele tem estado a bater na coxa com a mão direita ao ritmo da música *rock* que está a tocar, mas só está a marcar metade das batidas.

– Mudámo-nos para estarmos mais perto da minha avó. Ela vivia em St. Ives – digo, reparando que o pé dele está a marcar a outra metade.

– Ela já não mora cá?

Abano a cabeça.

– Morreu quando eu tinha quinze anos.

Ele anui, baixando o olhar enquanto a sua maçã de Adão viaja para cima e para baixo no seu pescoço. Ele bebe um gole da sua bebida, e a mão e o pé pararam de tamborilar.

Eu andava no décimo ano quando perdi minha avó, e esse foi o mesmo ano em que o Finn perdeu a sua mãe. Imagino que esteja a pensar nela. Volto ao nosso assunto anterior, mais seguro.

– Eras bom nas aulas de arte – digo. – Lembro-me das suas naturezas mortas. – Pensei nelas esta manhã, quando não conseguia tirá-lo da cabeça.

– O desenho sempre foi a minha disciplina favorita, na escola.

– Não era a música?

– A minha paixão pela música surgiu mais tarde.

– Como?

– O meu pai é engenheiro de som num estúdio. Eu costumava lá passar muito tempo, nos meus tempos livres.

Parece que o espaço entre as suas palavras contém mais do que aquilo que ele está a revelar. Não deve ter sido fácil ir viver com o pai e a respetiva família, dadas as circunstâncias. Mas, reparando na sua expressão tensa, não o pressiono.

– Fixe. E vives com ele agora?

– Não. Partilho casa com um dos meus colegas de banda.

– Então, vamos lá, como se chama a banda. – Dou-lhe um toque na perna. – Não te vou deixar escapar tão facilmente.

Ele faz uma careta, mas eu vejo os cantos dos seus lábios a revirarem-se enquanto ele põe o cabelo escuro atrás de uma orelha.

– Door 54 – diz ele com relutância. – Outro dos meus colegas de banda vivia num prédio de apartamentos que tinha como número de porta o 54 e ele

achou que era uma boa conjugação dos Doors e do Studio 54.

– Achas essas referências más?

Ele solta um pequeno suspiro e olha-me nos olhos.

– O Studio 54 ficava em Nova Iorque; nós somos de Los Angeles. Tratou-se do auge do período *disco*; não podia ser mais diferente daquilo que fazemos. E quem achar que tem direito a comparar-se a uma das maiores bandas de *rock* que alguma vez existiu é um completo idiota.

Desato a rir e ele sorri para mim.

É tão diferente do rapaz com quem andei na escola, tão autoconfiante e cheio de à-vontade. Como é que ele recuperou do que lhe aconteceu, e ainda para mais parecer estar na maior?

– Porque é que concordaste com o nome, se o detestas tanto? – pergunto, ainda a sorrir.

– Andávamos a discutir o assunto há séculos e não conseguíamos chegar a um acordo, e depois ele arranjou-nos um concerto num sítio fantástico e disse aos organizadores que era assim que nos chamávamos. Quando os outros se aperceberam, o nome da banda já estava impresso nos panfletos.

– Foi um bocado merdoso da parte dele.

– Ele é um bocado merdoso – responde o Finn com uma gargalhada.

– Parece-me que não gostas muito do teu colega de banda – digo, divertida.

– Não gosto, mas ele é um ótimo guitarrista.

Ele vira-se e abre um pouco mais a janela, deixando entrar o ar na sala quente.

Usa uma *t-shirt* amarela desbotada, tão gasta que está esfiapada no colarinho e nas mangas, e cheia de pequenos buracos.

– O que é isto de andares sempre com as roupas esfarrapadas? – pergunto, atrevendo-me a tocar-lhe no ombro através de um pequeno rasgão na manga.

– Não me julgues, agora é o meu novo visual.

Ele afasta-se e bebe um gole da sua bebida, e depois olha para a sua *t-shirt*.

– Bom, talvez as traças tenham atacado mesmo esta. Por falar em insetos... – Ele aponta com a cabeça para os meus braços.

– Porra, foste bem picada pelos mosquitos.

– Sim, em Florença, enquanto estava a aproveitar ao máximo o meu tempo no estúdio. – A minha voz ergue-se no final, numa oscilação dramática, porque ele me agarrou na mão, para inspecionar o meu braço.

Sinto o coração a bater contra as costelas quando ele me fita nos olhos e diz numa voz grave e profunda

– Deves ser mesmo saborosa.

Sinto os meus braços a arripiarem-se e, depois, segue-se o choque. Não sei quem larga quem, mas ele mostra as palmas das mãos, num gesto de defesa.

– Não queria que soasse tão sugestivo.

Ficamos a olhar um para o outro em silêncio durante alguns segundos e, depois, caio para o lado e desato a rir. Um instante depois, ele junta-se a mim.

– Truz, truz! – grita a minha mãe em tom alegre à porta do meu quarto na manhã seguinte, sublinhando cada palavra com pancadas literais.

– Entra – digo com voz de cana rachada.

A porta abre-se de rompante e a minha mãe desliza pelo quarto adentro, afastando as cortinas.

– O Michael vai chegar a qualquer momento e o teu pai e eu queremos mostrar-te uma coisa. Achas que consegues arranjar-te *pronto*?

O sotaque italiano dela é adoravelmente péssimo.

– Que horas são? – pergunto, encolhendo-me com a luz.

– Onze. Pelo menos aproveitaste para pôr o sono em dia – acrescenta ela ironicamente, saindo do quarto em seguida.

O Finn ofereceu-se para me acompanhar até casa, ontem à noite, mas a Amy queria que fôssemos juntas. Só quando já estávamos a sair é que me ocorreu que o Finn podia ter-nos acompanhado às duas a casa. A Amy vive no centro, portanto, fiz sozinha a segunda metade do caminho e não pude deixar de imaginar como teria sido se ele estivesse ao meu lado, com os nossos braços a roçarem-se na escuridão.

O meu irmão chega enquanto me estou a arranjar – a janela do meu quarto dá para a rua e vejo-o no lugar do condutor do Austin Healey azul-claro do meu pai, com a cabeça a espreitar por cima do volante.

Ele adora aquele carro como ninguém. O nosso pai, às vezes, deixa-o dar uma volta com ele na pista de aprendizagem, no aeródromo, a uns quilómetros de casa, mas é pouco provável que o Michael algum dia tire a carta de condução.

A minha mãe está ao fogão quando entro na cozinha e os aromas que emanam do forno fazem o meu estômago rugir. Quando ela me vê, desliga o lume do molho que estava a mexer e vira-se, com a cara radiante de excitação.

– Anda comigo – diz ela com um sorriso.

– O que é que se passa? – pergunto, curiosa, enquanto ela me faz sair pela porta das traseiras e chama o meu pai, que está à porta de casa a conversar com o Michael.

O Michael vê-nos pelo para-brisas e carrega na buzina três vezes. O meu pai estremece de forma teatral e tapa os ouvidos enquanto cambaleia para trás. O meu irmão ri-se das palhaçadas do meu pai, ao mesmo tempo que sai do carro.

– Manina! – grita ele, aproximando-se para um abraço.

– Olá, olá – respondo calorosamente enquanto ele me balança de um lado para o outro. Hoje está muito bem-disposto. Pusemos a conversa em dia na sexta-feira à noite, quando ele veio cá a casa para o meu jantar de boas-vindas, mas eu demorei a chegar e ele estava com fome e extremamente rabugento. Ao que parece, a sua ex-namorada arranjou um novo namorado. O Michael já não gosta dela, mas continua a considerar esse ato uma traição.

– A mãe e o pai têm uma surpresa para ti – diz ele cantarolando e sorrindo para mim. Ele tem apenas um metro e meio de altura, em comparação com o meu metro e setenta. Eu tinha doze anos quando o ultrapassei na régua medidora na parede da cozinha de nossa casa, em Londres.

– Ai têm? – Olho de relance para os nossos pais.

– Tcharã! – exclama o meu pai, lançando os braços em direção à estufa.

A minha mãe imita-o e, depois, o Michael segue-lhes o exemplo. É uma imagem amorosamente ridícula, os três a comportarem-se em simultâneo como apresentadores de um concurso de televisão.

Fico a olhar para a estufa, baralhada. É feita de tijolo, tem um telhado de vidro inclinado e portas envidraçadas. Por instantes, não sei a que é que devo reagir.

Mas depois apercebo-me de que a velha alvenaria branca foi pintada com uma bela cor verde-seco, e que as janelas e os vidros do telhado estão limpos e a reluzir.

– Acabámos o exterior ontem à noite, enquanto estavas no trabalho – diz a minha mãe, orgulhosa. – Mas há várias semanas que estamos a renovar o interior.

O Michael põe-se aos saltinhos enquanto o nosso pai abre as portas envidraçadas, convidando-me a dar uma vista de olhos ao interior.

Há prateleiras nas paredes brancas e brilhantes, e o chão está pavimentado com azulejos de terracota. Há catos e suculentas em vasos de betão de vários tamanhos espalhados pelos cantos.

– Achámos que podias expor os teus trabalhos nas prateleiras – diz a minha mãe.

– E podes guardar aqui as tuas ferramentas – acrescenta o meu pai, abrindo uma das gavetas de um móvel metálico.

– É um *atelier* – digo, atordoada.

Os meus pais criaram um estúdio para mim, um sítio só meu, para eu

poder trabalhar.

– Seguimos o exemplo do Museu Barbara Hepworth. Gostaste? – pergunta a mãe com esperança na voz.

Aceno lentamente com a cabeça.

– É absolutamente maravilhoso. Muito obrigada.

Ela bate palmas de alegria e o Michael olha para ela e depois para mim.

Sinto a garganta apertada e os olhos a arder. Estou para lá de comovida. Este estúdio implicou tanto esforço, e sinto o amor deles por mim a irradiar na minha direção. É ofuscante. É demasiado.

Como é que algum dia conseguirei falar-lhes de Londres?

No meu peito, sinto uma saudade profunda pela minha avó. Ela é a única pessoa que teria compreendido.

Enquanto atendo um cliente ao balcão, observo três raparigas a *flirtar* com o Finn, na varanda.

Uma delas dobrou-se de riso com algo que ele disse. Agora ela bate-lhe no ombro e pressiona a cara contra a camisa de ganga dele, às gargalhadas, como se não conseguisse conter-se ou manter as mãos longe dele.

Ele estica o pescoço e olha para ela, perplexo.

A cerveja gelada escorre pelo lado do copo que estou a encher e passa-me por cima da mão. Estremeço e troco o copo cheio por um vazio.

Neste momento, parece-me surreal que ele tenha estado à conversa comigo no sofá durante uma hora no sábado passado. Terei sido apenas o seu entretenimento para aquela noite?

Passei todos os turnos desta semana em alerta, caso ele aparecesse, mas esta noite é a primeira vez que os nossos caminhos se cruzam e, para além de um aceno de cumprimento quando ele entrou e aceitou a bebida que o Dan lhe ofereceu, não tivemos qualquer interação.

Só aquele pequeno aceno de cabeça já bastou para me fazer corar.

Obrigo-me a concentrar-me na cerveja que estou a servir.

– Posso oferecer-lhe uma bebida? – pergunta o tipo que estou a atender.

– Oh, obrigada, mas não podemos beber em serviço – respondo, oferecendo-lhe o leitor de cartões.

Ele encosta o cartão, pega nas canecas e vai-se embora.

Estaria ele a atirar-se a mim? Devo sentir-me lisonjeada?

Sinceramente? Mal me lembro da cara dele.

O meu humor melhora um pouco quando o Finn sobe ao palco com o resto dos Mixamatosis. Eles começam a tocar a primeira música, com o Chris na bateria, o Dan na guitarra e o Tarek no baixo. Depois, o Finn aproxima-se do microfone e começa a cantar com sua voz profunda e harmónica, a olhar para baixo, com o seu cabelo escuro a cair-lhe para a frente, e fico

hipnotizada.

Procuro a Rach, para lhe perguntar o nome da música, mas não consigo vê-la no meio da multidão.

Olho novamente para o Finn e sinto um choque elétrico no corpo quando o vejo a olhar para mim. Os seus lábios curvam-se num meio sorriso enquanto ele mantém o contacto visual durante vários segundos, uma tortura requintada, e depois volta a olhar para baixo.

Quando volto ao trabalho, estou incrivelmente atrapalhada.

Uns bons vinte minutos depois da atuação ter terminado, estou a abrir a máquina de lavar louça quando o Finn se aproxima do balcão.

– Olá – diz-me ele através de uma nuvem de vapor.

Tento esmagar a pequena ginasta que anda a fazer acrobacias no meu estômago enquanto coloco dois copos a pingar no suporte da louça lavada.

– Olá. Queres tomar alguma coisa? – Estou satisfeita com a neutralidade do meu tom de voz.

– Ela vai direta ao assunto. Duas canecas de Tribute e duas colas, por favor. – Ele sorri-me, mas eu lembro-me das raparigas na varanda e não consigo namoriscar com ele.

– As colas são em caneca ou em copos normais?

– Pode ser em canecas. Estou cheio de sede.

– Não vais beber álcool? – pergunto, enquanto me ocupo dos refrigerantes.

– Estou a fazer uma pausa. E talvez seja novamente uma pausa comprida. Vens à praia? – Ele apoia os cotovelos no balcão.

– Quem é que vai?

– Um grupo, daqui a pouco.

– Ah, certo.

– Vem – diz ele simplesmente. Fito-o nos olhos pela primeira vez. O seu olhar é acolhedor e sincero, fazendo-me o mesmo convite que as suas palavras.

– Talvez. Vou ver se a Amy e a Rach alinham.

– De certeza que a Amy alinha, se o Dan for.

Ele mostra-me um sorriso atrevido e, desta vez, eu retribuo, pousando a coca-cola e pegando num segundo copo.

– Qual foi a primeira música que tocaste? – pergunto.

– «Go with the Flow», dos Queens of the Stone Age. É uma música antiga.

– E a última?

– «Space and Time», dos Wolf Alice.

– Fixe. Quero adicioná-las à minha *playlist* – explico com descontração.

– Também gostei muito da quinta.

Ele inclina a cabeça para o lado e depois abana-a.

– Não me lembro. Se quiseres, posso ir buscar a lista das músicas que tocámos, mais tarde.

– Obrigada.

Sorriso-lhe e sinto as minhas entranhas a efervescer quando ele sorri de volta, fazendo surgir as suas covinhas.

– Então, e o que mais tens nessa tua *playlist*? – pergunta ele, apoiando o queixo na palma da mão direita e olhando diretamente para mim.

Talvez os seus olhos sejam turquesa, penso, tentando dar um nome àquela cor. Não são muito diferentes da cor do mar que nos rodeia: o verde do mar Céltico.

– Todo o tipo de coisa – respondo.

– Como o quê?

Por impulso, fecho a torneira da cerveja e procuro o telemóvel na minha mala, debaixo do balcão, abro a pasta chamada «Música» e entrego-lhe o telefone. O anel de metal preto que tem no polegar brilha sob as luzes do bar, enquanto ele percorre as músicas.

– Que *playlist* é esta? – pergunta ele confuso, com as sobrancelhas franzidas enquanto olha para mim.

– Como assim? – Estou a meio do enchimento da primeira das duas cervejas.

– É tão aleatória.

– É a minha *playlist* – respondo de forma um tanto defensiva, pois não sei onde ele quer chegar.

– Dizes isso como se fosse a tua única *playlist*.

Encolho os ombros e começo a encher a último copo de cerveja.

– Espera – diz ele com uma careta. – Esta é a tua única *playlist*?

– Sim. É só um conjunto de canções de que gosto.

– Então não tens uma *playlist* de *rock* ou de música acústica ou de qualquer outro tipo específico? – Ele agora fita-me com uma descrença que não disfarça.

– Quantas vezes consegues dizer «*playlist*» na mesma conversa? – pergunto com uma gargalhada antes de responder. – Não. Não ouço muita música, mas sei reconhecer quando gosto de qualquer coisa.

– Qual é a tua banda preferida?

– Não tenho.

– E música preferida?

– Não sei. Ultimamente, tenho ouvido muito a «22» da Taylor Swift. De repente, pareceu-me relevante. – Tento meter-me com ele.

Ele limita-se a olhar para mim. Depois, devolve-me o telemóvel.

– Vou fazer-te uma nova *playlist* – resmunga.

– Qual é o problema com a Taylor Swift?

– Nenhum. Ela é uma compositora brilhante, mas não é disso que se trata.

Encolho os ombros, tentando manter a calma enquanto pouso o último copo do seu pedido no balcão, mas por dentro estou entusiasmada com a ideia de ele me fazer uma *playlist* personalizada.

De repente, ouve-se um assobio do outro lado da sala.

– Ei! Finnegan! Traz os copos! – grita o Tarek.

– Anda cá buscá-los! – grita ele, tirando a carteira do bolso.

Ele senta-se e pega na sua coca-cola, sem fazer qualquer tenção de sair.

O Tarek serpenteia por entre um grupo de pessoas para chegar até nós, com as suas sobrelanceiras grossas e escuras a desenharem uma carranca, mas depois ele e o Finn sorriem um para o outro e ele leva os outros três copos, acenando-me com a cabeça antes de regressar, esquivando-se por entre a multidão.

O Finn procura o meu olhar, divertido.

– Tinha-me esquecido completamente de que o teu apelido é Finnegan – digo, continuando a nossa conversa enquanto sirvo uma cerveja a outro cliente.

– Finn Finnegan – confirma ele, comprimindo os lábios. – Estou sempre a pensar adotar o apelido do meu pai, Lowe.

– Ah, mas Finn Finnegan soa tão bem – digo em tom de brincadeira, distribuindo doses de *whisky*.

– Sabes que o meu nome verdadeiro é Daniel, não sabes?

– É mesmo? – pergunto com surpresa enquanto encho os copos com *whisky* e coca-cola.

– Havia quatro alunos chamados Daniel, no nosso ano, incluindo aquele ali. – Ele aponta com a cabeça para o Dan. – Por isso, todos começaram a chamar-me Finn. Acho que nem a minha mãe seria tão demente ao ponto de me chamar Finn Finnegan de propósito.

Não consigo evitar o pequeno arquejo que me escapa da minha garganta. O Finn olha-me fixamente.

– Foram precisos vários anos de terapia para eu conseguir dizer isto de forma brincalhona. O que é que fizeste esta semana? – pergunta ele, mudando de assunto.

– Nada de especial. Trabalhei. Passei tempo com a minha família. – Faço a conta do cliente que servi e passo-lhe o leitor de cartões. – Ontem fui à praia com a Amy e a Rach. E tu?

– Também fui à praia, ontem. Porthleven. Fui surfar com o Dan e o Chris. Passei por cá um par de vezes, mas não te vi.

Andaria ele à minha procura?

– Então, sempre vens à praia? – pergunta ele, com os olhos fixos nos meus.

.

A maré está baixa e o mar parece um espelho negro com manchas brancas da espuma, visíveis à luz da lua cheia. Lembra-me mármore, e isso, por sua vez, lembra-me a Itália.

– O que te vai no pensamento? – pergunta-me o Finn ao meu ouvido, fazendo-me saltar.

Olho por cima do meu ombro, perguntando-me como terá ele escapado às suas fãz, que nos seguiram até aqui. Ainda estão a uns dez metros de nós, longe demais para eu ver se me estão matar com o olhar.

– Estava a pensar em Itália – digo-lhe enquanto ele me oferece a garrafa que traz consigo, e depois ri-se e dá-me palmadinhas nas costas quando tusso com a vodka de baunilha.

A Amy e a Rach estão na palheta com o Dan, o Tarek e o Chris, mas eu afastei-me deles há algum tempo, em busca de solidão.

– E o que é que estavas a pensar em relação a Itália? – pergunta o Finn quando lhe devolvo a garrafa.

– Nada. Não é muito interessante.

– Deixa-me ser eu a decidir isso – responde ele com suavidade.

Olho para ele, sob a luz prateada. Está à espera.

– Estava a olhar para a água, que me fez lembrar mármore preto e branco, e isso fez-me pensar num lugar da Toscana de eu que já tinha ouvido falar, chamado Pietrasanta. É uma cidade medieval linda, onde vivem e trabalham alguns artistas internacionais – até as passeadeiras são feitas de mármore. A Royal Society of Sculptors organiza viagens em que se pode visitar as pedreiras de mármore e os *ateliers*, para ver os escultores de mármore locais em ação, mas é preciso ser-se membro para se ser convidado.

– Usas mármore? – pergunta ele.

– Não, não me vejo como escultora de cinzel. Sinto-me mais à vontade com o barro.

Uma súbita explosão de risos atrás de nós, vindos das admiradoras do Finn, traz-me violentamente de regresso ao sítio onde estou.

– Oh, céus! – murmuro, sabendo que elas não se estavam a rir de mim, mas que se teriam rido se eu tivesse falado suficientemente alto. – Cá estou eu a divagar outra vez. Desculpa. Quando começo, não consigo parar.

– Não digas isso – responde ele. – É fascinante.

– Não tens de te mostrar simpático. Os olhos dos meus amigos ficam perdidos no infinito sempre que falo de escultura.

– Não sou os teus amigos. Como é que se faz para se ser membro?

Aclaro a garganta, a sensação de formigueiro que me tem andado a fazer cócegas na cara começa a acalmar.

– É preciso ser-se um escultor consagrado e ter-se criado *obras de relevo*, algo que me parece ainda muito distante.

– Mas é bom ter algo a que aspirar.

Olho para ele e apercebo-me de que, mais do que lhe achar piada, eu gosto dele.

Ele só está cá mais algumas semanas, lembro a mim própria.

– E tu, a que é que aspiras? – pergunto, ignorando os meus avisos interiores.

– Estou a ver se conseguimos fazer a banda descolar, acho eu. Daria tudo para viver da música.

– Já gravaste alguma canção? Talvez eu a adicione à minha *playlist* – digo-lhe em tom de provocação. Ele lança-me um sorriso.

– Só umas *demos*. Mas vamos entrar em estúdio na semana a seguir ao meu regresso, para gravar um EP.

– Isso parece-me empolgante.

– E quais são os *teus* planos para o futuro próximo? – pergunta ele, e eu adoro a forma como ele fala, daquela maneira lenta, preguiçosa, quase sardónica.

Sinto um nervosismo que me é familiar enquanto penso em como responder. Ainda não admiti o meu plano a ninguém.

– Estou a poupar para me mudar para Londres. Vou procurar um emprego num estúdio. – Sabe bem dizê-lo em voz alta. – Algumas pessoas que foram à minha exposição de fim de curso disseram que me poriam em contacto com amigos seus. – Sou membro de uma organização especial para artistas, e também tenho estado atenta às oportunidades no seu *site*. – Espero que haja alguém interessado em ter uma auxiliar geral para ajudar, fazer almoços, desempacotar barro, limpar o *atelier*. Aprenderia tanto a ver outro escultor a trabalhar! E, se não me quiserem pagar ou sequer custear a minha alimentação, poderia sempre arranjar emprego num bar, à noite, para me desenrascar.

Expiro longamente.

Os seus olhos reluzem na escuridão, com o reflexo do luar.

– Parece-me um ótimo plano. Porquê o suspiro?

– Os meus pais gostariam que eu ficasse cá – explico. – Ofereceram-se para me apoiar enquanto eu me oriento, e até transformaram a nossa estufa num estúdio, o que é incrivelmente generoso da sua parte, mas não quero ficar presa a Aggie. Quero estar perto de outros artistas, para continuar a aprender e a crescer.

Os meus pais são pessoas fantásticas, que salvaram inúmeras vidas, e tenho muito orgulho neles. Tudo o que eles querem é que eu e o Michael sejamos as melhores versões de nós próprios, mas não sei se a minha melhor versão coincide com o que eles têm em mente. No seu mundo perfeito, eu teria optado por estudar medicina, direito, ou algo mais tradicional, e dedicar-me à escultura apenas como passatempo. Não sendo isso possível, o seu objetivo é que eu fique em St. Agnes.

Sei que me adoram e que não querem ser controladores, mas a conversão da estufa num *atelier* criou uma grande pressão. A sua presença no jardim recorda-me diariamente o meu egoísmo por querer partir.

– Adoro os meus pais, mas, por vezes, sinto que eles não me compreendem, não como a minha avó me compreendia. Ela ter-me-ia aconselhado a arriscar, a ser corajosa. Para ver onde a vida me leva.

Sinto tanto a sua falta.

– Lamento – diz o Finn.

A sua sinceridade silenciosa traz consigo outra onda de constrangimento.

Impulsivamente, tiro-lhe a garrafa da mão e tento engolir o meu desconforto com um grande gole.

– Porque é que estás a falar comigo quando tens tantas raparigas bonitas à tua disposição? – pergunto, tossindo, com o álcool a corroer-me a garganta.

Ele solta uma gargalhada e aceita a garrafa de volta.

– Não me vou dignar a responder a isso.

As minhas entranhas parecem tão espumosas como as ondas que batem na areia.

– Os trabalhos que fizeste na universidade estão no teu *atelier*, agora?

– Sim.

A minha mãe, o meu pai e o Michael tiveram muito cuidado quando me ajudaram a levar as peças para o estúdio, no domingo passado. O Michael ficou muito contente quando encontrou o pequeno modelo do Austin Healey que fiz para ele.

– Posso vê-los? – pergunta para Finn.

– A sério?

– Adoraria.

Fico nervosa só de pensar em mostrar-lhe as minhas peças. Mas ele dizer que gostaria de as ver a ir efetivamente vê-las são duas coisas muito diferentes, portanto descontraino novamente.

Chegámos à rebentação. À nossa esquerda, grandes falésias cortam diretamente a água e, à nossa direita, gigantescas rochas escarpadas surgem escuras e ameaçadoras contra o céu azul estrelado da meia-noite.

– «Ready to Start» – diz o Finn.

– O quê?

– A quinta música, a que queres para a tua *playlist*: foi a «Ready to Start», dos Arcade Fire. Tenho andado a dar voltas à cabeça.

– Como é que é a música?

Ele começa a cantar o refrão e a sua voz faz com que os pelos dos meus braços se ericem enquanto ele percorre os versos, que começam todos de forma hipotética, com um «If».

Quando ele canta «*If I was yours*», olha para mim sem desviar o olhar, mesmo na escuridão, mas, antes que ele possa concluir o verso, o Dan grita:

– Ei, Finn! Para de fazer serenatas às raparigas!

O Finn corre até uma onda que acabou de rebentar e atira água na direção do Dan com uma das suas grandes botas.

– Vais arrepender-te de ter feito isso – diz o Dan de forma sombria.

Estou a meio caminho de volta, depois de ter fugido da luta com água, aos guinchos, quando a Rach se junta a mim.

– Ele gosta mesmo de ti – diz ela com naturalidade, enquanto apoia as mãos nos joelhos e tenta recuperar o fôlego.

– Fala baixo! – sibilo, com o meu estômago feito num oito.

– E tu também gostas mesmo dele.

Lanço-lhe um olhar assassino. Ela é, de longe, a minha amiga mais

ruidosa e desbocada.

– Mesmo que essas duas coisas fossem verdade, ele vai-se embora. Não me quero apegar demasiado. E, *definitivamente*, não quero ter de lidar com o desconforto do dia seguinte – sussurro. – Sobretudo quando estamos ambos a trabalhar no Seaglass.

– Então, esperas até à véspera de ele se ir embora e *só aí* tens uma sessão de sexo louco com ele – diz a minha amiga de forma descarada.

Faço um som de desdém em resposta.

Mas, quando penso no olhar que o Finn e eu acabámos de trocar, e no calor dos nossos raros toques, a ideia de uma noite com ele sem quaisquer consequências parece-me irresistível.

– Agora seria uma boa altura?

Quase morro de susto ao ouvir a pergunta que vem diretamente de trás de mim, na escuridão. Viro-me e, com a mão agarrada ao peito, vejo o Finn.

– Uma boa altura para *quê*? – pergunto sem fôlego.

Estou à porta de casa, prestes a pôr a chave na fechadura. Achei que ele tinha seguido caminho com os outros. O Dan e o Tarek convidaram-nos novamente para sua casa, mas a Amy tem a Rach para lhe fazer companhia, e eu estou pronta para ir para a cama.

– Se é uma boa altura para ver o teu *atelier* na estufa – responde ele com um sorriso.

– O quê, *agora*? – pergunto eu, alarmada.

– Porque não?

Fito-o durante vários segundos e ele não desvia o olhar. Está mesmo a falar a sério. O meu coração pula ao perceber que está interessado – nem a Rach nem a Amy pediram para vir ver as minhas peças –, mas também me sinto apreensiva em relação ao que ele vai achar.

Não voltei a falar com ele depois da luta de água. Durante o caos que se seguiu, ele não esteve propriamente disponível para uma conversa tranquila. A parte insegura de mim decidiu que tinha estado a entediá-lo, mas agora, apenas meia hora depois, ele voltou a procurar-me.

– É melhor entrarmos pelo portão – decido, satisfeita com a coragem artificial que me deu a vodka de baunilha.

Não quero chamar a atenção dos meus pais entrando pela casa. Mais, não quero dar à minha mãe motivo para espreitar pelas frestas das cortinas, que é exatamente o que ela faria se soubesse que estou aqui fora com um rapaz.

Abano um pouco o trinco até ele se soltar e depois levanto o pesado portão de madeira para não deixar que raspe no chão, fechando-o da mesma

forma depois de passarmos.

– Que carro fixe – diz o Finn, apontando com a cabeça para o Austin Healey estacionado ao lado do BMW cinzento dos meus pais.

– É do meu pai – respondo num sussurro.

– Ele deixa-te conduzi-lo?

– Se ele for ao lado, mas ele não me deixa sair sozinha. Não é suficientemente seguro.

Os meus pais são muito protetores.

Estamos mesmo à porta da estufa quando me lembro de que a porta está trancada.

– Oh! A chave está no meu quarto. Não quero incomodar os meus pais, mas olha, podes espreitar pela janela.

Puxo do meu telemóvel e ligo a lanterna, pressionando-a contra o vidro para reduzir o reflexo.

O Finn arqueja e dá um passo atrás.

Abafo uma risada. Eu deveria tê-lo avisado.

– Uau! – diz ele, aproximando-se. – Quem é *aquela*?

– A minha avó – respondo.

Ele encosta as mãos ao vidro em concha e espreita através dele.

Uma vez, quando tinha seis ou sete anos, tentei fazer uma construção na areia com a forma do leão de Trafalgar Square. O Michael e eu tínhamos ido à praia em St. Ives com a nossa mãe e a nossa avó, e eu estava completamente embrenhada no que estava a fazer. Não queria fazer uma pausa para brincar à apanhada com o Michael, mas ele foi tão persistente que lá cedi. Depois, ele pisou a minha construção por acidente e fiquei muito aborrecida.

– Tenho uma ideia – lembro-me de a minha avó a dizer. – Vamos comprar barro na loja de materiais de arte. Não é tão frágil como a areia.

Essa foi a minha introdução à escultura e desencadeou um fascínio mais profundo, que a minha avó sempre alimentou.

Por isso, na minha exposição de fim de curso, decidi homenageá-la.

Usando dezenas de fotografias como referência, e pedindo a um amigo que posasse para mim, esculpi o retrato da minha avó em 360º, criando um busto de barro. Mas, quando a moldei, deixei de fora algumas secções, esculpindo-as como se as partes em falta se tivessem partido e sido levadas pelo vento. A ideia foi representar os meus sentimentos de perda e de que a vida é efémera.

– Tu és *incrivelmente* talentosa – diz o Finn, voltando-se para olhar para mim.

As suas palavras e a expressão dele acendem a minha lâmpada de calor interna.

– Faz-me lembrar a estátua de Tintagel – acrescenta. – Sabes a qual é que me refiro? A que parece o rei Artur a segurar a Excalibur.

Aceno que sim. A escultura a que o Finn se refere é uma peça de bronze com dois metros e meio de um rei a segurar uma espada, de pé, à beira de um

penhasco rochoso, a ser varrido pelo vento. A cabeça, os ombros e os braços do rei estão completos, assim como a sua espada, mas o seu manto cai esfarrapado no chão e parte do seu corpo está oco, pelo que se pode ver o oceano Atlântico através dele. É algo de outro mundo e impressionante – a comparação agrada-me.

– Gostava de mandar fundir isto em bronze, um dia, se tivesse dinheiro para tal – digo ao Finn.

O bronze é uma liga de cobre e estanho, metais que têm sido extraídos nesta região desde a Idade do Bronze. A minha avó viveu toda a vida na Cornualha, pelo que me parece apropriado.

– É mesmo bom, Liv – diz ele, sério.

Ainda tenho a lanterna do meu telemóvel encostada à porta de vidro da estufa, com o reflexo da luz a iluminar as suas feições na noite escura.

– Pregou-te um susto de morte – respondo com um sorriso.

Ele sorri.

– Admito que ela me apanhou de surpresa. É um bocado fantasmagórica, não é?

– A ideia é essa mesmo.

– Deve ter-te custado criá-la.

– Sim – digo em voz baixa. – Mal consegui falar quando tive de a descrever, na minha exposição de finalistas. A minha mãe desfez-se.

Distraio-me com o brilho de uma luz que se acende numa janela do andar de cima.

– Por falar na minha mãe, acho que ela está acordada – sussurro, desligando rapidamente a lanterna do telemóvel.

– É melhor ir andando – diz o Finn. Acompanho-o até ao portão e abro-o o mais silenciosamente possível.

– Vemo-nos por aí? – pergunta ele por cima do ombro.

– Claro.

Ele vira-se para me encarar e hesita, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas depois recua e vai-se embora. Fico a olhar para ele durante uns instantes e depois fecho o portão.

Quando entro em casa pela porta das traseiras, sinto-me a flutuar nas nuvens, mas a minha mãe faz-me descer à terra em menos de nada. Está de pé no corredor.

– Quem era *aquela*? – pergunta.

– Um amigo.

– Como é que chama?

– Finn.

– Finn quê?

– *Mamã* – repreendo, antes de lhe fazer a vontade. – O seu apelido é Finnegan. Andámos juntos na escola.

– Danny Finnegan? – pergunta ela com surpresa.

Agora sou eu que sou apanhada desprevenida.

– Conhece-lo?

– Dos meus tempos em Perranporth – confirma ela.

A minha mãe foi médica de clínica geral no centro de saúde de lá, quando eu andava na escola. O Finn e a sua família deviam lá estar inscritos.

– Que tal está ele? – pergunta a minha mãe, com o sobrolho marcado pela preocupação.

– Está bem – respondo, mas a expressão dela faz-me sentir desconfortável. – Porque é que perguntas?

– Sei aquilo por que ele passou – responde ela sombriamente, antes de soltar um suspiro audível. – Claro que não posso falar dos meus pacientes, mas tem cuidado, Liv. A mãe dele era uma pessoa muito perturbada.

– Mãe, o Finn *não* é a sua mãe. – Aquilo sai-me de forma mais vincada do que pretendia.

Lembro-me vagamente dos boatos e dos artigos nos jornais locais que se seguiram ao seu desaparecimento, artigos que falavam de problemas com bebida e drogas.

– É verdade, mas uma coisa te digo – começa a minha mãe, apertando o roupão num gesto que me é tão familiar. – Não se sai ileso quando se passa por algo assim. Sê cautelosa, Liv. Peço-te.

O Michael vive em Stippy Stappy, uma fila pitoresca de casas de pedra do século xviii, que sobem ao longo de uma colina íngreme em direção à vila. A sua porta é azul-clara e tem um banco no exterior que apanha o sol da tarde. No dia seguinte, vou a passar por casa dele quando vejo o Finn a aproximar-se, vindo no sentido oposto.

Ele com uns calções de banho azul-marinho e uma *t-shirt* branca, com toalhas de praia penduradas ao pescoço.

– Olá – diz ele com um grande sorriso.

– Olá – respondo, com o coração aos saltos.

– Para onde vais? – pergunta ele, parando.

– À padaria.

Não consigo deixar de olhar para ele a uma nova luz, com o aviso da minha mãe a ressoar na minha cabeça.

– Cuidado – adverte ele quando dois rapazes o empurram com força. – Ei! – grita-lhes ele, quando também tentam empurrar-me. – Atenção às vossas maneiras ao pé da minha amiga.

Eles param de forma abrupta e olham para mim. Reconheço-os vagamente daqui, mas, agora, as semelhanças entre eles e o Finn saltam à vista: as longas pestanas e os olhos verde-azulados do rapaz mais velho e o cabelo escuro e as covinhas do mais novo, que está a sorrir para mim.

– São os meus irmãos – corrobora o Finn. – O Tyler – aponta para o rapaz mais alto com as pestanas compridas – e o Liam.

– Olá – consigo dizer, antes de eles se irem embora.

– Esperem por mim no riacho! – grita o Finn na sua direção, antes de se voltar para mim.

– Porra, dão muito trabalho.

Eu rio-me.

– Vocês comiam adubo, quando eram mais novos? As pestanas do Tyler

são quase tão compridas como as tuas.

Ele parece divertido.

– A minha avó queria que eles saíssem de casa, por isso, ofereci-me para os levar à praia.

Lanço-lhe um olhar de interrogação.

– Que idade têm eles? De quem é o bebé Jimmy?

Nenhum destes rapazes tem idade suficiente para lhe ter dado um sobrinho de um ano.

– O Liam tem dez, o Tyler tem doze, e o Jimmy é filho da minha irmã – responde ele com um sorriso. – Bom, meia-irmã. Ela é sete anos mais velha do que eu. O meu pai era casado e tinha dois filhos pequenos quando foi para a cama com a minha mãe e a engravidou.

Ele diz isto de forma descontraída, mas os seus olhos não têm o brilho habitual.

Sou poupada a ter de dar uma resposta quando a porta da casa do Michael se abre e o meu irmão aparece.

– Liv! – grita ele com alegria.

– Ei! – respondo, ficando algo tensa.

Quando eu era mais nova, nunca hesitei em apresentar o meu irmão às outras pessoas. Mas, à medida que fui crescendo, comecei a reparar nas diferentes reações que os outros têm ao conhecer alguém com síndrome de Down.

Se eu não tiver grande consideração pela pessoa em causa, fico menos nervosa. A única altura em que me preocupo verdadeiramente é quando não quero pensar mal da pessoa por causa da forma como ela reage ao meu irmão.

No caso do Finn, preocupo-me. Se ele se revelar um idiota, ficarei arrasada.

Pelo canto do olho, reparo na postura paralisada do Finn quando o Michael aparece no pequeno caminho do pátio, com a sua expressão a transformar-se subitamente de feliz para desconfiada quando vê que tenho companhia.

– Este é o meu irmão, Michael – digo ao Finn.

– Quem é este? – pergunta-me o Michael sem rodeios, com as sobrancelhas a franzirem-se, à sua maneira inigualavelmente expressiva.

– É o Finn – respondo.

– Olá! – O Finn avança com a mão estendida.

O Michael hesita, com os olhos a semicerrarem-se de suspeita. Ele dá um aperto de mão rápido e superficial ao Finn e depois larga-o como quem larga uma batata quente.

Eu reprimo um pequeno sorriso enquanto ele limpa a palma da mão nas suas calças de ganga.

O meu irmão não está com meias medidas.

– O pai já acabou de matar a relva? – pergunta-me ele. Nunca achei o discurso do meu irmão difícil de entender, mas outras pessoas podem precisar

de algum tempo para se ajustarem. Embora o mais provável fosse que o Finn parecesse sempre confuso, dissesse ele o que dissesse.

– Sim – respondo ao Michael, antes de explicar ao Finn. – Na nossa família dizemos «matar a relva» em vez de «cortar a relva». Há uns anos, eu e o Michael fomos brincar para o quintal, logo depois de o nosso pai a ter cortado a relva, e ficámos cobertos de manchas verdades. O Michael achou que parecia que a relva tinha sangrado nas nossas mãos. A nossa mãe tinha lido qualquer coisa sobre como algumas plantas conseguem enviar sinais de socorro umas às outras e disse que o Michael talvez tivesse razão. Ao que parece, o cheiro a relva acabada de cortar de que as pessoas tanto gostam, na verdade, é um sinal de SOS. Desde então, a nossa família substitui «cortar» por «matar».

– Ah, estou a ver – responde o Finn com um sorriso, e e depois diz: – Tenho de ir ter com os meus irmãos. Por esta altura, já devem ter caído ao ribeiro.

– Claro que sim. Até logo.

Ele desvia-se de mim, parecendo algo desconfortável, e, mais uma vez, penso se não terei divagado demais.

– Adeus – diz ele ao Michael.

O Michael não responde. Os seus olhos voltam a estreitar-se.

O Finn mal deu três passos para longe de nós quando o Michael diz:

– Quem era aquele idiota?

Sinto um aperto no estômago quando o Finn para abruptamente. Ele vira-se e olha para o meu irmão.

– Acabaste de me chamar idiota? – pergunta ele lentamente, levantando uma sobrancelha.

– Oh, agora já me percebes? – responde o Michael, com um sorriso a esboçar-se-lhe no canto dos lábios.

– *Inacreditável* – murmura o Finn, abanando a cabeça enquanto percorre o caminho escorregadio com as suas pernas compridas.

Olho fixamente para o Michael e ele encolhe os ombros, claramente divertido.

– És terrível – repreendo, incapaz de esconder o meu próprio sorriso.

– Vou à padaria comprar uns salgados para o almoço, mas a mãe e o pai estão à espera, se quiseres ir andando para lá.

O meu plano era apanhá-lo no caminho de regresso.

– Ótimo – responde ele, batendo palmas e esfregando as mãos de alegria.

– Traz-me três – ordena ele, saindo pelo portão.

– Três salgados?

– Três – confirma ele com firmeza.

O meu irmão adora tudo o que é frito ou folhado. Ainda bem que ele opta sempre por ir a pé para o seu emprego como funcionário do parque de estacionamento do National Trust, em Chapel Porth.

– Esqueceste-te de fechar a porta de entrada – digo.

Ele revira os olhos com dramatismo, mas regressa e fecha a porta com estrondo. Depois, sai novamente pelo portão e põe-se a caminho sem sequer olhar para trás.

Quando me volto para me vir embora, ele grita por cima do seu ombro:

– Até já, maninha!

Curto, incisivo e meigo, como sempre.

Estas três palavras resumem bastante bem o meu irmão.

Uns dias mais tarde, estou a descer as escadas de minha casa quando vejo o Finn através de um dos painéis de vidro da porta da frente, na estrada.

O meu coração dá um pulo.

Ele passa a mão pelo cabelo enquanto olha para o fundo da colina, e depois olha para a minha porta e quase dá um salto quando os nossos olhos se encontram através do vidro. Eu abro a porta, a rir-me.

– Pregaste-me um susto de morte – murmura ele, com a palma da mão encostada ao peito.

– Não estavas à espera de me ver na minha própria casa? – pergunto com divertimento, imaginando se ele estaria a preparar-se para tocar à campainha. Só a mera ideia deixa-me mais confiante.

– Não, estava, mas... deixa lá. – Ele parece ligeiramente atrapalhado, enquanto leva a mão ao bolso das suas calças de ganga pretas rasgadas e tira o telemóvel.

– Já comecei a fazer a tua *playlist*. Queria pedir-te o teu número de telefone, para te poder enviar a lista.

– Oh, fixe! Posso ver?

Calço as minhas sapatilhas *Veja*, saio e fecho a porta atrás de mim. Os meus pais estão nas traseiras, no jardim, mas preferira minimizar as hipóteses de a minha mãe espiar o Finn. Por aquilo que agora sei, uma interação cara-a-cara entre eles pode ser desconfortável.

– Posso enviar-ta agora mesmo – diz ele com um pequeno sorriso, enquanto me encosto à parede de pedra áspera, estendendo-lhe a mão para que me mostre o telefone.

– Não, tenho de voltar lá para dentro para ter rede – respondo com impaciência, com as mãos ainda estendidas. Um carro surge na estrada e ele avança rapidamente para lhe dar espaço. A sua súbita proximidade faz-me inspirar fundo.

– Queria mostrar-te esta música pessoalmente – admite ele, olhando para mim enquanto a minha autoconfiança de há pouco é substituída pelo nervosismo.

– Aqui, é capaz de ser um bocado barulhento – murmuro.

Como que para provar o que acabo de dizer, passa outro carro, com o som do seu motor a misturar-se com o da água do riacho que passa por baixo da pequena ponte onde estamos.

– Anda dar uma volta comigo – sugere ele timidamente.

É fim de tarde e o dia está nublado e ventoso, mas o ar está suficientemente ameno para que, enquanto descemos a colina em direção à praia, eu não me arrependa de não ter trocado os calções de ganga por umas calças. As minhas mãos estão enfiadas no bolso da minha camisola azul-marinho com capuz e sinto-me estranhamente muda.

O Finn rompe o silêncio com um grande bocejo.

– Desculpa – diz ele.

– Estás bem?

– Estou de rastos. Ando a dormir no sofá.

– O sofá de quem? – Será que tem andado a saltitar entre casas de amigos?

– Dos meus avós.

– Ficas em casa deles o tempo todo que aqui estiveres?

– Sim.

– Vais dormir no sofá dos teus avós durante seis semanas? – pergunto com espanto.

– Sim, a casa deles é minúscula.

Já relaxei um pouco quando chegamos à rampa para os barcos, com os pés a escorregar sobre a areia enquanto percorremos a inclinação íngreme até à praia. Dois nadadores-salvadores solitários com casacos vermelhos estão perto da rebentação distante, e as únicas outras pessoas que se veem são surfistas e *bodyboarders*, com os seus fatos, a apanhar ondas. Quaisquer turistas que tenham decidido enfrentar os elementos e visitar Aggie hoje já se foram embora há muito.

Dirigimo-nos para os rochedos que foram caindo dos penhascos ao longo do tempo. Estão totalmente visíveis, agora, mas ficam quase totalmente submersos sempre que a maré sobe.

Quando nos aproximamos da escura cascata de rochas, o Finn agarra-me o braço e trava-me, com os olhos fixos em qualquer coisa mais adiante. Com o coração aos saltos, sigo a linha do seu olhar, até que deparo com um pequeno monte de pelo de cor creme, a cerca de quarenta metros de distância.

– Aquilo é... – começa ele a dizer.

– Uma cria de foca! – concluo a frase por ele.

– Não acredito – diz ele com alegria, largando-me o braço. – Achei que a época de reprodução fosse mais tarde.

– Este deve ter nascido mais cedo. Achas que está bem? Não é melhor

irmos lá ver?

– Não, devemos manter a distância. A progenitora deve estar por perto e não podemos assustá-la. – Ele lança-me um sorriso. – Nunca leste o cartaz sobre a vida selvagem, no exterior do Surf Life-Saving Club?

Eu faço um encolher de ombros envergonhado.

– Há muito, muito tempo.

– Eu é que, claramente, tive demasiado tempo em mãos – diz ele.

Estudamos as ondas, em busca do corpo escorregadio de uma foca cinzenta adulta.

– E se estiver ferida? Achas que devemos esperar? – pergunto. – Ficarmos de olho durante um bocado?

– Sim. Vamos procurar um sítio para nos sentarmos.

As rochas são da cor do jade, atravessadas por riscas brancas, como um bosque de bétulas prateadas.

– O difícil é encontrar uma que não esteja coberta de algas marinhas – diz o Finn enquanto caminhamos cautelosamente pelas superfícies escorregadias. – Mas esta parece-me bem.

Ele tira o casaco de ganga, revelando uma *t-shirt* branca clássica por baixo, pousa-o em cima de uma pedra lisa, e depois dá-lhe uma palmadinha, fazendo-me sinal para que me sente.

– Que cavalheiro – brinco, enquanto ele estende a mão para me ajudar a subir.

– Achas isso surpreendente? – pergunta ele em voz baixa, mas qualquer resposta espirituosa que eu pudesse dar é silenciada pela vertigem que me invade com o nosso contacto pele a pele.

Ele larga-me, para que ele próprio possa subir, e depois senta-se a alguns centímetros de distância.

– Divertiste-te com os teus irmãos, na praia, no domingo? – pergunto, com pena de que haja espaço entre nós.

– Não, foi horrível. Eles viram tudo do avesso, onde quer que vão – diz ele, com aquele seu jeito divertido, enfatizando a palavra «avesso». – Os meus avós são demasiado brandos com eles.

– Eles vivem com os avós a tempo inteiro?

Ainda consigo sentir o fantasma da mão dele na minha.

– Sim. Os pais deles não estão presentes.

Ele olha para mim.

– O Tyler e o Liam são meus meios-irmãos. Não sei se já sabias disso.

– Sim.

– E suponho que também já conheças a reputação da minha mãe.

Ele olha-me de forma circunspecta, através das suas pestanas voltadas para baixo.

– Nem por isso, não sei quase nada. Mas lamento – digo, com pouco jeito. – Lamento o que lhe aconteceu.

– A vida, às vezes, é uma merda – responde ele sem rodeios, sacando do

telemóvel. – Tenho de te mostrar esta música.

Estou desejosa de saber mais sobre ele, mas o assunto parece encerrado.

Um nome no ecrã do telemóvel chama-me a atenção.

– «Michael»? – digo em voz alta.

Ele sorri e carrega no *play*. Uma música de ritmo acelerado com um *riff* repetitivo começa a sair do pequeno altifalante. O ânimo do Finn melhora imediatamente, com as mãos a bater, a cabeça a abanar, todo o seu corpo ligado à música. O súbito impulso de atração que sinto por ele é intenso, mas depressa a letra da música atinge o meu cérebro e levo a mão à boca.

– Não sabia que o meu irmão tinha tido um impacto tão grande em ti – digo por entre os dedos, rindo. A canção é sobre um rapaz muito bonito chamado Michael, que está a dançar numa bonita pista de dança.

– Ele é uma personagem – responde ele com um sorriso enquanto a música continua a tocar. – Nunca ouviste esta?

Faço que não com a cabeça.

– De quem é?

– Dos Franz Ferdinand.

– Devias tocá-la no Seaglass.

– Toco, se quiseres.

– A sério?

– Claro.

– O que mais tocarias se eu te pedisse?

– Chuta aí qualquer coisa.

– A «22», da Taylor Swift?

Ele encolhe os ombros despreocupadamente e acena com a cabeça.

– Muito bem.

– Não posso! – digo, incrédula. Eu estava a brincar. – Nunca conseguirás convencer o Dan e os outros.

– Se convencer, vens comigo ao Boardies? – O meu estômago dá uma cambalhota. O Boardies, abreviatura de Boardmasters, é um grande festival de música na povoação vizinha de Newquay.

– É deste sábado a duas semanas – acrescenta ele, quando não respondo de imediato.

– Pode ser que antes disso encontres outra pessoa com quem prefiras ir.

– Não encontrarei.

O sorriso que dançava nos seus lábios desaparece enquanto os seus olhos fixam os meus, fazendo-me sentir inquieta como tudo.

.

Alguns dias depois, o Finn entra alegremente no Seaglass pouco antes do espetáculo da banda, parecendo *sexy* e desmazelado com a sua *t-shirt* cinzenta e as suas calças de ganga rasgadas. O cabelo selvagem acaricia-lhe as maçãs do rosto e cai-lhe para os olhos. Ele lança-me um sorriso de fazer parar o coração quando ele e os seus companheiros de banda sobem ao palco e

começam a tocar a sua primeira canção.

Não posso acreditar. É uma versão *rock* da «22» da Taylor Swift.

O Finn está a adorar a minha reação, enquanto o Dan se ri ao ver a Amy a saltar atrás do balcão, a cantar a plenos pulmões, de mãos no ar.

Quando voltam a tocar o refrão, também eu já canto e danço.

Felizmente, o Chas e os nossos clientes não se importam, porque ninguém é servido durante esses três minutos.

Não sei o que está a acontecer comigo e com o Finn, ou até onde pode ir, mas nunca me senti tão empolgada.

É o primeiro sábado de agosto e estou na varanda, a recolher os copos vazios. Hoje foi o dia do Carnaval de St. Agnes e muita gente veio até cá depois da festa. Podia ter ido para casa há uma hora, mas o Chas pediu-nos a todos que ajudássemos e decidi ficar, apesar de estar *zombie*.

Pouso no chão a pilha de copos que juntei, para que o vento não os empurre, e depois encosto-me ao corrimão, deixando que a brisa gelada refresque a minha pele quente. A maré está a subir e as ondas galopam em direção ao Seaglass como uma manada de cavalos selvagens, negros reluzentes e brancos cintilantes. Está muito vento esta noite, e cada inspiração parece roubada.

O Finn vem até a varanda, atravessando a única porta que ainda não tranquei, e olha em volta, deparando comigo.

Volto-me e ele aproxima-se, afastando os meus pés um do outro com as suas grandes botas. Rio-me ao de leve com a sua impertinência e ele esboça um pequeno sorriso enquanto entra no espaço que criou entre os meus pés.

– Olá – diz ele, olhando para mim lá do alto.

Desde que lhe dei o meu número de telefone, depois do nosso passeio na praia, há dez dias, temos trocado mensagens de texto e eu ainda não parei de ouvir a *playlist* que ele criou para mim. Finn parte de amanhã a uma semana, mas neste momento está aqui.

– Olhem só para vocês – diz a Amy, que sai para a varanda, seguida pelo Dan. O namoro deles tornou-se oficial. Não quero dar azar, mas o Dan parece estar apaixonado e *sei* que ela está.

– O que temos nós? – pergunta o Finn.

Ele mexe-se de modo a ficar encostado à balastrada junto a mim, com os cotovelos apoiados no corrimão de madeira.

– Parecem um anúncio de praia, com as vossas longas melenas escuras e pestanas compridas.

Rimo-nos e olhamos um para o outro.

O meu cabelo estava a soltar-se, portanto tirei o elástico há meia hora.

– Não me parece que tenha longas melenas escuras – comenta o Finn, com os seus olhos ainda pousados nos meus. – E as pestanas dela são muito mais compridas.

– Não são nada – troço.

– São sim – insiste ele.

– Então, vamos todos juntos ao Boardies? – pergunta a Amy, perdendo o interesse na nossa conversa tola e começando a falar do festival do próximo fim de semana.

– Parece-me bem. A Rach também está interessada – digo.

Fiquei radiante quando o Finn me convidou para ir com ele, mas não me senti desiludida ao saber que as minhas amigas e o Dan também queriam vir. Vai ser divertido irmos todos juntos.

– Será que podemos todos faltar ao trabalho num sábado à noite? – pondera a Amy.

O Dan abana a cabeça.

– É o nosso último concerto antes de o Finn regressar a Los Angeles. Não podemos faltar.

O meu coração encolhe-se perante a ideia da sua partida. O Finn olha para mim pelo canto do olho, como se pressentisse a minha agitação interior. O seu olhar fixa o chão e ele suspira de forma audível.

O Kieran regressa alguns dias depois da partida de Finn, pelo que estará de novo no centro das atenções como vocalista, até o final de agosto. Não consigo imaginar ouvir a banda e não ver o Finn agarrado ao microfone. Vai ser estranho. Vai ser *difícil*.

Mais um motivo para pôr a vida em ordem e ir para Londres, agora que já devolvi o dinheiro aos meus pais. Mas ainda não ganhei coragem para lhes falar dos meus planos.

– Quem vai a conduzir? – pergunta o Dan.

– És o único de nós que tem um carro fiável, portanto, és tu – responde o Finn.

– Oh, fogo... – diz o Dan, horrorizado com a ideia. – Não posso ir a um festival e não beber umas quantas cervejas!

– Eu posso perguntar aos meus pais se me emprestam o carro – proponho. Não preciso de beber e, assim, sempre poupo algum dinheiro.

– Boa – diz Dan com alívio.

O Finn olha para ele de forma impassível, enquanto ele e a Amy voltam para dentro. Eu inclino-me para apanhar a pilha de copos. O Finn tira-mos das mãos e volta a pousá-los no chão.

– Hã? Porquê?

– Porque tenho um momento a sós com a Olivia Arterton e quero aproveitá-lo.

– Ele põe as mãos no corrimão, uma de cada lado de mim, envolvendo-

me, e eu fico rodeada pelo seu calor.

– Eu tinha um grande fraquinho por ti quando andávamos na escola – confessa ele, subitamente sério.

– A *sério*? – sussurro. – Mas nós mal trocámos duas palavras.

– Sim, eu não era muito falador na altura.

– Não, pois não?

Ele encolhe os ombros e as covinhas nas suas bochechas tornam-se menos pronunciadas.

– Ei, para onde é que elas foram? – pergunto.

– Elas quem? – pergunta, baralhado.

– As tuas covinhas.

Ele sorri e a visão é ofuscante.

– Aí estão elas – digo, esticando a mão para tocar numa.

Ele agarra-me a mão e leva-a à boca, mostrando os dentes por uma fração de segundo e mordendo-me a ponta do dedo.

Sinto a mordidela *no corpo todo*.

As suas pupilas dilatam. Fico a olhar para ele num silêncio atordoado.

– Tenho de te beijar – murmura ele, com os olhos a fixarem-se nos meus lábios.

Aceno com a cabeça, numa concordância inequívoca.

Arrepios percorrem-me a espinha quando ele leva as mãos ao meu rosto, segurando o meu maxilar, e os seus dedos se afundam no cabelo da minha nuca. Inclino-me para ele e pressiono as palmas das mãos contra o seu peito. A minha pulsação acelera quando as nossas bocas se encontram pela primeira vez. Um raio de eletricidade atravessa-me e começamos a mover-nos juntos, numa dança tortuosamente lenta. A sua língua desliza entre os meus lábios e acaricia a minha e sinto-me tonta com uma adrenalina que *nunca* antes tinha experimentado.

Ele sabe a maresia e a cola gelada e eu quero mais. Muito mais. Ele afasta-se lentamente, deixando apenas alguns centímetros entre nós.

– Não acredito que beije a Olivia Arterton – diz ele em voz baixa, divertido.

– *Eu* é que não acredito que beije o Danny Finnegan – respondo, deslizando as minhas mãos até à sua cintura.

A transformação é instantânea: ele fica completamente rígido.

– O que foi? – pergunto com preocupação quando ele me larga e se afasta.

– Ninguém me chama Danny.

– Oh!

– Estou baralhada.

– Porque é que me chamaste Danny?

– Hum... – Decido confessar. – A minha mãe...

– A tua mãe? – interrompe ele.

– Ela é médica. Trabalhava em Perranporth.

Ele dá outro passo para trás para me poder ver melhor. Todo o contacto entre nós foi cortado.

– Como é que ela se chama? – pergunta ele com cautela.

– Kay Stone.

– A Doutora Stone é a tua mãe?

Eu faço que sim com a cabeça.

– Não te preocupes, ela não me disse nada.

Ele solta uma risada frágil.

– Espero bem que não.

– Ela viu-te a sair pelo portão de nossa casa, há duas semanas. Referiu-se a ti como Danny.

– Ela não disse mesmo mais nada? – Ele é perspicaz.

– Só que as circunstâncias da tua família eram difíceis – admito com relutância.

Ele abana a cabeça com o que parece ser nojo e afasta-se uns passos, parando de costas para mim.

Fico a olhar para ele, infelicíssima, perguntando-me como é que um momento tão perfeito pode ter tomado este rumo horrível. Tenho a sensação de que ele vai continuar a andar e deixar-me aqui sozinha, mas depois ele dá meia-volta e regressa para junto de mim, parando à minha frente.

O vento é brutal, sacudindo-lhe o cabelo contra o rosto em chicotadas escuras. Nunca quis tanto pôr as mãos no barro.

O seu olhar desce até à minha maçã do rosto e ele aproxima-se ainda mais, levantando a mão.

– Não te mexas – ordena ele quando eu recuo por reflexo. Sinto os seus dedos roçarem a minha bochecha e depois ele mostra-me a pestana que recolheu.

– Podemos resolver isto de uma vez por todas – murmura ele, arrancando uma das suas próprias pestanas.

Demoro a perceber o que está a fazer.

– Não deixes que o vento as leve! – digo com aflição, e juntamo-nos, os nossos corpos formando um abrigo contra o vento.

– A tua é mais comprida – digo eu, um pouco indecisa.

– A tua é que é – responde, virando a pestana dele de modo a que as duas fiquem coladas uma à outra.

Olho de relance para ele.

– Empate?

Ele fecha a mão e estende-a, acariciando-me a linha do maxilar com o seu polegar.

– Desculpa – sussurra ele, fazendo com que a minha pele fique cheia de eletricidade nos sítios onde ele me tocou.

– Não tens nada de que pedir desculpa – respondo.

Ouçoo e sinto-o expirar.

Não se sai ileso quando se passa por algo assim...

Lamento, mãe. Mas nem pensar que agora vou voltar costas.

É fim de tarde e o sol lança raios dourados através das fendas das nuvens de algodão. As rajadas de vento que sopram vindas do mar são frescas, mas a multidão do festival está ao rubro, uma massa de cinquenta mil pessoas a saltar, pessoas felizes a divertirem-se à brava.

Trouxe-nos até cá no BMW dos meus pais, com as janelas abertas, o sol a brilhar e a música aos berros nas colunas, cortesia da *playlist* atualizada que o Finn carregou no meu telemóvel esta manhã. Ele sentou-se no banco da frente, virado para mim e a ver-me dirigir, com uma mão a afastar o cabelo do seu rosto, enquanto a Amy, o Dan e a Rach se sentaram no banco de trás. Senti o calor do seu olhar na minha pele, a penetrar a minha corrente sanguínea, fazendo-me sentir elétrica e viva. Tem havido uma corrente a fluir entre nós ao longo de todo o dia, e não conseguimos evitar tocar-nos a toda a hora – o Finn beija-me na nuca, provocando arrepios ao longo dos meus braços com o seu toque. Enfiei os meus dedos nos buracos da sua camisola e senti o ritmo vincado da sua respiração. Deleitámo-nos com a nossa proximidade, com o ressoar da música, com os gritos de alegria dos nossos amigos e com a energia de milhares de pessoas que cantam a sua felicidade ao vento. É um dia que gostava de poder fundir em bronze – um momento perfeito, captado para toda a eternidade.

E, agora, estamos quase prontos para regressar ao Seaglass, para mais um turno antes de podermos voltar para minha casa. Conteï ao Finn que os meus pais vão passar a noite em Bristol, para a festa de aniversário dos setenta anos de um amigo. O olhar que ele me lançou foi intenso.

Observo os meus amigos e sorrio. A Rach leva a Amy às cavalitas, pisando um tapete de copos de plástico vazios espalhados aos seus pés, enquanto canta em plenos pulmões o *encore* dos Editors.

A Amy tem as mãos no ar, o cabelo louro-claro solto atrás de si e as bochechas a reluzir com purpurinas cor-de-rosa e roxas enquanto se ri,

tentando lembrar-se da letra do refrão.

O Dan continua a olhar para ela com uma adoração indisfarçada. Ao início, preocupou-me a possibilidade de ele lhe partir o coração, mas parece estar igualmente apaixonado.

Eu sorrio para o Finn e ele retribui, pondo o braço em volta da minha cintura e puxando-me para o seu lado, anca com anca.

– Que canção é esta? – pergunto-lhe.

– «Smokers Outside the Hospital Doors» – responde ele, com os seus olhos azuis e verdes a brilhar. – Vais ter de a juntar à tua *playlist*.

– Ou podes acrescentá-la tu por mim, mais logo – sugiro, sentindo uma dor profunda na minha alma ao lembrar-me de que é a sua última noite.

Algures pelo caminho, o meu coração prendeu-se a ele. Uma rapariga mais esperta poderia ter-se libertado e afastado antes de se magoar a sério, mas não fui suficientemente forte para virar as costas à adrenalina que sinto quando estou com ele.

Por muito que nos tenhamos tocado e por muito próximos que tenhamos estado, não nos beijámos desde aquela primeira vez, no fim de semana passado. Sei que ele está a pensar nisso. O seu olhar não para de pousar nos meus lábios e, sempre que reparo nisso, sinto-me como se estivesse em chamas.

*

Algumas horas depois, estou ainda mais efervescente com a expectativa. Os Mixamatosis estão a tocar a sua penúltima canção e o Chas deixou que eu e a Amy fôssemos para a pista de dança, dizendo que se consegue desenrascar atrás do bar neste último bocado.

A canção chega ao fim e o ruído das pessoas diminui enquanto o Finn fala ao microfone.

– Obrigado por me terem recebido, este verão – diz ele perante os aplausos do público. Os seus olhos encontram os meus, no meio da multidão. – Foi inesquecível.

Ele esboça-me um pequeno sorriso enquanto recua do microfone, e ouve-se um rugido quando o Dan faz um som de *feedback* nos amplificadores, juntamente com uma melodia de guitarra superfamiliar. Quando o Chris se lança numa batida rápida e o Finn se aproxima do micro, a multidão passa-se.

É a «The Boys of Summer», uma versão mais suja e acelerada do que a original de Don Henley.

A original está na minha *playlist*. A *minha playlist*. Pergunto-me se ele a viu lá.

Tenho um nó na garganta enquanto danço com os meus amigos, cantando em plenos pulmões. O aperto é tal que me custa fazer as palavras saírem.

Vou ter de deitar as mãos a algum barro, esta semana. Espero que alivie o meu anseio criativo, e depois vou ter de contar aos meus pais sobre Londres.

Ainda estou a debater-me com o sentimento de culpa que sinto por ir deixá-los, mas tenciono ficar e trabalhar até ao final de setembro, para nos dar a todos um pouco mais de tempo.

Misturada com a tristeza que sinto por perder o Finn há também uma excitação pelo que o futuro me reserva. Até a incerteza do futuro me deixa empolgada. Estou pronta para a minha próxima aventura.

A canção vai acelerando até se tornar um frenesim, e depois termina com um *feedback* estridente. Ficamos todos doidos quando o Finn coloca as mãos sobre a cabeça e nos aplaude. Ele volta para o microfone e o barulho acalma.

– Talvez nos vejamos no próximo ano.

E depois ele desce do estrado, tolerando as palmadinhas nas costas e os despenteares de cabelo enquanto abre caminho por entre a multidão, encaminhando-se para mim. Está quente e suado, com o cabelo caído à volta da cara, e os seus olhos estão surpreendentemente escuros, à medida que reduz a distância entre nós. Todo o meu corpo se sente elétrico quando as suas mãos pousam na minha cintura, os seus polegares pressionando a minha pele nua por baixo do *top* branco rendado que levei vestido para o festival. Não me importo que estejamos numa sala cheia de gente – quando a boca dele toca na minha, tudo à nossa volta se desvanece. Ele intensifica o beijo e eu sinto-me quente e arrepiada em simultâneo.

Apercebo-me de que há pessoas a rirem-se, mas só ao longe, e que estão a assobiar e a bater palmas. O Finn sorri contra a minha boca quando nos separamos.

Eu olho para ele, sem fôlego.

Esse rapaz *sabe* beijar.

Ele vira-se para a Amy.

– Vou levá-la daqui. Diz ao Chas. – E, depois, a mão dele agarra a minha e ele puxa-me para a porta.

– Espera! A tua carteira! – grita a Amy atrás de nós. Mal consigo raciocinar enquanto ela corre até à parte de trás do balcão e me traz a carteira.

– Diverte-te.

O Finn e eu não falamos no caminho até minha casa, de mãos dadas e andando a passo rápido, desejosos. Destranco a porta, atrapalhando-me com as chaves, e depois estamos no interior da casa escura. Descalçamos os sapatos, e eu condu-lo diretamente até às escadas, para o meu quarto.

Ele fecha a porta atrás de mim e eu encosto-me à parede quando a sua boca choca com a minha. As suas mãos passeiam pelas minhas coxas e puxam-me contra ele. Eu ofego ao senti-lo duro e ele quebra o nosso beijo, afastando-se alguns centímetros para me olhar no quarto iluminado pela lua, deixando a metade inferior do seu corpo pressionado contra o meu. Mantemos o contacto visual durante alguns longos segundos e quase me esqueço de respirar. Depois, ele põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha, as pontas dos seus dedos percorrem-me o maxilar e descem-me pela lateral do pescoço

até à clavícula, deixando-me trémula e cheia de desejo.

Quando o seu olhar se dirige para cima, leio a sua mente e levanto os braços para retirar os ganchos que prendem o meu cabelo, deixando-o cair sobre os ombros. Ele emite um gemido sofrido e volta a afundar a sua boca na minha, beijando-me profundamente enquanto os seus dedos se enfiam no meu cabelo.

Beijamo-nos durante muito tempo até eu começar a perder a paciência. Quero mais. E o Finn parece pressenti-lo, abrindo espaço entre nós enquanto as minhas mãos procuram os botões das suas calças de ganga. Ele procura os meus, e a minha respiração suspende-se com o seu breve toque contra a minha pele. Ele vai buscar um preservativo ao bolso de trás e puxa-me para a cama, onde tiramos as últimas peças de roupa.

Quando já está pronto para mim, aproximo-me dele, saboreando o som que lhe sai do fundo da garganta quando nos ligamos da forma mais íntima. De olhos fixos nos dele, ele empurra-se para dentro de mim.

Só mais tarde, depois de ter gritado o seu nome contra o seu pescoço, é que me ocorre que não dissemos uma única palavra um ao outro durante horas. Mas acho que já falámos o suficiente este verão.

.

– Porque é que desperdiçámos tanto tempo? – pergunta o Finn na escuridão. Os seus dedos brincam com o meu cabelo e isso está a dar-me arrepios.

– Também vou ter saudades tuas – sussurro, ouvindo as palavras que ele não disse.

– Gosto muito de ti – diz ele, virando-se para mim.

– Também gosto muito de ti – respondo.

Quando ele me dá um beijo nos lábios, consigo sentir o seu sorriso.

O som da campainha interrompe o nosso momento. De forma brusca, afasto-me dele.

– Quem será? – pergunto com preocupação quando o som se ouve novamente através da casa silenciosa. O Finn senta-se, franzindo o sobrolho, enquanto eu salto da cama e visto o meu roupão.

– Será o Michael? – pergunta ele com preocupação.

– Quem sabe? – respondo, saindo apressadamente do quarto e descendo as escadas.

Acendo a luz do exterior e o meu sangue gela. À porta, estão dois agentes da polícia.

Fiquei em estado de choque quando me deram a notícia. Os agentes da polícia perguntaram-me se estava sozinha em casa e, quando respondi que o meu amigo Finn estava no andar de cima, sugeriram-me que o chamasse.

O rosto do Finn estava totalmente pálido e cauteloso quando entrou na sala. Vestira-se à pressa e isso notava-se. Sentámo-nos longe um do outro no sofá, à espera das palavras que fariam o meu mundo desabar.

Os meus pais tinham sido apanhados num grande acidente de viação em cadeia, a caminho de Bristol, com ferimentos demasiado graves para sobreviverem. Morreram no local.

Ao princípio, senti-me entorpecida. Mas, quando compreendi... Quando me apercebi de que eles nunca mais iriam entrar por aquela porta, preparar o almoço de domingo ou uma chávena de chá... Nunca mais se importariam com o tempo que eu passava com eles... Desmoronei.

O Finn, que estava sentado ao meu lado de forma rígida, ganhou vida, abraçando-me enquanto eu gritava o meu sofrimento. Ele abraçou-me até o sol nascer, enquanto eu chorava e chorava, muito depois de os polícias nos terem deixado, e depois chamou a Rach e a Amy.

As minhas amigas vieram comigo para darmos a notícia ao Michael. A Rach teve de assumir o controlo quando eu não conseguia encontrar as palavras. Depois, sentámo-nos e os quatro chorámos juntos, comigo e o meu irmão agarrados um ao outro, à medida que o peso da responsabilidade se abatia sobre os meus ombros.

A mãe e o pai fizeram tanto pelo Michael, por nós os dois. Como é que eu algum dia conseguiria dar conta do recado?

O meu irmão voltou para o seu antigo quarto durante alguns dias, até que disse que queria voltar para casa, pelo que a sua cuidadora, a Carrie, redobrou as visitas para o ajudar.

Durante quase duas semanas, não passo mais do que alguns minutos sem

a companhia de um dos meus amigos. Se não é a Rach, é a Amy. Se não é a Amy, é o Finn. Quando a Amy ou a Rach dormiram na minha cama, comigo, o Finn ficou no sofá do andar de baixo, mas, por vezes, é ele quem me conforta durante a noite, quando acordo aos solavancos, incapaz de recuperar o fôlego, esmagada com a mais avassaladora sensação de treva. Nessas noites, ele abraça-me até eu voltar a adormecer, unidos numa intimidade extrema.

O pesadelo que se tem repetido na minha mente é o do momento imaginário do impacto, quando o velho carro clássico que os meus pais conduziam ficou desfeito, com os seus cintos de segurança simples a não oferecerem proteção suficiente, enquanto eu levava alegremente os meus amigos do festival para casa no seu BMW, apetrechado com todos os modernos equipamentos de segurança.

A culpa de saber que, enquanto eu estava a pensar em ter sexo com o Finn, a minha mãe e o meu pai estavam a dar o seu último suspiro na berma de uma autoestrada faz-me sentir desesperada.

O futuro parece-me sombrio. Já vivi o melhor dia da minha vida e só tenho vinte e dois anos. Como é que posso voltar a ser tão feliz como no dia daquele festival?

Quando me apercebi, através de uma névoa de tristeza, de que o Finn já deveria ter partido para o aeroporto há horas, ele abanou a cabeça, com uma expressão determinada.

– É que nem pensar que me vou embora – disse ele com firmeza.

Ele devia ter gravado um EP com a sua banda na semana passada, mas, em vez disso, está aqui. Comigo. Adiou a gravação; ouvi-o a discutir o assunto ao telefone com um dos seus colegas de banda e senti que eles estavam a pressioná-lo para que regressasse. O seu novo voo está marcado para o início da próxima semana, três dias depois do funeral.

Ele ajudou-me com tudo, desde a papelada e à certidão de óbito dos meus pais, até à organização do velório no St. Agnes Hotel. Não sei o que teria feito sem ele, e estou sempre a lembrar-me de que ele já tem experiência com tudo isto, que também lhe deve estar a custar. Ele precisa de voltar à sua vida.

Só não consigo suportar a ideia de ele se ir embora.

*

Na noite anterior ao funeral dos meus pais, estamos enroscados na cama, tenho a garganta e os olhos inchados de dor, todo o meu corpo está tomado pelo desespero.

– Não sei como é que algum dia voltarei a ficar bem – digo, com a voz embargada.

O Finn abraça-me contra seu peito nu, envolvendo-me no seu calor.

– Vais ficar. Vais ficar bem. Vais sentir sempre esta tristeza, e a dor fará sempre parte de ti, mas vais aprender a viver com ela.

– Como?

– Um dia de cada vez. Este primeiro ano vai ser muito difícil. Mas, no ano seguinte, começará a ser um pouco mais fácil, e ainda mais fácil no seguinte. É algo que leva tempo, Liv. Não podes apressar as coisas.

– Como é que ultrapassaste o que aconteceu?

Novas lágrimas irromperam perante as suas palavras.

– Ainda *não* ultrapassei – responde ele simplesmente, secando-me as bochechas. – *Nunca* vou ultrapassar. Mas encontrei uma forma de sobreviver, de arrumar o assunto dentro de mim, de o compartimentar. Também encontrarás uma forma de o fazer. Uma noite, vais aperceber-te de que passaste o dia inteiro sem sequer pensar neles.

– Não quero passar um dia sem pensar neles! – digo, horrorizada com a ideia, e depois desato a chorar em plenos pulmões e ele pede desculpa vezes sem conta, abraçando-me com mais força, dando-me beijos carinhosos na testa, percebendo que era demasiado cedo para eu ouvir uma coisa daquelas.

A ideia de que um dia posso deixar de pensar na minha mãe e no meu pai, que posso esquecer-me das coisas que fazíamos juntos ou do som do seu riso, das pequenas sardas no nariz da minha mãe, que só apareciam no verão, ou os pelos brancos que começavam a aparecer nas sobrancelhas do pai... é demasiado doloroso para suportar. Sinto-me novamente perdida.

– Não sei o que vou fazer sem ti – desabafo quando consigo falar outra vez.

Compreendo imediatamente que não deveria ter dito aquilo, que é colocar muita pressão numa pessoa que já fez tanto, mas eu não consigo conter-me.

O Finn fica em silêncio por uns momentos.

– Podes ligar-me sempre que quiseses – diz ele, esfregando-me as costas. – Não sei quando poderei voltar... o dinheiro está muito escasso neste momento... mas talvez possas vir tu a Los Angeles?

– E deixar o Michael? – pergunto com espanto, sentido todo o meu corpo a ficar tenso, mal conseguindo acreditar que ele o tenha sugerido, sequer.

– Ele fica bem se o deixares sozinho durante uns dias, não?

Afasto-me abruptamente e sento-me, olhando para ele.

– Estás a brincar? Não posso deixar o meu irmão agora, Finn! Não posso ir a lado nenhum!

Inspiro fundo, mas os meus pulmões não se enchem. Tento de novo e de novo, mas o meu corpo não está a cooperar.

– Ei. – Ele senta-se, preocupado, com a mão no meu ombro. – Respira, Liv. Respira.

Abano violentamente a cabeça, em pânico.

– Faz o que eu te digo – diz ele com urgência. – Inspira: um, dois, três. E expira: um, dois, três, quatro, cinco. Vá lá, Liv. Outra vez: um, dois, três...

Olho fixamente para os seus olhos e acabo por conseguir inspirar corretamente, mas o meu peito dói-me ainda mais porque esta pessoa bondosa

e doce, que já significa tanto para mim, vai partir dentro de três dias.

– Vai correr tudo bem – tenta ele tranquilizar-me de novo. – Vamos estar sempre em contacto, tentar fazer com que isto resulte, videochamadas, mensagens de texto...

– Não – interrompo-o.

Ele olha para mim, surpreendido.

– Não – volto a dizer, desta vez de forma mais suave, abanando a cabeça. – Não posso.

– Não podes o quê? – pergunta ele, cauteloso.

– Não posso fazer isso. Isto tem de acabar com a tua partida. A ideia de ires na terça-feira custa-me tanto. Mas tu vais para casa, eu vou ficar aqui, e tenho de arranjar forma de tentar colar os cacos. Preciso de encontrar forças para estar aqui para o Michael, para decidir o que raio vou fazer da minha vida se não me mudar para Londres. Mas, sempre que falarmos, sempre que nos despedirmos, vou sentir que te estou a perder outra vez. Isso vai *dar cabo de mim*. Não consigo suportar a ideia. Não quero que me telefones. Isto tem de acabar aqui – repito.

– Liv... – Ele abana a cabeça, desolado.

– E tens tanta coisa que fazer em Los Angeles – digo, porque, claro, isto não é só sobre mim. – Tens de te concentrar na banda.

Ele estende a mão e agarra a minha, apertando-a com força.

– Podíamos arranjar um plano para falar todas as semanas, ou outra coisa qualquer.

– Mas depois vou deixar a minha vida em suspenso à espera do teu telefonema. Já sei que é isso que vai acontecer. Eu conheço-me. – Mordo o meu lábio inferior, trémula, e retiro a minha mão da dele. – Tenho de me concentrar na minha vida aqui. E tu tens de fazer o mesmo.

Ele parece esmagado quando me puxa para os seus braços, enterrando o seu rosto no meu pescoço. Eu agarro-me a ele com a mesma força.

– E se eu voltar no próximo verão? – pergunta ele com a voz abafada por ter os lábios encostados à minha pele.

– Eu estarei cá. Mas não façamos promessas, está bem?

Ele acena com a cabeça contra o meu pescoço e o meu coração parte-se com a ideia de ele conhecer outra rapariga e de se apaixonar por ela, de o perder para sempre. Não sei se consigo fazer isto, afinal.

De repente, ele abana a cabeça e afasta-se de mim.

– Não. Eu *quero* fazer uma promessa. – As suas palavras convictas enchem-me de luz. – Eu *volto* no próximo verão. Não tenho qualquer expectativa de que esperes por mim, não tenho mesmo. Mas, se estivermos os dois sozinhos...

Ele não termina a frase e eu aceno, entre lágrimas, aliviada pelo compromisso a que chegámos, enquanto ele me abraça.

Pela primeira vez em duas semanas, sinto algo parecido com esperança.

Este verão

– E então eu disse: «Deves ser tu o artista!» e ele respondeu: «Não, não sou», com uma voz profundamente rabugenta, e eu disse: «Mas és tu que fazes os desenhos na praia, certo?» e ele murmurou: «Agora já não sou», e entrou no apartamento e bateu-me com a porta na cara! Dá para acreditar? – Peguei no meu copo de vinho e dou um grande gole, com os olhos arregalados de indignação. – Fulaninho rabugento.

As minhas amigas parecem muito divertidas quando partilho os pormenores do meu encontro com o hóspede do apartamento de baixo, na segunda-feira à tarde.

– Como é que ele é? – pergunta a Rach.

– Muito alto e de ombros muito largos.

– Alto e largo tipo o Dan? – pergunta a Amy.

– Não, ainda mais alto e mais largo. Deve ter um metro e noventa ou um metro e noventa e cinco, acho, e os seus ombros são mais ou menos assim... – Estendo as mãos para indicar a largura.

– É bonito? – pergunta a Rach com curiosidade.

Faço uma careta e encolho os ombros.

– Isto é, sim, tem uns olhos bonitos e um cabelo louro muito, muito escuro e uma estrutura facial muito, muito sólida.

Elas sorriem entre si.

– A que se deve esse olhar?

– Muito, muito – responde a Rach.

E, ao mesmo tempo, a Amy diz:

– Estrutura facial.

Certo, uma está a gozar com o meu vocabulário limitado e a outra está a gozar comigo por eu reparar nestas coisas. O que posso dizer? Sou escultora; presto especial atenção à forma de um crânio.

Quanto a ter espaço mental para formar frases eloquentes, tenho

trabalhado que nem uma doida e estou exausta.

– O que é que significa «cabelo louro muito, muito escuro»? Não é castanho?

– Não, é louro muito, muito escuro – insisto. – Se apanhar sol, de certeza que ficará de um louro mais claro.

A Amy desata-se a rir das minhas conjecturas.

– Tens a certeza de que é ele o artista da areia? – pergunta a Rach ao som das risadas da Amy.

– Bem, mais ninguém voltou a desenhar na areia esta semana, por isso, presumo que sim. E ele disse: «Agora já não.» – Faço uma voz estúpida e profunda, imitando-o.

– Irrita-me que ele tenha reservado a casa para todo o mês de junho – diz a Rach, arreliada. – Estava desejosa de fazer uns churrascos de verão em tua casa.

Ainda bem que ele o fez, porque não posso abrir mão desse tipo de dinheiro, mas percebo o que ela quer dizer. A perspectiva de poder usar o jardim seria o único lado positivo de um cancelamento.

O apartamento do andar de baixo está reservado todas as semanas até ao final de setembro, por isso, temos de esperar que o início de outubro seja ameno e que possamos fazer algumas festas ao ar livre. Sinto falta de ter acesso ao jardim quando os hóspedes estão cá.

– Amy, o que queres que faça com as cenouras? – pergunta o Dan, da cozinha.

– Deixa-as estar durante mais algum tempo. Vou fazê-las com melaço de romã e xarope de ácer – responde ela.

– Uh, chique – interpõe a Rach.

A Amy e o Dan são ambos excelentes cozinheiros. A Amy é parteira e o Dan é contabilista, mas, às vezes, peço-lhes que desistam dos seus empregos e venham trabalhar comigo no Seaglass. Jantar com eles é sempre um prazer e, depois, quase posso rebolar até casa, uma vez que eles vivem no cimo de uma colina nos arredores da aldeia.

– Já resolveste o problema com a fotógrafa? – pergunto à Amy, espetando uma azeitona com um palito e levando-a à boca.

– Sim, ela chamou o sobrinho para a ajudar – responde ela.

A Amy e o Dan vão casar-se daqui a pouco tempo e acabaram de descobrir que o assistente habitual da fotógrafa se tinha enganado ao fazer a marcação.

Estou tão feliz por dois dos meus amigos mais chegados estarem prestes a dar o nó, mas sei que esse fim de semana vai ser agridoce, quando chegar. Escolheram o dia 10 de agosto, que é a véspera do sexto aniversário da morte dos meus pais.

Eles tiveram dificuldade em reservar um local para o copo-de-água, portanto, acho que a Amy nem pensou no significado que a data teria para mim. Não costumo fazer grande alarido em relação ao tema, pelo menos não

com os meus amigos.

Sinto uma pontada no estômago quando me pergunto, não pela primeira vez, se o Finn voltará este verão. De certeza que ele vai querer estar presente no casamento, quanto mais não seja...

– Estou mesmo triste por ele ter deixado de desenhar na areia – diz a Amy, do nada, voltando ao assunto do nosso artista misterioso. – Estava à espera de ver os seus desenhos ao vivo

– Eram mesmo bons – respondo com tristeza.

– As fotografias que publicaste estavam incríveis – diz a Rach.

Não cheguei a fotografar a rapariga na areia. Ela já havia sido levada pela água quando regressei ao trabalho, nesse dia e, por razões que não compreendo, não consegui falar dela a mais ninguém.

Ela.

Isto é, *eu*.

Pelo menos, acho que era eu.

– Ainda não acredito que ele tenha desenhado uma floresta inteira – diz a Rach.

– E tu pediste isso no Instagram! Achas que ele viu a publicação?

– Só pode – diz a Amy.

Eu concordo.

O Dan aparece vindo da cozinha.

– De que é que vocês estão a falar? – pergunta ele, começando a massajar os ombros da Amy. Ela geme, com a cabeça a inclinar-se para trás.

– Arte desenhada na areia – respondo, enquanto a Rach se finge agoniada.

– Não podes falar! – digo à Rach. – Tu e a Ellie são igualmente melosas.

– Nós não nos pomos com demonstrações públicas de afeto – argumenta ela. – Pelo menos, não com *intenção*.

A Ellie é a namorada da Rach. Eu e a Amy só descobrimos há uns anos que a Rach é bissexual. Ela costumava ter um fraquinho pelo Chris, um dos colegas de banda do Dan, e, quando andávamos na escola, passava-se se alguém lhe chamava lésbica. Ela sempre foi uma surfista maria-rapaz, com as suas *t-shirts* largas e calções de banho compridos.

Afinal, o que a incomodava era mais a suposição do que o rótulo.

– Na verdade, vocês são *todos* asquerosos – declaro casualmente, a única solteira da mesa.

O Dan tira as mãos dos ombros de Amy e a cabeça dela volta à posição vertical. Não queria que ele parasse por minha causa, mas distraio-me com a música que sai da coluna.

– Podes passar esta à frente? – pergunto. O Dan franze o sobrolho na minha direção.

– É a «Sweater Weather», dos Neighbourhood. Nós nem sequer *tocámos* esta.

– Eu sei, mas lembra-me ele e a sua camisola esburacada.

A Amy e a Rach trocam olhares.

– Vá, não é nada de especial – digo um pouco impaciente. – Podes, por favor, passar à frente?

Estou a aguentar-me bem; não é preciso porem-me obstáculos no caminho.

O Dan pega no seu telemóvel. O meu alívio não dura mais do que alguns segundos porque «Sold», dos Liily é a música seguinte.

– *Grrrrrr*, não!

– Este *single* ainda não tinha saído quando ele era vocalista da banda! – exclama o Dan perante a minha reação.

– Sim, mas ele pôs o EP deles no Seaglass, há uns anos. – Depois disso, adicionei-o à minha pasta de «Música». – Achas que podemos ter uma *playlist* diferente?

Sou uma convidada de merda, mas o Dan, abençoado seja, nem sequer bufa.

– O que é que queres ouvir? – pergunta-me ele placidamente.

– Hum, *jazz*?

– Odeio *jazz*, Liv, e tu sabes.

– Não sei porque é que disse *jazz*. Também não sou fã.

Mas na semana passada escolhemos *hip hop* e, antes disso, foi *pop* e ele vetou o *R&B* na semana anterior a essa.

– Não me interessa o que pões, desde que não seja *rock*, *alt-rock*, *indie rock* ou outra coisa qualquer que me faça pensar numa certa pessoa. – Nem sequer consigo levar-me a dizer o seu nome.

– Isso exclui todas as minhas canções favoritas – responde o Dan.

– Porra, quanto tempo é que isto vai durar? – resmunga a Rach. – É bom que já o tenhas esquecido quando eles fizeram a *playlist* do seu casamento.

– Billie Eilish? – sugere a Amy, ignorando a Rach, enquanto eu sinto um pico de ansiedade perante as suas palavras.

– Ótimo – responde o Dan, e, instantes depois, o novo álbum da Billie começa a emanar sonhadoramente das colunas.

Respiro de alívio e descontraio.

A Rach estende a mão e dá-me uma palmadinha brusca mas consoladora.

A Amy vai mais longe e enche-me o copo de vinho.

Adoro as minhas amigas.

.

Só volto a ver o Tom no final da manhã de sábado. Acabei de descer as escadas com a esfregona, o balde e o aspirador, e estou encalorada e suada porque tive de subir a colina para, primeiro, ir buscar o meu carro. Durante o verão, deixo-o no exterior, à porta da casa da Amy e do Dan, porque a rua deles é sossegada e não tenho de pagar estacionamento.

O apartamento de baixo tem estado absolutamente silencioso durante

toda a semana. Aqui e ali, ouvi o Tom a movimentar-se, mas foi raro. Tanto quando sei, não ligou a televisão, o rádio, nem pôs música a tocar, e estou curiosa com o que ele tem andado a fazer lá em baixo.

Quando saio pela porta da frente, tentando não lascar a pintura da ombreira como aconteceu no fim de semana passado, vejo-o a subir a colina, vindo da praia. Está a usar calções cinzentos-claros, Vans aos quadrados pretos e brancos, e uma *t-shirt* branca imaculada. Porque é que, de repente, me sinto nervosa?

– Olá – cumprimento, numa tentativa de parecer amistosa, enquanto tento abrir a bagageira do meu Honda Civic azul. O acessório do aspirador solta-se e cai no chão quando estou a pô-lo no porta-bagagens, e depois o cabo da esfregona escorrega-me da mão e, no esforço para o apanhar, a ele e à mangueira do aspirador, deixo cair o balde com todos os meus produtos de limpeza.

Praguejo entredentes quando as embalagens, esponjas e panos do pó se espalham.

O Tom acelera o passo e apanha as latas de limpa-fornos e inseticidas, que rolam pelo asfalto.

Um carro passa por nós devagar e o condutor olha para mim com censura, através da janela lateral aberta.

– Desculpe! – digo, tirando o meu saco de pano do ombro e metendo-o na bagageira.

O Tom baixa-se para apanhar os panos do pó e entrega-os. Os seus músculos são compridos e flexíveis, e excepcionalmente bem definidos.

– Obrigada – murmuro, sentindo o meu rosto a aquecer.

– Porque é que não estacionas na entrada? – pergunta ele.

– Porque o andar de baixo está reservado para ti.

Limpo a testa, desejando ter prendido o meu cabelo ondulado, que agora não me chega aos ombros.

– Mas eu não tenho carro – responde ele enquanto eu tento arrumar a tralha na bagageira de modo a que tudo caiba. A sua voz é grave e tem um sotaque subtil. Pergunto-me de onde será.

– É a primeira vez que um hóspede não traz carro – admito, ao mesmo tempo que enfio o cabo da esfregona por entre os bancos traseiros.

Onde raios está o abrilhantador de móveis? Espreito por baixo do para-choques. A proprietária das casas de férias que administro insiste que as suas mesas de madeira estejam sempre a reluzir.

Desvio-me de outro carro que passa por nós lentamente, detestando estar a atrasar o trânsito. Aqui, só há espaço suficiente para eu encostar e para as pessoas continuarem a passar. Se uma ambulância ou um camião de entregas precisasse de passar, eu poderia arranjar sarilhos.

– Seja como for, na entrada há espaço para dois carros – diz ele.

– Os meus hóspedes costumam ter filhos, um cão, ou as duas coisas, por isso não querem que eu esteja sempre a entrar e a sair pelo portão – digo

distraidamente, continuando à procura da lata no chão.

– Não tenho filhos, nem cão. O que é que te falta?

– O abrilhantador de móveis.

Ele volta-se e examina à volta, encontrando a lata perdida alguns metros mais abaixo, presa num feto que cresce na base do muro de pedra áspera.

– Obrigada – digo, quando ele ma entrega.

Atiro-a para a bagageira e fecho-a com força.

– Podes estacionar na entrada, não me importo – oferece ele, enfiando as mãos nos bolsos. Está a olhar para a casa, mas depois volta a fitar-me diretamente e, mais uma vez, fico impressionada com o tom invulgar dos seus olhos, cor de mel, dourados e castanhos.

– A sério? – pergunto, hesitante, olhando para ele.

Ele fala de modo cortês, mas não diria que é alguém da alta-sociedade. É educado. Tem boas maneiras. Talvez não seja o idiota que eu supus que fosse.

– Claro. Onde é que costumavas estacionar? – Ele raspa o pavimento com o sapato, parecendo desconfortável.

– À porta da casa dos meus amigos, na aldeia.

– O verão inteiro? Isso é uma chatice.

– É, um bocado.

– Então estaciona na entrada – sugere ele simplesmente, tirando as chaves do bolso e afastando-se.

– De certeza?

– Absoluta.

Quando arranco, ele já está dentro de casa, com a porta fechada.

.

Penso duas vezes em aceitar a oferta do Tom. Na verdade, penso umas dez vezes antes de decidir. Mas, que se lixe, isso vai facilitar-me a vida.

Quando regresso, paro em frente ao portão e saio, empurrando as duas portas para o abrir, fazendo mais força do que o costume. Tomo nota mentalmente de que tenho de lubrificar as dobradiças antes da chegada dos meus próximos hóspedes, daqui a três semanas.

Ao passar pelos portões abertos, estaciono o carro na esquina, para que fique o mais longe possível da vista do apartamento de baixo. Não sou muito bem-sucedida nisso, porque, quando saio do lugar do condutor, consigo olhar diretamente para a janela de canto da cozinha, onde o Tom está sentado no banco, virado para fora, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas. Olhamo-nos por um momento, antes de eu desviar o olhar, atrapalhada.

Enquanto esvazio a bagageira, ouço o som das pesadas portas de vidro do pátio a abrirem-se.

– Precisas de ajuda para trazer as coisas para dentro? – pergunta ele.

– Oh, não é preciso – respondo, não querendo incomodá-lo.

Ele ignora-me e, quando dou por mim, está ao meu lado, a levantar o

pesado aspirador como se fosse tão leve como uma pena.

– Obrigada – murmuro.

– Onde queres que ponha? – pergunta ele, tirando-me o balde de material de limpeza da mão.

– À porta de casa seria ótimo – respondo, ligeiramente surpreendida com seu cavalheirismo.

Limito-me a segui-lo com a esfregona e o meu saco de pano ao ombro, enquanto ele se encaminha até à porta, esperando que eu procure as chaves.

– Quantas outras propriedades geres? – pergunta ele.

– Três.

– E já as limpaste a todas?

Saco das minhas chaves, triunfante.

– Trabalho depressa.

– Claramente.

– E agora tenho de ir para o meu outro emprego – digo enquanto abro a porta da frente e entro para o corredor.

– O bar na praia? – pergunta ele, enquanto abre a porta principal.

– Sim.

Olho para ele enquanto abro a fechadura do meu apartamento.

Por que é que ele apareceu, e tão falador? Estará aborrecido? Talvez se sinta só. A verdade é que veio *sozinho*.

– Tentei lá ir na sexta-feira passada, mas depois ainda não voltei lá.

– Eu sei. – *Porque é que ele ainda não voltou?* – Entraste e eu disse-te que ainda não estávamos abertos.

– Esperava que te tivesses esquecido disso. Eu não estava de muito bom humor, naquele dia. Desculpa ter sido mal-educado.

– Deixa lá, era cedo. De onde é que vieste? Importas-te de transportar isso lá para cima?

– Caernarfon – responde ele enquanto me segue.

– País de Gales?

– Sim.

O seu sotaque não parece galês. Viro em direção à cozinha e encosto o cabo da esfregona à parede. Ele pousa o aspirador no chão, juntamente com o balde.

Esta divisão faz parte da casa original, com paredes grossas e irregulares, havendo apenas uma janela quadrada ao fundo de um peitoril profundo. Ele parece especialmente alto e largo naquele espaço exíguo.

– Obrigada pela tua ajuda – digo.

– Sem problema.

Quando desce as escadas, olha para mim por cima do ombro, provavelmente perguntando-se porque é que eu vou atrás dele.

– Tenho de fechar o portão – explico quando chego ao corredor.

– Eu trato disso – responde ele, virando-se na soleira da porta para me encarar.

– Está um pouco pouco – aviso.

– Cá me arranjo. – As suas sobrancelhas franzem-se, preocupadas, enquanto ele acena com a cabeça para a minha escada. – Sabes, não devias deixar homens estranhos entrarem assim no teu apartamento.

– Não és um homem estranho, és um hóspede. Tenho o teu nome e a tua morada no formulário de reserva.

Encosto-me à ombreira da porta e cruzo os braços sobre o peito.

– Isso não é garante de segurança – responde ele, com um tom inesperadamente suave.

Os seus olhos estão cheios de preocupação enquanto me fita.

Nesse instante, tenho uma sensação estranha dentro de mim. É como se houvesse borboletas a saírem das suas crisálidas e a esticarem as asas.

– Estou certa de que ficarei bem.

Acho que há muito tempo que ninguém se mostrava tão protetor comigo desta forma.

Como é que ele passou de grosseiro e direto, sem sequer responder ao meu *e-mail*, a gentil e atencioso?

– Recebeste o meu *e-mail*? – dou por mim a dizer, subitamente desesperada por compreender a sua personalidade instável.

As imagens que ele criou na areia eram tão bonitas. *Quero* gostar dele.

Ele parece confuso.

– Aquele em que me disste que a hora do *check-in* era às quatro?

– Não, aquele em que dizia que consegui preparar a casa para o meio-dia.

Os seus olhos arregalam-se e ele abana a cabeça.

– Não, não vi.

– Oh! – A minha expressão fica desanimada.

– Fiquei sem bateria no telemóvel. Cheguei às quatro, como disste.

– Porra, que *chatice* – digo eu.

– Peço desculpa.

– Não, eu queria dizer uma *chatice* para *ti*. Tiveste de esperar quase nove horas.

– Onze, para ser exato.

– A sério? – Estou chocada.

– Cheguei aqui às cinco.

– E sem carro?

– Comboios, autocarros, a pé.

– Quanto tempo é que isso demorou?

– Um bom bocado. Não quero voltar a pensar nisso.

– Lamento.

– Não, eu é que lamento que tenhas feito um esforço para preparar a casa mais cedo.

– Não viste o meu *e-mail* desde então? – pergunto, surpreendida, ainda de pé, no umbral.

Ele abana a cabeça.

– Ainda não carreguei o telefone.

– Precisas de um carregador? Devo ter sobressalentes.

– Não, eu... – A sua frase fica a meio. – Para ser franco, é de propósito – confessa ele com relutância. – Estou a tentar fazer uma pausa.

Uma pausa *de quê?* Dos amigos? Da família? Da *mulher*? Olho para a sua mão esquerda, mas não tem qualquer aliança de casamento no dedo. Namorada? Colegas de trabalho? Será que trabalha? Não tem ar de vagabundo, mas um mês é muito tempo para tirar férias. Será que tem emprego? Terá *perdido* o emprego? Trabalhará a partir de casa?

– Viste a minha publicação no Instagram? – pergunto com curiosidade.

Pela forma como ele tem estado a observar as minhas engrenagens mentais a funcionar, acho que ficou surpreendido por ser *esta* a minha pergunta.

– Que publicação?

– Na página de Instagram do Seaglass.

Ele abana a cabeça, confuso.

– Não estou *online* desde a passada sexta-feira de manhã.

– Então a floresta foi ideia tua – digo em voz baixa.

Ele olha para mim do alto do seu metro e noventa. O seu contacto visual é inquietantemente firme. E, depois, faz-me um pequeno aceno de confirmação e todas as minhas borboletas despertam, em simultâneo, e começam a bater as asas.

Ele estremece e dá um passo atrás, como se algo tivesse despertado nele também.

– Vou deixar-te sossegada – diz ele. Depois, vira-se e dirige-se ao portão da entrada.

Fecho a porta, trémula, e pergunto-me porque é que o chão parece tão instável.

– Está um homem lá em cima que perguntou por ti – diz a Libby, o mais recente membro da equipa, no domingo à tarde, quando regresso ao Seaglass com um saco de limões. O meu coração dá um pulo. *Finn?*

– Como é que ele é?

– Muito alto e largo.

Uma descrição que me é familiar.

– O que é que ele disse? – sussurro em tom conspiratório, colocando os limões numa taça, atrás do balcão. O nosso fornecedor habitual não os trouxe, esta manhã.

– Perguntou se hoje estavas a trabalhar.

Tiro a gabardina e guardo-a debaixo do balcão.

– Ele está na zona dos sofás – acrescenta ela.

Sinto-me nervosa ao subir as escadas, e ainda mais nervosa quando vejo o Tom na outra ponta da sala, a relaxar no sofá com vista para o mar, com um tornozelo apoiado no joelho da perna oposta. Numa das mãos segura um livro de bolso aberto e de aspeto gasto. Na outra, uma chávena de café.

O dia está quase a chegar ao fim, e ele é a única pessoa cá em cima. Espreito pela portinhola de serviço e vejo que as limpezas já estão em curso, na cozinha. É provável que deixe o pessoal ir para casa mais cedo.

O Tom olha-me de relance, endireita-se e fecha o livro, enquanto eu serpenteio por entre as mesas.

– Olá – diz ele, esboçando um pequeno sorriso que desencadeia uma desconcertante reação em cadeia vibratória no meu peito.

– Ei.

Ele usa uma *t-shirt* cinzenta-clara de mangas compridas, com as mangas arregaçadas por cima dos seus antebraços tonificados e bronzeados. As calças de ganga azuis desbotadas estão muito gastas nos joelhos e a sua roupa está húmida da chuva, tal como o cabelo: ainda dá para perceber os sítios onde ele

penteou com os dedos as suas madeixas mais compridas, no topo.

– Encontraste-o nas prateleiras? – pergunto gentilmente, fazendo sinal com a cabeça para o nosso expositor de troca de livros, com o alegre letreiro que eu própria pintei: *Leve um, mas depois devolva ou substitua por outro, por favor!*

– Sim – responde ele, virando o livro para que possa ver o que escolheu.

– *O Apelo Selvagem*, de Jack London – leio em voz alta. – É bom?

– Até agora, estou a gostar. Também apanhaste a chuvada? – pergunta ele, enquanto eu penteio o cabelo com as mãos, tentando evitar que fique frisado.

Ainda me surpreendo quando os meus dedos passam por entre o meu cabelo e não ficam presos nele.

– Sim, tive de ir ao supermercado. Está agreste, lá fora.

Apoio-me no braço do sofá em frente a ele. Há uma mancha de humidade junto à bainha do meu vestido de verão azul e branco, mas o material é tão fino que depressa secará. Subitamente, sinto vontade de me sentar e conversar. Tencionava usar este bocado sem nada que fazer para criar algumas publicações para as redes sociais, mas isso pode esperar.

– Vou preparar uma chávena de chá para mim. Queres outro café? Ou um chá?

– Sim, claro. Aceito um chá. Obrigado.

Levanto-me e ele leva a mão ao bolso ruço das suas calças de ganga, tirando a carteira.

– Não, é por minha conta – digo.

Ele parece surpreendido.

– A sério?

– Sim.

Os nervos ainda pulsam dentro de mim quando volto com as duas canecas. Não sei porque é que ele me deixa tão nervosa.

– Devia ter perguntado se querias bolo – digo, pousando-as na mesa de centro.

– Fica para próxima. – Ele olha em redor enquanto eu me sento no sofá à sua frente. – É agradável, isto, cá em cima.

– Obrigada. Esta zona de relaxamento tem sido uma espécie de projeto pessoal.

– Como assim?

Quando assumi as rédeas, na Páscoa, ainda faltava conferir alguma atmosfera ao restaurante do andar de cima, apesar da remodelação por que o Seaglass passou no ano passado. Achei que teria a ganhar em ser um espaço mais acolhedor, por isso, trouxe de casa os nossos antigos e confortáveis sofás cinzentos-claros e comprei outros novos para os meus hóspedes. Já tínhamos pintado a parede do fundo, forrada a ripas de madeira, com um tom mais escuro, de castanho-café, para condizer com as ripas do bar do andar de baixo. Então, dei o mesmo tratamento a uma estante e a uma mesa de centro que

encontrei numa loja de artigos em segunda mão. Eu e a restante equipa pintámos as paredes laterais, em tijolo, de azul-marinho e montámos uma série de prateleiras prateadas, espaçadas aleatoriamente, que enchemos de livros usados. Também trouxe algumas suculentas em vasos verdes, para o peitoril da janela lateral, e pendurei luzes nas paredes e no teto. Neste momento, estão a conferir um brilho quente à sala.

– Fiz umas obras aqui em cima – é o que respondo ao Tom, deixando de lado a longa explicação.

– Trabalhas aqui há muito tempo? – pergunta ele.

– Este é o meu sétimo verão, embora seja o primeiro como gerente. Fechamos as escotilhas durante o inverno. Já tivemos tempestades que quase destruíram tudo.

As sobranceiras dele arqueiam-se muito.

– Eu própria assisti a uma delas a partir das falésias. – Aponto por cima do meu ombro, para as janelas panorâmicas viradas para o mar. – A ondulação avançou muito e os salpicos das ondas chegaram cá em cima.

É espantoso, se virmos bem. Atualmente, estamos num terceiro andar. O piso inferior, junto à rampa para os barcos, é a nossa cave; tem de ser esvaziada todos os outonos porque inunda.

– Então este sítio só abre no verão? – pergunta ele, esticando o braço para pegar na caneca de chá pousada na mesa.

– Da Páscoa a meados de outubro.

– E o que é que fazes no resto do tempo? – Ele recosta-se no sofá, apoiando novamente o tornozelo sobre o joelho e parecendo muito mais descontraído do que eu me sinto.

– Continuo a gerir quatro propriedades, mas é muito mais calmo, não é como durante o verão. Trabalho todas as horas que consigo para, depois, poder tirar o inverno para esculpir.

– Esculpir? – Uma vez mais, as suas sobranceiras são um salto.

Eu aceno com a cabeça.

– És escultora?

– Sim – digo eu, a sorrir.

– Esculturas de quê?

– Pessoas, sobretudo.

Os seus olhos castanho-dourados pousam nos meus, a sua expressão é afetuosa e cheia de admiração. Agora sou eu que me sinto tímida. Olho para a mesa de centro e reparo que está lá um iPhone.

– Carregaste o teu telemóvel?

– Sim, ontem à noite. – Ele estende o braço e pega nele. O ecrã acende-se e revela um protetor de ecrã com uma paisagem marítima azul-acinzentada. – Tenho andado a ver a página de Instagram deste sítio – confessa, e tenho a certeza de que está a tentar reprimir um sorriso mais largo.

– Viste as minhas fotografias? – pergunto com entusiasmo.

– Perguntei-me se terias sido tu a tirá-las.

– Sou eu que administro a página. Nem queria acreditar quando cheguei ao trabalho naquele dia e vi a tua árvore. E as duas seguintes. E a floresta. – *E a rapariga...* – Tens muito talento.

Ele parece embaraçado com o elogio.

– Não, foi só uma brincadeira.

– Ficaram incríveis! – digo, entusiasmada. – Não subestimes o teu trabalho! Mas disseste que não és artista?

Ele abana a cabeça.

– Costumava desenhar quando era mais novo. Há anos que não o faço.

– Porque não?

Ele franze o nariz de forma muito gira.

– Acho que é porque os meus pais me desencorajaram.

– E porquê?

Os meus pensamentos vão para a minha mãe e o meu pai, que sempre apoiaram as minhas escolhas, mesmo que nem sempre fossem as que eles teriam preferido.

– Queriam que eu arranjasse um emprego a sério.

Ao dizê-lo, não parece aborrecido. O seu tom é de aceitação.

– E arranjaste? – Não resisto a perguntar.

Ele faz-me um pequeno aceno, mas não me olha nos olhos enquanto abre a página de Instagram do Seaglass.

– Estive na Marinha durante alguns anos e depois mudei para a área de busca e salvamento.

A sua voz é baixa enquanto percorre as imagens no ecrã.

– Uau! A fazer o quê?

– Pilotar helicópteros.

– Que coisa tão fixe! – Inclino-me para diante. – Onde? No País de Gales?

Ele olha para cima, mas os seus olhos não refletem o meu entusiasmo.

– Principalmente na área em torno de Snowdonia e do mar da Irlanda.

– Não pareces galês. De onde é o teu sotaque?

– Norfolk.

– Ah! – É suave, apenas uma ligeira entoação.

Ele volta a olhar para o telemóvel. Eu decido prosseguir com a conversa.

– Normalmente não recebemos tantos comentários numa publicação de Instagram, por isso és talentoso, quer gostes quer não – saliento, pegando na minha caneca e dando um gole.

Ele olha para cima e dá-me um *enorme* sorriso. Ele é *espetacularmente* bonito quando sorri.

– Também escreveste os textos? – pergunta ele, inclinando o telemóvel para me mostrar o segundo dos seus desenhos artísticos na areia.

– Sim.

– Então *tu* disseste: «Gostaríamos de ter uma floresta inteira, por favor»? – diz ele, lendo a partir do telemóvel e depois levantando os olhos mais uma

vez para encontrar os meus.

– Sim.

A sua expressão é de incredulidade.

– As minhas amigas e eu achámos que devias ter visto a publicação.

– Não. – Ele abana a cabeça. E depois ri-se. O som é quente, profundo e encantador.

– Viste-me a andar pelo caminho que desenhaste?

Suspeito que ele era o homem que estava sentado nas falésias, mas estava tão afastado que não posso ter a certeza.

– Sim – confirma ele, adotando uma expressão mais circunspeta.

– Então, a rapariga que desenhaste no quarto dia era eu?

Não sei porque me sinto tão agitada, à espera da sua resposta. Ele acena com a cabeça e desvia o olhar, depois volta a olhar para mim, com as sobrancelhas franzidas.

– Apercebi-me, mais tarde, de que provavelmente te assustei.

– Não – digo, abanando a cabeça.

– Ainda não acredito que vieste atrás de mim – diz ele com um pequeno sorriso.

– Não consegui conter-me – murmuro, olhando para ele.

Após alguns segundos de contacto visual, começo a sentir-me estranhamente quente e arrepiada. Pegó na minha caneca, com a cara a arder.

Já há muito tempo que nenhum homem me fazia sentir assim, mas não há como negar que isto é atração na sua forma mais pura.

Eu e o Tom somos interrompidos pelo Bill, o nosso chefe de cozinha, que aparece ao virar da esquina da cozinha.

– Vamos embora agora, Liv, está bem?

– Sim, claro.

Levanto-me e atravesso a sala, até ao sítio onde o subchefe e o copeiro estão a vestir os seus casacos.

Sigo-os escadas abaixo. Lá fora, o céu está escuro e ameaçador, embora, pelo menos, a chuva pareça ter parado.

A Libby está sentada num banco ao balcão, a trabalhar no seu portátil, enquanto o nosso copeiro de cabelo desgrenhado, o Seb, esvazia a máquina de lavar louça. O Kwame, um dos dois especialistas em *cocktails* que contratei, está na outra ponta do bar, a olhar para o telemóvel. As nossas empregadas de mesa estão sentadas, à conversa. O sítio está deserto, à exceção do pessoal e do Tom, lá em cima.

Ainda não são cinco da tarde e, tecnicamente, estamos abertos até às seis aos domingos, mas não me parece que mais ninguém vá enfrentar os elementos, esta tarde.

– Depois de fazerem as limpezas, podem ir para casa – digo às empregadas de mesa. Elas levantam-se, satisfeitas, e dirigem-se para as escadas.

– Vocês também – digo aos empregados do bar. – Vou fechar a porta.

O Seb guarda apressadamente os últimos copos e o Kwame guarda o telemóvel no bolso.

O Kwame acha que me está a fazer um favor ao trabalhar aqui e, para ser franca, está mesmo. Ver a forma como ele se diverte enquanto prepara os *cocktails* é um espetáculo. Além de que também é lindo de morrer, com um braço todo cheio de tatuagens que as mulheres bêbadas estão sempre a tentar ver mais de perto.

– De certeza? – pergunta-me a Libby, consultando o relógio.

– Tenho a certeza. Vai à tua vida.

A Libby vai gostar de ter este tempo extra em casa. Ela é estilista e faz roupas para algumas das lojas locais. Somos espíritos afins, trabalhamos todas as horas que conseguimos na hotelaria para, depois, podermos fazer aquilo de que mais gostamos. Ela mudou-se recentemente para Aggie com o namorado, o Luke, o nosso segundo especialista em *cocktails*.

O Tom aparece com as nossas canecas vazias.

– Desculpa, eu sei que estão a pôr as cadeiras nas mesas, lá em cima, mas continuamos abertos. Não precisas de sair – digo eu.

– Tudo bem, obrigado. Estava a planear voltar à Casa da Praia para petiscar qualquer coisa.

– Oh, certo. O que é que vais comer? – pergunto em tom de conversa.

– Apetece-me um hambúrguer, mas o tempo não está bom para acender o grelhador. Talvez faça frango à mexicana e congele o que sobrar.

– Parece-me bem.

– Se quiseres juntar-te a mim, és bem-vinda.

O seu sorriso é genuíno, caloroso, e derrete qualquer coisa em mim, mas sinto-me envergonhada por, inadvertidamente, me ter feito convidada.

– Oh, eu não queria dizer...

– Tens planos?

– Não – admito, com alguma hesitação.

– Comes frango?

– Sim. – Esboço um sorriso tímido e acrescento: – Aceito o convite com muito gosto, obrigada.

Ele espera por mim enquanto o pessoal arruma as coisas e se vai embora, e depois dou uma última vista de olhos ao andar de cima antes de pegar no meu casaco. Ainda está ensopado e ele repara nisso, tirando-o das minhas mãos e segurando-o aberto para que eu possa vesti-lo mais facilmente. É um gesto tão gentil. Não sei quando foi a última vez que alguém me segurou um casaco ou uma porta, que é aquilo que ele faz a seguir.

De volta à casa, ele abre a porta de entrada do apartamento de baixo, conduzindo-nos pela sala de estar até à zona de refeições nas traseiras. Acende as luzes por cima da ilha central e as lâmpadas de halogéneo, reduzindo a intensidade destas para um nível confortável. Quando larga o telemóvel e as chaves na ilha, ocorre-me um pensamento, juntamente com uma sensação de *déjà vu*: *ele parece sentir-se realmente em casa, aqui*.

– O que queres beber?

– Oh, vou lá acima num instante buscar uma garrafa! – apresso-me a dizer, lembrando-me das minhas boas maneiras.

Num gesto rápido, ele estende a mão e agarra-me o pulso, fazendo-me parar de repente.

– Não sejas tola. Tenho aqui muitas opções – insiste ele, soltando a mão.

– O que te apetece?

– Talvez um copo de vinho? Tinto, se tiveres? – A minha voz sai muito mais firme do que me sinto. Sinto o pulso a escaldar no sítio onde ele me tocou.

– Sim.

Ele vai até à garrafeira, do outro lado da mesa de jantar, enquanto eu fico de pé a olhar em volta, sentindo-me algo inútil. Quando regressa à cozinha, tira um banco de debaixo do móvel da ilha e esboça um pequeno sorriso antes de abrir uma gaveta, à procura de um saca-rolhas.

– É a gaveta seguinte, a de baixo – digo, aceitando com gratidão o assento que ele me ofereceu.

Ele segue as minhas instruções e puxa do saca-rolhas, olhando-me contemplativamente.

– Isto deve ser estranho, não? Teres desconhecidos em tua casa?

Encolho um ombro.

– Já estou habituada.

– Aposto que não. Esta divisão é tão bonita. Deves sentir falta dela quando tens cá pessoas.

Fico contente por ele não me chamar sortuda, como fazem alguns dos meus hóspedes. Sei que, vindo de fora, devo parecer, mas esta casa não me veio parar às mãos por sorte.

– É especial – concordo, olhando em volta. – Sobretudo quando comparada com a minha microcozinha. Que tu viste – acrescento com um sorriso, enquanto ele serve dois copos de vinho e empurra um na minha direção.

– Obrigada.

Sigo os seus movimentos ágeis enquanto ele liga a chaleira e tira os ingredientes do frigorífico e dos armários. A *t-shirt* de manga comprida abraça-lhe o corpo nos sítios certos, realçando os ombros tonificados, os músculos ondulantes nas costas e os bíceps bem definidos. Os seus músculos são compridos e delgados, em comparação com a sua estrutura alta e larga – a sua constituição não é a de um tanque de guerra.

– Há quanto tempo vives aqui? – pergunta ele, enquanto põe uma frigideira sobre o fogão e aumenta o lume.

Tenho de puxar pela cabeça antes de responder.

– Quinze anos.

– Que idade tens? – pergunta ele, franzindo o sobrolho, deitando água a ferver sobre malaguetas secas, para as reidratar.

– Vinte e oito. E tu?

– Trinta e dois.

– Eu tinha treze anos quando eu e a minha família nos mudámos para cá – revelo enquanto ele começa a refogar os dentes de alho inteiros e os tomates-cereja que acabou de deitar na frigideira.

– Família?

Engulo em seco.

– Os meus pais faleceram há quase seis anos.

A sua expressão fica subitamente desolada, e a mão paira no ar, a caminho de cortar uma cebola.

– Oh, céus! Lamento muito.

– Está tudo bem. – É claro que não está tudo bem. – Morreram num acidente de automóvel – revelo, para o poupar a conjecturas.

Ele parece destroçado enquanto pousa a faca na tábua, voltando para mim toda a sua atenção.

– És filha única?

– Eu tenho um irmão mais velho. Ele mora em Stippy Stappy. Talvez já tenhas passado por lá, a caminho da padaria e do Hotel St. Agnes. Sabes aquela bonita fila de casas vitorianas de um dos lados da colina?

– Sei a quais te referes. São antigas casas de mineiros?

– Penso que, inicialmente, foram construídas para capitães de navios.

Ele sacode o conteúdo da frigideira e pega novamente na faca, cortando a cebola.

– Esta zona é muito interessante.

– E o que é que te trouxe cá? – Ele fica tenso. – Isto é, porque escolheste a Cornualha? – emendo à pressa, intuindo que ele preferia não falar do motivo pelo qual tirou um mês de férias, aparentemente.

– Vim de visita quando era miúdo e adorei – responde, concentrado no que está a fazer. – O meu avô vivia na península de Lizard, perto de Helston. Ele levava-me a ver os Sea Kings a descolar da Base Aérea da Marinha, em Culdrose.

– Fiquei triste quando deixaram de voar – digo, aludindo aos poderosos helicópteros amarelos brilhantes que a Marinha costumava usar para operações de busca e salvamento. Hoje em dia, o serviço é gerido por uma empresa privada. Pergunto-me se é para ela que o Tom trabalha.

– Também eu – responde ele, tirando um liquidificador do armário e ligando-o à corrente.

– Posso ajudar? – ocorre-me perguntar, mais tarde do que devia.

– Não, descontrai simplesmente.

Bebo um gole de vinho e apercebo-me de que descontrai. Sinto-me estranhamente à vontade na sua companhia, tendo em conta o nervosismo quase constante que me acompanha sempre que estou com ele.

– Então, dirias que o teu avô foi a tua maior influência? – pergunto, cingindo-me a um assunto sobre o qual ele não parece importar-se de falar, enquanto começa a cozinhar dois peitos de frango, acrescentando folhas de louro e grãos de pimenta à água. Estou a gostar de o ver cozinhar.

– Sim. Ele, na verdade, também era da Marinha.

– Que fixe! A minha avó foi a minha maior influência.

Ele olha para cima, com os seus olhos a brilharem de interesse.

– A sério?

Falo-lhe de como ela me levava a galerias de arte e museus, quando eu

era mais nova, enquanto ele tritura na liquidificadora o tomate, o alho e a malagueta com alguns orégãos frescos.

– Já agora, arranjei o portão da tua entrada – diz ele, passado algum tempo.

– A sério?

– Sim, espero que não te importes. As dobradiças precisavam de ser apertadas. Encontrei uma chave de fendas no barracão do jardim.

– Oh! Isso é fantástico. Muito obrigada. Achei que talvez estivessem a precisar de um lubrificante, mas ainda não tinha tratado disso.

– Espero que não tenha sido atrevimento da minha parte.

– De modo nenhum.

Volto a sentir como é bom quando alguém cuida de mim.

– O teu irmão ajuda muito?

– Não. – Mudo de posição no meu assento. – Ele não é muito habilidoso.

– Sinto a necessidade de explicar. – O Michael tem síndrome de Down.

Ele sonda a minha expressão facial enquanto refoga as cebolas.

– Tens mais algum familiar?

– Só um tio que vive em Espanha. Mas tenho muitos amigos – respondo.

– E o Michael tem uma cuidadora que vai a sua casa quase todos os dias. Ela é espetacular.

Estou sempre com medo de que ela se despeça.

– Isso é ótimo.

Gosto que não haja pena no seu rosto. Os seus olhos encaram os meus com franqueza e, à medida que o nosso olhar se mantém, sinto-me a corar.

Ele deita o conteúdo do liquidificador na frigideira e eu respiro.

O telemóvel dele começa a vibrar, iluminando-se com a fotografia de uma mulher deslumbrante, de tez morena, cabelo castanho brilhante e um sorriso que lhe vinca as maçãs do rosto. O Tom olha para o ecrã, onde se lê Cara, e fica paralisado.

– Desculpa, é melhor atender – murmura ele, aceitando a chamada.

– Ei – diz ele rapidamente, saindo da cozinha e entrando na sala de estar.

– Sim, aqui a rede não é grande coisa. – Ainda consigo ouvir tudo o que ele diz. – Tive o telemóvel desligado. – Pausa. – Foste *tu* que disseste que querias espaço. Agora é um problema que *eu* precise de um pouco de espaço? – Ele fala num sussurro alto.

Detesto estar a ouvir involuntariamente a sua conversa. Sinto-me muito desconfortável. Não me parece que a Cara seja uma amiga. Eles os dois têm um historial.

Mas será que ela é passado? E se estiverem apenas a dar um tempo? O meu estômago contrai-se ao pensar nisso. Distraio-me saindo do banco e indo mexer o cozinhado.

– Isso são boas notícias – diz ele finalmente, embora o seu tom não corresponda às suas palavras. – Não vai ser aprovado nas próximas três semanas, pois não? – afirma categoricamente. – Não, eu trato disso quando

tiver de ser. – Pausa. – Se tu *quiseres* pôr tudo em caixas, tudo bem – responde ele. – Certo. Certo. Adeus.

Ele termina a chamada e volta para a cozinha, vendo-me junto ao fogão.

– Ei! – grita ele a brincar. – Tenho a sensação de que és uma pessoa que não consegue estar quieta.

Ele empurra-me com a anca para fora do caminho e eu rio-me da manobra enquanto ele me tira a espátula da mão com um pequeno sorriso.

– Desculpa a interrupção – murmura ele, enquanto põe um pouco de tempero na frigideira. – A minha ex – explica ele. – Recebeu uma proposta de compra da nossa casa e queria falar comigo antes de a aceitar.

– Ex recente?

– Separámo-nos há alguns meses, mas as coisas já andavam mal há algum tempo. Desde então, temos partilhado casa esporadicamente.

– Isso parece difícil.

– Não tem sido divertido – concorda ele, verificando o frango que vai cozinhando na panela.

Suponho que tenha sido por isso quis vir para longe.

– Ainda há alguma hipótese de vocês os dois reatarem? – Não consigo evitar perguntar enquanto ele pega no seu copo de vinho e bebe um gole.

– Zero – diz ele com ar sombrio, tirando outro banco de debaixo da bancada e sentando-se ao meu lado. – É complicado.

– Quando é que não é? – respondo, pensando no Finn. Ergo o meu copo antes que possa pensar demasiado e brindo contra o dele.

– Ao abrir mão e seguir em frente.

– Bebo a isso – responde ele.

Cinco verões antes

– Chamas a isto uma batata descascada? – digo, exibindo o tubérculo lamentável.

– Serve – responde o Michael, sem sequer olhar para mim.

– Está cheia de casca por todo o lado!

– Queres que te ajude ou não?

– Acho que afinal já não quero.

– Ótimo.

Ele atira o descascador e a batata que estava a descascar para o lava-loiça e sai da cozinha.

– Se queres uma coisa bem feita, fá-la tu! – grito na sua direção, perdendo a pouca paciência que me restava.

– Eu nem sequer *gosto* de frango assado! – grita ele de volta, pegando no telecomando e apontando-o para a televisão.

– Não podes viver apenas de *fish and chips* – respondo.

– Posso viver e vou viver!

Ele aumenta o volume da televisão para um nível que me impede de responder, e o som do sotaque da Irlanda do Norte de Jamie Dornan enche a nossa pequena casa.

A sério? A *Queda* a esta hora do dia?

O Michael adora séries de televisão sobre crimes e assassinos em série. Já eu detesto-as do fundo do meu âmagô. Tentar encontrar algo para ver que ambos gostemos é quase impossível.

Não estamos talhados para ser colegas de casa, penso eu, com um suspiro.

Ao início, achei que era um golpe de génio: alugar a casa dos nossos pais durante o verão e fazer uma pipa de massa enquanto eu me mudava para o segundo quarto de casa do Michael. Sabia que não ia ser fácil, mas já tencionava passar por casa do meu irmão com frequência. Depois, o Michael

despediu a sua última assistente há sete semanas e meia – não que eu esteja a contar os dias –, pelo que agora não tem ajuda externa, e eu também não.

Acabo de descascar as batatas e começo a tirar a casca às cenouras. O aroma que sai do forno começa a funcionar como um bálsamo para o meu mau humor. O almoço de domingo costumava ser uma tradição familiar, uma forma de nos juntarmos todos à volta da mesa, algo que se tornou especialmente importante para os meus pais depois de o Michael ter saído de casa. Eles mantiveram o ritual semanal quando eu fui para a universidade e eu participava por videochamada quando podia. Quando eu estava em casa, nas férias, era sempre esperado que eu estivesse presente. No verão passado, a minha mãe fez questão de me pedir que evitasse os turnos de domingo no Seaglass. O facto de eu ter resmungado em relação isso enche-me do mais profundo arrependimento.

A minha grande prioridade no verão passado fora trabalhar para amealhar dinheiro suficiente para me poder ir embora no fim do verão. Ainda me sinto culpada por isso, apesar de a minha mãe e o meu pai não terem sabido do meu plano de ir para Londres. Sinto-me aliviada por não lhes ter contado antes do acidente, porque sei o quanto me sentiria mal por isso agora, mas gostava de ter deixado mais claro o quanto adorava passar tempo com eles. Daria tudo para estar à mesa com eles hoje, a beber um copo e a dizer-lhes o quanto os amo.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Daqui a duas semanas, num domingo, fará um ano desde que morreram. Pensei que eu e o Michael podíamos fazer um almoço especial em honra deles. Achei que seria melhor praticar um pouco a confeção de assados antes disso, pois nunca o fiz antes, mas passei a manhã toda com um nó na garganta. Este será o nosso primeiro almoço de domingo em condições desde que os perdemos. Estaria ainda mais de rastos se o meu irmão não me estivesse a chatear.

Afasto estes pensamentos. Já estou a verter as lágrimas e, se não tiver cuidado, ainda acabo desfeita no chão da cozinha, o que é a última coisa de que ambos precisamos. Esforço-me ao máximo para manter a compostura quando estou com o Michael. Ele está a lidar bem com a mudança, muito melhor do que eu, às vezes.

Quando estou a começar a fazer o molho, a campainha toca, quase inaudível por cima do ruído da televisão. O Michael carrega no botão de «pausa», mas, quando olho para a sala de estar, descubro que ele vai a caminho das escadas.

– Ei! Podes abrir a porta? – pergunto, zangada.

– Preciso de um cocó! – grita ele.

Fico paralisada durante um segundo, estupefacta com a realidade da nossa situação, e depois largo a colher de pau, desligo o fogão e vou até à porta.

As minhas mãos voam para a minha cara, tal o choque quando vejo o Finn na soleira da porta.

Estou um caco, sem qualquer vestígio de maquilhagem a tapar as olheiras ou a borbulha no meu queixo. O meu cabelo por lavar está torcido num carrapito desalinhado no cimo da minha cabeça, estou com umas calças de ganga largas demais, e tenho a *t-shirt* branca manchada de gordura porque não consegui encontrar um pano de cozinha, mas o que importa o meu aspeto?

Oh! O Finn. Está exatamente igual: alto e magro, a sua *t-shirt* cor de laranja pálida lavada até ficar quase transparente, calças de ganga rasgadas que lhe assentam na perfeição nas suas ancas estreitas, botas pretas, pestanas escuras e compridas, nariz ligeiramente torto, uns lindos olhos azuis-esverdeados que me prendem firmemente, por baixo daquelas poucas madeixas de cabelo escuro desgrehado.

– O que é que estás aqui a fazer? – pergunto, atónita.

– Acabei de chegar – responde ele suavemente, com os olhos a percorrerem cada centímetro do meu rosto.

Sinto-me vulnerável e exposta.

– Vieste visitar a tua família? – pergunto, com a voz trémula.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Quando é que chegaste?

– Há uma hora.

– E viste logo ver-me? – Faço um esforço concertado para tirar as mãos das bochechas. – Como é que sabias onde eu estaria?

– O Dan.

Ele e a Amy acabaram de comemorar o seu primeiro aniversário de namoro. Quero sentir-me feliz por eles, mas só me ocorre o outro aniversário que se aproxima rapidamente.

Com um abanão de cabeça, tiro a minha mãe e o meu pai do pensamento, porque Finn já me viu derramar lágrimas suficientes para uma vida inteira.

– Queres entrar? – pergunto, sentindo-me nervosa por estar de novo tão perto dele.

– Claro.

Volto para a sala de estar e ele fecha a porta, olhando em volta. A casa pode não estar no seu melhor, neste momento, mas os meus pais fizeram um excelente trabalho quando compraram e renovaram esta casinha, trocando a decoração antiquada por um interior acolhedor, luminoso e moderno, retirando as tábuas do chão e dando destaque a algumas das características originais de madeira, sem se esquecerem de conferir cor aos candeeiros, puxadores e outros acessórios decorativos. Nas paredes da sala de estar estão pendurados quadros alegres, à esquerda há uma escadaria de madeira pintada de branco e, à direita, uma mesa de centro amarela e dois sofás azuis claros, de frente para um televisor de ecrã plano demasiado grande para o espaço, mas que Michael considerou absoluta e definitivamente necessário.

– Cheira bem – diz o Finn enquanto me segue até à minúscula cozinha na parte de trás da casa. Há qualquer coisa de bizarro nisto de ele tentar

manter uma conversa normal com alguém que mudou tanto que mais parece uma estranha.

– Frango assado – respondo, abrindo o forno para me ocupar com alguma coisa, sendo recompensado com uma baforada de vapor no rosto.

Encolho-me e fecho novamente a porta do forno. Talvez devesse tirar o frango e deixá-lo repousar, mas não fará mal deixá-lo no forno mais um pouco.

– Queres tomar um chá? – pergunto.

– Ias almoçar? Posso voltar noutra altura.

– Só fica pronto daqui a mais algum tempo.

– Está bem, se tiveres a certeza de que não estou a ser um estorvo.

– De modo algum.

Encho a chaleira e ligo-a. Estou a ter dificuldade em olhar para ele.

Depois da partida do Finn, no verão passado, caí num buraco tão fundo que não me imaginava a sair de lá. Tinha-lhe pedido para não me contactar – um pedido que foi repetido com lágrimas nos olhos na manhã do seu voo de regresso a casa. Simplesmente, não tive força suficiente para amar outra pessoa e arriscar perdê-la, ou, pior, nunca conseguir tê-la, sequer. Como é que o Finn poderia ser meu, a viver tão longe? Eu não podia deixar St. Agnes e ir visitá-lo a Los Angeles. Tinha de estar aqui para o Michael.

Com o passar do tempo, consegui sair do buraco, em direção à luz.

Sei que fiz a coisa certa ao pedir-lhe que não me contactasse, e estou grata por ele ter respeitado a minha vontade. Mas também houve alturas em que fiquei ressentida com o seu silêncio.

E estou chocada por ele não me ter dito que viria.

Ele encosta-se à bancada da cozinha verde-clara enquanto eu vou buscar duas canecas roxas a uma prateleira de madeira. Ele olha para além de mim, para o pequeno terraço de cascalho e para o pequeno relvado. Há uma porta que dá para o pátio, que está atualmente cheio de ervas daninhas, enquanto a relva já tem mais de meio metro de altura.

– O relvado do teu irmão está a precisar de ser assassinado – murmura ele.

Eu rio-me e ele sorri para mim, não a ponto de as suas covinhas aparecerem, mas isso faz com que as pequenas ginastas que viviam no meu estômago no verão passado entrem num frenesim de atividade.

Apercebo-me de que fomos tão íntimos quanto é possível duas pessoas serem, mas não nos tocámos desde que ele apareceu, quanto mais dar um abraço.

– Como estás? – pergunta-me ele em voz baixa.

Engulo em seco e verto água quente sobre as saquetas de chá que pus nas canecas.

– Essa é uma grande questão.

No andar de cima, ouve-se a descarga do autoclismo. Olho para o teto e depois olho para o Finn.

- O Michael vai descer a qualquer momento – digo.
 - Espero que ele tenha feito um bom cocó.
- O riso irrompe de mim, livre e desimpedido.
- Ouviste aquilo?
 - Era difícil não ouvir.

Agora as suas covinhas surgem. Contenho a vontade de estender a mão e tocar-lhes.

De repente, ele fica com uma expressão sofrida.

- O que foi?

Ele abana a cabeça, os seus olhos brilham de emoção.

- Estás tão magra, Liv, porra.

Fico tensa e pego no leite.

– Não é intencional – digo com tristeza. – Estou a tentar recuperar algum peso.

- Posso levar-te a jantar fora?

- Para ver se me engordas?

- Não. – Ele esboça um pequeno sorriso. – Embora isso fosse um bónus.

Mas só quero pôr a conversa em dia.

- Tens alguma data em mente?

- Hoje à noite? Amanhã? Agora?

– Não posso ir agora, estou prestes a almoçar – lembro-lhe o óbvio com um sorriso. – E, fosse como fosse, olha para o meu estado – acrescento, apontando para a minha *t-shirt* com nódoas.

- O que é que ele está a fazer aqui? – interrompe o Michael.

Mostra bem quão absorta fiquei no Finn: nem ouvi o Michael a descer as escadas, e ele não tem propriamente passadas leves.

- Olá – cumprimenta o Finn com um pequeno aceno de mão.

Ao contrário da primeira vez que se viram, ele não estende a mão para um cumprimento.

- O que é que estás aqui a fazer? – pergunta-lhe o Michael diretamente.

– Ele veio visitar os seus avós e apareceu para me cumprimentar – respondo de forma brusca.

- Quando é que o almoço está pronto? – pergunta-me ele.

- Daqui a cerca de meia hora. Queres uma chávena de chá?

- Não.

- Podes continuar a ver *A Queda*, se quiseres.

- Estão a tentar livrar-se de mim?

- Sim.

Ele bufa e vai para a sala. O Finn levanta uma sobranceira enquanto olha para mim, divertido. O Michael carrega no *play*, eu acabo de preparar os nossos chás e destranco a porta das traseiras. Faço sinal ao Finn para avançar primeiro e sentar-se na pequena mesa de madeira para dois, antes de fechar a porta atrás de nós, para que tenhamos alguma privacidade.

Bom, a privacidade que é possível ter quando se está rodeado dos jardins

dos vizinhos, mas não me parece que haja mais ninguém cá fora.

– Como é que está a correr, viver aqui? – pergunta o Finn.

– É um pesadelo do carações – respondo.

Ele atira a cabeça para trás e ri-se, o que é contagioso. Acabamos por ficar os dois em silêncio, mas continuamos a sorrir um para o outro. Ele é tão lindo que me faz doer o peito.

– Não, não é assim tão mau. A maior parte do tempo – acrescento de forma mais séria. – É bom eu estar por perto. Os meus pais faziam tanta coisa... sinto-me um bocado fora de pé.

– Quanto tempo tencionas ficar aqui?

– Até à segunda semana de setembro. A casa dos meus pais está alugada até essa altura.

As suas covinhas desvanecem-se quando ele acena com a cabeça.

A casa já não é dos meus pais, agora é minha. Deixaram-me em testamento, juntamente com uma carta a pedir-me que desse o meu melhor para ajudar o Michael. Não especificaram em que é que isso consistia – ainda estou a tentar perceber essa parte. Já tínhamos falado sobre o que aconteceria se eles morressem – eu sabia que eles tinham criado um fundo fiduciário para que o Michael e eu não precisássemos de nos preocupar com dinheiro –, mas nunca nos ocorreu que estaríamos nesta situação tão cedo, ou que os perderíamos aos dois ao mesmo tempo. Eles só tinham sessenta e quatro anos.

Tenho um *flashback* do funeral. O Finn sentou-se duas filas atrás de mim, com a Rach, a Amy e o Dan. Lembro-me de o ver a conversar com o meu tio, no velório, e só de pensar nisso agora parece-me surreal.

Acho que nunca lhe agradeci devidamente tudo o que ele fez.

Acrescento isso à culpabilidade que já sinto em relação ao Finn.

– E tu, quanto tempo vais ficar por cá? – pergunto eu.

– Pouco mais de duas semanas.

– É pouco – digo com desânimo.

– Foi o máximo que consegui tirar entre espetáculos.

– Como estão a correr as coisas com a banda?

– Ótimas. O nosso guitarrista principal continua a ser um idiota, mas estamos a começar a ter algum sucesso. Vamos a uns quantos festivais no final deste verão.

– Isso é fixe.

– Sim, temos um bom agente para concertos ao vivo. Estamos muito abaixo na lista, quase precisas de uma lupa para ver o nome da banda, mas é um começo.

Sorrio para ele, e alguma da minha tristeza evapora-se.

– É um ótimo começo. Sabias que os Mixamatosis estão de volta ao Seaglass este verão?

Ele acena com a cabeça.

– Com o Kieran, certo?

– Sim, ele está a cantar. Já lá estão há um mês.

– Continuas a trabalhar no bar?

Anuo e pego na minha caneca.

Dizer que a minha vida não correu exatamente como eu imaginava é um eufemismo. Bebo um gole, olhando para a relva crescida.

– Tens razão, é preciso tratar deste relvado antes que já não tenha salvação possível.

– Onde está o teu cortador de relva? Posso fazer isso por ti agora, se quiseres?

– És tão querido, Finn. – Olho-o com ternura e, sem surpresa, constato como ele é encantador, algo de que nunca me esqueci. – Mas o Michael emprestou-o a alguém e diz que não se lembra a quem.

Talvez o tenha oferecido porque o nosso pai costumava vir cortar a relva todas as semanas, no verão e, como agora já não podia fazê-lo, então não queria que mais ninguém o fizesse.

– E se eu trouxesse o corta-relva dos meus avós, um dia destes? Eles têm um que funciona com bateria, por isso seria muito fácil.

– A sério? Isso seria muito útil, obrigada.

– Liv! – grita o Michael lá de dentro. – Há qualquer coisa a arder!

– Merda! – Levanto-me de um salto e, com a pressa, bato na mesa com força e entorno o meu chá.

As cenouras estão completamente estorricadas. Fico a olhar para elas com desânimo.

– Acho que o melhor é concentrar-me em preparar o resto da comida – digo com hesitação ao Finn, que me seguiu até à cozinha.

– Posso ajudar-vos nalguma coisa?

– Não, obrigada. – Com cuidado, pouso o tabuleiro de forno numa base resistente ao calor, contendo as lágrimas. – Convidava-te a ficares, mas...

– Não te preocupes – desvaloriza ele, sem reparar na minha expressão.

Acompanho-o até à porta, pestanejando rapidamente e tentando manter a calma. Não quero que ele sinta que tem de ficar a consolar-me. Ele já fez mais do que a sua quota-parte disso.

– Estás livre amanhã? – pergunta-me, virando-se para mim no momento em que me recomponho.

– Não durante o dia, mas posso ir jantar.

– Que tal irmos ao Taphouse?

– Parece-me bem – respondo, tentando ignorar a conversa arrepiante de um assassino em série que se ouve na televisão.

– Queres que passe por cá às sete?

– Encontro-me lá contigo.

O Michael bufa e carrega no botão de «pausa».

O Finn sorri-me e depois despede-se dele:

– Até breve, Michael!

– Se não for antes – diz o Michael entredentes, mas suficientemente alto para ambos o ouvirmos.

– Como? – pergunta o Finn com ingenuidade.

Eu rio-me e conduzo-o até ao exterior.

A sua boa disposição desaparece quando olhamos um para o outro.

– É bom ver-te de novo – diz ele em voz baixa, apertando as pontas dos meus dedos antes de se pôr a caminho. – Até amanhã – diz ele por cima do ombro.

Aquele toque fugaz ecoa diretamente até ao meu coração.

Quando eu chego ao Taphouse na noite seguinte, o Finn já lá está, encostado ao balcão do bar, a conversar com uma das empregadas giras e com uma garrafa de cerveja pendurada na mão.

Fico à porta e, por uma fração de segundo, penso em dar meia-volta e ir-me embora, mas depois ele olha por cima do ombro e vê-me, arregalando os olhos.

Estou a usar um vestido verde-água, que ata no pescoço, uma das coisas mais bonitas do meu guarda-roupa.

Queria sentir-me humana.

Não, queria sentir-me *bonita*.

– Ei! – diz ele, indo ter comigo a meio da sala e dando-me um beijo na cara. – Estás linda – diz-me ele ao ouvido.

Inspiro o seu cheiro; há um ano que não estávamos tão próximos. Tenho de ter cuidado. O meu coração ainda está despedaçado. O Finn ameaça trazê-lo à vida, mas eu ainda não estou pronta.

– Vou levar-vos à vossa mesa – diz uma empregada de forma afável, pegando em duas ementas e conduzindo-nos por baixo de uma prancha de *surf* presa ao teto, até à ponta oposta do restaurante.

Há vasos de plantas no chão e pendurados em colunas, e letreiros de néon e quadros a adornar as paredes de cores vibrantes. Sento-me e peço um *martini* de maracujá, o meu *cocktail* preferido do menu. A música que toca no sistema de som é-me familiar. Aponto o dedo para a coluna do teto, à escuta.

– «CCTV»! – exclamo, entusiasmada por poder conseguir identificar a música.

Ele sorri.

– «CCTV Stars» – corrige ele com brandura. – E a banda?

Penso por um momento e depois ocorre-me.

– Hard-Fi!

– Tens estado a ouvir a minha *playlist*.

– *Muito*, mesmo.

– Bem, isso já é alguma coisa, pelo menos – diz ele secamente, bebendo um gole da sua cerveja e dando um pequeno abanão a si próprio, como que para se recompor. – Como correu o teu dia?

– Bem. O Michael tem andado a entrevistar cuidadoras – conto-lhe. – Despediu o seu último assistente. – Rio-me baixinho. – Para ser sincera, a verdade é que ele era um pouco, e cito, «galo».

– O quê? – pergunta ele, a rir-se, recostando-se na cadeira.

– Em tempos, ele teve uma cuidadora que a minha mãe descreveu como «mãe-galinha», sempre a de roda dele e a dar-lhe ordens. Um pouco autoritária, percebes? O Michael não se sentia confortável com ela, por isso os meus pais publicaram um anúncio para uma assistente e deixaram-no escolher quem ele queria. A Carrie era fantástica – ele adorava-a – mas infelizmente mudou-se há alguns meses e tem sido um pesadelo tentar encontrar uma substituta adequada. Consegui arranjar ajuda através da Câmara Municipal, mas o tipo que enviaram era uma versão masculina da mãe-galinha, daí o «galo».

Ele fita-me com empatia.

– Lembro-me da Carrie, no funeral. Ela era muito simpática. Lamento que não tenha podido ficar por cá.

– Sim, é uma chatice – digo eu, desalentada.

– E que tal correram as entrevistas? – pergunta ele. – Encontrou alguém de quem gostasse?

Eu aceno com a cabeça.

– Uma mulher da idade dele pareceu promissora, a Hettie, mas ainda temos uma última entrevista amanhã à tarde. Desculpa, isto é aborrecido.

– Nada do que dizes é aborrecido, Liv.

Devo ter-me mostrado desconfortável, porque ele franze o sobrolho e acrescenta:

– Isso não foi uma frase de engate.

– Eu sei. Só... não sejas demasiado querido comigo – murmuro, desejando que a minha bebida já tivesse chegado.

As sobranceiras do Finn juntam-se.

– Porque é que dizes isso?

– Esquece. Que tal foi o teu dia?

– Espera aí. – Ele inclina-se para diante, o seu olhar é intenso. – Porque é que não queres que seja simpático contigo?

Felizmente, somos interrompidos pela empregada, que traz a minha bebida.

– Aqui está – diz ela, pousando uma base para copos, seguida do meu *cocktail* de maracujá. – Já estão prontos para pedir?

– Dê-nos mais uns minutos – responde o Finn.

Eu enterro a cara na ementa. Estou calma por fora, mas por dentro sinto-

me agitada. Olho para cima e vejo a empregada, mas, assim que fazemos o nosso pedido, o Finn inclina-se para a frente.

– Desembucha.

– *Ugh*. Eu disse-te que esquecesses.

– Impossível. Porque não hei de ser simpático contigo?

– Porque não me quero apegar demasiado, está bem? – respondo bruscamente. Ele parece magoado, mas eu continuo. – O que eu disse no verão passado... – Respiro fundo. – O que eu disse sobre nós mantém-se.

Ele franze o sobrolho e pega na cerveja, dando um gole.

– E o que é que *eu* disse? – Ele pousa a garrafa na mesa com um pequeno ruído. – Namoras com alguém?

– Não! – exclamo. – Como se tivesse tempo para isso! E tu? – O meu coração dá um pulo desagradável perante a mera ideia.

– Achas que estaria aqui sentado contigo se namorasse?

– Não sei – respondo com tristeza.

– Não, não estaria – diz ele com firmeza, inclinando-se para mim e pegando-me na mão. Eu afasto-me dele.

– Não podemos ser amigos? – pergunta ele em voz baixa.

– Os amigos não dão as mãos – sussurro com ênfase.

Ele sorri e pega na minha mão novamente, entrelaçando os meus dedos com os dele.

– Estes amigos dão.

Abano a cabeça, mas não posso deixar de me deleitar com o calor que alastra pelo meu estômago.

O Finn aparece no dia seguinte para cortar a relva do Michael. Quando o meu irmão chega a casa do trabalho, ele já se foi embora outra vez, e ainda bem.

– O que é que fizeste?! – exclama o Michael, com um ar chocado, ao sair para o pátio.

Há que reconhecer, o relvado tinha muito melhor aspeto esta manhã. Agora, está demasiado curto, amarelo e com um aspeto maltrapilho. Mas há de voltar a crescer.

Pelo menos, assim espero.

– Tinha de ser feito – afirmo com sensatez, aproximando-me da mulher ao seu lado com a mão estendida.

– Olá, eu sou a Liv, a irmã do Michael. Tu deves ser a Shirley?

A Shirley é a última pessoa a ser entrevistada para o lugar de cuidadora do meu irmão e chegou cedo. Deve ter-se cruzado com ele quando vinha da aldeia. Não é muito mais alta do que o Michael, tem pouco mais de um metro e meio, e tem um nariz em forma de bico, um queixo pontiagudo e cabelo preto fino que não lhe chega aos ombros.

– Olá – diz ela, fazendo estalidos de língua reprovadores. – Estou a ver que não respeitou a regra do terço.

– O que é a regra do terço? – pergunto eu, perplexa.

– Só se corta um terço da relva de cada vez.

– *Eu* sabia disso – interrompe o Michael, revirando os olhos para mim.

– Então porque não me disseste? – respondo com impaciência.

– Não sabia que *tinha* de o fazer – responde ele. – Eu disse-te que não queria a relva assassinada.

– Assassinada! – diz a Shirley com uma gargalhada. – Tem razão! Aquele relvado foi assassinado de forma épica. Foi um tratamento à *Dexter*, se é que me entendem.

– Vês o *Dexter*? – pergunta-lhe o Michael, com o rosto a iluminar-se.

– Vejo e adoro!

Lanço um olhar de alarme à Shirley antes de me atrever a olhar para o Michael. Ele sorri de orelha a orelha.

– Gostei da Hettie – digo assim que a Shirley se vai embora, levando consigo a sua atitude acusatória.

– Não. Shirley – responde Michael com firmeza.

– Mas a Hettie mostrou-se tão calorosa e simpática.

– Irritante.

– Como podes dizer isso? Ela foi adorável!

– Irritante – repete ele.

– A Shirley parece muito seca no trato.

Ele acena com a cabeça, radiante, com a franja a bater-lhe na testa.

Recusou-se a cortar o cabelo no último ano. Também se recusou a fazer a barba. O meu irmão, agora, tem barba e faz-me lembrar um capitão de navio à moda antiga. Acharia isto divertido, só que ele não teria este aspeto se os nossos pais ainda fossem vivos. O meu pai era tão conhecido por dizer «escapou-te aquele bocadinho» depois de o Michael fazer a barba que ele chamou «Houdini» à sua máquina de barbear elétrica.

– Eu sei que ela vai gostar de se sentar e ver televisão contigo, mas achas que vai ser boa a ajudar-te com tudo o resto?

– Que resto?

– Lavar, cozinhar, limpar, cuidados pessoais, se necessário...

– Não preciso de ajuda com nada disso.

Fico de queixo caído. O que tenho andado a fazer este tempo todo, então?

– Sê razoável, Michael. E quanto a ajudar-te a gerir o teu dinheiro?

– Também não preciso de ajuda com isso – afirma ele.

– Como é que podes... – começo eu, sentindo-me frustrada. – Precisas mesmo de ajuda para te lembrares de pagar as contas!

– Não, não preciso.

– Bem, não, talvez não desde que as passei para débito direto, mas que tal controlar o dinheiro que entra e sai da tua conta? A mãe e o pai não estão cá para te aconselharem se decidires fazer uma série de despesas.

– Eu nem sequer *gosto* de ir às compras.

– Compraste para os teus novos amigos... como é que eles se chamam? Ronnie e Tina? Não lhes compraste uma televisão?

– Já não são meus amigos – responde ele, sem perceber onde quero chegar. – A Shirley. Gosto da Shirley. Ela é fantástica. E também pode começar na próxima semana, o que é bom.

Não sei se ela estar desempregada é bom sinal, mas sei reconhecer quando perdi uma batalha.

Na sexta-feira à noite, estou atrás do balcão do Seaglass quando o Finn entra e o *déjà vu* deixa-me os joelhos fracos.

A Amy e a Rach estão do outro lado do bar, juntamente com o Dan, o Tarek e o Chris, e, assim que vêm o Finn, os cinco juntam-se à volta dele, cumprimentando-o com abraços calorosos e palmadas entusiasmadas nas costas.

O estranho silêncio que se instala no grupo quando o Finn se aproxima para me vir cumprimentar é irritante.

Serei assim tão deprimente?

– Ei – diz ele, inclinando-se sobre o balcão para me dar um abraço rápido.

– Como estás? – pergunto, sabendo que ainda temos a atenção dos nossos amigos voltadas para nós.

– Bem.

– Conseguiste ir à praia hoje?

– Não. O Tyler queria ir surfar em Perranporth e não me apetecia, por isso, fez birra e recusou-se a sair de perto da televisão.

– Parece ter sido divertido.

O Chas aproxima-se de nós para vir cumprimentar o Finn.

– Este tipo está a incomodar-te outra vez? – pergunta-me ele na brincadeira, acenando com a cabeça para o Finn antes de lhe dar um aperto de mão.

Há uma rapariga na minha área à espera de ser servida, mas, quando dou um passo em direção a ela, o Chas dá-me uma palmadinha nas costas para me dizer que tratará do seu pedido. Ele tem sido muito amável comigo desde a Páscoa, quando voltei ao trabalho no Seaglass. Acho que, nessa altura, eu já tinha ultrapassado a pior fase do meu luto, mas às vezes ainda me sinto de rastos e o Chas é sempre compreensivo. Com frequência, dou por mim à conversa com ele depois do fecho de portas. Ele tem sido uma rocha para mim. Sempre o vi como um tio fixe para os jovens daqui, mas, nos últimos meses, passei a encará-lo como família.

– A Shirley aceitou? – pergunta-me o Finn. Eu e ele encontrámo-nos há dois dias, para tomar um café, e eu pu-lo a par da situação com a cuidadora do Michael.

– Começa na segunda-feira – respondo com um sorriso resignado.

– Vocês já se tinham visto, este verão? – interrompe a Amy, juntando-se a nós.

– Sim – respondo.

Ela fica surpreendida.

– Quando?

– Alguns dias desta semana. Porquê? – pergunta o Finn.

As sobrancelhas de Amy arqueiam-se e ela olha para a Rach, que parece igualmente surpreendida.

– Por nada – responde a Amy com um sorriso cintilante.

Franzo-lhe o sobrolho antes de me voltar para o Finn.

– Queres tomar qualquer coisa?

– *Déjà vu* – responde ele com um sorriso.

– A quem o dizes.

Pelo canto do olho, vejo que a Amy e a Rach ainda estão sintonizadas na nossa conversa. Lanço-lhes um olhar irritado, perguntando-me porque é que parecem tão satisfeitas.

A Rach continua a trabalhar na loja de *surf* da aldeia e a passar a maior parte do seu tempo livre a nadar e a surfar, pelo que a sua vida quase não mudou, mas, no final do verão passado, a Amy conseguiu um emprego na unidade neonatal do Royal Cornwall Hospital.

Foi estranho aceitar regressar ao Seaglass quando o Chas me pediu que voltasse – sobretudo quando soube que a Amy não se juntaria a mim atrás do bar. Mas gosto de aqui estar. Sinto-me segura com o Chas e gosto da agitação; não me dá tempo para pensar.

Não sinto qualquer vontade de esculpir desde que perdi os meus pais. Ainda me lembro das horas que passava com a minha avó, à mesa da cozinha, a fazer criaturas com plasticina. Usei esse tipo de material de modelação que não secava, e também cera, durante vários anos, mas assim que pus as mãos num naco de barro macio, saído diretamente da terra, foi como se algo dentro de mim se apaziguasse.

Por vezes, sinto uma inquietação interior, uma serpente que desliza e se contorce e que me pode prender. Mas, quando estou a esculpir, quando os meus dedos tocam neste material fresco que posso manipular e dobrar e pressionar para conferir forma, essa serpente enrola-se e adormece.

O barro irá ajudar a apaziguar-me a alma quando estiver pronta, mas não quero apressar as coisas. A arte não é algo que se possa forçar. Esculpir é a minha paixão, e não um dever; ela voltará a mim quando estiver pronta.

Entretanto, tenciono trabalhar o maior número de horas que conseguir e poupar dinheiro suficiente para me aguentar durante o inverno, quando os turistas fizerem as malas e regressam a casa.

Não é um plano a longo prazo, mas é o único plano que sou capaz de fazer por agora.

Levo a chave à fechadura e giro-a. Quando entro, suspiro em voz alta. O silêncio e a quietude são enervantes. Esta semana, uma família de quatro pessoas está hospedada cá em casa e, por momentos, permito-me imaginar como deve ter sido: a luz do sol a entrar pela janela e a incidir na mesa da cozinha, uma mãe, um pai e os seus filhos a tomarem o pequeno-almoço, a começar o dia da forma mais corriqueira. O som dos duches, pessoas a vestirem-se, conversas, risos e queixas a reverberar ao longo dos corredores.

Tenho de despachar o assunto o mais depressa possível.

Depois de trocar as camas e fazer uma máquina de roupa, começo a tratar das casas de banho. Estou a esfregar a terceira sanita do dia quando o meu telemóvel toca.

Deve ser a Amy. Tenho tido de lidar com uma verdadeira Inquisição da parte dela, toda a manhã. Parece não conseguir aceitar que eu e o Finn somos apenas amigos, que eu não quero levar as coisas mais longe. Que nem sequer tenho a certeza de que *ele* quereria, se eu estivesse aberta a isso. A minha vida é confusa e complicada, e eu não sou a mesma rapariga que era há um ano. Quem quereria ver-se enredado nisso?

Apesar dos meus protestos, o meu coração salta quando pego no telemóvel e vejo que a mensagem é dele.

«Pausa para café?»

Sorrindo, digito a resposta:

«Estou em casa dos meus pais.»

«Eu sei. Abre a porta.»

Desço as escadas a correr, sorrindo ao vê-lo parado à porta, segurando dois copos de café para levar.

– Onde é que os arranjaste? – pergunto, encantada.

– No café junto ao Seaglass.

– És amoroso. Muito obrigada.

– Posso entrar?

Dou um passo atrás, desconcertada com a forma como o meu interior se iluminou.

– O que fazes por aqui? – pergunto, aceitando um dos cafés.

– Perguntei-me se precisarias de ajuda.

– Não tens nada melhor para fazer?

– Nem por isso.

Sorrio e convido-o a vir até à cozinha. É claro que, na realidade, o sol só entra pela janela durante a tarde; a minha imaginação evocou algo impossível quando imaginei aquela família feliz de quatro pessoas a tomar o pequeno-almoço. É uma tendência que sempre tive, procurar as coisas que intensificam a minha dor.

– Este espaço é tão fixe – diz o Finn, olhando em volta para o espaço.

Ele viu-o no rescaldo da morte dos meus pais, mas não foi a altura ideal para o apreciar.

– Fizeste muitas mudanças na casa para a preparares para a alugar? – pergunta ele.

– Queres uma visita guiada?

– Claro.

Levamos os cafés connosco enquanto eu lhe mostro o quarto de hóspedes, que está escondido atrás da esquina das escadas e tem uma janela voltada para a rua, e lhe mostro a lavandaria e a casa de banho, que dão para um segundo corredor e uma porta lateral, que abre para o jardim e a entrada da garagem.

O corredor principal costumava ser a sala de estar da casa original, e ainda tem uma lareira, mas já não está a uso e, portanto, o meu piano está encostado a ela.

O Finn passa os dedos pelas teclas.

– Tocas? – pergunto, fazendo uma pausa.

Ele acena com a cabeça.

– Mas sou autodidata. Aposto que tu estudaste, não foi? – pergunta ele com um sorriso.

– Sim – admito.

– Até que nível chegaste?

– Oitavo. Deixei de ter aulas aos quinze anos, quando a minha avó morreu.

– Toca-me qualquer coisa.

– Não, toca tu qualquer coisa para mim. Eu é que preciso de ser animada. – Os seus olhos arregalam-se e as covinhas aparecem.

– Chantagem emocional!

Eu rio-me e puxo o banco para fora, sentando-me numa das pontas e dando palmadinhas no lugar ao meu lado.

– Queres ouvir uma coisa que tenho estado a preparar? – pergunta ele um pouco hesitante, deslizando para junto de mim e entregando-me o seu

copo de café.

– Uma canção? – pergunto com entusiasmo. – Para a tua banda?

– Não, para mim.

– Não sabia que compunhas.

– Claro que componho. Componho para a banda, antes de mais, mas também o faço para mim, o tipo de coisas que não tocaríamos.

– De que género?

Ele pousa os seus dedos longos e esguios nas teclas e, depois de uma pausa, começa a tocar uma melodia suave e melancólica. Mal consigo respirar enquanto fico a absorver tudo. Ele para de tocar abruptamente no momento em que começo a sentir comichão no nariz.

– Porque é que paraste? – pergunto.

– Só compus até aqui.

– É linda.

Os seus olhos estão voltados para baixo, e eu fico hipnotizada com o brilho turquesa sob as suas pestanas escuras.

– Tem letra? – pergunto.

– Sim. Mas não vou cantá-la. – Ele mostra-me um sorriso tímido. – Vá lá, mostra-me o andar de cima. – Ele dá-me um toque na perna e levanta-se.

Subimos as escadas até ao antigo quarto do Michael, que tem janela para a rua. Está limpo e arrumado, com duas camas individuais, para os alugueres de férias. Em frente, do outro lado do corredor, há uma grande casa de banho familiar, e depois abro a porta do meu quarto.

– Continua praticamente na mesma – observa ele e, de repente, o espaço parece muito pequeno. Fecho essa porta e passo para o último quarto, ao fundo do corredor, que era dos meus pais. Tem a melhor luz de todos os quartos do andar de cima, com janelas voltadas para o jardim, em três lados.

– Deve ter sido tão difícil, limpar tudo para pôr a casa a alugar – murmura o Finn, olhando em volta.

– Não tens ideia. – Faço uma pausa. – Ou talvez tenhas.

Nunca falámos sobre como foi para ele perder a mãe aos quinze anos.

Ele suspira e acena com a cabeça.

– Devo ter uma ideia melhor do que a maioria das pessoas, mas a casa não era nossa. E tive alguma ajuda para limpar as coisas da minha mãe.

– Os teus avós?

– Sim. Alguém vos ajudou?

– O meu tio ofereceu-se, quando veio de Espanha para o funeral, mas eu ainda não estava preparada para o fazer, nessa altura.

– Claro que não estavas.

– E o Michael veio cá algumas vezes, mas acho que nenhum de nós é muito bom a lidar com o sofrimento do outro. Se eu me chateava com alguma coisa, ele ficava furioso e vice-versa. No fim, achei que seria mais fácil se ele me deixasse em paz. Ele não pareceu importar-se. – Inclino a cabeça para o lado. – Ontem disseste que não quiseste ir à praia de Perranporth. Era lá que

vivias, certo?

– Sim – responde ele, de forma concisa, aproximando-se da janela e olhando para a estufa convertida em estúdio. – Estou sempre a tentar mentalizar-me.

– Queres que vá alguém contigo? – pergunto.

Ele olha para mim por cima do ombro.

– Quem?

– Eu? – Deslizo as costas pela parede e sento-me no chão, dando palmadinhas no espaço ao meu lado como convite.

Os lábios dele curvam-se num pequeno sorriso e ele encolhe os ombros, sentando-se em frente a mim, com as costas contra a cama.

– Não sei, não sei. Talvez no próximo ano.

– Então, sempre regressas outra vez? – pergunto com um sorriso.

– Tudo indica que sim. – Ele sorri e estica as pernas, para que fiquem uma de cada lado das minhas. – Achas que ainda vais estar cá? – Ele bebe o último gole do seu café.

Eu deixo escapar uma risada sem humor.

– Não vou a lado nenhum.

– Porque não?

– Como é que poderia ir? – respondo com uma careta. – Quem é que tomaria conta do Michael?

– A Shirley?

– Não, ele precisa da família por perto. Não posso deixá-lo.

Ficamos em silêncio.

– Então, que planos tens para o próximo verão? – pergunta ele, olhando em volta.

– Sei lá. Não consigo imaginar-me a viver com o Michael outra vez. Ele passou-se comigo esta manhã, depois de eu o ter visto na cozinha, em cuecas, a pôr roupa na máquina de lavar. Eu gritei e disse-lhe para se vestir e ele gritou que a casa era dele e que, se ele queria lavar a roupa em cuecas, seria isso mesmo o que faria.

O Finn ri-se.

– Os meus pais sempre disseram que ele gostava da sua independência, mas ele passava tanto tempo em nossa casa que eu não acreditava nisso. Agora, tenho plena consciência de que estou no seu espaço, a atravessar-me no seu caminho. Ele está sempre tão zangado comigo. Quanto mais depressa puder voltar a viver aqui, melhor. Não preciso deste espaço, mas também não suportaria vender esta casa. Não sei o que fazer.

Lá em baixo, a máquina de lavar roupa apita para me avisar que terminou o ciclo.

– Tenho de ir pôr a próxima máquina a fazer, ou os lençóis não ficarão secos a tempo – digo, levantando-me. O Finn segue-me de volta ao andar de baixo.

– Já pensaste em reestruturar a casa? – pergunta ele.

– Como assim?

– Podias reestruturá-la de modo a alugar apenas o espaço do andar de baixo e, depois, podias viver no andar de cima durante o verão, usando apenas o resto da casa quando não tiveres pessoas aqui.

– Mas então seria apenas um quarto para alugar.

– Precisas mesmo desta porta lateral? – pergunta ele, enquanto nos dirigimos para o corredor largo que sai da lavandaria. – Se conseguisses instalar uma máquina de lavar roupa na cozinha e fazer da porta da cozinha o acesso principal ao jardim e à entrada da garagem, podias transformar a lavandaria e a despensa num quarto para crianças, com beliches.

Detenho-me um momento para olhar em redor.

– E podias converter o grande corredor principal, o que tem a porta da entrada, em dois espaços de entrada, um que suba diretamente as escadas para o teu apartamento e outro que sirva para os hóspedes. No andar de cima, podes converter a casa de banho grande numa cozinha e transformar o quarto do Michael ou dos teus pais numa sala de estar.

Tenho a cabeça à roda com as possibilidades que ele acaba de sugerir.

– Alguma vez pensaste em ser arquiteto? – pergunto, bastante impressionada.

– Nunca me permiti sonhar com esse tipo de coisas – murmura ele, desviando o olhar. – Mas devias perguntar ao Tarek.

– O Tarek? – Penso no olhar que ele tinha há instantes, com ecos do que a minha mãe me disse a ecoarem-me na mente: *A mãe dele era uma pessoa muito perturbada*. Detesto que ele não tenha sentido que podia sonhar, quando era mais novo. Quero abraçá-lo, mas resisto ao impulso.

– Ele está a tirar o curso de Arquitetura e já trabalha a tempo parcial num gabinete, em Truro.

– Esqueci-me de que ele estava a estudar Arquitetura – respondo. – Tivemos uma conversa sobre isso numa das festas em casa dele e do Dan.

A máquina de lavar começa a apitar novamente e o Finn passa por mim para a desligar.

– Obrigada – digo eu, apertando-lhe o braço e fazendo-o olhar para mim.

– Deste-me realmente algo em que pensar.

Algo positivo para variar.

É sábado, uma semana depois, e estou no emprego, contente por ter uma distração para me abstrair do aniversário da morte dos meus pais, que se aproxima rapidamente.

Amanhã vou cozinhar o almoço de domingo, para assinalar a ocasião, e esperava que a experiência que adquiri significasse que o Michael e eu poderíamos descontrair juntos e partilhar algumas boas recordações da nossa mãe e do nosso pai.

Mas depois ele convidou a Shirley, e também o Timothy, um amigo que conheceu há vários anos num clube social para pessoas com necessidades educativas especiais. Os meus pais costumavam levá-lo lá três vezes por semana, mas ele deixou de querer ir desde que os perdemos. No entanto, ainda mantém contacto com alguns dos seus amigos e, de entre eles, o Timothy é o mais próximo.

O dia de amanhã vai ser difícil, seja como for, mas será ainda mais difícil se tiver de fazer conversa com pessoas que mal conheço, embora esteja contente por o Michael receber apoio dos amigos. Só me apetece enfiar-me na cama e passar o dia todo com a cabeça debaixo dos cobertores. Vou sentir-me muito aliviada quando o dia chegar ao fim.

Por vezes, pergunto-me como é que o Michael está a viver o seu luto. Ele chorou quando os nossos pais morreram, e já o vi chorar várias vezes desde então, mas parece que recupera rapidamente das crises de tristeza, pelo que os seus períodos de angústia parecem mais curtos e passageiros. Ele vive no presente, preocupando-se sobretudo com o que vai acontecer hoje, amanhã ou na próxima semana. Olha para a frente, não para trás, e tem uma capacidade invejável de deixar o passado mais ou menos no passado.

Mas, de vez em quando, diz-me algo que me recorda que ele, claro, também está a sofrer. Esta noite, quando eu estava a sair da nossa casa de família, ele disse-me que tinha saudades do Austin Healey. Era o carro

clássico que os nossos pais iam a conduzir quando morreram. A sua declaração foi um murro no estômago. Mesmo agora, quando penso nisso, tenho de conter as lágrimas.

– Porque é que não vais para casa, Liv? – diz-me o Chas, massajando-me os ombros. – Vai, nós desenrascamo-nos aqui.

– Obrigada.

Pestanejo rapidamente enquanto pego na minha carteira e a ponho ao ombro.

Os Mixamatosis estão a tocar a sua última música e o espaço em redor do estrado está cheio. O Finn está algures no meio da multidão, observando-os.

Tento engolir o nó que tenho na garganta enquanto abro caminho até à porta da rua. Eu estou a meio dos degraus quando o desespero que brota do meu peito se torna avassalador. Quero ir para casa, mas não posso. Para *minha* casa, isto é. Não quero voltar para casa do Michael.

Por impulso, viro à direita em direção à praia, com os sons do Seaglass a atravessarem o ar da noite atrás de mim. Ouve-se um aplauso quando a última música chega ao fim e, alguns momentos depois, o sistema de som começa a tocar outra música *rock*. O meu telemóvel vibra na minha mala.

– Onde é que foste? – pergunta o Finn quando atendo o telefonema, com a sua voz abafada pelo som em torno dele.

– Estou na praia – respondo.

Ele termina a chamada e eu viro-me, observando com lágrimas nos olhos enquanto ele desce as escadas a correr e vem na minha direção.

– Faz amanhã um ano que morreram – digo-lhe com a voz embargada quando ele se aproxima de mim, puxando-me para o seu peito.

Ele segura a minha nuca com a mão e abraça-me enquanto eu choro.

– Eu disse-te para não seres simpático comigo – digo, abraçada a ele, passado algum tempo.

– Cala-te – murmura ele, libertando-me. Caminhamos em silêncio em direção à zona de rebentação.

– Como é que o Michael se sente em relação a amanhã? – pergunta ele.

– É difícil saber. Ele responde «ótimo» a tudo. Bom, não, às vezes diz-me que «não está bem», mas, no passado «não estar bem» significava que tinha dores terríveis e que tinha de ser hospitalizado por causa de uma infeção no peito, por isso...

Ainda me lembro de os meus pais me contarem o quanto ele tinha desvalorizado aquela infeção respiratória. É outra coisa à qual sei que preciso de estar atenta, caso aconteça novamente. O Finn pega na minha mão e aperta-a, encorajando-me a continuar.

– Hoje, disse-me que tinha saudades do Austin Healey do pai.

Ele olha de relance para mim.

– Era esse o carro onde eles iam?

Aceno com a cabeça, com a minha expressão a desfigurar-se. Ele para e

tenta puxar-me de novo para os seus braços, mas eu solto-me dele.

– Se tivessem ido no BMW, provavelmente teriam sobrevivido.

De repente, ele fica muito quieto.

– O que estás a dizer? – pergunta ele com cautela.

Nunca falámos sobre isso. Não consegui exprimir as minhas suspeitas em voz alta, mas depois li o relatório da Polícia e fiz alguma pesquisa e os meus piores receios confirmaram-se. A culpa intensificou-se, envenenando-me.

– Não eram eles quem ia no BMW. – Eu contenho outro ataque de lágrimas. – Era eu. Fui eu que o conduzi ao festival.

– Por favor, não me digas que te culpas a ti própria – diz o Finn, horrorizado. Depois, a sua expressão transforma-se em choque. – Culpas-me a mim?

– Culpo a nossa relação – sussurro. – Se eu não estivesse tão apaixonada por de ti, eles ainda estariam vivos.

Ele abana a cabeça com convicção.

– Foda-se, Liv, não. Por favor, não digas isso. Por favor, não *faças* isso.

– Não consigo evitar! – Choro.

– Foda-se! – diz ele novamente, afastando-se e passando a mão pelo cabelo. Ele olha para o mar com um ar sombrio.

Eu devia mandá-lo afastar-se de mim, para me autopunir, mas tudo o que fiz nas últimas duas semanas foi aproximar-me dele.

O meu castigo será a dor que sentirei quando ele se for embora.

Avanço na sua direção e ponho os braços à volta da sua cintura, encostando a minha cara às suas costas. Lentamente, ele pousa as suas mãos sobre as minhas.

– Sinto-me tão sozinha, Finn. A minha dor é tão grande e eu sinto-me tão pequena, e não tenho ninguém com quem a partilhar.

Ele baixa a cabeça.

– Ficas comigo esta noite? – sussurro contra a sua *t-shirt* macia, quase demasiado assustada para perguntar.

– Volto para Los Angeles na segunda-feira – responde ele, roucamente.

– A minha intenção não é... só que... não quero ficar sozinha. Podes abraçar-me? Por favor?

Sinto a sua hesitação, mas fico aliviada quando ele acena com a cabeça.

*

Quando entramos, a casa do Michael está escura e silenciosa. Estou ciente de cada batida do meu coração enquanto subimos as escadas e entramos no meu quarto. Pego no meu pijama e vou para a casa de banho enquanto o Finn se senta na beira da minha cama. Quando volto ao quarto, ele está debaixo dos lençóis e, quando os puxo para trás e entro na cama, vejo que ele está só de *boxers*. Ele abre os braços, eu aninho-me ele, e, ao fim de um tempo, alguma da minha tristeza esvai-se.

No dia do aniversário da morte dos meus pais, acordo como se tivesse bebido a dor e esta se tivesse solidificado dentro de mim como gesso, assumindo uma forma retorcida e mutilada. Não há nada de belo nisso; é puro sofrimento.

O Finn acorda ao meu lado.

– Ei – sussurra ele, estendendo a mão na minha direção.

Engulo em seco sucessivamente, com a emoção a intensificar-se como uma tempestade dentro do meu peito. Preciso de chorar, mas, se começo, não sei se conseguirei parar, e a última coisa que quero fazer é acordar o Michael.

– Veste-te – ordena-me o Finn, saindo da cama e pegando nas suas calças de ganga. – Vamos dar uma volta.

As lágrimas escorrem-me pelas faces enquanto o sigo ao longo de um trilho estreito, ladeado por silvas altas e espinhosas e fetos emplumados. Contornamos uma curva do caminho e, à nossa frente, eis o mar, cinzento como aço sob o céu que clareia. Seguindo pela bifurcação à esquerda, continuamos em silêncio, passando por árvores tão curvadas e quebradas pelo vento que o seu interior parece ter sido escavado.

Sinto-me como uma dessas árvores: oca, mas ainda viva. Meio morta, meio viva.

A linha entre o mar e o céu é quase indistinta e o mar está tão raso que mal identifico a ondulação lá em baixo. Mas, quanto mais caminhamos, mais o sol se eleva acima do horizonte e mais vibrante se torna o mundo à nossa volta. Da última vez que aqui estive, os fetos moribundos tinham conferido às falésias uma cor de ferrugem. Agora, é uma paisagem de charnecas ondulantes, atapetadas com tojo dourado, urze ametista e fetos esmeralda.

Quando a cor da água começa a oscilar entre o azul-marinho e o azul-petróleo e o vento aumenta, o Finn abranda até parar. Adiante há uma ponta

rochosa e, para lá dela, as falésias verdes descem até uma extensão de praia branca e cremosa.

Olho de relance para o Finn. Ele olha fixamente para a frente, com o maxilar cerrado, o vento a agitar o seu cabelo escuro, num frenesim.

É então que me dou conta: foi aqui que encontraram as roupas da mãe dele, o sítio de onde ela se suicidou, saltando do penhasco.

Não estou *sozinha* na minha dor.

Foi por isso que ele me trouxe aqui? Para partilhar a minha dor?

– Juro que vai ficar mais fácil, Liv. – Ele repete o que me disse no verão passado, com uma voz baixa e sofrida.

– Como é que lidaste com a perda? – pergunto com angústia perante a sua dor e a minha. – Eras tão jovem.

– Eu já vivia todos os dias com medo, conjecturando como é que ela se iria magoar a si própria, ou a nós. De certo modo, foi um alívio quando ela decidiu partir. – Ele engole com dificuldade e olha para mim antes de olhar para o chão. – Nunca disse isso em voz alta a ninguém.

Passo o meu braço pelo dele e encosto-me ao seu lado.

– Voltaste cá, desde aquele dia?

Neste Natal, fará nove anos.

Ele abana a cabeça.

– Não consegui vir no verão passado.

– Porque é que *voltaste* à Cornualha depois de todo este tempo?

– Os meus avós já me andavam a pedir isso há anos. Eles levaram o Liam e o Tyler aos Estados Unidos duas vezes, mas queriam que eu os conhecesse, que os conhecesse a sério, no seu território. E ainda não sei se consegui – confidencia.

– O que queres dizer com isso?

– O Liam está bem, mas o Tyler... está tão zangado. Acho que está zangado *comigo* por me ter ido embora, como se eu também o tivesse abandonado, depois de a nossa mãe o ter feito. Mas eu não tive escolha – diz ele, com a voz a falar-lhe. – Os meus avós não tinham espaço para mim, a casa deles é *minúscula*. O meu pai foi o único que esteve disposto a chegar-se à frente e a assumir o seu papel de pai.

Ele suspira.

– Acho que se a minha avó e o meu avô falecessem agora, o Tyler e o Liam viriam viver comigo.

– Não voltarias para cá, se isso acontecesse? – pergunto com surpresa. – Se ainda estão na escola?

Observo a maçã de Adão dele a subir e a descer enquanto engole, e depois o seu olhar procura o meu com relutância.

– Não conseguiria, Liv – diz-me ele, pesadamente.

– Porque não?

– Estar aqui faz-me sofrer.

Fico a olhar para ele, com o coração apertado.

Os seus olhos estão escuros enquanto ele me implora para que compreenda.

– Tenho tantas más recordações deste sítio. A minha vida é em Los Angeles. O meu pai está lá, o meu irmão e a minha irmã mais velha, o meu sobrinho, os meus amigos e a minha banda... Fiquei destroçado quando saí da Cornualha, mas Los Angeles é a minha casa, agora. Sou feliz lá.

De repente, apetece-me chorar outra vez. Mordo o lábio, lutando contra esse impulso, enquanto ele desenlaça os nossos braços e põe o dele à volta da minha cintura.

– Esculpiste alguma coisa ultimamente? – pergunta ele com suavidade.

Abano a cabeça, engolindo.

– Estou sem ânimo. Sei que a certa altura isso me vai ajudar, mas ainda me sendo em carne viva. Acho que tenho de deixar que a dor assente durante mais algum tempo, deixar que ela passe por mim. Ou aprender a que ela se torne parte de mim, aprender a viver com ela.

– Achas que os vais esculpir?

Hesito antes de acenar com a cabeça.

– Um dia.

.

No final dessa tarde, estou sentada no chão da sala de estar do Michael, com as costas encostadas na parede, a rir-me de uma história que a Amy nos está a contar.

O dia de hoje não correu nada como eu tinha imaginado. Em vez de eu e o Michael estarmos sozinhos à mesa, a recordar a mãe e o pai e a tentar aguentar-nos sem chorar, estamos rodeados dos nossos amigos. Quando a Rach e a Amy souberam que o Michael tinha convidado a Shirley e o Timothy para almoçar, perguntaram se também podiam vir e insistiram em trazer *fish and chips* do restaurante da aldeia. O Finn também cá está e, como não havia espaço para todos à mesa, afastámos os sofás e estamos sentados no chão, à volta da mesa de centro, até a Shirley.

– Ei! – diz o Michael, enxotando a Rach, que acabou de roubar uma batata do prato dele.

– Desculpa, mas essa parecia mesmo estaladiça – responde ela, atrevida.

O Michael estica o pescoço para olhar para o prato dela.

– Eu fico com... aquela! – diz ele, pegando numa batata frita grande.

– Ei, essa era muito maior do que aquela que eu roubei – queixa-se a Rach.

O meu coração transborda ao vê-los. Sempre adorei a forma como os meus amigos interagem com o Michael. Adoram-se uns aos outros. Os abraços que o Michael deu à Amy e à Rach quando elas chegaram estavam carregados de afeto.

– Querem que vá à cozinha buscar mais batatas? – pergunta o Finn, sabendo que ainda estamos muito longe de termos consumido a nossa quota.

– Não é preciso – responde o Michael antes de todos os outros, roubando outra batata à Rach.

Não acredito que me estou a divertir.

Esta manhã ajudou-me imensamente. Eu precisava de conseguir sentir a tristeza e, agora, sinto um enorme alívio porque o dia está quase a chegar ao fim.

O meu olhar encontra o do Finn e sorrio-lhe.

.

O Finn é o último a ir-se embora. O Michael já se foi deitar, completamente exausto. A Amy e a Rach saíram há pouco, com a Shirley a oferecer-se para levar o Timothy a casa, em Perranporth, onde ele vive numa residência assistida.

Estou enroscada no sofá, com a cabeça no colo do Finn. Ele passa-me a mão pelo cabelo.

– Acho que é melhor ir-me embora – diz ele com pesar.

Amanhã tem o seu voo para Los Angeles.

Levanto a cabeça e olho para ele

– Fica – peço-lhe em voz baixa.

Ele olha para mim, pondo-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha, e o desejo pulsa na parte inferior do meu corpo. Sento-me e encaro-o.

– Fica – sussurro de novo, com intenção.

– Eu quero – confessa ele, e sei pelo seu olhar que nenhum de nós está a pensar em dormir. – Mas, se o fizer, vai ser ainda mais difícil para mim partir.

– Não tenho força de vontade para me preocupar com isso.

Ele estuda o meu rosto durante um longo momento antes de me acariciar a face.

– Tens a certeza?

Aceno afirmativamente.

Sinto um formigueiro na pele quando ele me puxa para o seu colo. Ficamos a olhar um para o outro e, depois, as nossas bocas juntam-se, os nossos lábios unem-se pela primeira vez desde há um ano.

É o beijo mais doce, lento e penetrante, e causa-me arrepios na espinha.

Balanço-me contra ele e sinto-o endurecer debaixo de mim. As suas mãos descem da minha cintura para as minhas ancas e ele puxa-me para mais perto, ofegando na minha boca.

– Vamos lá para cima – sussurro.

Não sei como conseguimos não fazer barulho.

.

– Continuo a achar que não devíamos manter-nos em contacto – digo, nas horas cinzentas e frias da madrugada.

O Finn deita-se de costas e olha para o teto, com duas rugas gravadas entre as sobrancelhas.

– É demasiado difícil – digo, parecendo um tanto desesperada. – Não quero ficar à espera dos teus telefonemas ou mensagens, isso só vai prolongar a dor. Prefiro ter a certeza de que não vou ter notícias tuas, como quem arranca um penso e pronto.

Ele faz uma pausa e depois acena com a cabeça, virando-se para me olhar nos olhos.

– Se é isso que queres.

– É. – Não é. Mas é melhor assim. – E acho que é importante saberes que não vou esperar por ti, no caso pouco provável de tu voltares.

– Eu *voltarei*, Liv, mas, tal como antes, não espero que fiques à minha espera.

– Também não espero que esperes por mim.

Ele não responde, mas o seu olhar é distanciado, avaliador, perguntando-se se estou a falar a sério. Seria irrealista pensar que ele vai recusar todas as raparigas que se vão atirar aos seus pés assim que a sua banda começar a ter sucesso – e não tenho dúvidas de que isso vai acontecer.

– Mas... se eu estiver sozinha e tu estiveres sozinho... – digo, deixando a incógnita pairar.

Ele sorri perante a minha tentativa de me mostrar indiferente e inclina-se, beijando-me a boca.

– Vemo-nos no próximo verão.

Este verão

- O Tarek está doente – informa-me a Amy ao telefone.
- O que é que ele tem? – pergunto com preocupação.
- Está com uma gastroenterite.
- Coitado.
- Não pode ir ao *quiz* de logo à noite. Que tal convidar o Luke ou a Libby?
- Duvido que queiram vir. Já me veem o suficiente durante a horas de trabalho, no Seaglass. – Faço uma pausa e depois digo, hesitante: – Posso sempre perguntar ao Tom.
- Quem é o Tom? – pergunta ela, e eu consigo imaginar perfeitamente a sua expressão de espanto.
- O tipo que está hospedado no andar de baixo.
- O gajo rabugento? – pergunta ela, alarmada.
- Na verdade, ele é muito simpático.
- *Desde quando?* – grita ela, com o tom de voz a subir várias oitavas.
- Desde sábado, quando insistiu para que eu estacionasse o carro na entrada e, depois, me ajudou a carregar todo o material de limpeza. Também me convidou para jantar, ontem à noite.
- O quê?!
- Rio-me e ponho-a ao corrente da situação.
- Ele parece um verdadeiro sonho – comenta ela. – Trá-lo, sem qualquer dúvida.
- Vou perguntar-lhe – tranquilizo-a, sorrindo quando termino a chamada.

Desço as escadas e bato à porta do apartamento. As minhas borboletas estavam semiadormecidas quando referi o nome do Tom à Amy, mas acordaram assim que desci as escadas. E, quando a porta do apartamento se abre e os olhos castanhos cor de mel do Tom brilham de surpresa e prazer ao

verem-me, elas voam num frenesim caleidoscópico.

Ele barbeou-se. Eu gostava da sua barba por fazer, mas com a barba feita parece uma brasa de outro mundo.

– Olá! – digo eu.

– Ei!

– Ainda te apetece comer um hambúrguer? – pergunto eu, dando-lhe um sorriso esperançoso.

.

– Fala-me dos teus amigos – diz o Tom enquanto subimos a colina, meia hora depois.

– Bem, a Rach e a Amy são as minhas amigas mais chegadas e as mais antigas. Andámos juntas na escola, em Truro, e elas têm estado ao meu lado em todos os momentos.

– Já gosto delas, só pela descrição.

Sorrio para ele e continuo.

– O Dan é o noivo da Amy. Eles namoram desde que concluímos a universidade. Ele é um tipo fantástico. E a Ellie é a namorada da Rach. Trabalham juntas na sede da Surfers Against Sewage e conheceram-se há uns anos.

– Fixe – diz ele.

– Então e quem é que eu vim substituir?

– O Tarek.

Ele olha para mim, e consigo ver a pergunta nos seus olhos.

– É só um amigo. O melhor amigo do Dan. Andámos todos juntos no liceu. E a namorada dele detesta *quizzes*.

Acho que a expressão de alívio no seu rosto ao ouvir a minha resposta não é apenas imaginação minha.

Hoje temos ventos fortes outra vez, mas, por sorte, o tempo aguentou-se sem chuva durante a nossa caminhada até aqui.

Ele está a usar as mesmas calças de ganga que tinha ontem, juntamente com uma camisa de flanela azul-escura, aberta sobre uma *t-shirt* branca. Tem as mangas arregaçadas até um pouco abaixo dos cotovelos.

Eu também estou de calças de ganga, azuis-claras, e uma *t-shirt* branca, mas as minhas calças são mais largas, assentam mais abaixo nas ancas, e a minha *t-shirt* é larga, portanto não estamos vestidos de igual. Um casaco preto e curto completa o meu *look*.

Admito que me arranjei de forma mais caprichada do que o costume, esta noite. Espero parecer descontraída mas *sexy*. Até passei algum tempo a encaracolar o meu cabelo escuro em espirais brilhantes e soltas.

Somos os primeiros a chegar e encaminham-nos para uma mesa para seis. Já há velas acesas em todas as mesas e o ambiente é animado, com muita gente a comer antes do início do *quiz*.

– Obrigada por teres vindo comigo – digo.

– Obrigado por me teres convidado.

– Ainda bem que aceitaste.

Ele aproxima a vela um pouco mais de si, com a atenção fixa na chama.

– Para ser franco, não estou muito habituado à minha própria companhia – admite.

– Tens-te sentido sozinho?

Os olhos dele levantam-se para fitar os meus e encolhe ligeiramente os ombros.

– Um bocado.

– Podes bater à minha porta para vir tomar um chá sempre que quiseres.

Ou ir até ao Seaglass. Estou sempre por perto.

Os cantos dos seus lábios dobram-se para cima.

– Obrigado.

A minha atenção continua a ser atraída para os seus antebraços tonificados e quase estremeço quando a Amy diz:

– Já cá estamos!

Os seus olhos alternam entre mim e o Tom. Ela parece o Gato de Cheshire.

– Olá! – respondo, deslizando para fora da mesa quando o Dan aparece.

O Tom levanta-se e espera pelo momento de ser apresentado, enquanto eu abraço rapidamente os meus amigos.

– Pessoal, este é o Tom. Tom, estes são a Amy e o Dan.

– Olá! – diz Amy, pondo-se em bicos dos pés para o abraçar. Ela lança-me um olhar de pura alegria quando se afasta dele.

Ainda antes de nos sentarmos, a Rach e a Ellie chegam, por isso fazemos outra ronda de apresentações.

– C’um caraças! – sussurra-me a Rach ao ouvido quando lhe dou um abraço rápido.

Lanço-lhe um olhar de aviso antes de cumprimentar a Ellie.

A Ellie é tão bonita. Não é muito mais alta do que Rach, tem cerca de um metro e sessenta e cinco e tem o cabelo preto muito liso, graças à sua costela japonesa, do lado da mãe. Durante muito tempo, depois de ela e Rach terem começado a andar, a Rach parecia querer beliscar-se a si própria sempre que olhava para a sua nova namorada.

A Ellie fica com uma expressão semelhante quando vê Rach a surfar. A minha amiga é espetacular nas ondas.

Ela é sempre espetacular.

Por fim, sentamo-nos. Esqueci-me de dizer aos meus amigos que não fizessem muitas perguntas sobre as razões que trouxeram o Tom à Cornualha, uma vez que ele parece relutante em falar sobre isso, portanto fico nervosa quando eles lhe perguntam o que faz e porque veio até cá. Ele dá-lhes mais ou menos a mesma explicação que me deu, conseguindo evitar um interrogatório mais aprofundado. Quando os nossos hambúrgueres chegam, já todos estamos mais à-vontade e começámos as conversas parvas do costume.

Quando se ouve a voz do anfitrião do *quiz* no sistema de som, dando as boas-vindas a todos, a conversa ruidosa no *pub* torna-se apenas um murmúrio abafado. O Tom está sentado à minha frente e dá-me um sorriso divertido, que me percorre a espinha. A Amy está de caneta na mão. O bar fica em silêncio quando a primeira pergunta é lida.

O que é o nó sinusal e qual é a sua função?

Todos na nossa mesa se entreolham fixamente, exceto o Tom, que se inclina para a frente e sussurra à Amy:

– É o *pacemaker* natural do coração. Gera impulsos elétricos para ditar o ritmo e a frequência de um coração saudável.

Ela rabisca a resposta o mais depressa que consegue.

– Como é que sabias? – pergunta o Dan ao Tom, espantando.

– Há certas coisas que retemos quando trabalhamos na área da busca e salvamento – responde ele com um encolher de ombros.

– Desculpa, ele podia ser *mais* atraente? – pergunta a Amy em voz alta quando o Tom e o Dan vão ao balcão para nos trazer mais bebidas, durante o intervalo.

Ela lança-me um olhar cheio de significado.

– Tens de o comer, já.

Eu rio-me.

– Não me parece.

– Porque não? Aquele homem é sexo ambulante, *e* é inteligente. Acho que vai ser a primeira vez que ficaremos entre os três primeiros classificados.

– Ele é mesmo inteligente, não é? – remexo-me no assento, cheia de orgulho.

– Ouve, um piloto de helicóptero de busca e salvamento, Liv? – interrompe a Rach interpõe-se. – Há algum emprego mais *sexy*?

A Ellie sorri-lhe.

– Não me ocorre nenhum.

– Será que isto significa que vamos poder voltar a ouvir boa música? – pergunta a Rach.

– Estás a exagerar – respondo.

– Estou? Aposto que ele é um tigre na cama.

– Duvido que ele vá para a cama seja com quem for nos próximos tempos – digo, involuntariamente juntando os joelhos. – Ele saiu recentemente de uma relação séria. Além disso, vi uma foto da sua ex-namorada. Ela é um espanto.

– Tu és um espanto – enfatiza a Amy, com lealdade.

– A relação não pode ter sido assim tão séria – diz a Rach. – E é evidente que ele já a ultrapassou.

– Porque é que dizes isso? – pergunto.

– Porque ele não tira os olhos de ti – responde ela. Sinto-me a corar

quando olho para a Amy e para a Ellie.

– É verdade – diz a Amy com um sorriso, enquanto a Ellie confirma:

– Ela tem razão.

A Rach inclina-se para a frente.

– E tu pareces gostar dele também.

– Como não? Ele é lindo.

E gentil, carinhoso e estranhamente protetor em relação a mim, apesar de só nos conhecermos há alguns dias. A Rach vira-se para a Amy com um ar presunçoso.

– Afinal, talvez consigam incluir a Brit Easton na *playlist* do vosso casamento.

– Cala-te! – responde-lhe Amy, lançando um olhar estranho na minha direção.

Sinto-me acometida por um súbito ataque de náuseas ao ouvir o nome daquela estrela *pop*.

– O que se passa? – pergunto com cautela.

– A Amy tem estado a ouvir a «We Could Be Giants» vezes sem conta – revela a Rach. – Ela adora a canção e tem medo de te dizer.

– Para de arranjar problemas – diz a Ellie à namorada com um ar carrancudo, ao passo que a Amy parece só querer enfiar-se num buraco.

O Tom e o Dan voltam com as nossas bebidas e eu tento forçar um sorriso, mas não consigo deixar de pensar na canção.

Ou na mulher que a canta.

E ainda menos na pessoa que a escreveu.

Pode-se dizer que estou mesmo muito embriagada. Dei-lhe bem no *prosecco* depois de o Tom e o Dan terem voltado do bar e, quando ganhámos o vale de bebidas, eles foram buscar uma segunda garrafa. As bolhinhas subiram-me diretamente à cabeça.

– Não acredito que ganhámos! – exclamo, enquanto tento caminhar a direito ao longo da colina íngreme que desce para a Casa da Praia.

– Não acredito que sabias quais as personagens dos livros *Mr. Men* que usam sapatos – responde ele.

Eu rio-me.

– O Sr. Tonto e o Sr. Barulhento foram fáceis, mas fiquei bastante satisfeita por ter acertado no Sr. Tagarela. – Só tínhamos de acercar em três nomes de entre nove. – E como é que sabias que Edimburgo fica mais a norte do que Vancouver e Moscovo? – Aproximo-me dele e empurro-lhe o braço, cheia de orgulho nele.

– Estão mesmo muito próximos.

– Ainda assim, estudei em Edimburgo e jamais teria adivinhado. Andaste na universidade? – pergunto eu.

– Leeds – responde ele.

– A estudar o quê?

– Aviação.

– Sempre soubeste que querias pilotar?

– Foi sempre a minha única paixão, para além do desenho.

Posso não estar no meu momento de maior coerência, mas é impossível não sentir a melancolia na sua voz. Assim que nos calamos, a minha cabeça começa a girar.

– Estás bem? – pergunta o Tom.

– A gravidade quer mesmo, mesmo, mesmo que eu me estatele.

– Queres apoiar-te no meu braço? – pergunta ele com uma pequena

gargalhada.

Laço-lhe um olhar reprovador e franzo o nariz, não querendo passar vergonhas. Mas envergonhar-me é exatamente aquilo que faço, porque ter olhado para ele de lado desequilibrou-me.

– Caraças, Liv, quase caíste no ribeiro! – suspira ele, agarrando o meu braço e puxando-me de volta para a estrada.

– Oh, céus! – murmuro, morta de vergonha. – Não costumo beber assim tanto.

– É evidente que estavas a precisar de descontrair – diz ele com uma risada.

Esse comentário traz-me recordações do verão em que terminei o curso.

O Tom põe o braço à volta dos meus ombros e, de repente, *só* penso nisso.

– Importas-te? – pergunta ele cautelosamente, olhando para mim do alto do seu metro e noventa.

– De todo – respondo, inclinando-me um pouco para ele. Equilibro-me ainda melhor quando ponho o meu braço à volta da sua cintura e pouso a minha mão livre no seu peito. Ele é tão sólido, forte e firme. Não tenho dúvidas de que me vai manter de pé.

– Costumas ir ao ginásio? – Já sei que amanhã me vou arrepender de lhe ter perguntado dito isto.

Ele solta uma gargalhada.

– Tenho máquinas de treino, no trabalho. Não há muito mais para fazer enquanto esperamos que nos chamem.

– Então, passas o dia inteiro a levantar pesos?

– Não é bem assim – responde ele, divertido. – Nos períodos de sossego, quando não estamos a treinar em equipa, cozinho, durmo, leio, faço exercício, por vezes até toco piano.

– Tens um piano no trabalho?

– O nosso edifício é como uma segunda casa. Temos de estar de plantão durante mais de vinte e quatro horas de cada vez.

– Também tenho um piano no andar de cima!

– Eu sei, já te ouvi tocar.

– Ouviste? – Faço uma careta perante a ideia.

– O que foi? Tocas bem.

– Não toco nada. – Abano a cabeça. – E, agora que sei que alguém está a ouvir, não vou conseguir tocar.

– Continua. Estou a gostar.

– Nem sequer ligaste a televisão. O que fazes tu lá em baixo? Desculpa a pergunta, foi falta de educação. Sou uma senhoria muito, muito mal-educada.

– Sinto a sua risada grave a vibrar contra a palma da minha mão. Estamos a caminhar como se fôssemos um casal, e sinto-me estranhamente segura. Estou surpreendida com o quanto me permito desfrutar deste simples contacto sem entrar em parafuso, mas a verdade é que bebi um quarto do meu

peso em *prosecco*.

– Tenho lido muito desde que cá estou – confia ele. – Não sei porquê, mas não tenho tido vontade de ver televisão.

– Também não ouves música, nem rádio.

– Ouço-te a tocar piano.

– Desculpa, o som é muito alto, não é? Mas não tenho tocado muito.

– Não, não tens – concorda.

– E, normalmente, os meus hóspedes costumam passar muito mais tempo fora de casa.

– Tenho ido dar montes de passeios! – protesta ele.

– Tiveste aulas? – pergunto-lhe com um sorriso, olhando para cima.

Ele acena que sim com a cabeça.

– E tu?

– Também.

– Oitavo nível?

– Como é que percebeste? Até que nível chegaste?

– Ao mesmo.

– Oh, céus, temos tanto em comum!

Sinto novamente o seu riso grave contra a palma da minha mão, mas é verdade, temos mesmo.

Eu e o Finn também tínhamos isto de tocar piano em comum, e o Finn costumava desenhar quando andava no liceu. Pergunto-me se me sinto atraída pelo Tom devido às suas semelhanças com o Finn ou se é das suas diferenças que eu gosto.

Estou demasiado bêbada para me deixar arrastar por essas questões. Na verdade, também não sei se alguma vez estarei suficientemente sóbria para isso.

– Porque é que paraste de desenhar na praia? – pergunto-lhe, do nada. Andamos mais alguns passos antes de ele responder.

– Era mais fácil quando era anónimo. É como tocar piano quando se pensa que ninguém está a ouvir.

A minha expressão passa a ser de tristeza.

– Não acredito que te arruinei isso. – Ele olha para mim com um sorriso.

– Por favor, não deixes de desenhar na areia por minha causa – imploro. – Se quiseres uma praia mais isolada, onde é provável que haja menos pessoas a observarem-te, podes caminhar ao longo da falésia, até Trevellas Cove.

A praia é um pouco pedregosa, mas há areia mais do que suficiente para desenhar algo interessante, mesmo que não dê para uma floresta à escala da sua última.

– Talvez lá vá amanhã de manhã, se não chover.

– Posso ir ver-te enquanto trabalhas? – pergunto com entusiasmo.

Ele atira a cabeça para trás e ri-se, e é como se alguém tivesse atirado outra garrafa de *prosecco* diretamente para o meu estômago.

Adoro o som da sua gargalhada, e o seu sorriso é glorioso. Lábios

bonitos e dentes fantásticos: direitos e brancos, mas não completamente uniformes.

Merda, tenho estado a olhar para a sua boca, e ele reparou.

– De que me serve ir para outra praia se tu me vais observar na mesma? – pergunta ele, olhando para mim.

– Oh! Não tinha pensado nisso. Mas gostava mesmo de te ver a trabalhar. O que é que usas? Isto é, que ferramentas?

– Na verdade, fui buscar emprestado um ancinho ao barracão de ferramentas do teu jardim.

– Então tens mesmo de me deixar ver-te em ação! – exclamo, batendo no meu peito duro. – Faça parte do teu processo!

– Veremos – diz ele suavemente, levantando o queixo para indicar algo à frente.

Fico tristíssima quando me apercebo de que estamos em casa.

– Vais ficar bem? – pergunta ele, soltando-me e abrindo a porta da frente com as suas chaves antes de a manter aberta para me deixar passar.

– Sim, vou cair redonda na cama – digo, sentindo-me desanimada enquanto passo por baixo do seu braço estendido.

– Antes disso, bebe meio litro de água.

Pego nas minhas chaves e faço-lhe continência, destrancando a porta.

Ele espera que eu ultrapasse o limiar do meu apartamento antes de entrar no corredor.

– Mais uma vez, obrigada por teres vindo – digo, virando-me para ele.

Ele esboça um sorriso caloroso, e os seus olhos dourados brilham à luz do candeeiro de teto.

– Foi divertido. Convida-me outra vez, um dia destes, se alguém desistir.

– Assim farei. Boa noite, Tom.

– Boa noite, Liv.

Fecho a porta ao pensamento esmagador de que «um dia destes» será, provavelmente, «nunca». Ele vai-se embora daqui a menos de três semanas, e depois terei novos hóspedes no apartamento de baixo.

Subo as escadas sentindo-me com frio e infeliz, e estranhamente desorientada sem o peso do seu braço à volta dos meus ombros.

Porque é que continuo a fazer isto a mim própria? Porque é que não posso conhecer um rapaz simpático que more aqui perto, alguém que não me abandone no fim das férias?

Quatro verões antes

– Mas que raio é isso? – diz a Rach quando lhe mostro a última criação a ser gravada na espuma da minha meia de leite.

– Elefante? – pondero de forma dúbia, enquanto contornamos cuidadosamente os veraneantes, tentando não atirar areia para a manta de retalhos das suas toalhas de praia coloridas.

De onde é que *vieram* todas estas pessoas? Onde é que *estacionaram*? Certamente que não podem estar todos em St. Agnes.

– Isso não é a porra de um elefante, Liv. É uma pila e uns tomates.

– *Shh!* – digo, incapaz de conter o riso, mesmo quando lanço um olhar preocupado a algumas crianças nas proximidades.

Felizmente, elas estão demasiado ocupadas com o seu castelo de areia para prestarem atenção à minha amiga desbocada.

– Ele está a tentar mostrar-te o que estás a perder – provoca a Rach, dando-me um empurrão no braço.

– Se é isto, acho que não estou interessada.

– Não sei, não sei. Olha que é um comprimento considerável.

– Para! – As lágrimas que se vinham acumulando nas minhas pestanas inferiores libertam-se finalmente.

Já há cerca de duas semanas que o empregado de balcão bem-parecido e de olhos azuis do café ao lado do Seaglass começou a fazer desenhos artísticos na minha meia de leite. Começou por fazer pássaros – simples gaivotas a voar no céu –, mas a minha cara deve ter-se iluminado quando ele deslizou a chávina na minha direção, porque me sorriu de forma muito doce e senti os seus olhos cravados em mim enquanto lhe pagava. Quando voltei noutro dia, ele desenhou o perfil de um passarinho rechonchudo na superfície espumosa.

– Um pardal? – perguntei a sorrir.

– Também pode ser um pintarroxo – respondeu ele, com sotaque

australiano.

– Que giro!

Depois dos pássaros, passou ao contorno de um gato, seguindo-se o de um cão.

– Devias ter começado com uma mosca e depois uma aranha – brinquei. Ele inclinou a cabeça para o lado, divertido mas perplexo.

– Não te lembras daquela cantilena sobre uma velhota que engoliu uma mosca?

– Oh, sim! – exclamou ele, esboçando um grande sorriso. – A minha avó costumava cantá-la para mim.

– Na Austrália?

– O sotaque denunciou-me, não foi? – perguntou ele, com os olhos cheios de comicidade enquanto afastava do rosto o cabelo, louro do sol.

Um completo surfista.

– Só um bocadinho. De onde és?

– Sydney.

– Estás cá a passar o verão?

– No mínimo. Vou andar um ano a viajar, mas, até agora, estou a gostar da Cornualha.

Ele sorriu e cruzou os braços sobre o peito, um gesto que deu ênfase os seus bíceps.

Senti-me estranhamente instável ao sair, como se o chão de cimento se tivesse transformado em areia.

Ontem, ele perguntou-me qual era o meu animal preferido. Eu respondi «girafa». Ele demorou um pouco mais, e não foi um sucesso total – optou por desenhar a cara, em vez de um corpo inteiro, e parecia mais uma vaca do que outra coisa –, mas ambos nos rimos um pouco e eu vim-me embora a dizer que mal podia esperar para ver o que ele faria no dia seguinte.

– Qualquer coisa boa, prometo – disse ele em resposta.

E eis que...

– Como é que reagiste quando ele te entregou o copo? – pergunta a Rach enquanto estende a toalha na areia.

– Corei.

– E depois?

– A rapariga com quem ele trabalha queimou a mão na tostadeira, por isso ele foi a correr ajudá-la – respondo enquanto ela tira a *t-shirt* da digressão do Sam Fender, revelando o seu biquíni verde-tropa por baixo.

Esse biquíni já foi usado tantas vezes que está por um fio.

– Volta lá e pergunta-lhe o que é – sugere ela enquanto eu equilibro o meu copo de café na areia.

– Não! É um elefante! Claro que é um elefante.

Dispo o meu vestido amarelo pela cabeça e descalço os chinelos, procurando o meu saco de praia cor-de-rosa. Apercebo-me de que o deixei no café no preciso momento em que vejo o empregado a vir na nossa direção,

segurando-o.

– Desculpa! Obrigada!

– Tranquilo – responde, entregando-o e protegendo os olhos do sol.

– Como está a mão da tua colega? – pergunto, desejando não ter sido tão rápida a despir-me. Estou com o meu biquíni roxo, mas, ainda assim, sinto-me demasiado nua.

– Sobreviverá.

– Olá – cumprimenta a Rach.

Eu viro-me para ela e lanço-lhe um veemente olhar de aviso.

– Sou a Rach – diz ela, evitando o contacto visual comigo enquanto está inclinada para trás, apoiada nas mãos. – Tenho admirado a tua arte.

– Oh, obrigado – responde ele.

– És artista nos tempos livres? – pergunta ela.

Ele ri-se e coça a barba loira quase branca que tem no maxilar.

– Eu, não. Não um artista que preste, pelo menos, como a Liv poderá confirmar.

– Como é que sabes o meu nome? – pergunto, com surpresa.

O seu rosto bronzeado adquire uma tonalidade rosada quando ele responde

– Perguntei por aí...

A Rach parece prestes a entrar em combustão espontânea.

– Chamo-me Brendan – apresenta-se ele.

– Olá – respondo timidamente.

– Tens planos para mais logo? – interrompe a Rach.

Rach! O que é que se passa contigo?

– Não – responde ele, olhando para mim.

– Vamos organizar uma festa de aniversário surpresa para um amigo. Quantos mais, melhor. Traz um amigo, se quiseres.

– Oh! *Okay*, fixe.

Ele fica surpreendido, mas não se mostra desagrado.

– A Liv manda-te os detalhes por mensagem – acrescenta, deitando-se e virando a cara para o sol, protegida pelos óculos escuros.

Rio-me entredentes da sua tática e retiro o telemóvel da bolsa do meu saco de praia.

– Qual é o teu número?

*

Estou demasiado divertida com o atrevimento da minha amiga para me zangar com ela, mas, horas depois, o meu estômago está a contorcer-se de nervos quando paramos o carro no parque de estacionamento de Chapel Porth. Há muito tempo que não tenho nada que se pareça com um encontro amoroso, e nem sei ao certo se é disso que se trata.

– Relaxa – diz a Rach com firmeza, tirando-me a mão da boca.

– Não consigo!

Apetece-me tanto roer as unhas.

– Precisas disto – diz ela.

– Achas mesmo? – pergunto com incerteza, lutando contra o nervoso-miudinho.

– Sim, precisas.

– Mas que idade é que ele tem? Ele disse que está a tirar um ano para viajar. Ele refere-se a um ano depois da universidade?

– O que é que isso interessa? E se ele for mais novo que tu? Aquele rapaz é todo homem.

– O quê? – Olho para ela com perplexidade.

– Percebes o que quero dizer. Gostas dele, caso contrário estarias a ir buscar os teus cafés com leite de graça ao Seaglass.

– Sim, mas o Beach Café tem bolos.

Tal como a minha cintura cada vez mais curvilínea pode atestar.

– E *também* tem um regalo para os olhos – acrescenta com ênfase. – Não me digas que não tens lavado a vista enquanto comes o teu *croissant* matinal.

– Prefiro os *scones* com passas.

– Cala a boca e sai do carro.

O Dan faz anos, e a Amy combinou que nos esconderíamos numa gruta enquanto ela o leva a jantar cedo no Blue Bar, em Porthtowan, a aldeia mais próxima, e depois vão dar um passeio romântico pela praia. A ideia é nós saltarmos e pregarmos-lhe um susto de morte, e depois embebedamo-nos todos.

É um plano bastante sólido, tirando o facto de só termos uma janela de oportunidade de cerca de três horas, antes de a maré subir e impedir a nossa rota de fuga. Aqui, a maré sobe muito depressa e é extremamente perigosa, por isso é bom que alguém se mantenha sóbrio e alerta.

A Rach e eu tencionamos ir a pé para casa e vir buscar o carro de manhã, antes que as taxas de estacionamento comecem a ser cobradas.

– O Michael trabalha amanhã? – pergunta a Rach enquanto abre o porta-bagagens para tirar a parafernália de festa que trouxemos connosco.

– Sim, mas eu não contaria com o meu irmão para nos safar do parquímetro, se é isso que tens em mente.

– Era exatamente isso que tinha em mente.

O Michael continua a trabalhar para o National Trust, em Chapel Porth, como funcionário do parque de estacionamento, um trabalho que adora porque ele é completamente doido por carros e, aqui, consegue vê-los de todos os tipos. Além disso, de vez em quando o seu patrão organiza uma corrida de carros clássicos – o Michael adora o seu chefe.

– Talvez seja melhor voltar para casa de carro – murmura a Rach, e eu sinto-me mal porque ela assumiu o papel de minha taxista pessoal desde que vendi o BMW dos meus pais.

Pareceu-me um passo importante para lidar com o luto – já não tenho de lidar com o sentimento de culpa que sentia sempre que o via estacionado na

entrada –, mas talvez fosse boa ideia arranjar outro carro. Só estou a resistir à ideia porque é melhor para os meus hóspedes terem o espaço todo só para eles, e não tenho onde estacionar o carro se não for na entrada.

– Bebe uns copos comigo – peço à Rach. – Podemos ir aos tropeções para casa, no escuro, mais tarde. Vai ser divertido ir em grupo.

– Tropeções, dizes bem. Da última vez que fui a pé de Chapel Porth para Aggie, caí no maldito riacho.

– Pelo menos não foste pelo trilho do penhasco – brinco, e arrependo-me imediatamente, porque isso faz-me pensar no Finn e na mãe dele, mas a Rach está demasiado ocupada a sair do carro para reparar na minha expressão de sofrimento.

Estamos a tirar os últimos sacos da bagageira quando o Tarek estaciona num lugar ao nosso lado, com a namorada, a Gaby, no banco da frente. O Chris, o Kieran e a namorada do Kieran, a Hayley, saem do banco de trás.

O Tarek trouxe gelo e caixas térmicas, além de várias embalagens cerveja, nenhuma das quais ele bebe, uma vez que é muçulmano e o álcool é *haram* no Islão. Passei a conhecê-lo bastante melhor nos últimos oito meses. Foi ele quem entregou a licença para a remodelação da casa e supervisionou as obras, e estou muito contente com o resultado. Neste momento, há uma jovem família de quatro pessoas a viver no andar de baixo e o som das gargalhadas das crianças a ecoar tem-me feito sorrir. O menino e a menina estão muito longe dos gémeos de dez anos da semana passada, que passavam os dias a brincar às lutas e partiram dois pratos e três copos, além do candeeiro da sala. Tenho de admitir: fiquei radiante quando vi os pestinhas pelas costas.

Chegam mais alguns antigos amigos do liceu, pelo que temos muitas mãos para nos ajudarem a levar tudo para a praia. Felizmente, o aniversário do Dan calha numa noite de lua cheia; se fosse na maré-baixa da próxima sexta-feira, talvez não conseguíssemos chegar às grutas.

As colinas cobertas de erva sobem e descem de ambos os lados, com um verde vibrante sob o céu azul-cerúleo, mas, à medida que percorremos os grandes seixos que conduzem à praia, a curva suave da encosta dá lugar a falésias de arestas vivas, que parecem elevar-se cada vez mais alto à medida que descemos. A areia é grossa e cola-se aos pés, e uma leve camada de suor cobre a minha pele enquanto avançamos, tentando encontrar uma zona pouco profunda do riacho, onde possamos atravessar sem molhar os sapatos.

Decidimos fazer da gruta o nosso salão de festas e começamos a espetar na areia grandes estacas com luzes alimentadas por energia solar. A Hayley trouxe decorações, mas a Rach confiscou-lhe os balões, dando-lhe um sermão sobre os danos que poderiam causar à vida selvagem. Recentemente, a Rach tem trabalhado como instrutora de *surf* a tempo parcial e também é voluntária no Surf Life-Saving Club local, mas acabou de se candidatar a um emprego a tempo inteiro na sede da Surfers Against Sewage. Espero que seja ela a escolhida.

Agora a Hayley está de mau humor, a tentar enfiar as pontas das serpentinhas nas fendas e a praguejar sempre que uma delas se rasga porque as paredes rochosas estão muito húmidas.

– E se as atássemos à volta das estacas? – sugiro, tentando apaziguá-la.

Quando estamos a acabar de prender as serpentinhas às estacas em redor do perímetro da gruta, o Brendan aparece. Vejo-o no exterior da abertura larga e recortada da gruta e tenho de olhar duas vezes. O sol está a incidir-lhe nas costas e faz o seu cabelo brilhar com um tom dourado.

Ele parece um anjo, penso, enquanto saio para o cumprimentar e conhecer o mero mortal que ele trouxe consigo.

– Que sorte que tiveram com o tempo! – diz o Brendan, depois de me apresentar ao seu amigo, Darren, um tipo magro, de cabeça rapada.

– Pois foi. Não podíamos ter escolhido um entardecer mais perfeito, nem que tentássemos.

A mais recente vaga de calor tem sido insuportável, mas esta noite ninguém se queixa. A maré baixa deixou para trás piscinas rochosas que reluzem sob os raios do sol, e os mexilhões pretos agarrados às rochas coloridas parecem especialmente lisos e brilhantes.

– De onde vem a cor vermelha das rochas? – pergunta-me o Brendan.

– Depende da pessoa a quem perguntares – respondo. – A resposta científica é «depósitos minerais», mas as pessoas de cá dir-te-ão que é por causa do sangue do malvado gigante Bolster. Talvez ouças a lenda na feira de amanhã, se fores.

– Tinha planeado ir – diz ele. – E tu?

– Claro que sim.

Oh, talvez pudéssemos ir juntos... É um dia importante no calendário da aldeia, tal como o Bolster Day, em maio.

– Toda a gente para dentro! – grita a Rach, segurando o telemóvel no ar – A Amy disse que mandaria uma mensagem quando estivessem a sair.

A auréola de Brendan apaga-se assim que ele entra na escuridão da gruta.

– Esta paisagem está-me a dar vontade de pegar na minha prancha de *surf* – diz ele, pairando junto à entrada, comigo, enquanto o seu amigo vai servir-se à caixa térmica.

– Já surfaste nesta praia? – pergunto.

Ele acena com a cabeça.

– Na verdade, ontem fomos os dois fazer *kitesurf* ao longo da costa. Ei – diz ele ao amigo, quando este regressa com duas latas de cerveja.

Eles chocam as latas uma na outra e abrem-nas, bebendo alguns goles. Desvio o olhar do comprido pescoço bronzeado do Brendan e espreito para fora da gruta, tentando ver o Dan e a Amy. Ao longe, vejo-o a pegá-la ao colo para a ajudar a atravessar o ribeiro de Porthtowan. Ela atira a cabeça para trás, com o seu longo cabelo louro esvoaçar atrás dela, e consigo imaginá-la a rir.

Dois anos depois, continuam loucamente apaixonados. Estão a falar em

ir viver juntos.

– Estão quase a chegar! – grito por cima do ombro.

Todos recuam para dentro da gruta. Olhando para fora, a gruta forma uma moldura que enquadra o mar em frente. As ondas espumosas desfazem-se na rebentação.

É difícil distinguir a cor turquesa do mar a partir daqui. É no cimo das falésias que as cores da paisagem realmente vibram. A praia parece mais branca, a água mais verde e a charneca em redor está coberta de flores silvestres cintilantes.

Vem-me à memória a lembrança de ter estado lá em cima com o Finn, no verão passado, mas afasto-a, juntamente com a lembrança de que na segunda-feira é o aniversário da morte dos meus pais. Não quero pensar nisso agora, nem no Finn.

Tem sido difícil tirá-lo da minha cabeça, com os Door 54 a abrirem para os All Hype na etapa norte-americana da sua digressão, e várias pessoas famosas a publicarem fotos deles no Instagram. O burburinho à volta da banda está a aumentar, e aqui toda a gente tem falado sobre eles.

É só uma questão de tempo até que venham em digressão ao Reino Unido. A última vez que os fui espreitar *online*, vi que iam tocar em quatro festivais, este verão. Eu estou sempre a ir ver o cartaz do Boardies, só por precaução, mas já teria ouvido falar nisso, caso a vinda deles estivesse planeada.

O Finn nunca mais disse nada desde que se foi embora, nem uma palavra. Sei que lhe pedi que não o fizesse, e devia estar contente por ele ter mantido a sua palavra, mas, para ser sincera, o seu silêncio ao longo deste último ano tem sido ainda mais difícil de suportar do que no ano anterior.

Mande-lhe uma mensagem com uma piada estúpida, no Natal, só para o animar, para lhe dizer que estava a pensar nele, um reconhecimento das memórias difíceis que ele deve ter de suportar.

Ele respondeu-me *Ha ha*, e depois enviou-me outra mensagem que dizia: *Infringiste as regras*.

Respondi-lhe *Não conta no Natal*, ao que ele disse: *Espero que estejas a ter um bom Natal*.

Está tudo bem!, respondi-lhe de volta, e foi o fim da nossa conversa.

Lutei contra a vontade de lhe enviar outra mensagem, de entrar em mais detalhes, de pedir mais pormenores, mas lembrei-me de todas as razões pelas quais tenho de o manter à distância. Já perdi demasiado para me apaixonar por alguém que só pode existir na periferia da minha vida.

.

O Dan assustou-se devidamente e, agora, todos saímos da gruta para apanhar os últimos raios de sol do dia.

– Que edifício é aquele? – pergunta-me o Brendan, olhando para as velhas ruínas no alto do penhasco, a chaminé da icónica casa das máquinas,

enevoadas pelo sol da tarde.

– Faz parte da mina de estanho Wheal Coates. O poço costumava descer uns cento e oitenta metros antes de chegar ao mar. Os mineiros ouviam as ondas a trovejar por cima das suas cabeças, enquanto trabalhavam.

– Acho que já a vi em *Poldark* – comenta ele, sem rodeios.

– Viste a série? – Ele não parece ser do tipo que aprecia dramas de época.

– A minha mãe é obcecada.

Rosno interiormente quando a «Dummy», uma das canções mais populares dos Door 54, começa a tocar na aparelhagem que o Tarek trouxe.

– Ouvi dizer que o vocalista desta banda costumava tocar no Seaglass – diz o Brendan.

– Costumava, sim. – Lá se vai a minha intenção de evitar pensar no Finn. – Quando substituí o Kieran, aquele ali. – Aponto para o Kieran, que está a rir-se de qualquer coisa com o Chris e o Dan.

– Eles e o Tarek tocaram no Seaglass durante uns anos seguidos, mas agora têm todos empregos a sério.

O Dan trabalha como contabilista em Truro. Ele e Amy vão juntos para o trabalho, por vezes.

– Mas a banda que tocou nos últimos sábados é boa – comenta ele.

– Já lá estiveste?

– Sim.

– Não te tenho visto.

– Mas eu já te vi *a ti*, a tirares cerveja como uma profissional – sorri ele.

– Que idade tens?

– Vinte e quatro. E tu?

– Vinte e dois.

A letra da «22» da Taylor Swift começa a tocar na minha cabeça e, mais uma vez, os meus pensamentos levam-me de volta ao Finn.

– Então, o que é que vais desenhar na minha meia de leite, amanhã? – pergunto, esforçando-me por me concentrar no aqui e agora.

– Acho que vou optar pela simplicidade. O elefante desta manhã foi tramado.

– Eu *sabia!* – grito, olhando para a Rach, que está à entrada da gruta com o Chris.

Tenho a certeza de que ela gosta dele – os dois acabam muitas vezes a conversar em festas –, mas ela tem sido muito evasiva quando a interrogo sobre isso.

– Porquê, o que é que achaste que era? – pergunta o Brendan, alarmado. As minhas bochechas coradas dão-lhe a resposta. Ele desata-se a rir.

– Estás a brincar. A sério? Achas que eu seria assim tão óbvio?

Encolho os ombros.

– Não sei.

– Então não queres que te desenhe uma cobra?

Eu rio-me.

– Por favor, não.

– E que tal um coração? Sou muito bom a desenhá-los.

– Ai és?

– Sim.

– Quantos corações já desenhaste nos cafés de outras raparigas, então?

Ele ri-se, sabendo que foi apanhado.

– Alguns.

– E onde é que isso te leva?

– Para ser sincero, pode levar-me bastante longe.

– E onde esperas tu que esses pequenos corações de espuma te levem comigo?

– Nem me atrevo a sonhar.

Eu rio-me.

– És um falinhas-mansas.

– É na conversa de almofada que eu me destaco verdadeiramente.

– Oh, não me digas!

Os seus olhos azuis estão a reluzir e tenho de reconhecer que estou a gostar de um pouco de sedução.

– Quem é o borracho? – pergunta-me a Amy, passando o braço à volta do meu pescoço quando entro para ir buscar mais cervejas.

– Chama-se Brendan. Trabalha no Beach Café.

– É o tipo que desenhou uma pila em cima do café dela – interrompe a Rach, como se nada fosse.

– O quê? – pergunta o Dan com um sorriso, ao ouvir a conversa.

A Rach encarrega-se de explicar, enquanto eu fico ali, a revirar os olhos e a repetir inflexivelmente que era um elefante. Não que alguém me esteja a dar ouvidos.

– Pobre Finn – diz o Dan em tom de provocação. – Acabou-se o «se tu estiveres sozinha e eu estiver sozinho», então – acrescenta ele com um sorriso, fazendo aspas no ar com os dedos.

Eu volto-me para a Amy, acusadoramente:

– O que é que lhe contaste?

– Ela conta-me *tudo* – diz o Dan.

– Vou passar a ter isso em mente.

– Oh, cala-te – diz Amy ao Dan. – Não conto nada. Os teus segredos estão a salvo comigo – insiste ela, tentando parecer sincera. Mas não acredito numa só palavra.

– Tens tido notícias do Finn? – pergunto ao Dan, hesitante.

– Sim, ele está a caminho.

O meu coração dá uma cambalhota.

– Como assim?

– Ele chega daqui a bocado.

E outra cambalhota.

– Espera. Ele vem até cá? Hoje à noite?

O Dan franze-me o sobrolho.

– Ele não te disse?

– Não. Tu sabias? – pergunto à Amy.

– Ele só me mandou uma mensagem há meia hora – interrompe o Dan. –

Chegou hoje, de avião.

Certo, agora estou a ficar com azia.

– É melhor levar isto ao Brendan – digo, trémula, saindo da gruta com as latas de cerveja que tirei da caixa térmica.

O sol desliza em torno da rocha alta ao lado da qual estamos e um feixe de luz atinge a base da piscina de água, fazendo com que as ondulações na superfície brilhem como um milhão de pequenos diamantes. Olho para norte e a minha atenção recai sobre uma figura alta, esguia e dolorosamente familiar que se dirige para nós, caminhando na areia húmida.

Sem mais nem menos, o Brendan evapora-se do meu panorama.

Estava tudo a correr tão bem. Consegui que o meu rosto não revelasse a violência com que o meu coração me martelava no peito e, durante vários segundos, fingi que não o tinha visto, direcionando toda a minha atenção para o Brendan. Mas depois exagerei ao fingir surpresa quando o Finn estava a poucos metros de distância, e cambaleei diretamente para uma poça nas rochas quando me dirigia a ele para o abraçar.

Agora, aqui estou, trémula, com os ténis encharcados e o casaco de ganga do Finn à volta dos meus ombros.

– Como é que vou caminhar até casa com os ténis neste estado? – lamurio-me, enquanto a Rach e a Amy se riem à minha custa.

– Eu levo-te a casa – oferece-se o Finn, materializando-se ao meu lado. – Não para te ires embora – diz ele por cima do som dos protestos dos meus amigos. – Podes trocar de roupa e eu trago-te de volta.

– De certeza? – pergunto, com os dentes a tiritar.

– Claro que sim – responde ele, olhando-me brevemente nos olhos.

Raios partam, ele é tão bonito. Cortou o cabelo. Já não consegue pô-lo atrás das orelhas, mas continua despenteado, caindo ao acaso sobre os seus olhos verde-azulados. É o tipo de cabelo que dá *mesmo* vontade de passar as mãos por ele. E eu não devia estar a pensar em coisas destas quando a companhia que trouxe para a festa está a poucos metros de distância a observar-nos.

– Isso seria ótimo, obrigada – digo eu ao Finn. – Dá-me só um segundo.

Vou dizer ao Brendan o que planeio fazer, prometendo que volto em breve.

Ele não parece muito preocupado, mas também é verdade que já bebeu mais de duas cervejas.

– Quem é o tipo? – pergunta o Finn enquanto percorremos o caminho até ao carro.

Bem, ele percorre, eu corro. As pernas dele são tão compridas que tenho de me esforçar para o acompanhar.

– Chama-se Brendan. Trabalha no Beach Café.

Ele não diz mais nada, não me pergunta se namoro com ele. Gostaria que perguntasse, porque a ideia de ele já não se importar é-me demasiado dolorosa.

– Espera, tu tens carro? – ocorre-me perguntar-lhe quando nos aproximamos do parque de estacionamento.

Ele acena com a cabeça.

– Aluguei-o por uma semana.

– Só cá ficas uma semana?

– Foi o máximo de tempo que consegui...

– Entre um concerto e outro – termino a frase por ele, num tom seco.

Ele olha-me de relance, e depois o seu contacto visual desvanece-se novamente.

– Na verdade, tenho algumas reuniões que me obrigam a voltar.

Ele tira uma chave do bolso e aponta para um Seat Leon cinzento-escuro.

– Não fazia ideia de que vinhas – digo, quando já estamos com o cinto de segurança posto.

– Pensei mandar-te uma mensagem – responde ele, olhando por cima do ombro enquanto faz marcha-atrás para fora do lugar de estacionamento.

– Gostaria que o tivesses feito.

Ele franze-me o sobrolho.

– Disseste...

– Eu sei o que disse. Foi a minha cabeça a falar.

– Bem, tens razão. Provavelmente foi melhor assim.

– Sim, porque... sabe Deus como conseguiste resistir a toda a atenção que deves ter tido das tuas fãs ao longo do último ano.

Quero parecer brincalhona, mas o tom sai-me amargo.

Ele agarra o manípulo das mudanças, mas não arranca.

– Podemos não ir por aí? – diz ele, olhando-me para mim com as suas sobrancelhas escuras contraídas.

Ele suspira e olha pelo para-brisas, conduzindo-nos para fora do parque de estacionamento.

Fazemos o caminho para St. Agnes em silêncio, um silêncio carregado, mas o meu cérebro está quase a entrar em curto-circuito. É estranho vê-lo a conduzir. Estou sempre a olhar para o comprimento dos seus braços enquanto ele gira o volante, reparando nos seus movimentos descontraídos quando liga o pisca e nos seus olhares pontuais para o espelho retrovisor. Ele tem uma autoconfiança a guiar que eu acho incrivelmente *sexy*.

– Estás em tua casa ou na do Michael? – pergunta ele.

– Na minha.

Ele vira na longa estrada que leva a Trevaunance Cove e finalmente

estaciona em frente a minha casa.

– Não me demoro – digo, levando a mão ao puxador da porta.

Ele espreita pela sua janela.

– Sempre fizeste a obra – diz ele com surpresa, admirando o novo corredor, visível através dos painéis de vidro da porta da frente.

– Não sabias?

– Sinceramente, achei que era mais fácil não perguntar por ti, sequer.

Ele olha-me nos olhos – de novo, muito brevemente – antes de desviar o olhar.

Mais fácil *para quem*?

Ele também tem sofrido?

– Queres entrar e ver? – pergunto-lhe impulsivamente. – Podes deixar o carro no estacionamento. Há um pequeno, do outro lado da estrada.

– Não estás cheia de pressa para voltar? – pergunta ele, e sim, lá está, aquela ponta ligeiramente seca e sarcástica que mostra que ele *não* gostou de me ver com outro tipo.

– Ainda não aconteceu nada – digo de forma precipitada, o que o faz olhar para mim com atenção. – Com o Brendan, quero dizer.

Desta vez, quando ele vira a cabeça para o lado, um ar de derrota parece instalar-se sobre os seus ombros.

– Não tinha *qualquer* expectativa de que esperasse por mim – diz ele de forma áspera, enquanto observo as sombras do seu maxilar, os seus lábios a comprimirem-se com força.

– Eu nem sequer sabia se ias voltar...

– Nós concordámos que...

– Sim, eu sei, mas, caramba, Finn! Não podias ter-me avisado, tipo há um mês atrás? Eu teria esperado esse tempo, pelo amor de Deus!

Ele sorri para mim.

O meu coração volta a dar uma pirueta.

Um segundo depois, a sua mão segura-me a nuca, puxa-me para ele e beija-me.

É nesse momento em que todo o meu autocontrolo se evapora.

*

– Estou um pouco chateada por agora já não poder ir comprar os meus bolos ao Beach Café.

A gargalhada do Finn é baixa e profunda, reverberando de seu peito liso e tonificado diretamente para o meu ouvido. Estamos completamente nus – foi difícil despir as minhas roupas molhadas, mas valeu a pena o esforço. É uma felicidade suprema estar na minha cama com ele.

– Seja como for, já andava a comer demasiados bolos ultimamente – digo eu com tristeza.

– Para – murmura ele, passando a mão pela minha anca. – Estás com muito melhor aspeto.

- Ganhei o peso que perdi, mais um pouco.
- Seria mau se não voltássemos à festa? – pergunta ele, sonolento.
- Sim, seria péssimo. Mas acho que não me importo – admito.
- Seria mau se eu adormecesse aqui? – pergunta ele.
- Não seria assim tão mau – respondo.
- Seria mau se fizéssemos sexo outra vez?

Levanto a cabeça para olhar para ele, tendo detetado malandrice no seu tom de voz.

– Isso não seria nada terrível – sussurro, deslizando a minha mão para baixo e sentindo-o acordar na minha palma.

Ele puxa-me para cima do seu corpo e ataca a minha boca num beijo guloso e devorador, enviando ondas de choque através da minha pele à medida que as nossas línguas se tocam e entrelaçam.

Tudo indica que não vamos voltar à festa.

.

O Finn ressona levemente ao meu lado quando saio da cama e pego no meu telemóvel, com a intenção de enviar uma mensagem rápida para o grupo de *chat* que tenho com a Rach e a Amy. Já lá estão uma série de mensagens delas, perguntando onde estamos, se vamos voltar, se planeio avisar o pobre Brendan de que fiquei retida... Mordo o lábio, sentindo-me mal enquanto escrevo: «Desculpem. Tinha assuntos pendentes para tratar. Como correu a festa?»

«Jura», responde a Rach. «Acabei de me vir embora de casa do Dan. Alguns de nós fomos para lá depois da praia.»

«O Brendan ficou bem?»

«Acho que não vais receber mais símbolos fálicos no teu café com leite.»

«Vou enviar-lhe uma mensagem agora.»

Procuro o número dele e escrevo: «Olá, espero que te tenhas divertido esta noite. Desculpa não ter conseguido voltar.»

Três pontos a piscar mostram-me que ele está a ler a minha mensagem, mas depois desaparecem.

Suspiro, deixo o telemóvel a carregar e depois junto-me ao Finn na cama.

Um hipotético ano com o Brendan ou uma semana com Finn?

Não me arrependo.

.

Quando acordo, de manhã, o Finn ainda dorme ao meu lado. Ele esteve acordado durante a noite – *jet lag*, provavelmente. Virei-me e vi-o de telemóvel na mão, a fazer *scroll* no Instagram. Acariciei-lhe o braço para que ele soubesse que eu estava contente com a sua presença, mas estava demasiado exausta para lhe fazer companhia.

Ainda bem que ele voltou a adormecer. E estou radiante por ele ainda estar aqui.

Saio da cama e visto o meu roupão antes de me dirigir à minha nova cozinha. Não é nada parecida com a cozinha-sala do andar de baixo, com os janelões de que os meus hóspedes podem desfrutar, mas servirá por agora. E remodelar a casa foi uma ideia brilhante da parte do Finn.

Sorrio, com o meu radiador interno ligado na potência máxima, enquanto preparo duas canecas de chá e as levo até ao quarto. O Finn ainda dorme, mas mexe-se quando pouso a caneca na mesa de cabeceira ao lado da sua almofada.

– Bom dia – digo, maravilhada com as suas pestanas escuras e com o azul-esverdeado dos seus olhos. – Chá?

Ele resmunga e senta-se na cama, sorrindo o suficiente para que a suas covinhas se mostrem ao de leve.

– Obrigado.

– Dormiste alguma coisa? – pergunto eu.

– Um bocado. A tua cama é muito mais confortável do que o sofá.

– Ainda não acredito que dormes no sofá de casa dos teus avós. Não admira que nunca fiques por cá muito tempo.

– Talvez mude de ideias, se me deixares ficar aqui.

– Podes cá ficar sempre que quiseses – digo, tentando mostrar-me indiferente.

– A sério? – Ele parece surpreso e eu sinto uma forte pontada de tristeza quando penso que ele se vai embora.

Eu devia estar a manter as coisas desprendidas entre nós, e não a convidá-lo a dormir na minha cama.

– Vais trabalhar hoje? – pergunta ele, pegando na sua caneca.

– Mais tarde. Hoje é o dia da feira, lembras-te?

– Esqueci-me completamente que era este fim de semana. Acho que devia levar os rapazes.

– É também o dia em que recebo novos hóspedes. Tenho uma família a chegar às quatro, mas vou tentar organizar-me mais cedo. Logo à noite, estarei no Seaglass, para a *after party*.

– Ainda gostas de trabalhar lá?

– Sim, é divertido – respondo, soando um pouco defensiva. – E é fácil. Além de que adoro trabalhar com o Chas. Quando voltar a esculpir, será o emprego perfeito, porque posso trabalhar a toda a hora durante o verão e depois esculpir quando o Seaglass fechar, no inverno.

– Então ainda não recomeçaste a esculpir? – pressiona ele ao de leve.

– Ainda não tive oportunidade – respondo, um pouco envergonhada. – Com todas as obras que tenho estado a fazer na casa.

– A inspiração ainda não chegou?

– Acho que não.

Ele olha-me com compassividade e bebe um gole do seu chá. Os seus

olhos direcionados para baixo criam dois leques de longas pestanas. Parecem tão suaves como asas de borboleta.

– Gostava de te convidar a vires comigo ao Museu Barbara Hepworth – diz ele, pousando a caneca no próprio peito. – Nunca lá fui.

– Adorava – respondo, contente por não estarmos ainda a falar da falta de rumo que a minha vida tem tido. – Há anos que não vou lá. Costumava ir com muita frequência, quando era miúda. Quando é que estavas a pensar ir?

– Segunda-feira?

O meu estômago afunda-se.

– Oh, segunda-feira acho que não consigo.

– Tens outros planos?

– Só chorar. É o aniversário da morte dos meus pais.

– Não passes o dia sozinha – implora ele, aproximando-se para me dar a mão.

– E tu não devias estar mais tempo com a tua família?

– Hei de vê-los muitas vezes. Anda comigo ao museu – insiste ele.

– Está bem – sussurro.

Ele pousa a caneca na mesa de cabeceira e estica os braços para puxar a gola do meu roupão para baixo, mordendo-me suavemente o ombro. Estremeço, com o desejo a percorrer-me enquanto pouso a minha caneca e volto para os seus braços.

Demoramos outros quarenta minutos até conseguirmos sair da cama.

O Finn aparece na segunda-feira de manhã vestido com uma *t-shirt* de tecido felpudo de cor creme, com uma risca vermelha e azul à frente. Ou encolheu na lavagem ou é dois números abaixo, porque, se ele levantar os braços, tenho quase a certeza de que vai ficar com toda a sua barriga lisa à mostra.

– Onde é que desencantas a tua roupa? – pergunto, enquanto aperto o cinto de segurança. A tristeza que me tem dominado esta manhã é substituída pela diversão.

– Esta comprei-a numa loja de coisas em segunda mão. Gosto do teu vestido.

– Obrigada. – É um vestido leve, com um estampado feminino. – O nosso estilo não podia ser mais diferente, pois não?

– E é mesmo assim que eu gosto – responde ele.

Ponho os óculos de sol no cimo da cabeça e procuro na minha carteira um pacote de comprimidos para a dor de cabeça, engolindo dois sem água.

– Estás bem? – pergunta ele.

– Ficarei.

Esta manhã, tomei o pequeno-almoço com o Michael. As lágrimas estavam sempre a vir-me aos olhos e isso parecia deixá-lo desconfortável, portanto, contive-me até poder voltar para casa e chorar a sério.

Volto a pôr os óculos de sol na cara, sabendo que ainda tenho os olhos vermelhos.

– É melhor não falarmos sobre isso. E tu, o que tens feito?

Enquanto nos leva a St. Ives, fala-me da véspera. Levou os irmãos a um parque de diversões e, à noite, encomendaram uma piza. Ele queria ter passado por minha casa depois, mas eu precisava mesmo de algum tempo para chorar. Já tínhamos passado a noite de sábado juntos, depois de ele ter aparecido no Seaglass enquanto eu estava a trabalhar, e no domingo de manhã ele saiu no momento em que o Michael chegou.

As sobrancelhas de Michael sempre foram extremamente expressivas, mas elas franziram-se com horror quando ele me viu a dar um beijo de despedida ao Finn, na soleira da porta.

– Agora és namorado dela? – exigiu ele saber, olhando para Finn.

– Não, não é! – exclamei.

– Essa refutação foi muito violenta – comentou o Finn com suavidade.

– Bom, não és, pois não? – disse, olhando para ele.

– Acho que não – respondeu ele com o mesmo tom suave, antes de me prender o queixo entre o polegar e o indicador e me dar um beijo discreto nos lábios.

– *Urgh!* – irrompeu o Michael, passando por mim e entrando em casa.

– Adeus, Michael! – disse o Finn, por cima do ombro, enquanto se afastava.

O Michael e eu ainda almoçamos todos os domingos. Às vezes é em minha casa, às vezes é na dele, por vezes temos companhia, de outras vezes somos só nós os dois, às vezes corre bem, às vezes é um desastre. É completamente imprevisível, mas comecei a gostar disso.

.

O Finn e eu voltamos à conversa sobre a nossa aparência quando estamos a caminhar pelas ruas de St. Ives, a caminho do museu. Acabei de olhar para ele e ri-me novamente da sua *t-shirt*.

– Tens vergonha de ser vista comigo? – pergunta ele, comprimindo os lábios, mas sem conseguir evitar mostrar as covinhas.

– Quando muito, seria o oposto – respondo.

– O quê? – Ele cambaleia para o lado, fazendo uma cara de comédia.

– Aposto que sou uma completa totó em comparação com as pessoas com quem te dás em Los Angeles.

– Cala-te, és perfeita. – Ele põe um braço à volta do meu pescoço e acrescenta, docemente: – Estás muito acima do meu nível.

Eu rio-me e ele retira o braço, pois é demasiado difícil caminharmos abraçados por estas colinas sem tropeçar.

– Estás mesmo – insiste ele. – Sempre estiveste.

– Que disparate. É completamente o contrário, sobretudo agora que ficaste famoso.

Dou-lhe um murro no braço e ele revira os olhos.

Quando me senti deprimida, em vários momentos do último ano, dei por mim obcecada com o *feed* do Instagram dos Door 54. Está cheio de fotos estilosas de quatro rapazes em digressão, podres de bêbados em palco, a fazer *crowd surf*, a saírem de SUV sofisticados, a frequentar os locais da moda, com nomes como Fonda e Roxy... E depois há os *reels*. Há um em particular que mostra o Finn e o seu guitarrista principal, o Dylan, no telhado de um *bungalow* baixo, a atirar objetos aleatórios para uma piscina azul-clara. O pano de fundo é um céu azul luminoso, onde não podia faltar uma palmeira

alta e estreita.

Ao ver aquele vídeo, senti-me estranhamente minúscula.

O Finn que eu conhecia – ou pelo menos, o Finn que eu achava que conhecia – não parecia bater certo com o Finn do Instagram.

– Como vão as coisas com a banda? – pergunto. – Tens-te dado melhor com o teu guitarrista?

Não o trato pelo nome, não sei bem porquê. Talvez porque não queira que o Finn se aperceba do quanto tenho andado a coscuvilhar tudo sobre os Door 54 e os seus membros.

Curiosidade: o baterista com cara de bebé, chamado Gus, é filho de uma estrela da música *country*, e o baixista, que se chama Ernie, foi recentemente fotografado numa discoteca com a Selenia Gomez.

– Nem por isso – responde o Finn. – As coisas estão um pouco tensas em geral, para ser sincero.

– Em que sentido?

– Queremos coisas diferentes. Eles estão todos alinhados entre si, mas eu não.

– O que é que eles querem? – pergunto com o sobrolho franzido.

– Querem que nos afastemos do *rock* alternativo para um *metalcore* mais agressivo, um som eletrónico. Mas eu gosto da nossa sonoridade atual.

– Também gosto da vossa sonoridade atual.

– Já ouviste o nosso álbum? – Ele olha de relance para mim.

– Claro que ouvi.

– Uau!

Ele sorri e volta a pôr o braço à volta do meu pescoço.

– Ai, Finn, assim vou cair!

– Não, eu seguro-te – riposta. – Aquele é o jardim das esculturas?

Ele solta-me para olhar através do portão em arco que há no muro de pedra alto.

– Sim.

Aproximo-me e espreito por entre as grades do portão de ferro forjado as esculturas que mal se veem no meio do denso arvoredo.

– A entrada é logo depois da esquina – digo eu, puxando-o.

Ainda lhe seguro a mão quando chegamos ao museu. Ficamos no átrio, a ler informações sobre Barbara Hepworth e a sua vida como artista de vanguarda. Já cá estive muitas vezes, mas há sempre algo novo para descobrir.

– Ainda queres pertencer à Royal Society of Sculptors? – pergunta-me o Finn enquanto lê uma lista das principais realizações da escultura.

Faço um ligeiro encolher de ombros e aceno com a cabeça em direção à escadaria.

– Neste momento, tenho é de me concentrar em voltar a esculpir.

– Tens alguma ideia do que possas vir a fazer? – pergunta ele, quando entramos num espaço da galeria com paredes brancas e chão de madeira.

A luz do sol entra pelas grandes claraboias do teto.

– De *quem* possa vir a fazer, queres tu dizer. O que mais me interessa são as pessoas. – Fico a olhar para a escultura estilizada de um bebé, feita em teca. – Terei de arranjar alguém que pose para mim.

– Se quiseses, posso fazê-lo – diz ele, seguindo-me à medida que vou avançando.

– Vais-te embora na sexta-feira. – Mas oferecer-se é muito simpático da sua parte.

– Não podes fazer uma escultura pequena, antes de eu ir?

– Uma pessoa minúscula? – digo por cima do ombro, com um sorriso.

– Ou uma parte do corpo – sugere ele, com os lábios curvados num sorriso sugestivo.

– Que tipo de parte do corpo tinhas em mente? – pergunto em voz baixa.

– Estou aberto a sugestões – responde ele num tom que me faz estremecer.

Paro em frente a uma escultura de bronze, em tamanho real, da mão de Barbara Hepworth. É tão pormenorizada, até à última veia e ruga.

– Então, é a mão – digo, e ele sorri para mim. – Não, provavelmente escolheria o nariz.

– O meu *nariz*?

Rio-me com a reação dele.

– Gosto do facto de não ser completamente simétrico.

– Sim, não é porque... – Ele deixa a explicação a meio.

– Porque o quê? – pergunto de expressão carregada, com o meu riso a desvanecer-se.

– Não importa – murmura ele, seguindo em frente. – Gosto disto.

O Finn detém-se em frente a *Pierced Form*, que é uma das peças de que eu mais gostava em criança, com marcas de cinzel texturizadas que os meus dedos queriam sempre tocar. É uma grande forma abstrata feita de madeira polida castanha-clara e lisa, com um interior pintado de branco. Parece uma noz gigante que foi aberta, revelando um buraco no meio, que um verme terá feito. Aproximo-me dele pelo lado e dou-lhe a mão, com os nossos braços encostados com firmeza um ao outro. Estou a dar-lhe espaço com o meu silêncio, mas não com as minhas ações.

– O pai do Tyler partiu-me o nariz quando eu tinha doze anos – diz ele ao fim de um longo momento.

A minha respiração fica suspensa e encosto-me a ele com mais força.

– Lamento tanto.

– ‘Tá tudo bem. Ele agora está preso. Não por me ter dado um murro na cara – esclarece, recuperando o seu humor habitual. – Ao longo da vida, entrou e saiu da prisão devido a várias acusações de agressão, o imprestável.

– O Tyler costuma vê-lo?

– Não, graças a Deus! Ele não está interessado em ser pai.

– E o pai do Liam?

Ele encolhe os ombros.

– Sabe-se lá. A minha mãe nunca disse quem ele era. Não sei se ela própria sabia.

Ele aperta-me a mão e leva-me para o jardim. Eu percebo a dica e sigo-o em silêncio.

À nossa frente temos a *Four Square (Walk Through)*, uma escultura de bronze gigantesca, que se pode atravessar literalmente. Tem arestas quadradas e buracos redondos lisos, e gosto dela porque costumava usá-la para brincar às escondidas com a minha avó.

Também a aprecio porque mostra duas das minhas pátnas favoritas: verdete e bronze-*penny*. O verde-esmeralda do verdete e os tons dourados do bronze-*penny* são lindamente contrabalançados pela pátina castanha brilhante mais escura utilizada nas restantes superfícies.

– Isto é bronze? – pergunta o Finn com um ar perplexo, passando o dedo pelo interior brilhante de um dos buracos redondos que funcionam como janelas.

– Sim.

– Como é que se faz para que fique dourado?

– Na verdade, esta é a cor natural do bronze. A superfície foi polida e lacada, mas é necessária muita manutenção para a manter assim.

– E o verde?

– É uma pátina quente, produzida com químicos e calor.

– Não percebo muito bem como é que isto se conjuga com o barro. Faz-se uma escultura e depois o que é que acontece?

– Cria-se um molde e depois funde-se.

– Mas como é que se faz isso?

– O método que uso é muito tradicional, mas conjugado com alguns materiais mais modernos: primeiro, faz-se um molde de silicone do barro, depois, deita-se cera líquida. Quando a cera solidifica, é retirada do molde e coberta com uma mistura de cerâmica. Quando esta é aquecida, a cera escorre – é por isso que se chama «cera perdida» a este método de fundição do bronze. O vazio que fica, depois, é preenchido com bronze fundido.

– Isso parece-me uma trabalhadeira.

– E é, mas vale a pena.

– Ainda queres fazer a tua avó em bronze? – pergunta-me ele.

– Como é que te lembras de tudo o que eu digo?

– Porque és interessante. – Ele lança-me um olhar brincalhão. – Se fosses um livro, eu sublinharia metade das frases – acrescenta ele, com um ar atrevido, fazendo-me desatar a rir.

– Devias pôr isso numa canção – digo eu. Ele sorri.

– Sim, os meus colegas de banda adoram lamechices.

Pelo seu tom, deduzo que está a ser sarcástico.

– Mas é verdade que já escrevi sobre ti numa das nossas canções – diz ele, descontraidamente.

– Escreveste? – Volto a cabeça de forma súbita, para olhar para ele. – Qual delas?

– A terceira faixa do álbum.

– A «Leah»?

– Conheces?

– Já te disse, ouvi o teu álbum. Várias vezes – admito, algo acanhada. –

Eu sou a Leah? Achei que fosse uma rapariga qualquer de quem gostasses.

– E é – responde ele com cara séria, antes de sorrir. – Não, é sobretudo uma figura inventada, à exceção daquela coisa de «quando ela fala, eu ouço».

As suas bochechas ficam coradas e ele afasta-se.

– Não acredito que estou numa canção dos Door 54.

Vou ter com ele, com a minha alegria a transbordar.

– Saboreia ao máximo. Provavelmente, será a primeira e última vez.

– Sim, acho que o *metalcore*, seja lá o que isso for, não se adequa à minha personalidade.

O Finn para em frente a uma das minhas peças favoritas, *Garden Sculpture (Model for Meridian)*, uma estrutura alta, verde-água, que parece uma espiral distorcida feita com fitas de bronze.

– Duvido que continue na banda durante muito mais tempo – diz ele.

– Vais sair? – pergunto com surpresa. – Logo agora que estão a começar a ter sucesso?

– Seria melhor para eles terem um vocalista que gostasse de gritar as suas letras. Quero escrever mais coisas minhas, mas não consigo dedicar-me de corpo e alma a uma coisa em que não acredito. Não há cedências possíveis quando se trata de lançar música. Os artistas que cedem desapaixonam-se das suas canções, e nós tocamos-las demasiadas vezes para arriscarmos tal coisa. Não quero ficar saturado antes dos vinte e cinco anos.

– Parece que já te decidiste.

Ele parece abatido.

– É, não é? Vou fazer os festivais e depois pensarei em seguir a solo. É por isso que tenho de voltar. Tenho algumas reuniões marcadas com editoras discográficas.

– Uau! Boa sorte, Finn – digo de forma sentida.

– Obrigado.

A onda de calor começa a abrandar, mas sinto-me grata por toda a sombra que as árvores nos proporcionam. Seguimos por um caminho até à parte mais alta do jardim, passando por canteiros de flores cheios de abelhas que zumbem. A propriedade é isolada, protegida pelo muro alto que vimos no caminho até cá e delimitada pela casa e pelo estúdio. Por cima das árvores, a torre da igreja, em pedra creme, ergue-se num céu azul pontilhado por nuvens e, do lado de lá dos telhados cinzentos e cobertos de líquenes amarelos, está o mar azul e frio que a enseada de St. Ives abraça.

– Que sítio incrível para viver e trabalhar – murmuro.

– Um dia, quando me tornar um compositor de sucesso, compro-te uma

casa igual a esta – brinca o Finn. – Ou, então, tornas-te tu uma escultora famosa e compra-la para ti própria, conforme o que acontecer primeiro.

Sorrio para ele, cheio de sonhos grandiosos, e sinto outra pontada de dor quando penso que ele se vai embora.

Mais à frente no caminho está a estufa. Aperto inadvertidamente a mão do Finn e ele olha para mim de forma interrogativa.

– Queres entrar? – pergunta ele.

– Não sei bem.

Ele pressente a minha hesitação e puxa-me com suavidade, para que pare.

– Não, está tudo bem – digo impulsivamente, começando a avançar.

Assim que entramos na estufa fresca, a minha cara desfigura-se. Esta é a estufa que os meus pais usaram como inspiração para o meu estúdio caseiro, com as suas paredes brancas, o chão de mosaicos vermelhos e o teto inclinado com luzes embutidas. Até puseram no chão uma série de vasos com suculentas e catos, ao redor das paredes interiores.

Entretanto, essas plantas morreram porque me custava muito ir lá regá-las. A única coisa que consegui fazer foi pôr lençóis sobre as minhas peças, para as proteger do pó, e trancar a porta, para que nenhum dos meus hóspedes tentasse bisbilhotar.

– Sinto que tenho um caroço de mármore na garganta – digo, com a voz embargada.

– Não vais conseguir engoli-lo, portanto, chora – responde o Finn de modo carinhoso, puxando-me para junto de si.

– Gostava de lhes ter dito o quanto os valorizava, o quanto adorei o estúdio que fizeram para mim. Acho que nunca o exprimi suficientemente.

É a última coisa que digo antes de o meu corpo começar a tremer com soluços silenciosos.

– É *claro* que disseste, Liv. Claro que eles sabiam o quanto os amavas e valorizavas – diz-me ele com ardor ao ouvido. – Tu tens as tuas emoções à flor da pele... é uma das coisas de que mais gosto em ti.

Abraço-o com mais força e entrego-me à minha dor durante o tempo que me permito. Depois, recomponho-me, baixo os óculos de sol e deixo o jardim na sua paz e no seu sossego.

– Achas que é melhor despir-me, para não me sujar? – pergunta o Finn, de uma forma vagamente sedutora, enquanto entra na minha pequena cozinha.

– Se experimentares alguma coisa engraçadinha enquanto tenho as mãos cheias de barro, não vou achar piada.

– É que o banho de lama de hoje já foi suficientemente mau.

Ele levou os irmãos a andarem de moto-quatro e enviou-me uma fotografia dos três, completamente salpicados.

Tiro o pano húmido de cima do crânio em que estive a trabalhar esta manhã e o Finn arregala os olhos.

Foi surreal abrir a porta do meu estúdio. Tive de esperar que os meus hóspedes do andar de baixo saíssem antes de entrar pelo portão, e talvez saber que não dispunha de muito tempo me tenha ajudado a concentrar-me, mas não fiquei perturbada, não como julguei que ficaria.

Quando retirei os lençóis, senti um aperto no peito, mas, à medida que ia remexendo nas gavetas para ir buscar as ferramentas e os materiais de que precisava, a minha principal emoção foi o entusiasmo. Eu estava a preparar-me para fazer algo que costumava ser tão fácil para mim como respirar e, de repente, estava em pulgas para começar.

O que Finn disse ontem sobre meus pais saberem o quanto eu os valorizava ajudou. Desde então, lembrei-me de mais alguns detalhes sobre o dia em que levámos as minhas coisas para o estúdio. No final daquela noite, depois de o Michael ter ido para sua casa, voltei para ver o espaço e estava preocupada de ter de dizer aos meus pais que não tencionava usá-lo por muito tempo, que no final do verão me iria embora. A minha mãe entrou no *atelier*, viu o brilho nos meus olhos e deu-me um abraço. Eu disse-lhe «obrigada» contra o seu pescoço e, nesse momento, sei que as duas estivemos envoltas em amor.

Sinto-me mais em paz, ao lembrar-me disto.

– Como é que já fizeste isso? – pergunta o Finn, espantando, a olhar para a cabeça básica em cima da mesa.

Esta manhã, criei uma armação, que é como um esqueleto de metal feito de tubos de ferro e arame de alumínio que serve de suporte ao barro. Depois, apliquei barro sobre o metal, para o preencher. Voltar a ter as mãos cheias de material macio fez-me sentir como se tivesse regressado a casa depois de um longo período fora. Agora, sinto-me pronta para começar a esculpir em pormenor.

– O que é que posso dizer? Acho que me inspiraste.

Ele parece comovido.

– Senta-te – digo-lhe.

Ele puxa uma cadeira para junto da pequena mesa encostada à parede. Aqui, tenho espaço para a mobília e nada mais. A cozinha é a única divisão do andar de cima que não tem alcatifa, por isso é o melhor sítio para trabalhar.

Adoraria estar a fazer isto no andar de baixo, na sala-cozinha, mas o apartamento ainda mal teve uma semana livre, desde as férias da Páscoa.

A família que lá está hospedada atualmente tem a televisão ligada a *toda* a hora. É como viver com o Michael, só que não lhes posso pedir para baixarem o som.

Não que o meu irmão alguma vez me tenha dado ouvidos nesse aspeto.

Vou dizendo tudo isto ao Finn enquanto começo a trabalhar, o que o leva a perguntar-me pelo Michael.

– Como é que ele tem andado?

– Ele está bem. No domingo, foi cómico quando te viu a dar-me um beijo de despedida.

– Sim, ele não gosta mesmo de mim, pois não?

– Ele sempre demorou algum tempo até se afeiçoar a pessoas novas. Exceto à Shirley. Ele adora-a desde o primeiro momento.

– Ela continua a trabalhar para ele?

– Sim! Enganei-me nessa previsão, não foi? Os dois dão-se bem como uma chama e um fósforo. E, felizmente, não incendiaram a casa nem causaram qualquer outro dano, tanto quanto sei. Na verdade, ela é muito boa a encorajá-lo a cuidar de si próprio. Muito melhor do que eu pensava. E também não se limita ao seu horário de trabalho. Por vezes, passo por lá para tomar uma chávena de chá e ainda a encontro lá, esparramada no sofá, a ver o último *thriller* policial que os dois começaram a seguir. Parecem tão irritados com a interrupção que nunca fico muito tempo. Mas é bom. E ela também é simpática com o Timothy, o amigo do Michael.

– O Michael já teve namorada?

– Já teve algumas. Ficou amigo da última, mas acabaram por se separar porque ela beijou outra pessoa num baile do seu clube. O Michael recusou-se a voltar ao clube durante muito tempo. O meu pai acabou por convencê-lo a não se prejudicar por causa de outrem, por isso ele voltou a ir.

– Quando dizes «clube»...? – diz o Finn, um pouco confuso.

– Não é um clube desportivo – respondo a sorrir. – Ele frequenta um clube social para pessoas com dificuldades de aprendizagem.

Deixou de o fazer durante o ano que se seguiu à morte dos nossos pais, pelo que fiquei aliviada quando recentemente voltou a frequentá-lo.

– Foi lá que ele conheceu o Timothy.

Tenho estado a trabalhar enquanto falamos, e o rosto do Finn começa a ganhar forma sob as minhas mãos. Esculpir novamente sabe-me incrivelmente bem.

– Estou a adorar isto – digo baixinho, depois de trabalhar em silêncio durante algum tempo.

Tenho estado a retirar pequenos pedaços de barro e a espalhá-los nas maçãs do rosto do mini Finn, para as preencher. A sensação que tive antes, quando estava a colocar o barro na armação, a sensação de voltar a casa, está ainda mais concentrada agora que estou em completo modo de escultura. Estou sempre a ser atravessada por pequenas ondas de euforia.

– Estou a gostar de te observar – diz ele. – A expressão de concentração no teu rosto é intensa.

Encaro-o olhos nos olhos.

– Jamais conseguirei fazer jus às tuas pestanas.

Ele solta uma gargalhada baixa.

– Ou ao teu cabelo. Já agora, gosto dele assim, mais curto.

Tenho adorado passar as mãos por ele sempre que estamos juntos, na cama. Ele também gosta, a julgar pelos sons que faz.

– Em que é que estás a pensar? – murmura ele.

– Em coisas marotas – respondo.

Movemo-nos em simultâneo e, um momento depois, estou ao seu colo e os meus lábios estão colados aos dele. As suas mãos agarram as minhas ancas para me manter no lugar, porque tenho as mãos sujas e estou a mantê-las no ar, bem afastadas.

Duvido que vá terminar esta escultura.

*

Alguns dias depois, eu e o Finn despedimo-nos pela terceira vez, e é angustiante.

– Será que agora vamos manter o contacto? – pergunta ele.

Eu hesito.

– Não sei.

Neste momento, não consigo imaginar como é que conseguirei resistir a entrar em contacto com ele.

– Desculpa ter regressado na altura errada – diz ele.

– De que é que estás a falar? – Levanto a cabeça do seu ombro, com a visão turva pelas lágrimas, enquanto estamos no cimo das escadas, abraçados pela última vez. – Voltaste *precisamente* no momento certo.

– Ainda bem que pensas assim – murmura ele.

Apercebo-me de que ele se está a referir à minha oportunidade perdida com o Brendan. Continuo a não sentir arrependimento.

Ele dá-me um beijo na testa e recua um passo, esfregando-me os braços como se quisesse aquecer-me.

– Adeus, Liv.

Ele vira-se e desce as escadas com determinação, e o meu coração salta-me para a garganta, como se estivesse a tentar persegui-lo. Quase grito para o impedir de se ir embora antes de termos concordado em dar uma oportunidade a esta coisa entre nós, mas fecho a boca.

A minha cabeça sabe o que é melhor para mim; o que é melhor para nós os dois.

Estes são os anos em que as pessoas normalmente conhecem os parceiros com quem querem passar o resto das suas vidas. Seríamos tolos se abdicássemos disso.

O que não quer dizer que ele não leve uma parte de mim com ele quando se vai embora.

E tenho a sensação de que ele também deixou um pedaço de si para trás.

Este verão

Acordo muito cedo na manhã a seguir ao *quiz* e fico a olhar para o teto, com a cabeça a latejar. Depois de beber um grande copo de água, juntamente com alguns analgésicos, saio da cama e vou sentar-me ao piano, na sala de estar.

Toco uma canção em *pianissimo* – muito baixinho –, mas, se o Tom estiver acordado, irá ouvi-la.

A minha esperança é de que ouça. E espero que ele perceba a mensagem nas entrelinhas: se eu for vulnerável contigo, tu serás comigo?

Estou na cozinha, a meio de uma torrada, quando alguém bate à porta do andar de baixo.

Levanto-me de um salto, deito fora os restos do meu pequeno-almoço e desço as escadas a correr, radiante. Sei que é ele, porque se fosse outra pessoa teria de tocar primeiro à campainha.

Quando abro a porta, o meu coração estremece ao ver o Tom no corredor, completamente vestido, de calças de ganga e *t-shirt* azul de manga comprida, com o cabelo ainda húmido do duche.

– Já te fizeste entender – diz ele, com os olhos a dançar. – Estás pronta?

Vejo o ancinho que ele tem na mão direita e solto um pequeno guincho de entusiasmo.

– Deixa-me só calçar os sapatos!

Seguimos na direção oposta a Chapel Porth, tomando o caminho da costa em direção a Trevellas Cove. O ar está gelado e o vento faz o meu cabelo esvoaçar por todo o lado enquanto percorremos o trilho escarpado. Um maciço de nuvens baixas toca no horizonte, mas o céu por cima de nós é uma vasta extensão azul-pálida. O Tom verificou os horários das marés e devemos chegar quando a maré estiver quase a vazar.

– Como está a tua ressaca? – pergunta ele à medida que o caminho

estreito que temos vindo a percorrer se alarga, com as ruínas da antiga mina de estanho de Blue Hills a aparecerem.

– Na verdade, não está assim tão má – respondo.

O vento fresco e o ar puro desanuviaram-me a cabeça. Diria até que me sinto revigorada.

Não falamos muito enquanto descemos o vale, mas é um silêncio confortável. Os trilhos de cascalho e as zonas de pedra nua desgastadas pelo tempo, do outro lado da enseada, lembram-me as marcas que por vezes faço no barro. A urze ainda não está em flor.

– Finge que eu não estou aqui – digo ao Tom quando nos aproximamos da praia, procurando uma saliência para me empoleirar enquanto ele se dirige para o areal vazio.

Ele olha para mim quando me sento, os seus olhos pousam nos meus durante alguns segundos antes de voltar a prestar atenção à areia.

O meu coração deleita-se ao vê-lo trabalhar. A praia é a sua tela e o ancinho é o seu lápis. Trabalhando numa extensão de areia lisa com cerca de oito por doze metros, ele começa a desenhar. Em primeiro plano, forma-se a imagem de uma árvore nodosa, com os ramos inclinados para um lado, dando ideia de que foi apanhada por um vendaval implacável. Atrás dela, desenha montanhas que se elevam ao longe e, à sua esquerda, um muro de pedra.

Ele pousa o ancinho e usa as mãos para desenhar uma forma curvilínea junto à base do tronco vacilante. Rio-me quando vejo surgir uma ovelha.

Ele olha para mim enquanto se endireita, sorrindo. Inclinando a cabeça para o lado, levanta os ombros largos, num semi-encolher de ombros.

Já terminou.

Levanto-me e desço as rochas em direção a ele. O Tom aproxima-se e estende a mão para me ajudar a descer a última parte, e o calor das palmas das nossas mãos unidas alastra pelo meu braço.

– Adoro – digo, largando a sua mão com relutância para ir ver mais de perto.

– Onde é que é isto? – pergunto por cima do ombro.

– Snowdonia – responde ele, e a luz dos seus olhos parece diminuir.

*

– Como é que começaste a fazer desenhos na areia? – pergunto no regresso a casa.

– Lembras-te de eu ter dito que estava sempre a desenhar, quando era mais novo, mas que os meus pais não me encorajaram?

Faço que sim com a cabeça.

– Eles ainda toleraram que tivesse aulas de educação visual, mas não me deixaram escolher a área de artes no liceu. Para ser justo, eu precisava de Matemática e Física para a minha licenciatura em Aviação, por isso não fiquei ressentido por me terem afastado das disciplinas criativas, mas deixei de me sentir à vontade para desenhar perto deles, em casa. Vivíamos em Norfolk,

junto a uma praia, por isso costumava ir passear sozinho e, por vezes, dava por mim a desenhar na areia. Isso relaxava-me, mas só o fazia quando não estava ninguém por perto. Sentia que era um segredo que devia esconder.

– Isso é triste.

– Agora já não sinto – diz ele, olhando-me de relance pelo canto do olho.

– Ótimo. A arte nunca nos deve fazer sentir vergonha. Então, e porquê árvores?

Ele pensa por um momento antes de responder.

– Sabes quando vês um padrão ou uma imagem de algo num lugar inesperado? Como uma forma nas nuvens ou um rosto numa rocha?

– Sim.

– Eu costumava ver muitas formas na natureza. O meu avô era igual. Deitávamo-nos nas colinas verdejantes e ficávamos a ver as nuvens a passar e apontávamos as formas que elas nos faziam lembrar. Por isso, quando aqui cheguei, às primeiras horas da manhã de sexta-feira, e vi o riacho a correr para o mar, abrindo caminho através da areia... fez-me pensar na velha macieira que costumávamos ter ao fundo do nosso quintal. E não consegui impedir-me de tentar recriá-la.

– Imaginei que fosse uma árvore no inverno.

– Não, na sua última fase de vida. Os meus pais mandaram cortar a macieira há vários anos. Costumava trepá-la quando era miúdo, por isso, fiquei destruçado.

– E o cipreste italiano?

– O meu avô tinha um no jardim. Essas árvores fazem-me sempre pensar nele.

Sorrio suavemente.

– E a floresta?

Ele ri-se.

– Agora já te posso contar, espero que não me aches estranho, mas foste tu que me deste a ideia para a floresta.

– Então sempre viste a minha publicação no Instagram! – exclamo.

– Não! Estive mesmo *offline* durante alguns dias.

Ele hesita.

– Vi-te na praia, nesse segundo dia. Percorreste toda a extensão do cipreste e depois ficaste ali na areia, a olhar para o mar, e, por qualquer motivo, isso fez-me pensar numa rapariga bonita a caminhar por uma floresta.

Ele solta uma gargalhada, algo embaraçado, enquanto as minhas entranhas fervilham com o uso da palavra «bonita».

– Queria dar-te um caminho por onde vaguear.

– E depois fiz exatamente isso – digo com espanto.

Ficamos a olhar um para o outro durante alguns segundos.

– Mal pude acreditar quando, alguns dias depois, li o que tinhas escrito no Instagram – admite ele, com o olhar posto no horizonte.

– Foi uma coincidência mesmo estranha – concordo.

Mas, interiormente, acho que foi algo muito parecido com o destino.

– Vinhas muito à Cornualha quando eras miúdo? – pergunto eu na nossa descida em direção à estrada. Agora estamos a caminhar em fila, ao longo do trilho estreito.

– Às vezes. Uma vez, quando tinha onze anos, passei aqui todas as minhas férias de verão. É a viagem de que mais me lembro, quando éramos só o meu avô e eu. Os meus pais estavam a passar por uma fase difícil – confidencia por cima do ombro. – O meu pai teve um caso extraconjugal e eles estavam a tentar resolver as coisas, por isso, mandaram-me ficar com o meu avô durante seis semanas, para terem algum espaço para si. E talvez para me darem espaço a mim também. As discussões deles estavam a afetar-me.

– Lamento, isso deve ter sido muito inquietante.

Ele não discorda.

– Foi, mas também foi a melhor coisa que podiam ter feito por mim.

– És filho único?

Não sei se ele ouviu a minha pergunta, porque não responde logo, mas acaba por fazê-lo.

– Sim. E, às vezes, era solitário, mas adorei aquele verão. Estar com o meu avô, fazer castelos de areia, pintar quadros... Ele estava reformado, por isso, tinha todo o tempo do mundo para mim. Só que, afinal, não tinha todo o tempo do mundo... – diz ele com um tom sombrio. – Faleceu pouco tempo depois.

– Lamento muito.

– Tu também eras muito próxima da tua avó, não eras?

– Sim. Fiquei arrasada quando a perdemos. Ela viveu até aos noventa anos, mas, mesmo assim, custou-me vê-la partir.

– O meu avô tinha só sessenta e um anos.

– Tão jovem. O que é que aconteceu?

– O coração falhou.

Ele olha para o mar e vejo-o engolir em seco.

– Eu tinha acabado de entrar para o liceu. De certa forma, acho que a sua morte ajudou a juntar os meus pais. Ele era o pai do meu pai.

– Os teus pais ainda são casados?

– Sim. Há trinta anos.

– Que bom, fico feliz por saber.

– Sim.

Ele concorda em voz tão baixa que as suas palavras quase são levadas pelo vento.

Passamos pela estalagem Driftwood Spars. O fumo sai em espiral pela chaminé e as luzes estão acesas no interior. Abriu há pouco tempo.

– Parece muito acolhedora – comenta o Tom, olhando pela janela.

– Apetece-te uma cerveja à lareira? – sugiro.

– Para curar a resaca? – pergunta ele, levantando uma sobrancelha.
– Porque não?
– É melhor levar isto primeiro a tua casa – diz ele, referindo-se ao ancinho.

Eu tiro-lho da mão.

– Vou encostá-lo à parede lateral do edifício.

Quando eu entro, ele está encostado ao balcão, a olhar para a porta.

– O que queres tomar? – pergunta-me ele.

– Hum... chá, por favor – decido, dizendo-o diretamente à rapariga que está atrás do balcão.

– Afinal era só garganta – provoca ele ao de leve, pedindo um *shandy* para si.

Sentamo-nos à mesa, junto à lareira de ferro fundido. Pode ser junho, mas está uma manhã fria e fico contente com o calor, enquanto esfrego as mãos e as aproximo das chamas. O Tom olha em redor para os objetos pendurados nas paredes de pedra rústica e nas vigas de madeira escura do teto: lanternas antigas, armas de fogo e espadas, rodas de navio e relógios de maré em latão.

– Este sítio tem quartos? – pergunta-me ele.

– Sim, é uma estalagem. Porquê, estás a pensar em mudar-te? – digo na brincadeira.

– Estou a pensar em *ficar* – responde ele com convicção.

– Em Aggie? – O meu coração dispara.

Ele acena com a cabeça.

– Mais duas semanas e meia não me parece tempo suficiente. A tua casa está reservada para o resto do verão?

– Receio bem que sim – digo-lhe com pesar.

– E os outros sítios que geres?

– Estão todos ocupados. Mas pergunta no bar. Pode ser que tenhas sorte.

– Não consigo conter o meu sorriso. – Fico muito contente por queres ficar.

Ele parece animado quando estica o braço e pega na sua cerveja.

– Gosto *mesmo* de cá estar.

– Em tempos, senti-me desejosa de fugir daqui, mas agora não me imagino a ir embora.

– Para onde é que querias fugir?

Falo-lhe dos meus planos de me mudar para Londres e de como esperava um dia voltar a Itália.

– E já não queres fazer isso?

– Ainda gostaria de lá fazer uma residência, um dia, ou de participar num simpósio de escultura, mas não queria viver no estrangeiro durante muito tempo.

– O que é um simpósio de escultura?

– É quando um grupo de escultores é convidado a juntar-se para criar arte pública com base num tema comum. Realizam-se em diferentes países de

todo o mundo.

– Gostaria de ver alguns dos teus trabalhos.

– A maior parte são encomendas, por isso, não fico com eles, mas a minha última peça é arte pública – digo com uma pontada de orgulho. – Ainda está na fundição, a receber os últimos retoques. Tenho de ir vê-la amanhã.

– Onde é que está a fundição?

– Perto de St. Ives. Se te apetecer fazer uma viagem de um dia, és bem-vindo – digo antes de pensar muito no assunto.

Nem sequer convidei o Michael, ou os meus amigos. Na verdade, não sei se alguma vez partilhei de bom grado uma peça inacabada com alguém, desde os meus tempos de estudante. Não sei o que é que o Tom tem que me permite ser vulnerável.

– Adoraria.

Os seus olhos castanhos cor de mel fixam os meus enquanto os cantos dos seus lábios se reviram para cima.

– Já sabes mais alguma coisa sobre a venda da tua casa? – pergunto, voltando a encher a minha chávena de chá enquanto a minha cara aquece.

– Não, nada.

– Não voltaste a desligar o telemóvel, pois não?

– Não, mas é tentador – resmunga ele enquanto levanta a sua cerveja.

– A relação entre ti e a tua ex é muito tensa?

– Não é fantástica. Estivemos juntos durante três anos, portanto, seria sempre complicado romper esse laço.

– Três anos é muito tempo.

– Sim, achei que tinha encontrado a pessoa certa.

– Estavas pronto para assentar?

– O casamento parecia ser o passo seguinte – admite ele com tristeza.

Ele ter-se-ia casado com ela? Lembro-me logo da Rach, que presumiu que a relação deles não era séria.

– Vários amigos nossos estavam a casar-se, e toda a gente dizia que seríamos nós a seguir, mas íamos adiando. Quando fomos viver juntos, essa pareceu a altura certa para assentar, mas não estávamos feitos um para o outro. Ao início, não quis aceitar esse facto, mas agora é claro. Sempre quisemos coisas diferentes.

– A vossa separação foi por mútuo acordo?

– Acabou por ser ela a pôr o ponto final. Para ser sincero, ainda estou a processar tudo o que aconteceu.

Esta é a minha dica para deixar de bisbilhotar. Pergunto-me qual terá sido a gota de água entre eles.

– E há alguém importante na *tua* vida? – pergunta ele, descontraidamente.

– Não – respondo.

Quando o digo, parece-me ser essa a verdade.

Três verões antes

«Estou a avisar-te com um mês de antecedência.»

O meu coração dá um salto quando leio a mensagem de texto com que acordei. Respondo rapidamente, esperando que o Finn ainda esteja acordado.

«Já reservaste o teu bilhete?»

São oito e um quarto da manhã aqui. Que horas serão em Los Angeles? Já deve passar da meia-noite. Sustenho a respiração enquanto os três pontos a piscar mostram que ele está a ler ou a responder.

«Sim. Estás sozinha?»

Rio-me enquanto respondo: «O que é que achas?»

«Peço-te que continues assim durante os próximos tempos.»

Envio-lhe de volta uma cara sorridente e levanto-me da cama.

Quando o Finn se foi embora, no verão passado, mal consegui passar sete dias antes de lhe enviar uma mensagem a dizer «Saudades tuas», à qual ele respondeu «E *eu* TUAS. Tantas, tantas.»

Telefonei-lhe assim que recebi essa mensagem.

– Bem, que *surpresa* agradável – respondeu ele, com o que percebi ser um sorriso, embora não conseguisse vê-lo porque não era uma videochamada.

– Não quero passar um ano sem falar contigo – admiti, muito feliz por ouvir a sua voz.

– Ainda bem que ganhaste juízo – respondeu ele.

Eu não tinha ganhado juízo, tinha-o perdido.

Trocámos mensagens e telefonemas a *toda* a hora.

Vivi os altos das suas reuniões com as editoras discográficas e os baixos da sua separação da banda. Ele partilhou da minha felicidade quando voltei a esculpir decentemente, e a minha dor quando dei por mim a sentir saudades loucas dos meus pais.

Sempre que tinha alguma coisa para dizer, alguma notícia para partilhar, era ao Finn que eu ligava.

Mas esse era o problema.

Houve momentos em que não me senti presente na minha vida aqui. Esqueci-me do aniversário da Rach, cheguei uma hora atrasada à festa de inauguração da casa da Amy e do Dan, quase faltei a uma reunião que a Shirley tinha convocado para falar de um desentendimento que o Michael havia tido com o seu melhor amigo, o Timothy. Eles fizeram as pazes antes de intervirmos, mas isso foi irrelevante. Eu não estive ao lado dos meus amigos e familiares quando eles precisaram de mim.

Contei ao Finn quando me esqueci do aniversário da Rach. Ele mostrou-se solidário, mas, quando voltei a fazer asneira, senti-me demasiado envergonhada para lhe contar.

Mais ou menos na mesma altura, comecei a perceber que também ele estava a proteger-me de certas coisas. Teve uma discussão com o pai, que minimizou, um encontro com um dos seus antigos colegas de banda, que desvalorizou.

E, quando lhe telefonei no dia de Natal, ele manteve as coisas ligeiras e encurtou a nossa chamada porque tinha de ir almoçar a casa do pai. Referi o quanto gostaria de conhecer a sua família e deixei no ar a ideia de ele fazer uma videochamada quando lá chegasse, mas passaram-se três dias até ele me voltar a ligar, e nem sequer falámos no *réveillon* ou no dia de Ano Novo, porque ele tinha ido a uma festa sofisticada e estava tão ressacado que não atendeu quando lhe telefonei. Ao fim de algum tempo, acabou por confessar que se tinha sentido na fossa e que não queria deixar-me em baixo contando-me.

Aquilo fez-me questionar se a sua vida feliz e despreocupada em Los Angeles era *mesmo* o que parecia ser.

Um mês mais tarde, quando o Finn entra no Seaglass, vejo-o de imediato. Observo a forma como ele procura atrás do balcão até me encontrar, registo a alegria calorosa que se espalha pelo seu rosto, um reflexo da minha. Estou a atender um cliente, e ele é abalroado pelos amigos, mas, assim que consigo, saio de trás do balcão e ele solta-se imediatamente e abraça-me com força, levantando-me do chão.

– Senti a tua falta – rosna ele ao meu ouvido.

Afasto-me para olhar para ele, felicíssima, e ele larga a minha cintura, segura-me a cara com as mãos e beija-me, ali mesmo, no centro da sala.

– Ainda bem que o meu namorado não está cá esta noite – murmuro quando nos separamos, deslizando as minhas mãos pelos seus ombros e cruzando-as atrás do seu pescoço.

Durante uma fração de segundo, ele parece alarmado, mas depois franze o nariz e finge que me dá um murro no braço.

– É que nem brinques.

Sorrio e beijo-o.

– Não quero mais ninguém – digo com sinceridade. – Pelo menos, não durante as próximas duas semanas – acrescento descontraidamente, antes de

irromper em gargalhadas contra o seu ombro.

– Bom, na verdade – diz ele, e o modo como deixa a frase em suspenso faz-me olhar bruscamente para ele. – Talvez tenha conseguido mudar algumas coisas.

Ele está a sorrir para mim.

– Conta-me – peço com entusiasmo.

– Vou ficar durante um mês.

Fico de boca aberta.

– A sério?

Ele acena com a cabeça, com os olhos a reluzir.

– Oh, meu Deus, Finn! – digo, dando-lhe o abraço mais forte de sempre.

Vai custar muito mais quando ele se for embora ao fim de quatro semanas inteiras juntos. Mas o simples facto é que nenhum outro rapaz conseguiu mexer comigo da mesma forma que o Finn, nem nada que se pareça. E, ultimamente, não me faltaram ofertas. Fui convidada para saídas mais vezes nos últimos meses do que nos últimos anos.

Sei que não posso ficar eternamente neste limbo com o Finn, mas, por enquanto, é a única escolha possível. Durante este verão, pelo menos, sou dele. Depois lidarei com as consequências.

.

Acordo no domingo de manhã a sentir-me grogue. Estive acordada metade da noite – ambos estivemos. Quis fazer companhia ao Finn no seu *jet lag*, mas hoje vou estar de rastos...

Com um sorriso no rosto, visto o meu roupão e desço as escadas até ao corredor, destrancando a porta do apartamento de baixo. Os hóspedes que deviam ter chegado ontem tiveram de adiar a sua viagem para amanhã, por isso temos um acesso raro a toda a casa. Estou na cozinha luminosa e arejada, a preparar uma chávena de chá para os dois, quando o Finn passa pelo portão no seu Seat Leon alugado, retirando-o do parque de estacionamento do outro lado da rua. Abro a porta das traseiras e chamo-o quando ele está a sair do carro.

– Estou aqui!

Ele mostra-me o polegar e depois abre o porta-bagagens, tirando de lá uma mochila verde-tropa muito desgastada, seguida de uma mala preta rígida. Rio-me enquanto ele a empurra pelo caminho em direção a mim.

– Vieste *mesmo* viver para minha casa durante o verão.

– Espero que não haja problema – responde ele com um sorriso atrevido.

– Os teus avós não se importam que não fiques com eles? – pergunto, desviando-me para o deixar entrar.

– Nada disso. Seja como for, pode ser que te fartes de mim e me expulses.

– Pouco provável.

Quando ele me toma nos braços e me beija, imagino por instantes que

esta é a nossa vida. Um momento normal num dia normal, beijando-nos na nossa cozinha enquanto a água ferve na chaleira.

Afasto-me do precipício – explorar esse caminho só me trará desgostos. Porque esta coisa linda que temos será mais uma vez posta de lado quando ele voltar ao outro lado do mundo.

Tento afastar estes pensamentos e viver o presente com ele, mas não consigo fugir ao facto de que o nosso tempo juntos é limitado.

– Uau! – exclama o Finn quando lhe mostro aquilo em que tenho estado a trabalhar.

É uma escultura de David Schulman, a minha primeira encomenda, que me foi feita pela sua mulher, Arabella.

Nunca cheguei a terminar a escultura do Finn. Tê-lo a posar para mim em carne e osso foi mágico – fez-me sentir viva e ligada ao processo. Mas, depois de ele ter regressado a Los Angeles, perdi o interesse na peça.

O que os meus dedos queriam era sentir o barro fresco, intocado e puro. Perdi-me no material durante algum tempo, criando formas estranhas e maravilhosas, que acalmaram e sararam o meu coração. E, por fim, senti o impulso de voltar à escultura figurativa.

No outono, depois de o Seaglass ter fechado e a maior parte dos visitantes ter deixado a península, voltei-me para os museus, as galerias e os estúdios de artistas, em busca de inspiração.

Conheci a Arabella numa exposição em St. Ives, em janeiro. Ela estava sozinha e achei-a incrível. Com os seus oitenta e poucos anos, com o cabelo grisalho preso num carrapito elegante, usava um vestido preto comprido e um travessão com brilhantes no cabelo, que não parava de captar a luz, fazendo saltar faíscas nas paredes escuras. A minha atenção estava sempre a ser atraída pela sua figura, mas foi ela quem me procurou quando eu estava a olhar para um enorme quadro de uma flor.

– Não aprecio, e você? – disse ela sem rodeios.

– Hum... – Olhei em volta, à procura da artista, esperando que ela não estivesse a ouvir-nos.

– Demasiada cor – acrescentou ela, antes de avaliar o meu vestido com estampado floral e o meu casaco comprido vermelho. – A cor *a si* fica-lhe bem, querida. Mas não neste quadro. E certamente que também não em mim.

Sorri-lhe, sem saber o que dizer. Tentei pensar em algo que alimentasse

a conversa, mas custava-me fazer conversa de circunstância, pois estava a sofrer de um caso grave de síndrome de impostora.

– Ainda estou de luto – disse ela.

– Lamento muito. Quem é que perdeu?

– O meu marido. David. Há um ano. De cancro.

– Lamento tanto – repeti.

– É artista? – perguntou-me ela.

– Gostaria de ser.

– Nessa matéria, não há «gostaria», ou se é ou não se é.

– Então, sou – decidi, achando a sua atitude refrescante.

– Que tipo de arte?

– Escultura.

– Uma escultora! Que interessante. Precisamos muito de mais escultoras.

Há demasiados homens a receber as grandes encomendas de arte pública... é deprimente. E o que é que escolhe?

– Principalmente pessoas, mas já há algum tempo que não crio nada de jeiro.

– Então porquê?

– Tive alguns contratemplos. – Fiz uma pausa, mas ela pareceu ficar à espera que eu continuasse e dei por mim a contar-lhe. – Os meus pais faleceram há alguns anos e, durante uns tempos, perdi o gosto pela escultura. Só agora estou a recomçar a gostar.

– Que idade tem? – perguntou ela, não se esquivando à minha tragédia.

– Acabei de fazer vinte e cinco.

– É muito nova para já os ter perdido – disse ela, e pareceu-me ser essa a sua maneira de dizer que lamentava, sem usar ao certo essas palavras. – Fale-me da sua peça preferida – pediu ela. – Das suas criações, de qual se orgulha mais?

Então, falei-lhe da peça sobre a minha avó. Ela deu-me os seus contactos e pediu-me que lhe enviasse fotografias por *e-mail*, o que fiz na manhã seguinte. Meia hora depois de as enviar, respondeu-me a perguntar se me podia encomendar uma peça semelhante em homenagem ao seu marido. Queria-a em bronze. Ainda mal acredito na minha sorte.

– Parece acabado – diz o Finn sobre o busto.

– É verdade. Deixei de o afinar há alguns dias. Vou levá-lo a uma fundição na segunda-feira.

– E depois?

– Depois, fazem-lhe um molde e fundem-no em bronze.

Ele abana a cabeça, espantado.

– Conseguiu. Está a ganhar a vida como escultora.

Eu sorrio.

– Ainda não estou a ganhar a vida com isso, continuo a ter de trabalhar no Seaglass, mas estou feliz. Tenho o melhor dos dois mundos: Verões animados e paz e sossego durante o resto do tempo, para poder esculpir.

Ele inclina-se para diante e beija-me os lábios.

– Parece-me perfeito. Então, este é agora o teu estúdio em permanência?
– pergunta ele, olhando em volta, para o antigo quarto dos meus pais.

– Acho que sim. A cozinha não era suficientemente grande.

Pus a cama ao alto e encostei-a à parede, tampando todos os móveis e o tapete com grandes plásticos.

– Quando o Michael entrou, disse que parecia a sala de assassínios do *Dexter* – digo eu com uma gargalhada.

Eu não sabia o que significava aquilo, mas depois fui pesquisar e deu-me a volta ao estômago.

O Finn ri-se.

– Ele ainda gosta de ver filmes sobre assassinos em série?

– São os seus preferidos.

– Como é que ele tem andado?

– Está bem. No mês passado estive com uma tosse horrível, que não parava, mas parece estar a recuperar. As pessoas com síndrome de Down são propensas a infeções, por isso fiquei preocupada. Estou sempre com medo de que ele vá parar ao hospital.

– Ele não esteve já no hospital com uma infeção? – pergunta o Finn, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Sim, uma infeção respiratória. Já te tinha falado disso?

– Há uns dois anos.

– Mas ele ainda tinha os nossos pais, da última vez que foi internado, e eles eram médicos. Eu não teria qualquer ideia de como atender às suas necessidades, nessa situação. Ficaria tão assustada. Claro que não tão assustada como o Michael. – Suspiro. – Às vezes, penso que os meus pais só me tiveram para que o Michael não ficasse sozinho no mundo quando eles morressem. Há uma diferença de idades tão grande entre nós. – Olho para a fotografia de estúdio pendurada na parede, de nós como uma família. – Costumava achar que a minha conceção devia ter sido um acidente, mas, agora, pergunto-me se os meus pais foram apenas estratégicos.

– Os teus pais tiveram-te porque te desejaram, Liv – diz o Finn docemente, enquanto aperta a minha mão.

– Não é estranho que tu e eu nos sintamos tão bem um com o outro depois de tanto tempo separados? – pergunto, do nada.

– Acho milagroso – responde ele com um sorriso terno, puxando-me para os seus braços.

– Milagroso – repito contra o seu pescoço, gostando da sonoridade da palavra, enquanto olho para a janela e para as três palmeiras gordas na parte mais elevada do jardim. – Já sinto pavor das saudades que sentirei quando te fores embora – murmuro.

– Também eu. Fiquei de rastos quando te deixei no verão passado.

Afasto-me para poder estudar o seu rosto.

– Ficaste?

Ele franze o sobrolho.

– Completamente.

Continuo a não estar sozinha no meu sofrimento.

– E que tal vão as coisas com a banda? Eles já te perdoaram por teres optado por uma carreira a solo?

– Não, ainda estão furiosos. Agora nem sequer falam comigo.

– Bom, o Dylan parece satisfeito por poder gritar as letras em vez de as cantar – digo com ironia em relação ao guitarrista da banda, que assumiu o papel de vocalista.

– Ei, queres ir almoçar fora? – pergunta ele, espontâneo.

– O Michael vem cá a casa para o almoço de domingo, mas podes juntar-te a nós.

Ele parece hesitante, mas depois acena com a cabeça, em concordância.

– Podíamos fazer um churrasco! Tirar o máximo partido do espaço exterior enquanto não tenho hóspedes! Podíamos convidar a Amy, o Dan e a Rach, que achas?

– Parece-me ótimo – responde ele, parecendo divertido com o meu entusiasmo.

Envio uma mensagem rápida a convidar os nossos amigos e depois telefono ao Michael, sugerindo-lhe que convide o Timothy.

– Espetáculo! – exclama ele.

*

Quando o Michael aparece ao final da tarde, não fica contente por ver o Finn.

– O que é que ele está aqui a fazer? – pergunta ele, mal-humorado.

Pronto, cá vamos nós...

– Michael, por favor, não sejas mal-educado com o Finn – digo eu, sendo razoável. – Vou passar muito tempo com ele nas próximas semanas e gostaria que vocês se dessem bem.

– Ele é teu namorado, não é? – peergunta o Michael com reprovação, olhando-me de lado. Eu olho para o Finn e, desta vez, não sei bem como responder.

– Bem, talvez seja. Durante o próximo mês.

O Finn sorri.

– É melhor tratares bem a minha maninha – avisa o Michael.

– Eu trato-a sempre bem – responde o Finn.

– É bom que sim.

– Okay, okay, já chega – digo. – O Timothy vem? – pergunto ao Michael.

Ele faz que não com a cabeça, de mau humor.

– Ele vinha, mas perdeu o autocarro.

– Oh, não!

– Onde é que ele vive? – pergunta o Finn.

O Michael franze-lhe o sobrolho.

– Porque é que quer saber?

– Talvez possa ir buscá-lo de carro, se não for muito longe.

– Perranporth.

O maxilar do Finn contrai-se.

– Não precisas de fazer isso – apresso-me a dizer.

Ele faz que não com a cabeça.

– Não, posso lá ir. Queres ir comigo? – pergunta ele ao Michael. – Dás-me as indicações para casa dele?

– Ele mora do lado de cá, não no centro – digo-lhe eu, esperando que ele não tenha de passar pela sua antiga casa, algo que evita fazer há anos. – Mas liga-lhe primeiro, para ver se ele ainda está interessado em vir – sugiro ao Michael.

.

Meia hora depois, quando o Finn regressa, o Michael está muito mais animado.

Ele é o primeiro a entrar, com o Timothy no seu encalço. Os dois estão a usar *t-shirts* vermelhas idênticas.

– Vimos o sítio onde o Finn costumava viver – diz o meu irmão, todo contente.

– Ah, sim? – Lanço um olhar rápido ao Finn.

– Era um sítio de merda!

– Michael!

Dou um suspiro.

– Está tudo bem – interpõe o Finn, chegando por trás deles. – E ele tem razão.

– Havia ervas daninhas por todo o lado! – diz o Michael com uma alegria incontida. – E era minúscula!

– É uma caravana – diz o Timothy, animado pelo entusiasmo de Michael.

– Uma casa móvel – esclarece o Finn para meu benefício. Ele di-lo de uma forma despreocupada, mas o modo como o seu olhar se detém no meu rosto faz-me pensar que ele não é assim tão indiferente à minha reação.

– Parece que viveram todos uma grande aventura. Michael, podes trazer uma bebida ao Timothy e ao Finn, por favor? Os outros devem estar quase a chegar.

Assim que o Michael e o Timothy se afastam, agarro o braço do Finn, dou um passo em diante e dou-lhe um beijo nos lábios. Ele não me fita nos olhos quando se afasta.

.

– O Tyler pediu-me que o levasse ao sítio onde encontraram as roupas da nossa mãe.

Abro os olhos e observo o Finn, mal conseguindo distinguir as suas feições na escuridão do meu quarto, mais tarde. Estava prestes a adormecer, depois de um dia divertido com os nossos amigos, quando sua voz me trouxe de novo à consciência.

– E o que sentes em relação a isso? – pergunto, intuindo que ele está na dúvida sobre se quer falar disso ou não.

– Não voltei lá desde que nós lá fomos.

Ele solta um suspiro pesado.

– Ele quer ver de onde é que ela saltou.

– Oh! – digo eu, hesitante. – Ele vai perguntar aos avós se querem ir também?

– Não me parece. Disse-me que não os quer deixar tristes.

– Então, vais levá-lo?

Ele demora um pouco a falar, com a voz tensa.

– Parece-me uma farsa levá-lo lá.

– O que é que queres dizer com isso?

– Não acredito que ela se tenha atirado daquele penhasco.

O meu corpo fica totalmente desperto. Estico o braço e acendo o candeeiro da mesa de cabeceira, pois preciso de ver a cara dele para esta conversa.

Ele encolhe-se com a luz, mas recupera, observando-me pelo canto do olho enquanto dobra a almofada para se apoiar contra a parede.

– Quando arrumei as suas coisas, depois de ela ter desaparecido, reparei que faltava roupa: algumas das suas peças preferidas e as suas velhas botas de *cowboy*, que ela adorava. Perguntei à minha avó sobre elas, mas ela respondeu que a minha mãe devia tê-las deitado fora. Mas e se não deitou? E se as levou com ela, para onde quer que seja?

Sento-me e pouso a mão no seu peito macio e quente, sentindo o seu coração a bater sob a minha palma. Não sei se ele está a tentar encontrar uma alternativa ao facto devastador de a sua mãe se ter suicidado, algo que toda a comunidade aceitou, ou se pode haver algum fundo de verdade nas suas conjeturas.

– Tens alguma teoria sobre para onde ela possa ter ido?

Ele olha para o teto durante alguns segundos antes de responder com um encolher de ombros.

– Ela costumava dizer que queria ir para Goa, para começar de novo. Talvez tenha ido.

– Alguma vez falaste com o teu terapeuta sobre isto?

Ele olha-me com um ar sério.

– Como é que sabes que eu fiz terapia?

– Contaste-me, em tempos, quando falávamos do teu nome verdadeiro.

– Pois contei – responde ele, taciturno. – Não é algo sobre o qual costume falar. Mas, não, nunca falei sobre isso.

– O que vais fazer em relação ao Tyler? – pergunto, ao fim de uns

momentos.

– Não sei.

– Podes mostrar-lhe o local onde as roupas dela foram encontradas, evitando dizer que ela saltou?

– Talvez. Acho que posso dizer que foi ali que ela nos deixou.

– Ou que foi onde ela tomou a decisão de partir, talvez?

Ele faz que não com a cabeça.

– Ela tomou a decisão de nos deixar muito antes disso. Deve ter planeado a coisa durante meses. Sabes, ela gastou mais dinheiro nas nossas prendas nesse ano do que em todos os anos anteriores juntos. Ela queria ver as nossas caras quando abrísssemos os presentes, para poder ter uma boa recordação de nós a parecermos mais felizes do que nunca. E, depois de ter conseguido isso, foi-se embora, estragando-nos o Natal para sempre, incluindo para os meus avós.

– Lamento tanto, Finn.

Sinto um aperto no coração só de pensar na dor e no sofrimento que ele, os seus irmãos e os seus avós tiveram de suportar. A dor que eles ainda devem sentir todos os anos, no Natal, quando deve ser especialmente difícil esquecer o que aconteceu.

Ele suspira e tira a minha mão do seu peito, aninhando-me na dobra do seu braço.

– Desliga a luz.

Fico ali deitada, com a cabeça a mil à hora, enquanto a respiração dele começa a acalmar.

O Finn acorda, momentaneamente confuso enquanto olha em volta, sonolento.

– Chegaram os meus novos hóspedes – sussurro.

– Céus! – exclama, grogue.

– O Tarek insistiu para que eu optasse por uma insonorização melhor, mas eu não tive orçamento para isso.

Estou acordada há cerca de quinze minutos, a ouvir os recém-chegados a tirar as malas do carro. Devem ter conduzido durante a noite, para chegarem aqui tão cedo. Ainda são só seis e quarenta e cinco, mas eles deviam ter chegado no sábado e pagaram a semana inteira, pelo que não me posso queixar. Sinto-me só aliviada por ter deixado tudo limpo, depois de os nossos amigos se terem ido embora, ontem à noite.

– Há mais barulho aqui do que em minha casa – queixa-se o Finn enquanto uma criança de voz aguda fala sem parar.

– Podes ir-te embora quando quiseres – digo eu, secamente.

Ele vira a cabeça e olha para mim.

– Queres que me vá embora?

– Não!

– Estou a ser rabugento, não estou?

– Só um bocadinho.

– Não dormi bem.

– Adormeceste antes de mim.

– Bom, mas acordei durante a noite, quando tu estavas a dormir profundamente e a ressonar como um ursinho adorável.

– Eu não ressono!

– Os meus ouvidos discordam.

Tiro a almofada de detrás da cabeça e acerto-lhe com ela.

– Ei! – ri-se ele.

– Estás bem?

A gravidade da conversa da noite anterior vem-me à memória.

Ele franze o nariz e encolhe os ombros.

– *Meh...*

– Gosto que estejas cá – sussurro.

Ele olha para mim por instantes e depois sorri, prendendo os meus pulsos ao colchão ao mesmo tempo que vem para cima de mim.

– Se nós os conseguimos ouvi-los, achas que eles nos ouvem? – pergunta ele, em tom sedutor.

– Não quero arriscar-me a descobrir!

– Bem, nesse caso, é melhor fazeres pouco barulho.

*

Só entro ao serviço mais tarde, por isso decidimos ir ao Blue Bar tomar o pequeno-almoço, mas, primeiro, temos de ir a pé até casa dos avós do Finn para ir buscar o seu carro – ele estacionou-o na rua deles, depois de ter ido deixar o Timothy a casa, ontem à noite.

Os avós do Finn vivem num *bungalow* pequeno e bem arranjado, no cimo da colina, com vista para o mar ao longe, sobre os telhados. O quintal da frente é simples, com uma grande roseira com rosas cor de coral no canto de um pequeno relvado bem mantido.

– Queres conhecer os meus avós? – pergunta ele, de forma neutra, quando nos aproximamos da casa.

– Adoraria! – respondo, encantada.

Isso é um bom sinal. Ainda não conheço ninguém da sua família americana – nem sequer por videochamada – e preocupa-me que o Finn ande a esconder-me partes da sua vida privada.

Quem nos abre a porta é o avô, um homem baixo e robusto, com sessenta e muitos anos. Tem o cabelo grisalho e um nariz vermelho bulboso. Não se parece nada com o Finn, mas gosto da forma como os seus olhos se iluminam ao ver-nos.

– Quem é a tua amiga? – pergunta ele com um ar jovial, e agora consigo ver nele algumas parecenças com o neto.

– É a Liv – diz o Finn, tranquilamente. – Viemos buscar o meu carro. Achámos que seria boa ideia vir cumprimentar-vos.

– Entrem! Entrem! – Ele recua para um pequeno corredor e acena com a mão em direção à sala de estar. – Trudy! – chama o avô do Finn por cima do meu ombro enquanto nos segue para o interior.

– O Finn está cá e trouxe a sua amiga!

Ouçoo barulho de coisas a bater e um gritinho vindo do que julgo ser a cozinha, e eis que surge uma mulher pequena que vem apressadamente ter connosco enquanto seca as mãos num pano da loiça.

– Olá! – grita ela, com os olhos a alternarem entre os nossos rostos, mas depois a fixarem-se no meu.

– Vó, esta é a Liv – diz o Finn.

– Liv, esta a minha avó.

– Olá! – diz ela de novo, com entusiasmo. – Que bom que é finalmente conhecer a famosa Liv.

– Vó... – murmura o Finn, parecendo desconfortável.

– Tyler! Liam! – grita ela para o lado, antes de avançar para me dar um abraço carinhoso.

Não se parece nada com a minha avó, que era alta, magra e elegante, mas tem um ar inconfundível de avó.

O Liam entra na sala, parecendo pouco satisfeito por lhe terem interrompido o que quer que estivesse a fazer na primeira segunda-feira de manhã das férias de verão. Deve estar com treze anos agora, e as suas feições estão muito mais arredondadas do que há uns anos, tem o cabelo mais comprido e liso, e nada oleoso.

– Olá, Liam, é bom voltar a ver-te – digo.

Ele murmura algo que soa a:

– Tudo bem.

– Tyler! – grita o avô do Finn.

Ouçó um pequeno gemido de irritação e o som do tiroteio que estava a sair de uma divisão próxima é silenciado. O Finn aclara a garganta e ergue uma sobrancelha quando o seu outro irmão entra para se juntar a nós.

O Tyler tem quinze anos e é quase tão alto como o Finn, mas muito mais magro. O seu rosto é todo angular: maçãs do rosto altas, olhos ligeiramente juntos e um maxilar bem definido.

Eles cresceram tanto. Estão quase irreconhecíveis, face aos rapazes que conheci à porta de casa do Michael, em Stippy Stappy, há uns anos.

– Querem tomar um chá? – pergunta-nos a avó do Finn, com esperança na voz.

O Tyler e Liam deixam-se ficar na sala connosco, mas vê-se que preferiam estar noutro sítio qualquer.

Olho para o Finn.

– Vamos tomar o pequeno-almoço fora – responde ele.

– Podíamos beber um chá rapidamente? – sugiro, na esperança de apagar a desilusão estampada no rosto dos seus avós.

O Finn faz-me outro olhar de soslaio antes de concordar, com um aceno de cabeça.

– Claro.

– Senta-te, Liv – insiste a Trudy, voltando para a cozinha.

O Finn segue-a e o Tyler e o Liam esgueiram-se para fora da sala, deixando o avô do Finn parado no meio da sala, comigo, parecendo pouco à vontade.

Há uma fotografia da mãe do Finn numa mesa de apoio. Vi-a imediatamente, os meus olhos foram atraídos pelo seu cabelo escuro, pelas covinhas e pelos seus deslumbrantes olhos verde-azulados. Na fotografia, ela terá uns vinte e poucos anos e parece feliz.

Como é que acabou tudo por correr tão mal?

– Os meus avós estão preocupados com o Tyler, ele está a estar a ficar fora de controlo – revela o Finn mais tarde, enquanto caminhamos pela praia, depois do pequeno-almoço.

– Oh, não! – Olho para ele. – Em que sentido?

– Ele tem andado a beber e a fumar, a meter-se em sarilhos na escola. Eles querem que eu fique por cá, para ser uma melhor influência para o meu irmão.

– E ficarás? – Sinto uma centelha de esperança.

Ele abana a cabeça e a centelha apaga-se com a mesma rapidez com que surgiu.

– Esta viagem já foi demasiado longa para mim.

– Só cá estás há três dias!

O seu comentário faz-me sentir nauseada.

– Não estou a falar a sério – rosna ele, passando o braço à volta da minha cintura para me apertar com força, antes de me dar a mão. – Seja como for, o facto de me sentir assim não tem nada que ver contigo. Tu és incrível.

Ele para e volta-se para mim, agarrando-me o queixo para que eu tenha de o encarar nos olhos.

– És tu que tornas possível o meu regresso. Espero que saibas isso. – Recomeçamos a caminhar. – Fico deprimido quando passo aqui muito tempo. Em Los Angeles é diferente.

– As coisas são mesmo assim tão boas em Los Angeles? – pergunto de forma hesitante.

Os seus olhos procuram os meus.

– O que é que queres dizer com isso?

– Bom, tu desentendeste-te com os teus colegas de banda e tiveste discussões com o teu pai...

– *Toda a gente* tem discussões – interrompe ele sem rodeios.

– Estou só a dizer que, às vezes, tenho a sensação de que a vida em Los Angeles não é assim tão cor-de-rosa – tento eu novamente.

Ele franze o sobrolho, segura-me a mão com mais força.

– Não é perfeita. Mas não significa que não seja muito melhor do que seria aqui.

Odeio quando ele diz coisas deste género.

– Então, quais são as grandes vantagens? – pergunto, irritada, largando-lhe a mão.

– Vá lá, Liv... – diz ele, impaciente.

– Não, a sério, quero saber. Com que coisas é que eu estou a competir?

– Isso não é justo. Não tem que ver contigo, tem que ver comigo, com o que eu quero da vida. Los Angeles tem um panorama musical a sério, concertos, ligações à indústria discográfica. A Cornualha fica em nenhures –

nunca chegaria a lado algum se ficasse aqui. E, sim, as coisas podem não ter andado fantásticas com o meu pai no final do ano passado, mas ele é meu pai. Gosto dele. Demorámos anos a criar uma boa relação... Eu teria saudades de beber uma cerveja com ele em frente à televisão, ou de ir ao estúdio para o ver a trabalhar.

– Porque é que ainda não nos apresentaste numa videochamada?

Ele olha para mim.

– É isso que te está a incomodar?

A tristeza no meu rosto dá-lhe a resposta.

– Se é importante para ti, eu faço-o. É um pouco estranho, só isso, apresentar-vos num ecrã pequeno. Eu ficaria desconfortável, os meus dois mundos a colidir. Isto soa melodramático, desculpa.

– Não é melodramático se é isso que sentes. Mas é assim que te sentes? Que a vida aqui é tão separada da tua vida lá fora?

Ele pensa nisso por um momento antes de acenar afirmativamente com a cabeça.

– Não te esqueças de que tive de pôr esta vida para trás das costas quando me mudei para os Estados Unidos. Depois de tudo o que aconteceu, e de ter de deixar os meus avós e os meus irmãos, fiquei um caco. A única forma de sobreviver era concentrar-me no presente. Eu mal conhecia o meu pai quando fui viver com ele, mas ele apoiou-me, ajudou-me a cada passo, arranjou um terapeuta para que eu tivesse alguém com quem discutir as minhas cenas. Ele importou-se. Isto quando a minha mera existência, provavelmente, terá levado ao colapso do seu casamento. Ele podia ter ficado ressentido. O meu irmão e a minha irmã mais velhos podiam ter-me feito a vida num inferno. Mas não o fizeram. São boas pessoas. Cuidaram de mim. Devo-lhes muito.

– Provavelmente, o teu pai já tinha problemas com a mulher, se a traiu, portanto não creio que tenhas sido tu a causa do divórcio, mas percebo o que estás a dizer.

Ficamos em silêncio.

Solto um longo suspiro, que alivia um pouco a tensão nos meus ombros, mas a minha mágoa mantém-se. Não me parece que Finn esteja minimamente aberto à ideia de deixar Los Angeles. Como é que podemos manter uma relação à distância se não há um objetivo em vista?

Acabámos de passar pela gruta onde celebrámos o aniversário do Dan, no ano passado. Hoje a maré também está baixa e, perto daqui, meio enterrada na areia, está a caldeira do *Eltham*, um navio a vapor que naufragou nesta praia, no final dos anos 1920. Lembro-me de o meu pai nos ler factos sobre o naufrágio quando o Michael se estava a candidatar ao seu emprego em Chapel Porth. Ele esperava que isso o ajudasse a conseguir o lugar. Talvez tenha ajudado.

Olho para o parque de estacionamento e ocorre-me que podíamos ir cumprimentar o meu irmão. Viro-me para o Finn, para lhe sugerir isso,

quando reparo que ele está a olhar em diante, para os penhascos, com uma expressão de sofrimento no rosto. Sigo a sua linha de visão e consigo distinguir um afloramento rochoso ao longe, para lá da velha casa das máquinas de Wheal Coates.

Sinto um arrepio ao pensar no que o Finn me disse ontem à noite, sobre a sua suspeita de que a mãe não se terá suicidado, que fingiu o seu suicídio para poder recomeçar a vida noutro lado. Tal como disse o Finn, nunca encontraram o seu corpo.

Por outro lado, também nunca encontraram os corpos dos onze tripulantes do *Eltham*. Dois botes salva-vidas vazios deram à costa, mas toda a tripulação se perdeu no mar revolto. O Michael ficou fascinado com o mistério das pessoas desaparecidas.

– Vi uma fotografia da tua mãe, em casa dos teus avós – digo.

– Odeio essa fotografia – murmura.

Olho de relance para ele.

– Achei que ela era linda.

– E era. Costumava ser uma brasa. Mas já não era essa pessoa quando nos deixou. Estava cadavérica, a definhar. Essa foto parece outra mentira. Viro-a para a parede sempre que estou naquela sala. Os meus avós ficam passados comigo.

– Talvez tenham saudades dela.

Ele morde o lábio inferior, fazendo uma cara zangada.

– Fala comigo, Finn – suplico-lhe. – Tu nunca me contas nada sobre ela. Nunca falas da tua infância.

– Porque passei a vida inteira a tentar esquecê-la.

– Mas falar pode ajudar-te a ultrapassar essas questões. Não apenas com um terapeuta, mas com alguém amigo.

– *Argh*, Liv! – diz ele com frustração.

– O que é que queres saber? Que a minha mãe consumia *crack* na mesa da cozinha, mesmo à nossa frente? Que eu às vezes a encontrava a foder com estranhos na sala de estar? Que, um dia, ela me bateu porque eu lhe perguntei porque é que não havia comida no frigorífico? *O que é que queres saber?* – A raiva explodiu-lhe no rosto e a sua voz foi-se tornando cada vez mais irada a cada nova pergunta que lhe saía da boca.

– Lamento tanto – digo, chocada.

Não me apercebi de como ele já devia estar perto do seu limite, porque, pelos vistos, acabei de o empurrar para lá dele.

Tento dar-lhe a mão, mas ele afasta-se de mim.

– A minha infância foi uma merda e a minha mãe foi uma merda e o Tyler e o Liam provavelmente vão ser uma merda e não há nada que eu possa fazer porque eu também sou uma merda!

– *Finn* – digo o seu nome num sopro, querendo desesperadamente reconfortá-lo.

Ele tem o peito a arfar, a sua expressão é selvagem, e só quero tocar-lhe

e acalmá-lo, apagar o fogo que arde dentro dele.

Não se sai ileso quando se passa por algo assim...

As palavras da minha mãe voltam-me à memória.

É então que, de repente, ele parece murchar. Pressiona as palmas das mãos contra os olhos e, quando as afasta, parece ter ficado totalmente exaurido.

– Acho que é melhor regressarmos – diz ele sem rodeios.

Dou um passo em frente e ponho os meus braços à sua volta, mas o abraço que ele me dá de volta não tem força.

Sou muito cuidadosa com o Finn depois da conversa que tivemos na praia, mas ele não parece ter qualquer intenção de ficar a pensar no assunto e depressa volta a ser o mesmo de sempre. Tento seguir o seu exemplo, porque vejo que é isso que ele quer que eu faça, mas custa-me esquecer o seu sofrimento. Sinto-me mais próxima dele, embora desconfie que ele gostaria de voltar atrás no tempo e evitar que tivéssemos tido aquela conversa.

Com o passar das semanas, entramos num ritmo próprio. Ele vem muitas vezes ao Seaglass enquanto eu estou a trabalhar, conversa comigo ao balcão, e depois vamos para casa e beijamo-nos e abraçamo-nos e conversamos pela noite dentro, a que se seguem manhãs preguiçosas e pequenos-almoços na cama. A sensação é de grande naturalidade, uma visão de como a vida poderia ser, embora eu reprima esse tipo de pensamentos quando vêm à superfície.

Temos um acordo tácito para nos cingirmos a assuntos seguros, como os nossos amigos e as nossas carreiras. Ele confia que tem andado a escrever bastante e, quando ouvimos os hóspedes do andar de baixo a saírem para passar o dia fora, ele toca-me algumas das suas composições ao piano, que foi trazido para a minha sala de estar. Estou extremamente orgulhosa por saber que as reuniões dele finalmente deram frutos e que uma grande editora quer que ele lance um álbum a solo. Mas ele não está satisfeito com as cláusulas e não quer ficar preso a um contrato que o obrigue a fazer vários discos. Ele detesta a ideia de alguém controlar a sua carreira, de ditar o que faz, e até o que veste, quando podia ser um compositor relativamente anónimo. Ele está a pensar em gravar algo com uma pequena editora independente, para ter um pouco mais de liberdade.

Ao fim de algum tempo, começa a falar-me da sua família e dos seus amigos na América. Absorvo todos os pormenores, fico a saber mais sobre o seu irmão e a sua irmã, bem como sobre o seu pequeno sobrinho Jimmy, que acabou de fazer quatro anos. Ele fala-me do pai e da nova namorada deste, e

aquece-me o coração olhar para as fotografias que me mostra e ver as pessoas que significam algo para ele.

Também me põe ao corrente dos programas que faz com os irmãos. Dou-lhe espaço para falar da sua infância, mas não volto a intrometer-me, não como fiz naquele dia, na praia. Não quero que ele associe as suas más recordações a mim – ele disse que eu era a única coisa que tornava suportáveis as suas vindas cá, e não quero pôr isso em risco.

Pergunto-me como é que podemos ter um futuro, se ele não suporta a ideia de viver aqui. Mas essa é a verdade da qual tenho fugido – não podemos.

É com essa nova perspetiva que decido passar sozinha a manhã do aniversário da morte dos meus pais. O Finn ainda está a dormir quando acordo e consigo vestir-me e sair de casa sem que desperte.

Mas ele encontra-me sentada num banco, nas falésias a oeste de St. Agnes, relativamente perto do local onde me levou no primeiro ano após a morte deles.

– Olá – diz, com uma expressão sombria, ao aproximar-se.

Já convivo melhor com a minha dor, mas, nesta data, ela abate-se sobre mim como uma bigorna de uma tonelada e a única solução é chorar.

Não lamento quando o vejo.

Ele senta-se ao meu lado e põe um braço à minha volta. Não pergunto como é que sabia para onde eu tinha ido, e ele não me pergunta porque é que me fui embora sem dizer nada. Aproximo-me mais e encosto a minha face ao seu ombro, respirando de forma trémula.

Uma sombra cinzenta paira sobre o mar, ao longe, um maciço de chuva aproxima-se de nós. Em breve seremos atingidos por ele e nem sequer me importo.

– Planeias fazer alguma coisa com o Michael para assinalar o dia? – pergunta ele.

Abano a cabeça, com as lágrimas a escorrerem-me pela cara.

– Não. Ele nem sequer queria falar sobre isso, no ano passado. Já não falo com ninguém sobre o tema, só contigo.

Ele encosta a sua cabeça à minha.

– Estás bem? – pergunto-lhe eu, sentindo-o pensativo.

– Estava a pensar no Tyler.

Limpo as minhas lágrimas e pego na sua mão, dando-lhe toda a minha atenção.

– Vou mesmo trazê-lo cá e mostrar-lhe onde foram encontradas as roupas da nossa mãe. Não lhe vou contar a minha teoria, não lhe vou pôr coisas cabeça. Mas sinto-o a afastar-se de mim e isto talvez nos aproxime.

– Os rapazes já te foram visitar a Los Angeles?

– Já não vão há alguns anos, mas pensei perguntar-lhes se queriam ir lá passar o Natal.

– Eles já lá estiveram alguma vez no Natal?

– Não – responde ele, apertando-me a mão.

Eu mostro-lhe o que espero que pareça um sorriso de apoio.

– Acho que isso seria muito bom para todos vocês.

O Finn tem resistido a juntar os seus dois mundos, mas talvez seja exatamente isso aquilo que lhe fará bem. Neste momento, está dividido ao meio, com um pé aqui e outro nos Estados Unidos. Talvez passar um Natal com seus irmãos e avós em Los Angeles, juntamente com o resto da sua família, o ajude a sentir-se completo.

Ele sonda o meu rosto.

– Hoje, os teus olhos têm a mesma cor do mar.

– Sempre achei que os olhos da minha mãe eram céus de verão e os meus eram mares tempestuosos.

– Vem para Los Angeles comigo – sussurra ele.

Uma quietude apodera-se do meu corpo.

– Passar umas férias?

– Viver.

Abano a cabeça.

– Finn, não posso. Tu sabes que não posso.

A sua expressão endurece.

– Porque não?

– Não posso deixar St. Agnes. Não posso deixar o Michael. Ele precisa de mim.

Ele retira o braço de trás do meu corpo e inclina-se, com os cotovelos apoiados nas coxas, olhando para o mar enquanto a primeira chuva começa a cair.

– Não sei o que fazer – digo eu. – Este tempo que passámos juntos foi diferente.

Entrámos noutra nível, o que o tornou tudo simultaneamente melhor e mais difícil.

– Vai-me ser insuportável voltar para casa – diz ele, infelicíssimo. – Sinto a tua falta quando não estou cá. Penso em ti a toda a hora. Detesto ter de me ir embora.

– Então *não vás* – imploro desesperadamente, com a chuva a escorrer-me pelo rosto e a levar com ela as minhas lágrimas. – Fazes falta aqui. Não podemos arranjar forma de isso resultar?

Sei que estou a ser injusta, a pressioná-lo desta maneira. Ele já explicou o que sente. Mas não consigo evitar.

– Não me peças que fique, Liv.

Ele parece desolado.

– Então, não me peças para ir embora – contraponho.

Abre-se uma racha no meu coração quando ele olha para mim e acena com a cabeça em concordância silenciosa.

Tenho a sensação devastadora de que acabámos de marcar o fim da

nossa relação.

– Não podemos continuar assim – digo, destroçada. – Não indefinidamente.

– Que mais podemos fazer? – pergunta ele.

– Devíamos ter-nos mantido fiéis às nossas regras – digo com súbita amargura. – Pelo menos assim teríamos uma hipótese de continuar com as nossas vidas, de não nos sentirmos tão divididos.

– Queres voltar a isso? – pergunta ele com relutância.

Eu *sei* que é o que devemos fazer. Soube-o desde o início. Mas dói-me o peito só de pensar em cortar todas as comunicações.

– Talvez tenhamos de diminuir o número de vezes que falamos. Uma vez por mês, mais ou menos, para não perdermos o contacto, mas também para não estarmos tão embrenhados na vida um do outro.

Ele pensa nisso por instantes, com os lábios comprimidos numa linha fina, e depois acena que sim com a cabeça.

*

Na semana seguinte à sua partida, volto-me para o barro em busca de consolo.

Este verão

O calor do olhar do Tom mistura-se com o calor que já se faz sentir na minha pele, enquanto falo com um dos elementos da equipa de fundição sobre uma junta que precisa de retoques. Sinto um ardor no nariz devido ao cheiro a amoníaco, e tenho a garganta arranhada devido ao queimado do metal derretido na fornalha, mas não é desagradável. Adoro cá estar. É aqui que tudo se conjuga, onde a visão do meu trabalho árduo é concretizada.

Em seguida, discutimos os tipos de pátinas e o tom de verde que pretendo obter, e, quando terminamos, sorrio para o Tom e chamo-o para junto de mim. Ele tem-se mantido afastado, sem querer atrapalhar, mas, quando o operário da fundição nos deixa a sós, o Tom junta-se a mim, com os seus olhos castanhos dourados a brilhar.

Ele abana a cabeça, deslumbrado.

– A tua primeira peça de arte pública. Nem consigo imaginar como te sentes neste momento. Deves estar tão orgulhosa. Isto é incrível, Liv. Estou verdadeiramente impressionado.

A sua reação é tão bonita que, inesperadamente, me vêm lágrimas aos olhos.

– Uau – diz ele com doçura, acariciando-me ternamente o ombro enquanto afasto a humidade que se acumulou nas minhas pestanas inferiores.

– Devias ter-me visto há uns anos, quando esculpi os meus pais – digo com uma pequena gargalhada. – Fiquei completamente atónita quando os retiraram dos moldes. Os operários da fundição mantiveram-se à distância. – O meu sorriso vacila. – Daria tudo para que eles estivessem aqui, agora, a partilhar esta conquista.

As lágrimas que me estavam a marejar os olhos transbordam, e o rosto do Tom está cheio de empatia quando me abraça.

– Lamento muito – murmura ele contra o topo da minha cabeça. O meu peito está encostado ao dele e os meus nervos formigam devido ao nosso

contacto físico, mas, de certa forma, parece-me natural partilhar este momento com ele.

– Está tudo bem – digo, enquanto ele me massaja as costas. – Há dias em que passo horas sem pensar neles e, noutras alturas, é como se os tivesse perdido na véspera. – Descolo-me dele muito mais cedo do que gostaria porque preciso desesperadamente de um lenço de papel. – Os meus pais não eram nada artísticos, mas sei que ficariam orgulhosos – digo, enquanto encontro um na minha mala e me assoo. – Além disso, acho que também ficariam gratos por eu ter a arte na minha vida. Isso soa estranho? Esculpir tem-me ajudado a processar a minha tristeza desde que os perdi. Tem sido uma boa terapia.

– Não me parece nada estranho. – Ele solta um pequeno suspiro. – Gostava que o meu avô estivesse cá para me ver voar – confia. – Sei que ele teria adorado.

– Mas os teus pais devem estar orgulhosos...

O sorriso dele aquece.

– A minha mãe costumava pedir-me pormenores sobre os nossos salvamentos mais difíceis, e depois ficava doida de aflição com o perigoso que aquilo lhe parecia. Mas ela é assim. Diz que detesta filmes de terror e depois passa duas horas seguidas a ver um, espreitando por entre os dedos e a apanhar sustos de morte.

– E o teu pai? – pergunto com um sorriso perante a imagem mental que ele me deu.

– Acho que se pode dizer que ele tem um orgulho discreto. Não é de muitas falas, mas já o ouvi a contar aos seus amigos sobre o meu trabalho.

O seu sorriso desvanece-se e ele desvia o olhar.

– Lamento que eles não tenham incentivado o teu talento artístico – dou por mim a dizer.

Ele abana a cabeça e lança-me um sorriso irónico.

– Estou muito longe de ser alguém como tu.

Franzo-lhe o sobrolho.

– Isso não é verdade.

– Liv. – Ele olha-me fixamente com a intenção de ser incisivo, mas a sua expressão dá-me borboletas na barriga. – Eu faço desenhos na areia.

Ele é tão autodepreciativo, que nervos.

– Arte é arte – declaro.

– Não, tens razão – concorda ele, subitamente sério. – Lá porque os meus desenhos desaparecem ao fim de seis horas e os teus bronzes duram uma eternidade, isso não os torna menos importantes.

Reviro os olhos à sua provocação e ele sorri-me, com os olhos cheios de humor.

– Apetece-te ir à galeria Tate, depois disto? – pergunta ele.

– Claro! – Adoraria passar o dia com ele.

– Estou mortinho por ver algumas das famosas esculturas de areia feitas

pela Barbara Hepworth – acrescenta ele, tentando manter uma cara séria.

Dou-lhe uma palmada a brincar no braço e depois digo:

– Um dia, tens mesmo de ir a Florença ver as peças espetaculares que Miguel Ângelo desenhou no pavimento. São de outro mundo.

Ele atira a cabeça para trás e ri-se à gargalhada, e ainda estamos os dois a sorrir quando saímos da fundição.

– Já debes ter aqui estado tantas vezes – diz o Tom, quase a pedir desculpa, enquanto descemos as colinas íngremes de St. Ives sob o sol, com os sons do verão e da beira-mar a ecoarem à nossa volta. A praia fica mesmo em frente à galeria.

– Algumas – admito. – Mas nunca me canso. A Tate Modern, em Londres, é um sítio onde quero muito voltar.

– Quando foi a última vez que lá foste? – pergunta ele.

– Quando eu tinha uns dezasseis, dezassete anos? Eu sei que podia ir a Londres sozinha. E *devia*. Estou desejosa de ver umas quantas esculturas.

– Algumas em particular? – pergunta o Tom com interesse, à medida que o impressionante átrio circular e branco da Tate se torna visível ao fundo da rua.

– Há um bronze da Virginia Woolf em tamanho real, em Richmond upon Thames, que adoraria ver de perto. A artista, Laury Dizengremel, esculpiu-a sentada num banco de bronze, com um aspeto muito sereno. As pessoas podem sentar-se ao lado dela e ficar a ver os barcos a passarem no rio.

– Gosto da natureza interativa da peça. – Sabias que, em Londres, há mais monumentos que retratam animais do que monumentos em honra de mulheres que existiram?

O Tom faz uma careta.

– A sério? Isso é muito mau.

– É, não é? Outra estátua que gostaria de ver é a da sufragista Emmeline Pankhurst, de pé numa cadeira, a discursar, mas fica em Manchester, que é ainda mais longe.

A escultora, Hazel Reeves, tem outra obra de arte pública na estação de King's Cross, mas estou menos interessada nessa figura, *Sir Nigel Gresley*. No entanto, gostaria de ver o seu trabalho ao vivo: ela usou meia tonelada de barro para criar a estátua de sete metros e meio.

A escultura é uma profissão difícil de se exercer quando se é mulher, por isso, a Hazel e a Laury dão-me esperança.

– A Rach ou a Amy não estariam dispostas a fazer uma escapadela até à cidade? – pergunta o Tom enquanto subimos as escadas exteriores, até à entrada.

– Não, as minhas amigas não se interessam por arte e cultura.

– Bem, se quiseses companhia, podes sempre ligar-me – diz ele descontraidamente, abrindo-me a porta.

O balão que se infla dentro de mim é perfurado pela constatação de que ele já está quase a meio da sua estadia de um mês na Casa da Praia.

– Vais voltar para o País de Gales em breve – recordo-lhe, por cima do ombro.

– E então? Também há comboios para Londres a partir do País de Gales, sabes? – provoca ele, tocando-me na zona lombar enquanto nos aproximamos da bilheteira.

As minhas entranhas iluminam-se com a ideia de que ele gostaria de se manter em contacto.

E podíamos... O País de Gales não é Los Angeles.

Enquanto deambulamos de sala em sala, parando para olhar para as obras de arte, tenho a sensação surreal de que eu e o Tom estamos na nossa primeira saída romântica. Quando paramos em frente a uma colorida pintura abstrata de Patrick Heron, o braço dele roça no meu. Luto contra o instinto natural de me afastar. Fico quieta e ele também, e nesse momento já não estou a pensar no quadro; estou inteiramente consumida pela sensação de nervosismo que tenho na barriga.

Ocorre-me, enquanto estamos ali parados durante o que parece ser uma eternidade, que o Tom veio para St. Agnes no mesmo dia em que eu decidi que estava pronta para um novo começo.

Talvez seja o destino, ou talvez seja uma coincidência. Seja como for, é bonito.

Na noite seguinte, o Tom entra no Seaglass enquanto eu estou atrás do balcão, a preparar *cocktails* para quem veio desfrutar do pôr do Sol.

O ambiente é totalmente descontraído. Nas colunas ouve-se Lorde, e o sol entra pelas grandes portas abertas, iluminando as mesas redondas altas, rodeadas de pessoas nos bancos do bar. Fico contente por o Tom ver o bar assim. Estava praticamente vazio da última vez que ele cá veio, quando estava a chover a potes.

– Olá!

– Ei – responde ele, parecendo tão feliz por me ver a mim como eu por vê-lo a ele.

Está a usar uma *t-shirt* verde-azeitona que lhe assenta perfeitamente nos ombros largos, e a sua pele é da cor de mel dourado.

– Estou a terminar isto e já vou ter contigo.

Ele sorri e apoia o cotovelo no balcão, enquanto eu despejo o conteúdo do meu *shaker* em três copos. Sinto-o a observar-me enquanto arranco três pequenas flores lilases dos vasos que temos no balcão e as pouso com delicadeza sobre a espuma dos meus *martinis* de maracujá.

A minha cliente leva os copos às amigas, que estão numa mesa próxima, e ouço-as a elogiar a beleza das flores comestíveis.

– É bom voltar a ver-te por cá – digo ao Tom enquanto limpo o tampo do balcão.

Por dentro, sinto-me quase a liquefazer.

Ele fita-me com o mesmo carinho e as palavras da Rach vêm-me à cabeça: *Ele não consegue tirar os olhos de ti*. Também pensei nessas palavras ontem, na fundição.

– Queres beber alguma coisa? – pergunto-lhe com um sorriso.

As raparigas da mesa puxam dos seus telemóveis com câmara.

– Saber-me-ia mesmo bem uma *pale ale*. Que cervejas locais

recomendas?

– Conheces a Lou’s Brew? O nome é em honra da proprietária da Drifty. Já estiveste na cervejaria artesanal da estalagem Driftwood Spars?

– Estive lá há uns dias. Céus, estou a adorar este sítio.

Sempre que ele o diz, gosto um pouco mais dele.

O Finn só queria distância de St. Agnes.

– Estás a pensar trocar esse por outro? – Aceno com a cabeça para a edição de bolso de *O Apelo Selvagem* que ele pousou no balcão do bar, enquanto eu vorto a sua garrafa de cerveja para um copo.

– Era a minha ideia, se não houvesse problema.

– De todo. É para isso que eles ali estão.

Fico contente por ele estar a usar o nosso serviço de troca de livros.

– Pelo menos, não terás de levar uma série de livros para casa.

– Teria de os deixar cá. Só trouxe uma mochila comigo.

– A mochila que trazias quando cá vieste pela primeira vez?

Ele acena afirmativamente.

– Puseste todos os teus pertences naquela mochila minúscula?

Estou pasmada.

– Na verdade, a mochila até é bastante grande – responde ele com uma risada. – Queres tomar uma também? – pergunta-me ele, esperançoso, enquanto eu registo o seu pedido.

– Não posso beber atrás do balcão, mas espera. Libs? – chamo para a outra ponta do bar. – Vou fazer a minha pausa agora, pode ser? Ficas bem?

– Tudo tranquilo – responde ela com um aceno de cabeça.

– O que é que vais beber? – pergunta-me o Tom.

– Quero um daqueles – respondo com um sorriso, apontando para as raparigas com os *martinis* de maracujá.

Terá de ser uma versão sem álcool, uma vez que estou a trabalhar, mas continua a ser o meu *cocktail* preferido.

Ainda não começou a azáfama do jantar, são cinco da tarde e só há toalhas em algumas das mesas do andar de cima. O Tom e eu dirigimo-nos para os sofás e sentamo-nos um em frente ao outro.

– Tenho procurado outro sítio para ficar, mas não tenho tido sorte – diz ele com naturalidade, e o meu coração dá um salto porque não sabia que ele estava a falar a sério quando disse que queria ficar mais tempo em Aggie.

– A Driftwood Spars tinha uns dias aqui e ali, mas não um período prolongado – acrescenta.

Eu franzo-lhe o nariz, mostrando desapontamento.

Ele imita-me.

Ambos nos rimos.

.

O Tom está a ler as sinopses dos romances de Harlan Coben e Lisa Jewell, a pedir-me a opinião sobre qual o próximo livro que deve ler, quando

ouço passos nas escadas que me fazem virar a cabeça.

O meu estômago contrai-se quando vejo o Tyler a vir na minha direção, todo ele pernas e braços longos, pestanas escuras e espessas, e cabelo desgrenhado. Levanto-me de um pulo, inquieta.

– Olá, Liv – diz ele.

É tão parecido com o Finn. Não o tenho visto por aí, no último ano.

– Olá! – exclamo. – Está tudo bem? – A minha voz sai estranha, aguda e aflita.

– Sim, tudo – responde ele, com a maior naturalidade. – Vim saber se tens alguma vaga para trabalho de bar.

Estou em choque. O irmão do Finn a trabalhar aqui, comigo, no Seaglass? Não sei se conseguiria lidar com isso.

– Oh! – digo com pesar. – De momento, temos pessoal suficiente. Em todo o caso, terias de ter mais de dezoito anos – apresso-me a acrescentar.

– Eu *tenho* dezoito anos – diz ele.

– Tens? – pergunto com um guincho.

– Desde o mês passado.

– Oh, uau! Parabéns!

Ele olha especado para mim, provavelmente perguntando-se por que raio estou a agir de forma tão estranha. Será que estou a ser injusta? Ele não tem culpa de que o Finn tenha seguido em frente.

Sinto uma pontada de dor, mas reparo que não é profunda.

– Caramba. Hum. Não sei, Tyler, se calhar? – Começo a repensar a minha primeira reação. – Talvez o Bill precise de ajuda na cozinha. Tem mesmo de ser trabalho de bar?

– Prefiro misturar bebidas, mas acho que posso ajudar na cozinha – diz ele, com a sua atitude rabugenta do costume.

– Deixa-me perguntar. Queres dar-me o teu número?

Lembro-me de que o meu telemóvel ficou lá em baixo, atrás do balcão.

– Porque não me dás tu o *teu*? – sugere ele sem rodeios, antes que eu possa optar pelo plano B, que seria procurar um guardanapo para escrever.

– Hum, está bem.

Eu recito-o e ele digita-o no telemóvel, depois liga-me e desliga ao fim de uns segundos.

– Agora já tens o meu número – diz ele.

– Ótimo. Obrigada. Darei notícias em breve.

Ele é tão autoconfiante. Está tão seguro do que quer.

Não é nada parecido com o irmão, nesse aspeto.

Ele não foi sempre assim, sussurra a minha mente.

– Ah, o Finn disse-me para te dizer olá – diz ele quando já está de saída.

Fico com a cara a arder, ao vê-lo ir-se embora.

Quando me viro, o Tom olha para mim de forma intrigada.

– É melhor voltar ao trabalho – murmuro.

Ao fim da noite, volto para casa depois de um dos piores turnos dos últimos tempos. Não consigo parar de pensar naquilo de o Finn ter dito ao Tyler que me dissesse olá. Ainda não faço ideia se ele virá para o casamento da Amy e do Dan, em agosto – a Amy disse que ele não respondeu ao convite. Ela prometeu dizer-me assim que ele respondesse, mas não saber é inquietante.

Quando me aproximo da porta da frente, consigo ver a luz acesa no quarto do Tom, através das cortinas da janela. Por instantes, pergunto-me se ele estará à minha espera, mas afasto a ideia. Há anos que ninguém aguarda a minha chegada. A recordação da minha mãe faz-me sentir súbita e desesperadamente sozinha quando entro no corredor, fechando a porta atrás de mim. A porta do Tom abre-se e eu dou um salto.

– Desculpa, não te quis assustar – diz o Tom. – Só queria saber se estavas bem. – Vejo preocupação nos seus olhos ainda antes de ele reparar nas lágrimas nos meus.

– Oh, céus, não estás, pois não?

Ele começa a atravessar a porta e depois para abruptamente.

Eu estremeço e engulo, mas o nó na minha garganta não vai a lado nenhum.

– Queres entrar e beber qualquer coisa? – pergunta ele.

Talvez o melhor fosse ir diretamente para cima e tentar dormir, mas o meu corpo a vira-se para o do Tom.

Quando estou aninhada no canto do sofá da sala, com um copo de vinho tinto na mão, o Tom diz-me que ficou preocupado comigo. Ele está sentado na outra ponta do sofá, de frente para mim.

– Pareceste ficar um pouco abalada, quando aquele tipo entrou – diz ele. – Queres falar sobre isso?

O nó na minha garganta ainda não se dissipou completamente, por isso sei que vai ser difícil falar sem parecer perturbada com o tema, mas decido tentar.

– Tenho um historial com a família dele – revelo. – Mais concretamente, com o seu irmão.

– O Finn?

Parece surreal ouvir o nome do Finn saindo da boca do Tom.

Aceno com a cabeça.

– É o teu ex? – pergunta ele.

– Bom, ele nunca foi verdadeiramente meu – respondo-lhe sem rodeios.

– E onde é que ele está agora?

– Em Los Angeles. Onde sempre estive. Tivemos uma relação intermitente durante alguns anos, mas foi impossível mantê-la, com a distância.

O Tom suspira e desvia o olhar, coçando o lábio inferior com a unha do polegar. Parece contemplativo.

– Sim, é difícil – acaba ele por dizer. – Não te censuro por não queres

ver o irmão dele no emprego todos os dias.

– Fui apanhada desprevenida – admito.

Ele mostra-me um sorriso.

– Ele é muito seguro de si, não é?

– É, não é? – digo, inclinando-me para a frente, com os olhos arregalados, e um sorriso a surgir de repente na minha cara.

Ele sorri.

– Não me surpreenderia se ele se revelasse uma carga de trabalhos.

– Pensei o mesmo! Não sei se ele acataria bem as ordens. – Assim que o digo, sinto-me um pouco culpada. – Ele já teve de lidar com muita porcaria na vida dele – revelo, olhando para as minhas mãos. – Não sei. Talvez devesse pô-lo à experiência.

– Tens trabalho para lhe dar? – pergunta o Tom e, quando o olho nos olhos, vejo que o divertimento de há instantes se transformou numa expressão mais séria.

– Na verdade, temos uma vaga a abrir em breve. O nosso subchefe de cozinha vai mudar-se para Londres, daqui a algumas semanas, mas é óbvio que se trata de uma função demasiado exigente para ele. Mas o nosso copeiro está de folga no sábado e entra de férias a partir de quarta-feira, e ainda não arranji ninguém para o substituir. – Sinto uma onda de pânico ao pensar nisso. – No entanto, não creio que o Tyler gostasse do trabalho. Há *alguma* preparação de alimentos, mas o trabalho consiste sobretudo em lavar tachos e panelas, manter o chão limpo e higienizar as áreas de preparação de alimentos. O Bill tem o pavio curto e ficaria furo se o Tyler fosse desleixado. Acho que é uma prova de fogo demasiado grande para alguém com o temperamento dele. Vou ver se consigo fazer algumas manobras com alguns turnos de bar. É lá que ele prefere estar.

Talvez ele pudesse ser empregado de mesa. Mas a ideia de o Tyler andar a correr de um lado para o outro, a recolher garrafas vazias, a limpar copos, a encher a gaveta do gelo e a mudar os barris de cerveja também me pareça improvável.

– É muito simpático da tua parte – diz o Tom com sinceridade. – E de certeza que ele vai atrair muita atenção feminina enquanto agita o *shaker*.

Desato a rir e os seus lábios curvam-se nos cantos. O seu olhar mantém-se fixo no meu. O verde-azeitona da sua *t-shirt* faz sobressair os reflexos dourados dos seus olhos.

– Provavelmente, daria um bom *barman*. Já estou imaginá-lo a exhibir-se, como o Luke e o Kwame, e a conquistar todas as raparigas.

Só no ano passado começámos a ter *cocktails* na carta, depois de eu ter insistido com o Chas para que melhorasse o nosso menu de bebidas. Disse-lhe que devia ser mais consentâneo com a comida excelente que a nossa cozinha estava agora a preparar. Até ali, eram só cervejas e *shots*.

Sinto uma pontada de nostalgia pelos velhos tempos. Não consigo imaginar uma banda como a Mixamatoxis a tocar no Seaglass, desde que este

foi remodelado.

Mas o Dan, o Tarek, o Chris e o Kieran já deixaram de tocar há muito tempo.

Ao contrário do Finn.

Solto um longo suspiro. Já tudo e todos seguiram em frente, até o Seaglass.

– E o que vais fazer em relação à substituição do teu copeiro? – pergunta o Tom.

– Não sei. – Passo a mão pelo meu cabelo e tento desembaraçá-lo. – Ser gestora é *mesmo* difícil.

Supervisionar a rotatividade é a parte do trabalho de que menos gosto, tentando conciliar turnos com pessoas que querem este ou aquele dia de folga. E depois há os dias de baixa, as férias, as contratações e os despedimentos, a formação, lidar com pessoas molengonas que se recusam a seguir os sistemas – *além* do idiota ocasional que acha que sabe mais do que eu. Depois ainda há as encomendas e o inventário. Pelo menos, o Bill trata de tudo isso no que diz respeito à cozinha.

– Bem, se estiveres sem opções, avisa-me – diz o Tom.

Sorrio para ele, presumindo que está a brincar.

Ele *sabe* cozinhar – já o vi em ação, e foi ultra *sexy* – mas trabalhar na copa é demasiado rasteiro para alguém como o Tom.

– Estou a falar a sério – diz ele.

Inclino-me diante e olho-o nos olhos.

– Tom, ouviste bem a descrição do trabalho?

– Sim, mas não me importo de arregaçar as mangas. Estou desejoso de fazer qualquer coisa que não seja ficar aqui sentado a ler.

– Não consegues encontrar forma melhor de ocupar o teu tempo? Afinal, estás de *férias*.

Ele lança-me um olhar irónico.

– Não sei muito bem o que chamar a isto.

Mas o que é que ele *está* a fazer aqui? Porque é que não parece ter pressa em voltar para o seu trabalho no País de Gales? Será que ainda tem o seu emprego lá? Talvez esteja numa licença sabática prolongada.

A minha expressão suaviza-se.

– Queres falar sobre isso?

Volto a conversa para ele.

Ele rosna e esfrega a cara com a mão.

– Nem por isso. Mas estou entediado até à ponta dos cabelos. Teria todo o gosto em ajudar-te.

– Ficar-te-ia muito grata se o fizesses – digo com um sorriso, adorando o rumo inesperado que esta noite tomou.

– Então, considera o assunto resolvido – diz ele.

Mal consigo dormir nas noites seguintes e, graças à atual vaga de calor, estamos ainda mais estafados do que o habitual. Estou de rastos, mas acho que parte disso é exaustão emocional. A minha mente está sempre a voltar ao Finn ter dito ao Tyler que me dissesse olá. Foi um comentário muito trivial, mas de certeza que o Finn soube que isso me deixaria com a cabeça a mil.

Quando o Tom me abre a porta, no final da tarde de sábado, há algo de novo nos seus olhos e, por algum motivo, acho difícil fitá-lo diretamente. Enquanto caminhamos até ao Seaglass para o turno da noite, reparo que o meu cansaço foi substituído por um estranho entusiasmo antecipatório.

Segundo o Bill, o Tom não dá um único passo em falso na cozinha. Quando o Bill e o subchefe vão para casa, o Tom fica a tomar uma bebida no bar e, depois das últimas limpezas, a equipa deixa-se ficar e fechamos a porta. Houve muita camaradagem entre o pessoal, esta noite, e é um prazer descontraír em grupo, mas, à meia-noite e meia, já todos se foram embora e só restamos eu e o Tom.

Temos estado a beber uma garrafa de rosé e a fazer-nos rir um ao outro com histórias parvas. Pela forma como estamos sempre a desatar à gargalhada, acho que estamos ambos bastante tocados. O álcool afastou a minha timidez inicial, e ele parece completamente sereno, meio virado na minha direção, com o pé assente no apoio para os pés do meu banco. De vez em quando, o joelho dele bate no meu e, sempre que isso acontece, a minha pele parece vibrar, mas nenhum de nós se afasta para ficar com mais espaço. Ele está de calças de ganga e eu estou com um vestido de verão que me chega a meio da coxa, portanto, tenho a certeza de que estou a sentir muito mais do que ele o efeito do nosso contacto.

Tenho estado a contar-lhe sobre aquela vez em que peguei fogo à minha saia com um bico de Bunsen, quando estava na universidade, e apercebo-me de que a sua atenção está sempre a desviar-se para os meus lábios. Agora que

reparei, fico muito consciente disso. Da vez seguinte em que o seu joelho roça no meu, fica lá.

Sinto o calor irradiar no ponto em que nos tocamos, entrando na minha corrente sanguínea e aquecendo-me da cabeça aos pés. A nossa conversa acaba e ficamos ali sentados durante um longo momento, simplesmente a olhar um para o outro.

– Acho que devíamos ir para casa – murmuro, quando me apercebo de que o silêncio já dura há algum tempo.

Ele tira a sua comprida perna de entre as minhas e levanta-se languidamente, enquanto eu deslizo do meu banco.

– Vou só ver se está tudo em ordem lá em cima.

Ele segue-me, aparentemente sem pensar duas vezes no assunto. Já percebi que essa é a sua maneira de ser: se algo precisa de ser feito, ele quer ajudar.

– Podes apagar as luzes? – peço-lhe, enquanto me dirijo à cozinha. Satisfeita com o que vejo, volto a sair e descubro que as luzes do teto estão apagadas, mas que as luzes terraço estão acesas.

– Desculpa, não consegui encontrar o interruptor – diz ele, olhando em volta.

– Atrás de ti.

Aceno com a cabeça em direção à parede azul-marinho, junto aos sofás, mas já estou a atravessar a sala em direção a ele. Inclino-me para desligar o interruptor e, quando me endireito, apercebo-me da nossa proximidade. Por um instante, nem consigo respirar.

Os meus olhos viajam até aos dele, que cintilam à luz da lua cheia, do lado de fora das janelas panorâmicas. A escuridão à nossa volta cria uma atmosfera íntima.

Nenhum de nós mexe um músculo que seja enquanto ele olha para mim. Sei que acabou de sair de um relacionamento sério, e eu, claramente, ainda não esqueci o Finn, mas, pela forma como nos olhamos, nada mais importa neste momento.

Como se estivéssemos em câmara lenta, ele estende a mão, deslizando-a levemente ao longo da curva da minha cintura. O calor dos seus dedos atravessa o algodão fino do meu vestido e queima-me a pele por baixo.

A minha respiração fica suspensa e aproximo-me um pouco mais dele, levando as mãos ao cóis das suas calças de ganga.

Ele inspira com força. Inclino o meu rosto para o dele, e, um segundo, depois ele baixa a sua boca para a minha.

Quando os nossos lábios se unem, todo o meu corpo é sacudido por um choque elétrico, e depois sinto arrepios em todo o lado quando começamos a beijar-nos, primeiro lentamente e, a seguir, com mais intensidade. As suas mãos sobem para me segurar a cintura e eu interpreto isso como um convite a tocá-lo, pelo que faço aquilo com que tenho fantasiado na última semana e deslizo as minhas mãos por baixo da sua *t-shirt*.

Fico inebriada ao sentir a sua barriga perfeitamente lisa, o pelo macio que sobe desde o botão de cima das calças de ganga, os sulcos e os contornos do seu peito.

Mal consigo recuperar o fôlego enquanto exploro a sua pele lisa e firme, e os seus músculos rijos. Quero explorar cada centímetro seu, e quando ele me puxa contra as suas ancas, penso que talvez me permita fazê-lo.

A sua respiração tornou-se irregular, os seus beijos mais sequiosos à medida que a sua língua acaricia e sonda. Esse contacto mais profundo deixa-me as pernas trémulas. Encaminho-nos para o sofá, com a cabeça leve e zozna. Acho que poderia viver apenas dos seus beijos. Ele é fenomenal.

O Tom deixa-se cair para as almofadas, levando-me com ele.

– Caramba, Liv – murmura ele na minha boca, com voz rouca e cheia de desejo enquanto me empurra com força contra ele. Estou a perder a cabeça. – Devemos continuar isto em casa?

– Não. Não quero esperar – respondo.

Estou farta de esperar.

Dois verões antes

É o primeiro sábado de agosto, o dia do Carnaval de St. Agnes, e estou no andar de cima do Seaglass, a aproveitar um momento de paz antes de a loucura começar. Ainda só é hora de almoço – tenciono ir ver o desfile mais tarde, com o Michael.

Este ano, os meus amigos vão participar: a Rach vai num carro alegórico dedicado aos surfistas, e a Amy juntou-se a um grupo de dança. O Dan, por sua vez, é um dos cerca de oito marionetistas que vão estar a operar um Bolster gigante. De manhã, a Shirley levou o Michael e o Timothy para ajudarem a decorar a enorme efígie com flores frescas. É sempre um dia divertido e Aggie está a fervilhar – toda a aldeia sai à rua. Mal posso esperar por ver os meus amigos em ação.

Vamos organizar uma festa no Seaglass. Temos um novo chefe de cozinha fantástico, chamado Bill, que tem feito mudanças ótimas ao nosso menu. O Chas sempre foi muito descontraído, mas, este ano, tem-se aplicado bastante. Até criou uma página de Instagram para o Seaglass, publicando regularmente.

Achei que devia fazer o mesmo por mim, agora que estou a aceitar encomendas, por isso, há algumas semanas, criei a minha própria página. É um pouco desconfortável para mim, a autopromoção, mas é assim que o mundo funciona hoje em dia, por isso, se quero ter uma carreira como escultora, tenho de marcar presença.

A nível profissional, foi um ano ótimo. Depois da partida do Finn, no verão passado, dediquei-me de corpo e alma à escultura e, a partir de outubro, quando o Chas fechou o Seaglass para o inverno, foi praticamente só isso o que fiz.

A Arabella Schulman, a senhora que me encomendou uma escultura do seu falecido marido no mesmo estilo da escultura da minha avó, pediu-me que fizesse uma peça semelhante em homenagem ao seu falecido filho.

Foi divertido esculpir o marido, que teve uma vida longa e feliz, mas trabalhar na peça do seu filho foi um processo emotivo. Ele morreu num acidente de mota décadas antes, e senti um aperto no coração ao estudar as suas fotografias e imaginar a dor da mãe dele quando ele partiu de forma tão repentina e trágica aos dezanove anos. Pus muita da minha própria tristeza naquele barro, e dei por mim a pensar frequentemente nos meus pais. Apercebi-me de que estava a aproximar-me do momento em que me sentiria capaz de os esculpir.

Esperei que a Arabella ficasse chorosa quando lhe apresentei a peça, mas ela limitou-se a olhar para o rapaz durante muito tempo, e depois disse:

– Agora, gostava que me fizesses a mim. Mas quero um retrato figurativo simples – declarou. – Ainda não parti.

Esculpir a Arabella foi uma experiência completamente diferente. Ela posou para mim durante a maior parte de janeiro, fevereiro e março e, no final do tempo intensivo que passámos juntas, disse que trataria de me arranjar um espaço para eu expor o meu trabalho. Não me tinha apercebido da influência que ela havia tido no mundo da arte, tendo sido proprietária de uma galeria em Londres durante muitos anos, e que continuava a ser muito bem relacionada.

Uma vez concluído o retrato de Arabella, senti-me pronta para esculpir os meus pais.

O processo foi extremamente doloroso e, por vezes, consumiu-me, chegando a trabalhar pela noite dentro, até ao dia seguinte.

Quando o Seaglass abriu as suas portas em abril, não regresssei de imediato. Estava demasiado absorta no que estava a fazer.

Em maio, a Arabella cumpriu a sua promessa, arranjando-me um espaço numa galeria em St. Ives, para eu expor a minha série de obras «de luto», que agora incluíam os seus falecidos marido e filho, bem como a minha avó, que eu mandara fundir em bronze. Quando pensei que nome dar às peças, inspirei-me em algo que a própria Arabella me disse quando me pediu para a esculpir.

Quero um retrato figurativo simples. Ainda não parti.

O título que pedi que gravassem nas placas foi «Partida».

A Rach, a Amy, o Chas e o Dan vieram à inauguração, bem como o Michael e a Shirley. A Rach até trouxe uma nova amiga do trabalho.

Estar ali, entre amigos e familiares, na minha secção da galeria, a conversar com outros entusiastas de arte, foi um dos meus momentos de maior orgulho. Depois dessa noite, recebi outra encomenda e poderá haver mais em breve.

Em junho, quando o fervor de esculpir os meus pais começou a acalmar, decidi regressar ao Seaglass. Não sabia ao certo como me sentiria ao voltar novamente para trás do balcão, depois de tantos meses a trabalhar como artista, mas constatei que adorava. O Seaglass é uma segunda casa para mim, e o Chas e a equipa são como uma segunda família. Além disso, continuo a ansiar pela adrenalina que sinto num dia muito movimentado.

À noite e nos meus dias de folga, continuei a dar os últimos retoques nas esculturas dos meus pais e, no mês passado, ficaram finalmente prontas para serem fundidas em bronze.

Quando foram retiradas dos seus moldes de gesso, na fundição, chorei. Tive de os fundir por partes e foi preciso muito trabalho com o jato de areia no bronze e também para soldar cada parte, algo que a equipa da fundição ainda está acabar de fazer. Mas no seu estado mais bruto, estavam lindos. Demorei quase quatro anos a chegar lá, mas senti-me incrivelmente realizada.

Também me senti em paz. Mal pude esperar para os levar para casa.

Mais do que isso, mal pude esperar para as mostrar ao Finn.

Ainda estou ansiosa por mostrar as esculturas ao Finn. Mas não faço a menor ideia de quando voltará, ou sequer se voltará.

Mantivemo-nos em contacto depois de ele ter partido e tentámos cumprir a nossa nova regra de uma vez por mês, mas até isso se revelou demasiado difícil.

Para começar, foi óbvio para os dois que estávamos a ser reservados, tentando proteger-nos da dor das nossas separações cíclicas.

Depois, no início de fevereiro, a nossa regra foi completamente à vida quando o Michael foi internado no hospital com uma infeção respiratória. Estive lá durante três semanas e, sempre que eu tinha de voltar para casa, ele agarrava-se à minha mão e pedia-me para não me ir embora. Mas não me era permitido passar lá a noite. Os médicos e as enfermeiras foram, na sua maioria, ótimos, mas houve alguns que não souberam lidar com as necessidades dele, e isso deixava o Michael preocupado e inquieto.

Pelo menos, pude ir vê-lo todos os dias, o que não teria sido possível se vivesse mais longe. Felizmente, a Shirley também conseguiu visitá-lo, bem como alguns dos seus amigos do clube social, mas não foi suficiente. Entre soluções, o Michael disse-me que tinha saudades dos nossos pais, e aquilo partiu-me o coração. Eu também sentia muita falta deles. Foi por essa altura que comecei a esculpi-los.

Na verdade, durante esse período, telefonei com mais frequência ao Finn, mas falar com ele fazia-me sentir pior. Eu ligava em lágrimas, e depois percebia que ele estava a almoçar ou no estúdio, e então eu retraía-me, por não querer incomodá-lo. Estava a gravar o seu primeiro disco a solo para uma editora independente e, por vezes, simplesmente não estava disponível. Sei que também lhe custava não poder consolar-me.

No fim, acabei por lhe dizer, entre lágrimas, que aquilo era demasiado difícil, que era melhor não termos qualquer contacto do que passar por algo que mais parecia uma rejeição, mesmo que não fosse intencional. Foi uma decisão difícil de tomar, mas acho que ele compreendeu.

Há mais de quatro meses que não temos notícias um do outro e, agora que estamos em agosto, estou prestes a ceder e a escrever-lhe. Até agora, o meu orgulho tem mantido a minha curiosidade sob controlo. Sinto que perderei qualquer coisa se for eu a primeira a entrar em contacto, ao fim deste

tempo todo. Não sei explicar.

Normalmente, ele regressa durante as férias escolares do Tyler e do Liam, mas os rapazes foram passar o Natal a Los Angeles, pelo que é possível que ele nem sequer venha este verão. A ideia de ele não vir dá-me a volta ao estômago, mas a dor que sentirei se ele voltar e depois se for embora de novo será ainda pior.

Concentro-me no meu telemóvel e publico mais algumas fotografias dos progressos que os trabalhadores da fundição fizeram com as esculturas dos meus pais, esta semana. Apercebo-me de que tenho dez novos seguidores e carrego em «Notificações». A minha atenção centra-se num nome: *Finn Lowe*.

O meu coração para de bater.

Cá estás tu...

O Finn adotou o apelido Lowe, para o seu álbum a solo. Deve ter achado que Finn Finnegan, afinal, não soava assim tão bem.

Ele gostou de todas as minhas publicações e comentou algumas delas.

«Impressionante», disse ele, simplesmente, acerca de um grande plano do rosto da minha mãe.

«Lindo», disse de outro.

Depois de ter parado de bater, o meu coração começa agora a acelerar.

Acompanho o seu perfil de Instagram, mas nunca comento. Custa-me olhar para ele, por isso, tendo a evitá-lo. Ver fotos suas e da sua vida feliz e despreocupada em Los Angeles faz-me sentir horrivelmente distante dele.

Mas, agora que ele escreveu, não consigo resistir a responder.

Sinto-me nervosa quando lhe envio uma mensagem privada:

«Olá, forasteiro. Estarás de visita às nossas paragens em breve?»

Duvido que ele já esteja a pé, por isso, obrigo-me a fechar a aplicação e desço as escadas até ao bar. O Chas está no canto, virado para a parede, com um cotovelo apoiado no tampo do balcão. Há qualquer coisa na sua postura que não bate certo. Ele parece mais pequeno. Parece mais *velho*, apercebo-me. É claro, fará setenta, para o ano.

– Estás bem? – pergunto-lhe. Ele olha para mim por cima do ombro. O seu rosto, normalmente muito bronzeado, parece um pouco pálido. Ele franze o nariz.

– Não me sinto lá muito bem.

– O que é que se passa? – pergunto com preocupação, pois o Chas nunca tirou um único dia de folga por motivos de saúde, desde que o conheço.

– Não sei – responde ele. – Talvez esteja a chocar alguma coisa.

– Que sintomas tens?

– Náuseas. A cabeça um pouco zonha.

– Vai para casa – insisto, aproximando-me dele e massajando-lhe as costas.

– Não, eu fico bem – desvaloriza ele.

– Ao menos vai sentar-te na varanda, a apanhar um pouco de ar fresco.

O facto de ele obedecer preocupa-me.

O Chas diz que já se sente um pouco melhor, quando saio do Seaglass para ir até à aldeia, passando pela casa do Michael. Está um dia ventoso e nublado, embora felizmente não haja previsão de chuva. Quando o Michael e eu chegamos à padaria da esquina, vemos que as gambiarras de luzes coloridas entre os edifícios da rua principal estão a balouçar loucamente. As ruas já estão cheias de gente, à espera da passagem do corso.

O rosto de Michael está iluminado de expectativa. Ele adora o Carnaval. Estou sempre a encorajá-lo a participar, mas ele abana muito a cabeça perante todas as sugestões, e é por isso que estou aqui à margem, a fazer-lhe companhia.

É o que digo a mim própria, e é o que digo aos meus amigos também, quando eles tentam convencer-me a juntar-me a um dos carros alegóricos, às bandas ou aos grupos de dança, mas a verdade é que, só de pensar em todos aqueles olhos postos em mim, fico com suores frios.

Foi por isso que fiquei admirada com o quanto gostei de expor a minha arte, em maio. Foi a primeira vez que mostrei o meu trabalho, desde a universidade. Acho que falar sobre arte é a única coisa que consigo fazer com à-vontade.

– Aí vem o Bolster! – exclama o Michael, enquanto o som dos bombos ao longe enche o ar. Estou atrás dele e ele está a dar saltinhos sem sair do lugar, com a cabeça voltada para a rua onde o cortejo vai aparecer. Ouço a expectativa nas conversas das crianças e dos adultos que nos rodeiam.

Quando duas mãos me tapam os olhos, apanho um enorme susto. Volto-me, batendo ao de leve no peito do agressor, e quase desmaio quando vejo o Finn ali parado, com as covinhas à mostra.

– Oh, meu Deus! – Grito. – O que é que estás aqui a fazer?

– Quis fazer-te uma surpresa – diz ele ao mesmo tempo que o Michael se vira, olha para ele de alto a baixo e faz um revirar de olhos dramático antes de voltar a prestar atenção à rua.

– Olá, Michael, como estás? – pergunta o Finn de modo afável.

– O Bolster está a chegar – responde ele numa voz monocórdica.

No verão passado, depois de o Finn se ter ido embora, o Michael foi lá a casa e viu-me a chorar.

Não foi a primeira vez que isso aconteceu.

– Não gosto de como ele te deixa triste – disse ele.

– Quem? – perguntei, porque não tinha dado qualquer explicação para o facto de estar a chorar.

– O Finn.

Por vezes, subestimo a perspicácia do meu irmão e, de repente, fez sentido porque é que ele ainda embirrava com o Finn depois de tanto tempo. Tivemos uma conversa franca sobre o assunto e tentei tranquilizá-lo, mas é evidente que ele ainda se sente protetor em relação a mim.

– Ty! Liam! – grita o Finn por entre as cabeças das pessoas amontoadas

à porta da padaria. Ele acena com entusiasmo, tentando chamar a atenção dos seus irmãos. – Venham cá!

Satisfeito por eles estarem a encaminhar-se para nós, ele volta-se para mim e para o Michael.

– Quando é que chegaste? – pergunto.

– Ontem à noite.

– Porque é que não me avisaste?

– Olha, olha, olha! – interrompe o Michael, puxando-me pela manga.

O Bolster aparece ao virar da esquina, atrás do grupo de bombos, um boneco pesado de oito metros e meio de altura. Solto uma gargalhada quando vejo o Dan, vestido com o que parece ser uma velha saca de batatas, a manejar um dos seus braços na ponta de uma vara comprida.

– Impagável – murmura o Finn com um sorriso, pousando as suas mãos ao de leve na parte de trás das minhas ancas. – Tive saudades tuas – diz-me ele ao ouvido com uma voz baixa e profunda.

Sinto o estômago em centrifugação máxima.

– Também tive saudades tuas – respondo, mas não consigo olhar para ele. – Presumo que estejas sozinho?

A postura dele fica mais rígida.

– Sim. E tu?

Faço que sim com a cabeça.

Tive uma saída a dois no mês passado, mas não houve qualquer faísca. Ou, pelo menos, se houve faísca, foi tão fraca em comparação com o desejo ardente que sinto pelo Finn que, simplesmente, não estive para me dar ao trabalho. Seja como for, tenho estado demasiado ocupada para namorar.

Sinto-o relaxar novamente quando se aproxima um pouco mais, pousando uma mão aberta sobre a minha barriga.

Mal consigo respirar com o contacto dele.

.

O Finn traz os irmãos ao Seaglass, para a festa. Eles sentam-se numa mesa perto da varanda. Saio de detrás do balcão para os cumprimentar rapidamente.

– O que é que puseste a tocar? – pergunta-me o Finn com uma careta, claramente a censurar as nossas escolhas musicais.

– Não sei. Queres tomar tu conta da *playlist*? – pergunto num tom meloso.

– Podes crer!

Ele levanta-se e vai em direção ao balcão. Vejo-o dar um abraço ao Chas antes de se virar para os irmãos com um sorriso e um revirar de olhos.

O Liam olha para mim e comprime os lábios. O Tyler mostra-se indiferente. Agora têm catorze e dezasseis anos. O Tyler cresceu um pouco mais desde o ano passado, mas o Liam cresceu tanto para os lados como para cima. Pergunto-me se ele joga rãguebi.

– Como é que vocês estão? – pergunto-lhes, enquanto o Finn está ocupado.

Agora está a conversar com o Chas, que eu sei que lhe fará a vontade no que toca à música.

– Bem – murmura o Liam.

– Ótimo – responde o Tyler.

– Divertiram-se em Los Angeles, no Natal?

O Tyler encolhe os ombros e acena com a cabeça, mas a expressão do Liam descongela vários graus.

– Fomos à Disneylândia.

– Espetacular! Foi divertido?

Eu já sabia disso. O Finn referiu-o, mas não entrou em pormenores.

– Sim – diz ele.

– Os vossos avós foram também?

– Sim, mas não à Disneylândia – responde o Tyler.

– Deve ter sido giro ver onde vive o Finn. – Sinto um bocadinho de inveja porque nunca lá fui, mas a ideia de estar no território do Finn também me faz sentir estranhamente nervosa. – Acham que vão voltar? – pergunto.

– Vamos. No próximo Natal – responde o Tyler.

– Fixe!

– Se calhar vamos tornar isso uma coisa habitual, não é, rapazes? – diz o Finn, ouvindo a conversa quando regressa.

Presto atenção ao som que agora sai das colinas.

– Quem é?

– Liily – responde ele.

– Brutal – proclama o Tyler.

– É melhor voltar para trás do balcão – digo. O Finn aproxima-se e aperta-me a mão quando começo a sair.

– Até logo.

.

Às dez da noite, ele vai-se embora com os rapazes. Por acaso, estou a olhar para a porta quando os vejo sair e a escuridão que se apodera de mim ao perceber que ele nem sequer se despediu afeta-me durante os quarenta e cinco minutos seguintes.

Depois, ele reaparece e tudo fica bem com o mundo.

Ele sorri quando se aproxima do balcão, onde estou a tirar uma cerveja, apoiando os cotovelos no tampo e inclinando-se. Demoro um segundo a aperceber-me de que ele quer um beijo. Fecho a torneira e inclino-me para ele, sentindo-me efervescente quando os nossos lábios se tocam numa breve e suave pressão. Afasto-me, corada, e ele sorri para mim, com um contacto visual firme, enquanto continuo a encher o copo de cerveja.

– Achei que tinhas ido para casa – digo, depois de atender o meu cliente.

Ele franze o sobrolho.

– Sem me despedir?

De repente, com aquela sua expressão de afronta, ele parece-me tão familiar.

– Queres vir a minha casa, mais logo?

Tive de ganhar coragem para fazer a pergunta, portanto, fico aliviada quando ele acena que sim com a cabeça.

Gritos vindos da outra ponta do balcão desviam-me a atenção. Fico com um nó na garganta quando vejo o que está a causar tanto alarido: o Chas desmaiou.

Corro até ele enquanto a nossa nova empregada de balcão fica espedaçada, em choque.

– Chas? Estás bem? – pergunto-lhe com urgência. Os seus olhos estão abertos, mas tem o rosto pálido e uma das mãos aperta o peito.

A Rach abre caminho até ao interior do balcão e posiciona-se ao meu lado.

– Ele estava a queixar-se de tonturas e náuseas – digo-lhe.

Ela grita para a Amy:

– Chamem uma ambulância! – E depois, por cima do balcão, para a sua amiga Ellie: – Vai buscar o DAE!

Ela refere-se ao desfibrilhador portátil que, já há uns anos, está na parede do Surf Life-Saving Club, desde que a comunidade angariou dinheiro suficiente para o comprar.

A mim, diz-me:

– Acho que ele está a ter um ataque cardíaco.

As únicas pessoas que ficaram comigo no Seaglass foram o Finn, a Rach e a Ellie.

O Dan foi com o tio na ambulância e a Amy vai atrás deles, no seu carro. Nós os três ficámos aqui sentados, roídos de preocupação.

Não imagino este sítio sem o Chas atrás do balcão. Estou em estado de choque.

A Ellie mostrou-se tão calma e sob controlo quando voltou a correr com o desfibrilhador. Ela e a Rach são ambas voluntárias no Surf Life-Saving Club e fizeram formação em reanimação cardiorrespiratória, pelo que sabiam exatamente o que fazer. A Rach já tinha aberto ao meio a *t-shirt* do Chas e ela e a Ellie fixaram as duas placas do desfibrilhador ao seu peito. O Chas estava consciente – não tinha entrado em paragem cardíaca – mas o DAE teria dado um choque elétrico para tentar reiniciar o coração, se necessário.

Senti-me completamente inútil, a ver tudo aquilo desenrolar-se. Foram o Dan e o Finn que pediram às pessoas que saíssem do bar, para que os paramédicos conseguissem ter um bom acesso quando chegassem.

– Acho que está na altura de irmos andando – diz a Rach, cansada, dando uma palmadinha na coxa de Ellie.

– Sim – concordo, olhando à volta.

O resto das limpezas pode esperar até amanhã de manhã – mandei o pessoal para casa há vinte minutos.

Acompanho a Rach e a Ellie até à porta.

– Vemo-nos lá em baixo num segundo – murmura a Rach à Ellie depois de nos despedirmos e de eu ter acrescentado mais um agradecimento aos outros que já lhes tinha feito anteriormente.

Quando a Ellie sai, a Rach volta-se para mim, com apreensão a reluzir nos seus olhos cor de avelã.

– Muito obrigada... – começo a dizer, mas ela interrompe-me.

- Liv.
- Sim?
- A Ellie e eu somos namoradas.

Fico a olhar para ela por um momento, sem compreender. Quando percebo, de repente, o meu peito incha de alegria. Puxo-a para um abraço forte, detestando que ela alguma vez tenha duvidado que esta seria a minha reação.

– Julguei que gostavas do Chris! – exclamo num sussurro quando nos separamos.

– Sim – responde ela com um encolher de ombros divertido, antes de a sua expressão ficar mais sóbria. – Queria ter-te contado antes, mas com tudo o que aconteceu...

– Ainda bem que contaste – digo, esfregando-lhe o braço.

– Estava prestes a ir-me embora e depois pensei, que se lixe, a vida é demasiado curta. Esta noite provou isso mesmo.

– A ver se, em breve, pomos a conversa em dia – digo de forma sincera.

Ela acena com a cabeça e olha para o Finn, que está sentado à mesa onde o deixámos, a fazer *scroll* no telemóvel.

– Tem uma boa noite – diz a Rach, com a mesma sinceridade.

.

Já passa da uma da manhã quando eu e o Finn voltamos para a Casa da Praia.

Ele parece de rastos e apercebo-me de que deve estar com um *jet lag* terrível.

– Não sei como é que ainda estás de pé – digo enquanto subimos as escadas para o meu quarto.

– É a adrenalina que me mantém acordado – responde ele.

– Também eu. Queres beber água, um chá ou outra coisa qualquer? – pergunto por cima do ombro, quando chego ao cimo.

– Só te quero a ti.

Paro abruptamente e viro-me, com o sangue a aquecer-me nas veias perante o olhar quente dos seus olhos.

Ele toma-me nos seus braços e aproxima a sua boca da minha, beijando-me lenta e profundamente.

Os meus joelhos tremem enquanto me agarro à sua cintura estreita, e depois tudo acelera e já estamos a entrar aos tropeções no meu quarto e a aterrar na minha cama.

Despimo-nos rápida e desesperadamente, mas, quando penso que ele está prestes a dar o passo seguinte, ele hesita, olhando-me nos olhos de forma tão profunda que a emoção começa a acumular-se no fundo da minha garganta.

– Finn – sussurro com a voz embargada, segurando o seu rosto com as minhas mãos.

Ele inclina-se para me beijar suavemente nos lábios e, em seguida, afunda-se lentamente em mim. Pela primeira vez em quase um ano, os nossos corpos unem-se. A sensação é crua, e não apenas fisicamente. Não sei porque é que me dói tanto.

– Desta vez não trouxeste mala – digo na manhã seguinte, aninhada na dobra do braço do Finn, com as nossas cabeças apoiadas na mesma almofada.

– Deixei-a em casa dos meus avós.

– Vais buscá-la mais tarde?

Inclino a cara para olhar para ele.

– Não sei bem – diz ele, e a sua indecisão soa estranha, como se ele estivesse a fingi-la.

– Porque é que a sensação, desta vez, é tão diferente da do ano passado?

Ele não diz nada. Talvez esteja a pensar na minha pergunta, ou talvez esteja só a tentar perceber como é que me há de responder.

Quando ele fala, sou toda ouvidos.

– Acho que o ano passado foi demasiado difícil – admite ele, calmamente, encostando a cabeça à minha. Depois de uma pausa, acrescenta:

– Para ser sincero, tive algumas reservas quanto a voltar.

– Reservas quanto a vires a Aggie ou reservas quanto a veres-me?

– As duas coisas.

Sinto um aperto no coração quando ele tira a minha mão do seu peito e pressiona a sua palma contra a minha no espaço entre nós, entrelaçando os nossos dedos. Fico a olhar para as nossas mãos e a minha visão fica desfocada.

– Ainda bem que voltaste – digo, e sinto a sua mão a apertar um pouco a minha. – Quanto tempo ficas?

Viro a cabeça para olhar para a cara dele.

– Dez dias.

Ele ainda continua a olhar para as nossas mãos entrelaçadas.

– Oh! – Isso não chega para nada.

– Como está o Michael? – pergunta ele. – Ontem parecia estar bastante bem.

– E está.

Custa-me recordar como me senti distante do Finn quando passei pelo trauma da hospitalização do Michael. A certa altura, julguei que poderia perder o meu irmão, e apercebi-me de que um mundo sem ele seria insuportável.

– Ele é a pessoa mais resiliente que conheço.

A expressão de Finn torna-se séria.

– Lamento não ter podido estar presente.

Aceno com a cabeça, precisando de um momento para engolir o nó que tenho na garganta.

– Que planos tens para hoje? – pergunto ao fim de algum tempo, mudando de assunto.

- Nenhuns. E tu?
- Tenho de voltar ao Seaglass esta manhã e limpar tudo.
- Vão abrir hoje? Depois do que aconteceu ontem à noite?
- Não sei.

Acordámos com uma mensagem da Amy a dizer que o Chas se encontra estável, mas não faço ideia de quando irá regressar ao trabalho, ou se estará capaz disso sequer. E se ele não puder voltar? De repente, o futuro da Seaglass parece incerto, tal como o futuro de todos os que lá trabalham.

- Achas que consegues substituir o Chas? – pergunta-me ele.
- Como gerente? – respondo.

Ele acena com a cabeça.

– Sim, acho que sim. Isto é, já lá trabalho há tempo suficiente. Conheço todos os cantos à casa.

Decido enviar uma mensagem ao Dan, a perguntar-lhe o que pensa. Ele está no hospital, com o Chas, e responde passado um minuto.

«O tio diz para abrirem para o *brunch*, mas que podem fechar mais cedo. Foi uma noite difícil!»

«Que tal está ele?», respondo, contente por saber que está acordado e capaz de falar de trabalho. Isso é um bom sinal, com certeza.

«Já fala em pegar numa prancha de *surf*.»

Sorrio de alívio, embora saiba que ainda não está fora de perigo, e depois começo a enviar mensagens de texto ao resto da nossa equipa.

– Então, não há almoço de domingo com o Michael, hoje? – pergunta-me o Finn, quando me livro do telemóvel e volto para os seus braços.

- Já não o fazemos todos os fins de semana.
- Não?

Ele parece surpreendido com isto.

– Falamos com frequência suficiente durante a semana e não sentimos falta desse ritual. Devo cozinhar um assado uma vez por mês, provavelmente.

– Isso é bom.

– Sim. Resulta bem. E significa que ele pode fazer mais turnos de domingo em Chapel Porth. Ele gosta. É o dia em que é mais provável ver carros clássicos a chegar.

Ficamos em silêncio.

– *Olá, forasteiro* – diz ele com divertimento.

Olho para cima e vejo que está a segurar o seu telemóvel e que encontrou a minha mensagem no Instagram.

– Sim, foi uma surpresa, ver os teus comentários nas minhas publicações – digo com secura.

Ele beija-me a têmpora.

– Estou tão orgulhoso de ti – murmura ele contra o meu cabelo. Afasto-me e olho para ele. – Conseguiste – diz ele. – Os teus pais. A escultura. Está tudo a começar a acontecer.

Sinto-me felicíssima e sorrio-lhe. O seu reconhecimento é muito

importante para mim.

– Fala-me de ti – peço.

– Depois. Agora quero saber como é que tudo se passou.

Falo-lhe da exposição em maio e depois passo-me quando me apercebo que horas são. Deixo-o na cama enquanto me preparo para ir para o Seaglass.

Quando saio da casa de banho, ele está a abotoar as calças de ganga.

– Vais andando?

– Sim, é melhor voltar.

– Quando é que te volto a ver?

O nervosismo que me tem roído por dentro intensifica-se. De repente, sinto-me como se estivesse em areias movediças, sem saber bem em que pé estou com ele.

– Mais logo? – pergunta ele.

– Esta noite? – pergunto, para confirmar.

– Se estiveres livre.

– Estou livre.

Tenho a certeza de que não consegui esconder o meu alívio.

Ele sorri-me, mas não se veem as suas covinhas.

Com tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, esqueci-me completamente de que tinha dito ao Michael que o levaria a um baile do seu clube social, esta noite. Desenrasquei-me sem carro durante muito tempo, mas estava a tornar-se um pouco ridículo, e, quando a Arabella me encomendou uma escultura sua, perguntou-me se podia posar em sua casa. Tendo em conta o valor que me estava a pagar, era o mínimo que eu podia fazer – e foi um prazer sair de casa todos os dias. Também me deu vontade de voltar a esculpir no meu estúdio, na estufa. Estou decidida a usá-lo este outono, assim que os meus hóspedes se forem embora, embora não saiba ao certo durante quanto tempo. Desconfio que será bastante frio no inverno.

Quando conto ao Finn sobre o baile do Michael, ele oferece-se para vir connosco.

– Talvez pudéssemos ir comer qualquer coisa a Perranporth.

Fico surpreendida com essa sua sugestão, mas agradada, uma vez que ele se tem afastado da sua cidade natal ao longo dos anos.

Tomamos um atalho que passa pela casa do Michael e batemos à porta, achando que ele pode caminhar connosco até ao meu carro. Tenho-o estacionado na rua tranquila onde o Dan e a Amy vivem.

O Michael aparece à porta muito bem-disposto, vestido com uma camisa preta elegante que a Shirley lhe deve ter passado a ferro, porque eu sei por experiência própria que ele não o teria feito sozinho. Ao ver o Finn, a sua expressão feliz transforma-se numa expressão de ligeira repugnância.

Ele tem o rosto mais expressivo que conheço.

– O Timothy vai lá estar? – pergunta-lhe o Finn enquanto subimos juntos a colina.

– Sim – responde ele com mau humor.

– E algum dos teus outros amigos?

– Todos.

- Alguma rapariga?
- Ele olha de lado para o Finn.
- Sim.
- Fixe.
- Podes vir se quiseres.

As minhas sobrancelhas arqueiam-se. Lanço um olhar rápido ao Finn, mas ele está a olhar para o Michael.

- Posso?
- Sim. Qualquer pessoa pode.
- Não é preciso bilhete? – pergunto, pensando como é que nos vamos safar desta.

– Pode-se comprar lá.

– Parece que tu e eu vamos a um baile esta noite, querida – diz o Finn de forma atrevida, agarrando na minha mão e balançando-a bem alto.

O Michael olha para as nossas mãos e revira os olhos, mas não de forma tão dramática como é costume. Eu conduzo, o Finn senta-se no banco da frente do meu Honda Civic azul, com as suas pernas compridas esticadas. É uma viagem curta, mas ele ligou o telefone ao sistema de som do carro e está a tentar decidir o que pôr a tocar para entrarmos no espírito.

- Espera, Mikey, vais adorar esta canção – diz ele.
- Não me chames Mikey! – responde o meu irmão.
- Ele odeia – digo ao Finn, num aparte.
- Espera, Michael, vais adorar esta canção – diz o Finn exatamente no mesmo tom neutro de antes, sem se sentir minimamente ofendido. Ele põe a música «Michael» dos Franz Ferdinand. Olho pelo espelho retrovisor para o meu irmão no banco de trás e vejo-o a olhar pela janela. A sua cabeça começa a balançar.

– Oh, gosto desta! – diz ele, com a cara cheia de entusiasmo, enquanto usa os nossos apoios de cabeça para se chegar à frente.

- Põe o cinto de segurança! – repreendo-o.

Ele deixa-se cair para trás e acena com a cabeça ao ritmo da batida, enquanto aperta o cinto, cantando uma palavra aqui e ali.

Quando o refrão começa, o Finn canta em plenos pulmões e a cara do Michael ilumina-se de alegria. Depois, também ele se junta a nós e eu tento concentrar-me na condução enquanto me rio dos dois.

Entramos no parque de estacionamento em frente ao clube e, assim que desligo o carro, o Finn sai e corre para levantar a mão ao Michael. O meu irmão sorri e dá-lhe um *high five*.

Veza após veza, o Finn tentou ser amável com o meu irmão – a sua persistência é uma das coisas que admiro nele. Fico radiante por o Michael parecer, finalmente, mais recetivo.

Vários dos amigos do Michael vivem em Perranporth e muitos deles já estão no clube quando entramos. A P!nk está a tocar no sistema de som e as luzes de discoteca vermelhas, verdes e azuis giram em torno da pista de

dança, feita de madeira. Estão cá montes de pessoas, e não só as que frequentam regularmente o clube do Michael – a multidão é composta por amigos, familiares e auxiliares.

O Michael foi logo ter com o Timothy e eu e o Finn fomos até lá cumprimentá-lo. Os dois estão a conversar animadamente sobre qualquer coisa, mas param de repente quando nos veem.

– Olá! – diz o Timothy alegremente, e ele e o Finn dão um abraço, que inclui palmadas nas costas.

– Vou ao bar! – grita o Finn por cima da música, depois de eu também ter recebido um abraço. – O que é que vocês querem?

Ele aceita os pedidos de duas canecas de Tribute e vira-se para mim com expectativa.

– Eu vou contigo.

Decido deixar o meu irmão à vontade, não querendo deixá-lo encavacado.

É esse o motivo pelo qual eu nunca tinha vindo a um destes bailes sociais antes, mas, agora que vejo tantos outros familiares aqui, sinto-me culpada.

Sigo o Finn por entre a multidão, até ao balcão, que vai de um lado ao outro da sala e tem luzes coloridas a decorá-lo por cima. Em frente ao balcão há várias mesas e cadeiras sobre a alcatifa.

O Finn inclina-se sobre o balcão para fazer o pedido.

Nem acredito que ele está disposto a fazer isto. Adoro-o ainda mais por isso.

Entregamos as bebidas ao Michael e ao Timothy e depois levamos as nossas para uma mesa, aproximando-nos para que consigamos ouvir-nos um ao outro por cima da música.

– O Tyler e o Liam pareciam estar bem, ontem – digo-lhe ao ouvido.

Ele sorri.

– Foi ótimo tê-los em Los Angeles no Natal.

– O Liam disse que se divertiram na Disneylândia.

Ele ri-se.

– Sim, foi um dia cheio de acontecimentos. O Tyler ficou amigo de uma rapariga e foi a todas as diversões com ela, mas o Liam e eu divertimo-nos juntos.

– Como está o Tyler em geral? – pergunto.

– Bastante bem, acho. Este ano tem-se saído melhor na escola. Não se meteu em tantos sarilhos. Falamos muitas vezes ao telefone.

– E os teus avós? Gostaram da viagem?

– Adoraram.

Ele tem estado a olhar para a pista de dança, com um pequeno sorriso saudoso no rosto, mas agora olha para mim e sorri a sério, com a felicidade a irradiar dele.

– Espero que possamos fazê-lo todos os anos – diz ele, voltando a olhar

para a pista de dança.

– Fico muito contente que tenha corrido bem.

Ele acena com a cabeça e põe a mão por baixo da mesa, para me tocar na parte interior da coxa. Estou a usar um vestido de verão curto, com uma bainha esvoaçante, e estou hiperconsciente do seu polegar a roçar a minha pele nua.

Adoro que ele me toque. Fiquei incomodada com o facto de ele não me ter enviado uma mensagem a dizer que vinha, e nem sequer me ter avisado de que tinha chegado. Procurou-me na feira, mas hesitou em abraçar-me, e só mais tarde é que me beijou. Depois, voltámos para a minha casa e achei que talvez só precisássemos de algum tempo para aquecer, mas esta manhã ele ainda parecia pensativo.

O facto de ele ter tido reservas quanto a voltar este verão inquieta-me. Se a família dele continuar a visitá-lo regularmente em Los Angeles, as suas vindas deixarão de ser tão necessárias. Chegará finalmente o dia em que ele decidirá não regressar de todo?

Só de pensar nisso, sinto-me gelada.

Decido fazer o que sempre fiz e tentar aproveitar o tempo que temos, mas as coisas parecem diferentes, como se ambos tivéssemos erguido um muro entre nós.

Não gosto disso. Quero que ele esteja comigo de corpo e alma.

Estico a mão e penteio-lhe o cabelo escuro para trás das orelhas. Cresceu muito desde o ano passado – está quase tão comprido como no primeiro verão.

Ele vira-se para me observar, com os seus olhos azuis e verdes a brilhar por baixo das pestanas escuras. Inclino-me e beijo-o suavemente nos lábios. O meu sangue aquece à medida que ele se aproxima mais. Ao fim de alguns segundos, ele afasta-se e olha para o Michael e o Timothy.

– Vais arranjar-me problemas com o teu irmão – murmura ele.

– Conta-me o que tens feito – pergunto, aproximando-me mais. Na verdade, preferia era estar sentada ao seu colo. – Como está a correr a composição?

– Bem – responde ele, franzindo os lábios numa espécie de sorriso. – Poderei ter novidades para partilhar em breve.

– O que é? – insisto.

Ele olha para mim.

– Não quero dar azar.

– Cala-te, diz-me lá.

– Já ouviste falar de Brit Easton?

A belíssima estrela *pop* com caracóis escuros tipo de saca-rolhas e olhos verdes-claros?

Fico especada, de olhos cada vez mais arregalados.

– Está a brincar?

– Bom, se *tu* já ouviste falar dela, então é porque é mesmo famosa – diz

ele em tom de brincadeira.

– Tenho duas músicas dela na minha *playlist* – digo-lhe, empurrando-lhe o braço.

– A tua *playlist* única?

– Finn! – Ignoro a sua provocação. – Mas conta lá que é que se passou?

– A Jessie, a vocalista dos All Hype, a banda com que andámos em digressão, passou-lhe o meu álbum a solo pois achou que era algo de que ela poderia gostar. A Brit entrou em contacto comigo há uns meses e perguntou-me se eu gostaria de me encontrar com ela. Acho que nos demos bem. – Ele encolhe os ombros. – Gravei o álbum porque pensei que me poderia ajudar a apostar mais na composição, por isso, sim, é muito fixe. – Ele hesita. – Ela diz que gostaria de lançar uma *cover* da «We Could Be Giants».

– UAU! Adoro essa música!

– Obrigado. – Ele aperta-me a coxa por baixo da mesa outra vez, os seus dedos deslizam para o meio dos meus joelhos e tentam subir. – Isto é, só acredito quando ela assinar o contrato, mas parece interessada.

A Brit Easton é uma cantora *pop*, enquanto o Finn um percurso mais *rock*. O seu trabalho a solo, no entanto, está algures no meio. Consigo imaginar a Brit a dar o seu toque pessoal às suas canções. – Ela também disse que talvez devêssemos escrever juntos – acrescenta ele, como se nada fosse.

– Estás a falar a sério?

Isto é uma coisa *em grande*.

– Como disse, só acredito quando acontecer.

– Então e gostaste dela? Quando se conheceram?

– Sim, foi simpática – diz ele timidamente.

– Não foi uma diva?

Ele faz um grunhido.

– Não acredites em tudo o que lêes nas redes sociais. Lá porque uma pessoa sabe o que quer e como lá chegar não faz dela uma diva. Devias vê-la no estúdio, a dirigir uma orquestra. Ela é ridiculamente talentosa.

O seu discurso acalorado deixa-me inquieta.

– Devo preocupar-me? – pergunto, tentando parecer brincalhona, mas provavelmente parecendo carente.

– Não – diz ele, desvalorizando.

– Quantas vezes te encontraste com ela?

– Algumas.

Estou definitivamente preocupada. Pelo que diz, parece que pode gostar dela e admirá-la a um nível mais pessoal do que profissional.

– Espetacular – diz ele a sorrir, com os olhos postos na pista de dança. – O Michael e o Timothy estão a dar tudo na pista de dança.

Olho para o meu irmão e o seu melhor amigo, que estão aos saltos com cerca de cinco dos seus amigos. A «Come on Eileen» está a tocar nas colunas e há montes de gente a dançar.

– Isto parece demasiado divertido para não aproveitarmos – diz o Finn,

largando-me.

Ele afasta a sua cadeira da mesa e pega na minha mão, levando-me para o meio das pessoas.

Nessa noite, rio-me até às lágrimas, mas não consigo ignorar a enervante sensação de que está tudo prestes a mudar.

No quarto aniversário da morte dos meus pais, eu e o Finn caminhamos até ao local do costume, nas falésias a oeste de St. Agnes.

– Parece sentir-te muito melhor este ano – diz ele enquanto nos sentamos lado a lado no banco, com o seu braço preguiçosamente à volta dos meus ombros.

Não há paisagem que se veja. A neblina marítima envolve-nos num nevoeiro branco. Mas não há outro sítio onde quisesse estar.

– Sinto – concordo.

O luto ainda me puxa o tapete debaixo dos pés, e está presente neste momento, como uma pedra pesada nas minhas entranhas, mas a maior parte do tempo consigo pensar nos meus pais sem me ir abaixo, especialmente desde que terminei as suas esculturas.

– Quais são os teus planos para o futuro próximo?

Lembro-me de que foi exatamente esta a pergunta que me fez no nosso primeiro verão juntos, mas o seu tom é neutro e direto, menos seco e sardónico do que na altura.

Ocorre-me que a nossa relação estabilizou e amadureceu.

– Primeiro, tenho de dar conta deste verão – respondo com um sorriso.

Na última semana, tenho trabalhado mais do que nunca, substituindo o Chas. O Bill, o nosso chefe de cozinha, tem-me ajudado a fazer o inventário e as encomendas e, entre os dois, parece que estamos a gerir o Seaglass com relativa tranquilidade. O Chas quis manter-se a par dos acontecimentos. Já saiu do hospital e está a recuperar bem. Espera voltar ao trabalho na próxima semana, o que me parece demasiado cedo, mas prometeu-nos a todos que vai levar as coisas com calma.

– Mas acho que vou aceitar gerir outros alojamentos locais – digo.

Há alguns dias, uma das minhas vizinhas, que vive numa das antigas casas de pescadores ao fundo da colina, cruzou-se comigo enquanto eu ia a

caminho do trabalho e perguntou-me se estaria interessada em ficar responsável por três das propriedades que ela gere. Com a idade que tem, está a pensar deixar de trabalhar e disse que poderia recomendar-me aos proprietários, caso eu estivesse interessada. Pedi-lhe um pouco de tempo para pensar no assunto.

– Acho que consigo gerir a carga de trabalho extra, especialmente durante o inverno. Provavelmente, far-me-á bem sair de casa de vez em quando, depois de o Seaglass fechar, caso contrário, corro o risco de me tornar uma artista louca, fechada no seu estúdio.

Ele sorri.

– E a escultura? O que é que se segue?

– Tenho de começar uma peça da série «Partida», de uma senhora que veio à minha exposição. Ela pediu-me para esculpir o seu falecido marido. E, depois disso, estou à espera de receber uma encomenda de um casal amigo da Arabella.

– Para fazer o quê?

– Eles gostariam de ter uma estátua em tamanho real de um dos seus antepassados, para o seu jardim de esculturas. Têm uma casa de campo perto de Bodmin. Ao que parece, a família deles tem ligações à realeza – acrescento com um sorriso.

– Uau! – diz ele. – Isso tem potencial para ser uma coisa em grande.

– Se acontecer, abrir-me-á mais portas.

– Porque é que não me contaste isto antes?

– Não queria dar azar.

Repito as palavras que ele usou para não mencionar a Brit.

Não voltámos a falar dela desde aquela noite, no clube, mas isso não significa que eu não tenha pensado no assunto.

– Quando é que vais saber? – pergunta Finn.

– Pediram-me que fizesse uma maquete, primeiro. Se gostarem, espero que me encomendem uma réplica em tamanho real.

Tem sido um processo muito emocionante. Conheci o casal, *lord e lady* Stockley, na reunião em que me descreveram o que queriam, há seis semanas, quando me levaram ao local onde a estátua seria erguida. Foi muito interessante imaginar uma das minhas criações num plinto rodeado de roseiras, num jardim deslumbrante.

Se decidirem fazer a encomenda, será a maior peça que algum dia fiz. Estou a tentar conter o meu entusiasmo, embora a Arabella me diga que o negócio está mais do que garantido. O casal Stockley gosta de apoiar artistas com potencial, disse ela. Fico radiante por ser considerada um deles.

Talvez esteja a assumir demasiadas responsabilidades, gerindo estas três outras casas de férias, para além da minha, mas o mundo da arte é precário. Quem sabe se o trabalho acaba, ou quando acaba? Prefiro estar ocupada demais do que não ter rendimentos suficientemente, e penso que posso tornar as sextas-feiras o dia de troca dos hóspedes de minha casa, para ter mais

tempo aos sábados, para limpar as outras.

A névoa começa a evaporar-se, dissolvendo-se como espíritos que abandonam a terra. O mar estende-se diante de nós, suaves faixas de linho azul, ondulando ao sabor da brisa.

– Espero que tudo corra bem com a tua música, em Los Angeles – digo, aproximando-me um pouco mais do Finn.

– Obrigado – murmura ele.

– Vai ser estranho se tiveres muito sucesso. Saber de ti pela Internet ou através do diz-que-disse...

– Então não queres voltar à regra do contacto mensal?

Engulo em seco.

– Acho que foi um pouco duro demais. Não te parece?

– Não foi fácil – concorda ele com um suspiro.

Temos estado a sair-nos tão bem, profissionalmente. Agora que estamos a conseguir resultados, o melhor talvez seja concentrarmo-nos nas nossas carreiras, sem distrações adicionais. Em todo o caso, à distância, também nunca seríamos capazes de nos apoiarmos verdadeiramente um ao outro.

O Finn tem estado a observar-me a processar os meus sentimentos. E, agora, acena com a cabeça e desvia o olhar.

Instala-se em mim uma estranha calma.

À nossa frente, a luz do sol trespassa uma fenda nas nuvens, um raio dourado a iluminar o mar.

– *Here comes the sun* – canta o Finn, acrescentando os pequenos *doo-doo-doo*s no final.

– Canta-me a canção toda – peço baixinho, encostando a cabeça ao seu ombro.

Ele canta. E, enquanto ele canta sobre a saída de um longo e solitário inverno, sinto que poderia estar a cantar sobre nós.

Este verão

Estou deitada de lado, no quarto do piso térreo, demasiado agitada para adormecer. O Tom está deitado de barriga para baixo ao meu lado, com um braço debaixo da almofada e o seu rosto bonito voltado na minha direção. À luz fraca, é possível divisar as suas grandes costas e os seus ombros largos, e mal consigo resistir a esticar a mão e acariciar a sua pele quente com as pontas dos meus dedos.

Ele merece descansar depois do que fez esta noite, penso eu com um sorriso.

Depois de termos feito sexo delicioso e escaldante num dos sofás do Seaglass, voltámos para aqui, para uma segunda ronda mais lenta e exploratória.

É difícil escolher qual das vezes foi melhor – este homem sabe *mesmo* o que faz.

Ele é a primeira pessoa com quem estive, desde que eu e o Finn nos beijámos há quase seis anos. Fujo das memórias dele, tentando ficar aqui com o Tom, mas não posso controlar a forma como os pensamentos do Finn me envolvem.

Abre mão dele, Liv, peço a mim mesma enquanto a emoção cresce dentro do meu peito. *Já chega.*

Quero voltar ao deleite de que estava a desfrutar enquanto penso naquilo que o Tom e eu fizemos, a sensação de nossos corpos unidos, como nos sentimos ligados um ao outro durante esses momentos.

Gosto da maneira como ele olha para mim, como me faz sentir *admirada*. Vivi com um vazio no meu coração durante tanto tempo, mas não me sinto vazia quando estou com ele. O meu coração sente-se cheio.

O Finn e eu temos um historial, mas muito dele está manchado, muitas das nossas memórias partilhadas estão tingidas pela dor. O Tom não me viu desfeita, e eu sinto-me feliz por poder começar do zero. Isto que tenho com

ele parece limpo, novo e *bom*, e espero que daqui para a frente seja sempre a melhorar.

Enquanto me concentro na respiração constante do Tom, lentamente conjugando a minha com a dele, os pensamentos relacionados com o Finn vão-se afastando.

.

O som da campainha da porta arranca-me aos meus sonhos e, por alguns segundos, sinto-me no passado, com o medo a acossar-me de todos os lados.

Mas depois a cama range e o Tom pousa uma mão quente no meu ombro enquanto se levanta, dizendo-me que vai lá.

Deve ser o carteiro, penso eu sonolenta, enquanto o ouço a vestir as calças de ganga e uma *t-shirt* por cima da cabeça.

Aconchego-me languidamente debaixo do edredão e os meus olhos voltam a fechar-se, sem pressa de deixar este magnífico casulo. Talvez possamos ir à terceira ronda esta manhã...

– Quem és tu?

O som da pergunta direta do Michael faz com que os meus olhos se abram e lembro-me que é *domingo*. O carteiro *não* vem hoje. Mas o meu irmão não pode já cá estar cá para o almoço, pois não? Que horas são?

– Sou o Tom. Olá, tu deves ser o Michael – ouço-o responder com amabilidade. – Já ouvi falar muito de ti.

Sento-me de um pulo.

– És o namorado da Liv?

E congelo.

– Bem, não, não é bem assim, mas talvez...

– Ótimo, porque ela já tem namorado – interrompe o Michael. – E chama-se Finn.

Merda! Saio da cama e reviro tudo em busca das minhas roupas. Onde é que elas estão?

– Oh! Certo – diz o Tom, placidamente.

– E não é qualquer um que lhe chega aos calcanhares! – declara o meu irmão.

Onde raio está o meu vestido? Encontro-o perto da casa de banho. Está do avesso, por isso, enfio à pressa as mãos nas mangas e tento virá-lo.

– Estou a ver – diz o Tom, enquanto eu ponho o vestido apressadamente pela cabeça, prescindindo do sutiã e das cuecas.

– Ele é *mesmo* famoso – acrescenta o Michael.

Oh, meu Deus!

– As músicas dele tocam na rádio e tudo!

Ele está agora mesmo à porta do quarto, tendo claramente passado pelo Tom sem ter sido convidado a entrar.

– E ele vai voltar em breve, porque vem cá todos os verões e ela é a minha irmã mais nova, e é bom que tenhas cuidado! – avisa ele no momento

em que eu saio do quarto.

– Michael! – grito.

Ele parece tão pequeno ao lado da silhueta imponente do Tom, a sua cabeça mal chega aos peitorais dele.

– Oh, aí estás tu! – diz o meu irmão, alegremente.

– O que é que estás aqui a fazer? – pergunto.

O Michael parece aperceber-se de alguma coisa, as suas sobranceiras escuras contraem-se num olhar de confusão enquanto ele olha diretamente para o quarto de onde acabei de sair, com a sua atenção a centrar-se no edredão amarrotado.

– Não, o que *tu* estás a fazer aqui? – pergunta ele com veemência. – Essa não é a tua cama.

– Alguém quer um chá ou um café? – interrompe o Tom, timidamente.

.

– Peço imensa desculpa – murmuro, já depois de o meu irmão se ter ido embora.

Ele não se demorou, veio apenas dizer-me que hoje não podia almoçar comigo. Um dos seus colegas de trabalho está doente e o patrão pediu-lhe que o substituisse.

– O Finn *não* é meu namorado – declaro resolutamente, lutando contra a vontade de me contorcer enquanto o Tom pousa uma tigela de *granola*, frutos vermelhos e iogurte à minha frente.

Estamos na cozinha do andar de baixo. O sol ainda não chegou a esta parte da casa, mas está um dia tão luminoso que a luz inunda-nos de todos os lados. Gostaria de ter um par de óculos escuros à mão, mas sou demasiado preguiçosa para ir lá acima.

– Não me debes qualquer explicação – diz o Tom calmamente, sentando-se à minha frente, com a sua própria tigela.

– Sinto que devo. Especialmente depois da forma como reagi quando o irmão dele apareceu no Seaglass, na quinta-feira. Deves achar que tentei levar-te ao engano. Mas não.

Ele abana a cabeça, como quem me diz que esqueça o assunto.

– O Finn e eu rompemos de vez no verão passado, e isso ainda não entrou na cabeça do Michael – explico. – Ele sabe. Já lho disse. Mas entra por um ouvido e sai pelo outro.

– Parece-me que ele não quer ouvir – concorda o Tom.

Eu bufo.

– Até há relativamente pouco tempo, nem sequer suportava o Finn. Às vezes, o Michael demora algum tempo a habituar-se a pessoas novas.

– Ele quer proteger-te – constata.

Deslizo a minha mão pela mesa em direção a ele e roço com os meus dedos as pontas dos seus. Ele pega na minha mão e aperta-a com delicadeza.

– Como te sentes esta manhã? – pergunta ele, levantando os olhos do seu

pequeno-almoço e estudando o meu rosto.

– Estava a sentir-me fantástica, até àquele despertar violento.

O seu rosto abre-se num sorriso e, de repente, apetece-me passar por cima da mesa e atacar a sua boca sensual. A sua barba de um dia adorna-lhe o maxilar e ele está com cabelo de cama, todo *sexy* e despenteado.

O polegar dele roça-me os nós dos dedos e tenho um *flashback* das mãos dele ontem à noite, de como foram hábeis e atenciosas.

Os seus olhos ganham um pouco de malícia.

– Tens planos para esta manhã? – pergunto, com o calor a inundar a parte inferior do meu corpo.

– Levar-te de volta para a cama? – responde ele.

Nada me daria mais prazer.

– Não contem a ninguém, mas já fomos para a cama. Só vos estou a contar agora porque não quero que vejam alguma coisa nas nossas caras e depois digam...

A Amy interrompe-me a frase com um guincho e bate palmas, enquanto a Rach olha para o teto e exclama «SIM!» enquanto junta as mãos num gesto que parece de oração. Sei de fonte segura que não é religiosa.

Depois, as duas abraçam-se *uma à outra* e começam aos saltinhos.

Eu fico a olhar para elas, perplexa.

É segunda-feira à noite e estamos de novo no *pub* para o *quiz*. Eu estava com o Tom, há pouco, quando recebi uma mensagem da Amy a perguntar se queria trazê-lo comigo.

Segundo disse: O Tarek está um bocado farto da noite de *quiz*.

Não sei se é mesmo verdade ou se as minhas amigas estão a tentar intrometer-se, mas o Tom pareceu contente com o convite.

Ele está no balcão, com o Dan, enquanto a Amy, a Rach e eu esperamos ao virar da esquina que a nossa mesa habitual para seis pessoas fique livre. A Ellie está atrasada.

– O que é que vocês estão a fazer, a abraçarem-se uma à outra? – pergunto-lhes, incrédula.

– Estamos tão felizes! – diz a Amy.

– Sabes que ele volta para casa daqui a menos de duas semanas, não sabes? – sussurro, confusa. – É apenas um caso de férias.

De imediato, as palavras não me soam bem. Isto não se parece em nada com um mero «caso de férias».

– Sim, mas *estás* a seguir em frente – diz a Rach com seriedade, de olhos a brilhar.

A sua expressão e o seu tom são inusitados para ela que, por momentos, sinto-me como se estivesse num universo paralelo.

O empregado interrompe a conversa para dizer que a nossa mesa está pronta e o Tom e o Dan aparecem com as nossas bebidas. Quando me sento, tudo aquilo ainda me parece bastante surreal.

O Tom senta-se à minha frente e sorri-me de forma calorosa. Debaixo da mesa, os nossos joelhos tocam um no outro. Nenhum de nós se afasta.

.

Depois da reação da Amy e da Rach, dou por mim a prestar mais atenção à dinâmica à volta da mesa. Reparo que o Dan se aproxima para tirar uma migalha do nariz da Amy e como ela nem sequer pestaneja, e no modo como a Rach desenha símbolos do infinito no pulso da Ellie quando acha que ninguém está a ver. Vejo as pequenas demonstrações de afeto entre eles, o amor incontido nos seus olhares.

Normalmente custa-me ver os meus amigos a interagir tão intimamente com as pessoas com quem querem passar o resto das suas vidas, por isso, tenho tendência a desviar o olhar. Mas esta noite não. Assistir à alegria da Amy e da Rach perante a ideia de que eu estou a seguir em frente e a esquecer o Finn faz-me perceber de forma ainda mais aguda o quanto meu coração tem estado em suspenso nos últimos seis anos. Nunca tive uma relação feliz, definitiva e sem obstáculos com ninguém. Olhando para os meus amigos, apercebo-me de que quero uma. Mesmo muito.

.

– Estiveste muito calada, hoje à noite – comenta o Tom a caminho de casa.

Eu devia estar radiante. Ganhámos outra vez, em grande parte graças aos seus conhecimentos de geografia e de factos aleatórios sobre o corpo humano. Afinal de contas, o seu pai era médico. Outra coisa que temos em comum.

– Contemplativa – respondo, enlaçando o meu braço no dele, enquanto caminhamos ao longo da estrada escura que desce ao longo do vale densamente arborizado.

O gesto tem como objetivo tranquilizá-lo. Não quero que pense que estou a hesitar em relação a nós. Dormi na sua cama nas duas últimas noites e gostaria de ir à terceira.

– Estás bem? – pergunta ele.

– Ótima. Estou só a pensar numas coisas.

Ele fica em silêncio.

O País de Gales não é Los Angeles, lembro-me a mim própria. Porque que é que isto não poderia ser o início de algo permanente?

Estamos na parte mais exígua da estrada e um carro aproxima-se por trás de nós. Eu passo para o lado, para lhe dar espaço, e sinto as mãos fortes do Tom nos meus ombros, usando o seu próprio corpo como escudo.

O meu coração dilata-se perante o seu gesto protetor.

Não, ele abre-se.

Na quarta-feira de manhã, vamos juntos até ao Seaglass, depois de termos passado a maior parte da véspera na companhia um do outro. Disse algumas vezes que o deixaria em paz, não querendo invadir o espaço pelo qual ele pagou uma boa maquia, mas, por este ou aquele motivo, acabámos sempre nos braços um do outro.

Hoje, ele está a substituir o nosso copeiro, que está de férias. Quando confirmei e reconfirmei que ele estava realmente feliz por ajudar, respondeu-me:

– Quando digo uma coisa, tenho tendência para estar a falar a sério. Não precisas de duvidar de mim.

Achei a sua afirmação insuportavelmente *sexy*. Adoro a sua frontalidade, a sua firmeza. Podia apaixonar-me por um homem como o Tom.

– Vai ser engraçado trabalhar contigo durante a próxima semana e meia – digo com um sorriso enquanto subimos a escada exterior.

– Ando a dormir com a patroa – responde ele em tom de brincadeira. – *Tu* ficas bem com isso?

Ele encosta o ombro à parede e observa-me enquanto tiro as chaves.

– Mais do que bem. Embora, provavelmente, não vá contar ao resto do pessoal.

– Vou tentar não te tocar, se estiver alguém a ver – promete ele, enquanto abro a porta.

Já sei que me vai custar horrores.

O Tom ajuda-me a preparar a sala para os clientes e concluímos abrindo as portadas da varanda.

Está um dia de sol com pouco vento. As águas profundas do mar para lá da enseada estão especialmente azuis, e as ondas que chegam à costa são de um verde-claro cristalino.

O Chas costumava adorar a paisagem em dias como este. Era quando conseguia relaxar e realmente tirar partido da vista. Sempre que havia ondulação, ele queria lá estar.

Ficámos todos muito contentes por ele quando finalmente decidiu partir na sua viagem à volta do mundo, com a qual sempre tinha sonhado. Mas sinto a sua falta. E, ao que parece, ele também tem saudades nossas. Na semana passada, recebemos um postal dele, enviado de Maui. Está a divertir-se muito, mas está desejoso de voltar em agosto. O Dan teve mesmo de o convencer a tirar férias durante uma parte do verão. Junho, julho e agosto são sempre tão brutais... Ganhamos dinheiro praticamente para o ano inteiro só nesses três meses, portanto, o Chas jamais descansaria se cá estivesse.

O Tom abana a cabeça, com admiração, enquanto estamos juntos na varanda, a apreciar a vista.

– Mal posso acreditar que tens a sorte de viver e trabalhar aqui.

– Então muda-te para cá – brinco.

– É tentador.

Eu rio-me.

– Estou a falar a sério – diz ele, e os pelos dos meus braços eriçam-se com a expressão do seu rosto quando me lança um olhar de lado, porque há uma possibilidade de ele estar a falar a sério. – Sei que só cá estou há menos de três semanas, mas sinto-me tão em casa na Cornualha. Talvez seja do tempo que passei aqui, em miúdo, mas a ideia de partir... – Ele parece atordoado. – Na verdade, dá-me a volta ao estômago. Desculpa, é muito estranho, mas é a pura verdade – murmura ele, endireitando-se.

Eu apoio o meu cotovelo no corrimão, virando-me para ele.

– *Poderias* ficar? – pergunto.

Ele faz-me um pequeno aceno de cabeça e imita a minha linguagem corporal.

– Não tenho nada que me prenda ao País de Gales.

– E o trabalho?

O seu sobrolho franze-se e ele vira a cabeça para fitar o oceano, com uma expressão pensativa.

– Arranjo um emprego aqui.

Os serviços de busca e salvamento operam a partir de Newquay, apenas a meia hora de carro, pelo que é mais do que exequível.

– Isso assusta-te? – pergunta ele cuidadosamente, voltando a olhar para mim.

– Em que sentido?

– A ideia de eu ficar por cá.

Solto uma pequena gargalhada.

– Está a brincar?

Só quando os ombros dele relaxam é que me apercebo de que estavam cheios de tensão até há instantes.

O Tom estuda a minha cara antes de dizer:

– A gerente da Driftwood Spars acha que pode fazer uns ajustes e pôr-me lá durante uma semana ou assim, no início de julho. Ela também tem mais uns dias aqui e ali, por isso, estou em lista de espera.

– Isso são ótimas notícias!

Ele parece satisfeito com a minha reação. Somos interrompidos pelo Tyler, que aparece ao virar da esquina, da varanda.

– Oh, olá! – exclamo. – Chegaste cedo.

– Não – responde ele, com um ar carrancudo.

Olho para o meu relógio.

– Ena, já é hora de abrir – digo ao Tom, começando a estender a mão para lhe tocar no braço, mas contendo-me a tempo.

Liguei ao Tyler na segunda-feira, depois de decidir que ele não deveria perder a oportunidade de emprego só porque eu ainda estou ressentida com o Finn.

Ainda estou ressentida com o Finn?

De momento, não. Mas isso pode ter algo que ver com o homem lindo

que acabou de subir as escadas para a cozinha.

É sexta-feira à tarde, pouco mais de uma semana depois, e estou a regressar ao Seaglass depois de ter preparado a Casa da Praia para uma família de quatro pessoas. Esta manhã, o Tom mudou-se para o Drifty e eu detestei estar no apartamento de baixo sem ele. Fiquei triste ao vê-lo fazer as malas, apesar de não ir para longe. Se ele tivesse regressado hoje ao País de Gales, como tinha planeado inicialmente, eu teria ficado de rastos.

Este tempo com ele tem sido mágico. Passámos todas as noites juntos, na cama dele, e tomámos o pequeno-almoço em frente um ao outro todas as manhãs na cozinha. Ele vem comigo para o Seaglass e, apesar de a cozinha fechar antes do bar, espera que eu acabe o meu turno para me acompanhar até casa. Voltou comigo à fundição para verificar a aplicação das pátinas, e sentei-me na praia algumas vezes para o ver desenhar na areia. Sinto que me foi dada a vislumbrar a uma vida que, de repente, parece alcançável, um futuro com alguém ao meu lado, alguém com quem acordar, alguém com quem partilhar uma casa.

O nosso copeiro regressa amanhã, mas o nosso chefe de cozinha pediu uns dias de folga para preparar a sua grande mudança para Londres daqui a dez dias, pelo que o Tom vai assumir o seu papel e trabalhar no Seaglass durante mais algum tempo.

Ainda não encontrámos um subchefe substituto. Pensei que o copeiro pudesse ser promovido, mas ele só está connosco desde a Páscoa, e o Bill precisa de alguém com mais experiência.

.

O Tyler está ao pé da aparelhagem quando entro no Seaglass, e os Beach House já não está a sair dos altifalantes.

– Não mexas na música, por favor, Tyler – digo-lhe, quando a música «Ready to Start», dos Arcade Fire, começa a tocar.

Ele parece irritado.

– Aquela porcaria é uma seca.

– Adequa-se ao ambiente descontraído que pretendemos criar – argumento, sentindo-me agitada com a sua escolha musical enquanto me dirijo ao balcão.

– Achei que gostavas de *rock*.

Ele é tão autoconfiante para um rapaz de dezoito anos. Nem sequer parece importar-se quando se engana num pedido ou faz asneira enquanto tira uma cerveja. Ontem, pôs tanta espuma numa caneca de cerveja que o Luke perguntou se ele queria uma touca de banho a acompanhar. Mas ele encaixa tudo na maior.

– Não estou com disposição para isso neste momento. Podes voltar a mudar, por favor? Ou pôr, sei lá, *Cigarettes After Sex* ou *The XX*?

Ele bufa.

– Ou algo desta década – ouço-o murmurar, selecionando outro artista completamente diferente.

Pelo menos não é *rock*, portanto decido transigir. Vou ter de escolher as minhas batalhas, com este rapaz.

Olho para o Tyler e vejo o Tom junto à parede divisória que dá para as casas de banho. Ele lança-me um olhar divertido e sabedor, e depois volta para a cozinha.

– Como é que o Tyler se está a dar? – pergunta-me o Tom mais tarde, nessa noite.

– No geral, bastante bem. Precisa de ser um pouco mais despachado, mas acho que vai ao sítio.

Passei longas horas a dar-lhe formação naquela primeira manhã, mas a Libby e o Luke também têm ajudado, embora o Kwame tenha perdido a paciência para ele desde que ele deixou cair ao chão o seu precioso *shaker*.

– Foi imaginação minha ou o Michael disse que o irmão dele é famoso?

Urgh.

Perante a careta que me vê fazer, acrescenta:

– Não tens de me dizer.

– Não, tudo bem – respondo em tom neutro.

Todos os outros já terminaram as limpezas e foram para casa, mas demos por nós a tomar uma última bebida na zona dos sofás, no andar de cima, onde as fiadas de lâmpadas dão à sala um brilho quente. Eu não sinto pressa de ir para casa e ele, aparentemente, não tem pressa de voltar para o seu quarto na estalagem.

– Ele não é propriamente famoso. Mas teve alguns *singles* de sucesso com alguém que é. Ele é compositor.

– Ah! O Michael disse que as canções dele passavam na rádio. Presumi que...

– Ele já fez parte de uma banda, e depois lançou um álbum a solo com uma editora independente, mas tudo o que sempre quis foi escrever, por isso,

agora trabalha para outros artistas.

– Alguém de quem eu já tenha ouvido falar?

– Não sei que tipo de música ouves. Nunca puseste nada a tocar enquanto estiveste lá em baixo.

O que foi uma novidade muito bem-vinda.

Decido deixar de ser cautelosa porque, na verdade, de que adianta?

– Ele co-escreveu o novo álbum da Brit Easton.

As suas sobrancelhas arqueiam-se de um salto.

– Certo. Então é uma coisa em grande.

– Acompanhas os mexericos das celebridades? – pergunto com relutância. Ele encolhe os ombros.

– Não particularmente. Porquê?

Eu suspiro.

– O Finn e a Brit apaixonaram-se enquanto escreviam esse álbum. Agora são um casal. As fotografias deles estão por todo o lado.

Ele olha-me com compreensão.

– Não é fácil vermos um ex com outra pessoa, quanto mais com alguém famoso.

– Ele não é bem meu ex.

Espero não parecer tão magoada ou amarga como me sinto.

Ele bebe um gole do seu *whisky* e encosta-se ao sofá, com o olhar calmamente fixo no meu rosto.

– O Michael disse que ele regressa todos os verões.

Raios partam! Porque é que ele se lembra de toda e cada palavra que o meu irmão disse?

Aceno lentamente com a cabeça.

– Há seis anos que volta todos os verões. E eu acabei por deixar a minha vida em suspenso por causa dele – confidencia com ironia.

A minha cabeça não queria que eu o fizesse, mas é o meu coração que tem mandado neste circo.

– Mas agora parei com isso. Segui em frente – digo com firmeza.

Tal como o Finn.

– Obrigado por me contares – diz o Tom em voz baixa.

– Quero dizer, as revelações *começam* a parecer um pouco desequilibradas entre nós – digo com uma pequena gargalhada, mas as minhas palavras são incisivas.

– Peço desculpa – responde ele, sem jeito. – Vim para cá para tentar fugir à minha vida.

– Mas depois batestes de frente com a minha.

– Isso é um problema? – pergunta ele, cauteloso.

– Não, estou a gostar.

Ele sorri.

– Adoro a tua honestidade e abertura.

– Agora sinto-me envergonhada.

– Não, não sintas, é refrescante. A Cara era tão fechada...

– Podes falar – digo meio a brincar.

– Não costumo ser reservado. – Ele senta-se mais direito. – A Cara e eu discutíamos até à exaustão. Achei que não queria mais relação nenhuma. Não estava à espera disto.

– Do quê?

– Disto – responde, apontando para nós os dois.

Ele mantém o contacto visual durante alguns segundos antes de desviar o olhar para a cozinha.

– O que é que queres da vida? – pergunta, voltando-se para mim.

A sua questão inesperada deixa-me momentaneamente atrapalhada.

– Acho que gostaria de continuar a fazer o que estou a fazer, a trabalhar aqui durante o verão para poder esculpir no inverno. Talvez um dia receba tantas encomendas que possa esculpir a tempo inteiro, mas gosto do equilíbrio que tenho neste momento.

Bebo um gole do meu rosé e sorrio-lhe. Ele continua a olhar para mim.

– E quanto a família? – pergunta.

Inclino a cabeça para um dos lados.

– Bom, *gostaria* de encontrar alguém com quem passar o resto da minha vida. – Penso nos casos do Dan e da Amy e da Rach e da Ellie, se alguma vez tivesse tal sorte.

– Filhos? – pergunta ele com franqueza.

– Um dia, se for possível.

Os seus olhos voltam-se para o *whisky*.

– E tu? – pergunto eu.

– A *tua* vida soa-me bem – confessa ele, com uma voz estranhamente grave.

Reparo nas sombras dos músculos do seu maxilar, a contrair e a descontrair.

– Tom, estás bem?

Tenho a sensação de que não está.

Ele solta um longo e pesado suspiro e acaba por me encarar diretamente.

– Não posso ter filhos – diz ele com tristeza. – Achei que devias saber.

Fico com a cabeça às voltas. *Ele achou que eu devia saber?*

Isso diz muito. Só nos conhecemos há poucas semanas, mas estou sempre a sentir-me compelida a olhar para o futuro.

E o Tom acaba de deixar bem claro que sente o mesmo. Ele também consegue imaginar um futuro para nós – *se* eu conseguir ultrapassar o facto de ele não poder ter filhos.

Ficamos a olhar um para o outro e pressinto que estamos a tentar ler os pensamentos um do outro. Fiquei com um nó no estômago com a sua revelação, mas a ideia de formar família com alguém ainda me parece muito distante. Se o Tom for o homem certo para mim, arranharemos maneira de fazer as coisas resultarem.

Reajo instintivamente e ponho-me de pé, juntando-me a ele no sofá.

– Há muito tempo que sabes disso? – pergunto suavemente, sentando-me muito perto, com os joelhos encostados à sua coxa.

– Há alguns meses.

Passo os meus dedos ao de leve pela sua nuca, na esperança de o apaziguar. O seu cabelo cresceu desde que cá está, e tornou-se um pouco mais claro, com o sol.

– Isso teve algo que ver com o facto de tu e a Cara...

– Foi parte do problema – confia ele.

O meu coração parte-se ao ver as lágrimas brilharem nos seus olhos.

– Lamento tanto. – Aninho-me no seu ombro e pouso a minha mão no seu peito. – Mas há outras formas de ter filhos.

– Eu sei – responde ele, colocando a sua mão sobre a minha. – Podíamos ter feito fertilização *in vitro* ou seguido o caminho da adoção, mas... – Ele abana a cabeça. – Fosse como fosse, as coisas entre nós não estavam destinadas a resultar – diz ele, ficando em silêncio.

Levanto a cabeça para lhe beijar a bochecha e dou-lhe um sorriso suave.

– Vês? *Consegues* falar comigo.

Ele solta uma pequena risada. Quando olha para mim, os seus olhos continuam brilhantes, mas com um outro sentimento que não compreendo.

Um momento depois, baixa a cabeça e beija-me suavemente os lábios.

Ao fim de alguns segundos, afastamo-nos e olhamo-nos fixamente. E depois começamos a fechar todos os espaços físicos entre nós.

Nessa noite, ele não regressa ao seu quarto na Drifty.

No verão passado

– Não tenho palavras para lhe agradecer – digo à Arabella, enquanto estamos nos roseirais banhados pelo sol da mansão de *lord* e *lady* Stockley, a bebericar champanhe fresco em taças de cristal lapidado.

A estátua foi inaugurada há pouco tempo – tive de fazer um discurso e tudo –, e esta noite vai haver um jantar para celebrar.

– Foi tudo obra sua, minha querida – responde ela, lançando-me um dos seus olhares cheios de significado.

– Não é verdade, mas agradeço que o diga.

A Arabella está vestida a rigor para a ocasião, com um vestido azul-marinho, um xaile preto e pérolas à volta do pescoço. Usa o cabelo comprido enrolado no seu habitual carrapito. O conjunto faz-me lembrar o dia em que nos conhecemos, na galeria de arte em St. Ives, há dois anos e meio. Esse encontro mudou a minha vida.

Os seus olhos voltam para a estátua. O *lord* Stockley de outrora veste um casaco de fazenda e está encostado a um ancinho, de costas para a casa, olhando para os jardins. No seu tempo, foi um grande horticultor.

– Tem alguma ideia sobre como contactar as câmaras municipais ou instituições de beneficência para uma encomenda de arte pública? Já há algum tempo que não angario fundos, mas estou disposta a isso, se a Liv estiver – diz-me.

Ela sabe que continuo a querer pertencer à Royal Society of Sculptors. Tornámo-nos muito próximas. Ela é a pessoa com quem mais gosto de falar sobre arte e escultura.

– Vou pensar nisso – respondo, apertando-lhe o braço com afeto.

– Pense – diz ela. – Agora está a dar cartas. Não desperdice o impulso que está a ganhar.

Já é tarde quando levo a Arabella a casa, em St. Ives, e sigo para St. Agnes. Tenho hóspedes, portanto, como de costume, estaciono o carro na colina em frente à casa do Dan e da Amy. Agora que administro outras três propriedades, é ainda mais aborrecido ir lá buscá-lo – detesto parar na estrada à porta de casa para tirar o material de limpeza da bagageira. A maior parte dos carros consegue passar, mas os veículos mais largos têm dificuldades e, depois do ataque cardíaco do Chas no verão passado, já para não referir o incidente de há uns anos, em que o fogo de artifício incendiou o tojo atrás da Drifty e os carros estacionados causaram problemas de acesso, estou sempre alerta para o caso de chegar uma ambulância ou um carro dos bombeiros.

Mas a estrada do Dan e da Amy é agradável e tranquila. Vivem perto dos avós do Finn e já me cruzei com eles algumas vezes, uma das quais quando tive uns raros hóspedes de inverno. Nessa ocasião, a Trudy fez de tudo para me contar como as sessões de composição do Finn e da Brit Easton estavam a correr bem.

O Finn e eu conseguimos manter o nosso acordo de não nos contactarmos, quando ele partiu no verão passado, mas ele quebrou as regras quando assinou o seu contrato com uma grande editora discográfica – o acordo que mais tarde lhe permitiria escrever com a Brit.

«Não posso deixar de partilhar isto contigo», escreveu ele, anexando um comunicado de imprensa.

Fiquei nas nuvens por ele e escrevi-lhe de volta para lhe dizer isso mesmo.

Mais tarde, soube pelo Dan que lhe tinha sido paga uma grande quantia de dinheiro para ele se poder concentrar na escrita. Um contrato desses conseguir-lhe-ia reuniões com todas as pessoas certas.

A única vez que fui *eu* a contactá-lo foi no Natal, quando lhe enviei um *meme* engraçado as palavras «Penso em ti, bj». Ele respondeu-me com um *meme* engraçado, juntamente com um texto simples, que dizia: «Feliz Natal, bj».

Foi uma conversa tão superficial. Esperei que ele lesse nas entrelinhas e visse o quanto eu estava a pensar nele, pois parecia-me mal deixar as coisas naquele pé.

Mas deixei. A minha força de vontade tem sido monumental nos últimos doze meses. Decidi que não iria ceder.

Olho para a rua dos avós de Finn, por hábito, e vejo um Seat Leon cinzento-escuro estacionado em frente a casa deles.

O meu estômago dá uma reviravolta.

Ele está em casa?

E, se está, porque é que não me disse nada?

Paro e fico a olhar para a casa ao fundo da estrada. Há luzes ténues nas janelas, mas são onze e meia – não posso ir bater à porta a esta hora. E, mesmo que fossem horas decentes, hesitaria. Se o Finn quisesse ver-me, diria qualquer coisa. Mas porque é que não haveria de me querer ver?

Talvez ele tenha acabado de chegar de avião. Tento convencer-me de que deve ser esse o caso, mas continuo a sentir-me trémula enquanto percorro o resto do caminho até casa. É possível que ele tenha ido ao Seaglass, há umas horas. Normalmente, eu estaria a trabalhar numa sexta-feira, mas hoje estava na inauguração da estátua e no jantar do *lord* e da *lady* Stockley.

Quando estou a subir as escadas para o meu quarto, ocorre-me uma ideia. Pego no meu telemóvel e escrevo uma mensagem, usando uma frase semelhante à que ele usou quando me contou sobre a Brit.

«Não podia deixar de partilhar isto contigo...»

Junto uma fotografia que a Arabella me tirou ao lado da escultura de *lord* Stockley e fico um minuto a olhar nervosamente para o telemóvel. O meu coração dá um salto quando aparecem três pontos.

«Estou muito impressionado», responde ele. «Estás por cá amanhã?»

Decido fingir que não sei de nada. «Sim. Porquê?»

«Estou cá, mas de rastos. Estive a falar com o Ty e estou prestes a ir para a cama. Alinhas num *brunch*?»

«Adoraria. Bem-vindo a casa!»

«Obrigado. No Blue Bar? Às dez? Vou buscar-te.»

«Mal posso esperar.»

Ele envia-me o *emoji* de polegar para cima e fico a olhar para o meu ecrã durante mais vinte segundos.

Terei cometido um erro ao mantê-lo à distância?

A Brit Easton é uma das pessoas mais bonitas que algum dia vi. A fotografia que me vem à cabeça quando penso nela foi tirada na passadeira cor-de-rosa dos Billboard Women in Music Awards, no início deste ano. Está vestida com umas calças pretas elegantes e usa um *top* preto que deixa à mostra a sua barriga perfeitamente lisa, de um castanho cor de caramelo. O cabelo cai-lhe sobre os ombros em tranças pretas brilhantes, decoradas com missangas douradas, o batom vermelho de década de 1940 adorna-lhe os lábios cheios, enquanto as pinceladas de *eyeliner* e as pestanas – que eu espero que sejam falsas, porque ninguém pode ter assim tanta sorte – acentuam os seus olhos verdes penetrantes.

Quando vi esta fotografia, senti-me nauseada. O Finn estava a trabalhar com ela há um mês.

Assim, não surpreende que eu esteja desejosa de tentar parecer o mais bonita possível no sábado de manhã. Porém, apesar dos meus esforços, pareço cansada. O meu sexto sentido manteve-me acordada metade da noite.

Estou a usar um vestido que me chega abaixo do joelho, em verde clássico. Em tempos, o Finn disse-me que eu ficava linda de verde, pelo que a minha atenção foi imediatamente atraída para esta peça do meu guarda-roupa.

Estou encostada ao muro de pedra que acompanha o riacho, à porta de minha casa, quando ele para, e eu vejo através do vidro que ele tem uma expressão estranha no rosto. Os seus lábios estão apertados numa linha reta e há vincos entre as suas sobrancelhas. Quando olha para mim pelo para-brisas, parece atormentado.

Mas os seus lábios dobram-se para cima num sorriso de tamanho razoável, quando abro a porta do passageiro da frente.

– Ei! – exclama ele, inclinando-se sobre a consola central para me dar um abraço. É breve, apenas o suficiente para que eu sinta o ar frio do mar na sua pele, mas o modo como me agarra durante esses dois segundos parece

quase... desesperada.

– És um regalo para os olhos – comenta despreocupadamente. – Que vestido bonito. Parecias saída de um conto de fadas, encostada à parede coberta de musgo, no meio de todos aqueles fetos.

Deixo escapar uma risada, divertida com a sua descrição.

– Obrigada. Também estás muito bem – digo eu, estudando a sua aparência.

O seu cabelo escuro cai-lhe até à nuca, mas, à volta do rosto, está ligeiramente mais curto, acariciando-lhe o maxilar e as maçãs do rosto, parecendo despenteado pelo vento. Os seus olhos são bonitos como sempre, mas agora estão cheios de uma emoção que me custa interpretar quando ele me olha. Têm algo de melancólico, com um toque de saudade. Fico hipervigilante.

– O Michael está a trabalhar hoje? – pergunta ele, e a qualquer outra pessoa isto soaria normal. Mas não a mim. A mim, ele parece-me tenso.

– Sim, acho que sim.

– Estava a pensar em fazer o caminho inverso: estacionar em Chapel Porth, dizer-lhe olá, e depois ir a pé até ao Blue Bar.

– É uma boa ideia.

– Tens muita fome?

– Não, na verdade.

Não tenho apetite nenhum, mas de certeza que me vou sentir melhor quando souber o que se passa com ele.

Ou talvez não.

.

A viagem até Chapel Porth não é longa, mas conseguimos falar do seu voo e também fico a par da situação da sua família no Reino Unido. O Tyler, o Liam e os avós foram passar o Natal a Los Angeles, no ano passado. A Trudy já me tinha contado isso em primeira mão – quando me cruzei com ela, sentiu tanto orgulho em contar que o Finn os tinha levado a todos de avião –, mas foi bom ouvi-lo da perspetiva do Finn. Parece que todos se divertiram. Deve ser um alívio para eles passarem o Natal juntos, longe de St. Agnes e da memória do que aconteceu há tantos anos.

O parque de estacionamento de Chapel Porth já está quase cheio, mas uns surfistas estão a entrar numa carrinha, pelo que temos sorte e avançamos logo. O Michael está ocupado a dar indicações ao carro da frente e não nos vê chegar. Quando saímos do carro, ele já estava a meio caminho da outra zona do parque de estacionamento, mas conseguimos vê-lo com a sua *t-shirt* vermelha e o seu colete de alta visibilidade, a orientar um condutor para um lugar livre. Ele parece estar no seu elemento e não consigo deixar de sorrir quando ele faz um «fixe» com o polegar ao condutor, com um sorriso alegre.

Um Lotus descapotável amarelo-canário entra no parque de estacionamento e o Michael quase entra em combustão espontânea, tal a

excitação. Quando o condutor para para aguardar instruções, o Michael levanta a mão para lhe dar um *high five*.

– Oh, meu Deus! – diz o Finn, com uma súbita incredulidade indignada. – Vê só como ele é simpático com desconhecidos! A mim, costuma tratar-me como se eu fosse algo desagradável que acabou de pisar.

Desato a rir, mas, quando me apercebo de que, na verdade, ele pode estar mesmo um pouco magoado, estendo o braço para lhe apertar a mão.

– Au – digo.

A mão dele continua mole e o meu estômago contrai-se quando desisto do contacto.

O Michael está de costas para nós enquanto nos aproximamos, mas, quando se vira e me vê, seu rosto ilumina-se. E depois olha para lá de mim, para o Finn, e eu espero que sua expressão se transforme na sua repugnância típica, mas isso não acontece.

– Finn! – grita ele, abrindo os braços, e o meu coração incha ao ver o Finn a olhar para mim por cima do ombro do Michael, cheio de espanto e alegria.

– O que é que estás a fazer aqui? – pergunta-lhe o Michael quando se separam do abraço.

– Ia agora com a tua irmã a um *brunch*.

– Venham tomar um chá!

– Contigo? – pergunta o Finn.

– Sim, posso fazer a minha pausa agora.

– Está bem, se tens a certeza de que podes.

Tratamos do talão de estacionamento e depois vou ao café fazer o pedido, enquanto o Michael insiste em apresentar o Finn ao seu patrão. Estão agora no abrigo junto ao café, a conversar, enquanto eu espero que as nossas bebidas fiquem prontas.

O Finn parece diferente, e ao início não consegui perceber porquê, mas agora percebo que engordou um pouco desde o ano passado. Ele tem vinte e sete anos, a mesma idade que eu, e já não é o rapaz *indie* escanzelado. Mas não foi só isso que mudou na sua aparência. Desde quando é que ele deixou de usar *t-shirts* esburacadas e roupa em segunda mão? Hoje veste umas calças de ganga pretas e uma *t-shirt* azul-clara, e nenhuma delas parece gasta. O meu coração aperta-se e volto-me para o balcão, pegando no cartão para pagar.

– Trouxe-te um queque – digo ao Michael, quando chego perto deles.

– Obrigado, maninha! – responde ele, alegremente.

– Queres um pouco? – pergunta ele ao Finn.

– Não, estou bem, obrigado. Não quero perder o apetite.

Ficamos sentados a conversar até o Michael ter de regressar ao trabalho, e depois partimos em direção à praia, para irmos a pé até ao Blue Bar. Mas não consigo deixar de sentir que algo está errado e não me imagino a comer nada até descobrir o que se passa.

– Finn, espera. – Puxo-lhe o pulso quando estamos a passar pelo carro

dele.

– O que foi? – diz ele, virando-se.

– Preciso que me digas o que se está a passar.

– Como assim? – pergunta com cautela.

– Há qualquer coisa de diferente. Entre nós. Ergueste barreiras. Porquê?

Ele olha para mim por um momento e depois os seus ombros descaem lentamente.

– É a Brit, não é?

Ele abaixa a cabeça, e quando seus olhos voltam a fixar os meus, estão cheios de arrependimento.

Uma onda de escuridão abate-se sobre mim.

Ele tira as chaves do bolso e destranca a porta, fazendo-me sinal para que eu entre no carro.

Sentamo-nos nos bancos da frente, com os nossos corpos virados um para o outro.

– Já dormiste com ela? – pergunto num sussurro.

Sei que não tenho o direito de perguntar tal coisa. O nosso acordo foi: *Se tu estiveres sozinho e eu estiver sozinha... Não espero que esperes por mim...* Não fizemos quaisquer promessas, e até eu tive algumas saídas com outras pessoas. Não é culpa dele que elas nunca tenham dado em nada.

Mas o Finn pode ter tido uma ligação com alguém a um nível mais profundo.

Ele não fala. O seu leve aceno de cabeça e a sua expressão de dor dizem tudo.

– Oh, meu Deus! – Viro-me para a frente e inclino-me, enterrando a cara nas mãos.

– Desculpa – sussurra ele.

– É sério? – pergunto, olhando para os meus pés.

Quando ele hesita, endireito-me e olho para ele.

Ele engole em seco, com o rosto pálido.

– Talvez seja – admite.

– Oh, meu Deus! – Volto a enterrar a cabeça nas mãos. – É este o nosso fim?

– Liv – diz ele, arrasado, pousando a mão nas minhas costas.

É tudo o que ele diz, por isso forço-me a olhar para ele novamente. O seu rosto está cheio de sofrimento.

– Ama-la? – Quase que não consigo levar-me a perguntar.

Ele abana a cabeça, mas não é uma resposta à minha pergunta, é mais uma relutância em ir por aí.

– Gosto *tanto* de ti – diz ele. – Sinto a tua falta. Estás sempre no meu pensamento, mas eu quero alguém com quem partilhar os altos e baixos durante o ano todo, não apenas no verão. Até conhecer a Brit, não me tinha apercebido do quanto precisava disso.

– Então, vocês conversam mesmo? Abres-te com ela?

Ele acena com a cabeça e eu acho que isso me custa mais do que saber que ele foi para a cama com ela. Se ele ainda não está apaixonado por ela, para lá caminha, sem dúvida. A mão dela enroscou-se à volta do coração dele e apetece-me chegar lá e afastar-lhe os dedos.

– Porque é que voltaste? – pergunto, com as lágrimas a saltarem dos meus olhos.

– Porque queria ver-te.

– Só para me dizer que acabou?

– Não necessariamente.

Sinto-me encher de esperança quando vejo a expressão do seu olhar.

– Mas não podemos continuar assim – diz ele. – Alguma coisa tem de ceder.

– Então vais voltar para Aggie? – Não sei de onde veio o meu tom sarcástico, mas sinto a raiva a ferver-me nas entranhas.

– Sabes que não – responde ele calmamente.

– Bom, e tu sabes que eu não me posso ir embora.

– Porque não? – pergunta-me ele, e a sua pergunta soa tão razoável que faz com que a minha raiva aumente um pouco mais.

– O que é que queres dizer com «porque não»? Acabaste de ver porque não! A resposta está mesmo ali, no parque de estacionamento!

– O Michael não precisa tanto de ti como tu dizes.

– Não sabes do que estás a falar – murmuro.

– Ele tem mais amigos do que *tu*, por amor de Deus! – irrompe ele, agora irritado. – Ele ficaria ótimo se passasses mais tempo longe daqui!

– Não, não ficaria – contra-argumento.

– Não podes continuar a usar o Michael como desculpa para nunca saíres de cá. Acho que a verdade é que tens medo. Tens medo de sair da tua zona de conforto. Tens usado este lugar como uma muleta desde que os teus pais morreram.

– Isso não é verdade.

Mas ele ainda não acabou.

– Acho que podes até *adorar* a sensação que tens quando me vou embora. Tu própria me disseste que te dedicas à escultura. Aproveita a dor. Precisas dela para trabalhar.

Ele não me está a dar nenhuma informação nova, mas sinto-me indignada por ele ter a ousadia de o dizer.

– Nunca te vi esculpir uma única coisa que viesse de um sítio de alegria. Fiquei contente quando vi a estátua do *lord* não-sei-quantos, porque a sua expressão era animada, mas depois lembrei-me que ele está *morto* e que, provavelmente, também te custou esculpi-lo.

– Como te atreves a dizer-me tal coisa? – grito. – És tão hipócrita! As tuas canções estão cheias de versos sobre a tua juventude, sobre este lugar, sobre a tua infância trágica... Escreves canções com base na tua própria dor e no teu sofrimento praticamente desde que te conheço! Escreves canções

baseadas na *minha* dor e no meu sofrimento! E quantas escreveste quando te sentiste inspirado depois de *me* deixares? Também usas a dor em teu proveito... és exatamente igual!

– Já não me quero sentir mais assim! – grita ele. – Quero ser feliz, Liv! Quero uma vida tranquila! Uma namorada a sério! Uma mulher e filhos, um dia! Quero-te a ti, mas não estás disponível!

Umhas pancadinhas na janela fazem-nos ambos parar e prestar atenção. O Michael está a olhar para nós, com uma expressão muito séria. Eu abro a porta.

– O que foi?

– Porque é que estão a discutir? – pergunta ele em voz alta.

– Não estamos.

– *Eu ouvi-vos!* – grita ele.

– Estamos a ter uma conversa – digo eu, tentando recompor-me. O Finn inclina-se sobre a consola para falar diretamente com Michael.

– A tua irmã acha que não pode sair de St. Agnes – diz ele.

– Finn! – digo, passada. Achei que ele me ia apoiar, e não arrastar o meu irmão para a nossa confusão.

– Porque não? – pergunta o Michael.

Ele já não está a gritar, mas continua a falar alto.

– Porque ela está preocupada em te deixar aqui sozinho – explica o Finn com uma calma notável.

– Eu não estou sozinho – responde o Michael com uma careta, apoiando-se ora num pé, ora no outro, e parece-me tão pequeno ali parado, com apenas um metro e meio de altura, a nadar no seu colete de alta visibilidade.

O Finn lança-me um olhar incisivo.

– Vês?

– Não faças isto – aviso-o furiosamente.

– Onde é que queres ir? – pergunta-me o Michael, perplexo.

– Não quero ir a lado nenhum – respondo.

– Ela está a mentir – diz o Finn, do banco do condutor. – Ela recusa-se a ir a Los Angeles, recusa-se a ir a Itália, até a ir a Londres. Ela não vai deixar St. Agnes e não te vai deixar *a ti*. Ela acha que tem de tomar conta de ti.

– Não tens de tomar conta de mim! – interrompe o Michael com uma expressão de desdém. – Não quero que fiques aqui por minha causa.

Ele está a ficar irritado e eu sinto-me capaz de estrangular o Finn por tê-lo posto nesta situação.

– Está tudo bem, Michael – digo eu, estendendo a mão para pegar na dele. – Está tudo bem. Eu não vou a lado nenhum. Não te *quero* deixar.

– Não! – responde o Michael, furioso, afastando a minha mão. – Tu não tomas conta de mim.

Ele pronuncia cada palavra de forma lenta e clara, tal como os nossos pais lhe ensinaram.

– Sou eu que tomo conta de *ti*! – diz ele. – Tu. És. A. Minha. Irmã. Mais.

Nova.

Fico a olhar para ele em choque.

É assim que ele vê as coisas? Será que sempre achou que estava a cuidar de mim?

Poderá haver alguma verdade nisso?

Ele detestou que eu vivesse em sua casa, mas tolerou-o. E, quando penso em todas as vezes que se arrastou para o almoço de domingo, queixando-se de que não lhe apetecia, ou que preferia estar a ver televisão ou no trabalho, vendo os carros clássicos a entrar no parque de estacionamento, pergunto-me se não terei estado equivocada este tempo todo. Será que era *ele* que me estava a fazer um favor? Será que era *ele* que me estava a apoiar a *mim*? Por achar que eu precisava dele?

O mundo à minha volta sofre um abalo, obrigando-me a olhar para esta situação de uma perspetiva diferente.

Mas mesmo que o Finn e o Michael tenham razão, como é que posso pensar em ir para Los Angeles agora? Mesmo que eu quisesse mudar-me – coisa que *não quero* –, o Finn já se apaixonou por outra pessoa.

Quando me aproximo do banco à beira das falésias que passei a considerar como nossas, o céu muito azul está repleto de nuvens brancas e fofas. Uma figura solitária já lá está sentada, com os ombros curvados e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Não sabia se voltaria a ver o Finn. Exigi que me deixasse diretamente em casa, depois de Chapel Porth – eu estava tão zangada com ele por ter arrastado o Michael para a nossa discussão que nem sequer conseguia olhar para a sua cara, quanto mais passar uma manhã na sua companhia.

Nos últimos dias, derramei muitas lágrimas ao tentar processar tudo o que dissemos. Mesmo que consiga compreender os pontos de vista do meu irmão e do Finn, não sei o que é que isso muda. A escultura está finalmente a dar frutos – não quero começar tudo do zero em Los Angeles, um lugar com o qual não sinto qualquer ligação. Talvez o Michael – e a Rach e a Amy – não se importassem que eu me fosse embora, mas eu importo-me. Parece-me um sacrifício demasiado grande para fazer neste momento. E porque é que tem tudo de se resumir *a mim*? Onde estão os sacrifícios que *ele* fez? Onde estão as cedências?

Ao ver-me, o Finn endireita-se lentamente, com uma expressão sombria mas aliviada. Estende-me a mão, com os seus olhos aflitos a implorarem-me que a aceite.

Dou-lhe a mão. Pode ser a última vez.

Sentamo-nos um ao lado do outro e olhamos para o mar, o verde-esmeralda a fundir-se com o azul gelado. As minhas bochechas já estão molhadas.

É o aniversário da morte dos meus pais, mas as lágrimas que estou a derramar hoje não são por eles.

– Liv – diz o Finn com voz rouca, deslizando o braço à volta dos meus ombros e puxando-me para perto dele.

Anseio *tanto* por ele que me dói horrores. Como é que algum dia poderei sentir o mesmo em relação a outra pessoa?

– Podias ter voltado em qualquer altura do ano, não podias? – digo em voz baixa. – Mas escolheste sempre regressar de modo a estares cá no dia onze de agosto. Achei que ias voltar para as férias escolares.

– Voltei sempre por tua causa. Para esta data. Não se passa por algo assim com alguém para depois se cortarem os laços de ânimo leve.

Recordo aquela noite, lembro-me do Finn sentado ao meu lado no sofá, enquanto os agentes me davam a notícia, a maneira como o abracei e gritei a minha dor, e como ele cancelou o seu voo, ficando ao meu lado até depois do funeral, ajudando de todas as formas que pudesse. Nunca pensei verdadeiramente em como deve ter sido para ele testemunhar a dor de outra pessoa a um nível tão cru e emotivo. É impossível que aquilo não o tenha afetado. Formámos um laço, durante aquele período, um laço que nunca poderá ser quebrado. Teremos sempre esta ligação um com o outro.

Mas eu não quero estar envolvida com ele se ele estiver apaixonado por outra pessoa.

– Fala-me dela.

Sinto-o a ficar rígido sob os meus dedos. Ele não quer ter esta conversa.

– Preciso de saber, Finn. Como é que tudo aconteceu?

Ele suspira e larga-me, evitando o meu olhar.

– Quando se trabalha com um artista, é preciso descobrir o que o motiva, por isso, passámos muito tempo juntos antes de começarmos a escrever. Enquanto bebíamos café em casa dela, conversámos sobre a vida, os encontros e o fim de relações anteriores, tentando encontrar conceitos para canções. É um processo íntimo e foi muito natural, e a Brit permitiu-se ser vulnerável comigo. Ela também teve uma infância difícil, pelo que temos isso em comum. É difícil não sentir qualquer coisa quando se vê alguém escrever letras de canções com toda a sua alma.

Apetece-me apanhar as nuvens de algodão do céu e enfiá-las na boca dele, para o impedir de dizer mais uma palavra que seja. Mas sei que fui eu quem perguntou.

Aposto que ele também se sentiu deslumbrado – uma artista de enorme sucesso como a Brit a abrir-se com ele.

– Ela sabe da minha existência?

Ele engole em seco.

– Sim.

– Ela sabe que vieste cá para me ver?

– Sim.

– E o que é que ela acha disso?

– Ficou muito chateada quando me vim embora.

Isto parece-me surreal. Que a Brit Easton esteja preocupada com os sentimentos que o Finn tem por mim.

– Mas vieste na mesma.

- Não podia deixar de vir.
- Será este o nosso fim? – sussurro.
- Depende.
- De quê?

– Do que tens andado a pensar desde Chapel Porth.

– Se eu me mudasse para Los Angeles, acabavas com ela? – pergunto hipoteticamente, enquanto limpo as minhas lágrimas.

Ele acena com a cabeça, com uma expressão sofrida no rosto.

– Então isto é um ultimato. Ou te mudas para Los Angeles ou acabou-se.

Ele hesita, parecendo dividido, enquanto nos olhamos diretamente.

E depois responde:

– Sim.

– E se eu te dissesse, muda-te para St. Agnes ou perdes-me para sempre?

O que é que fazias?

– É isso que estás a dizer? – pergunta ele, com os seus olhos azuis e verdes desconfiados.

– Não sei! – Não sei se posso correr esse risco. E se ele escolhe a Brit? – Não acredito que estamos a dar ultimatoss um ao outro!

– Isto iria *sempre* acabar em ultimatoss, Liv – diz ele, em tom sombrio. – Achaste que a nossa relação ia simplesmente desvanecer-se? O que nós temos não se desvanece. Eu *nunca* deixaria de te amar.

Os meus olhos arregalam-se e fico a olhar para ele.

– É claro que te *amo*, Liv – diz-me ele, angustiado.

Desato a chorar, curvando-me para a frente, com o meu corpo a soluçar.

Ele puxa-me para os seus braços e eu enterro o meu rosto no seu pescoço, sentindo-o a sacudir-se debaixo de mim, também ele cedendo às suas emoções.

– Eu também te amo – digo-lhe, e ele aperta-me com mais força, os dois com a pele molhada com as lágrimas um do outro.

Mas, à medida que os nossos soluços abrandam e a nossa respiração estabiliza, penso na bifurcação à minha frente: uma estrada em direção ao Finn e a uma vida cheia de incerteza, em Los Angeles, e outra que vem dar diretamente aqui, ao Michael, aos meus amigos, ao Seaglass e a St. Agnes, um lugar que passei a amar com todo o meu coração, e é então que me apercebo de algo.

O amor não chega.

Este verão
O sétimo verão

Ainda me lembro da primeira vez que vi uma foto do Finn e da Brit juntos. Foi em dezembro, vários meses depois de ele voltar para os Estados Unidos, e, segundo a legenda, eles tinham acabado de ir ao Variety's Hitmakers Brunch, em Los Angeles, que celebra as vinte e cinco músicas de maior sucesso nos Estados Unidos – uma das quais a versão que a Brit fez da «We Could Be Giants».

Eles estavam a caminhar ao longo de uma rua cheia de lixo e grafitis, no centro de Los Angeles. O Finn seguia à frente, com seu longo braço esticado atrás dele, e a mão da Brit estava firmemente presa à sua. As suas expressões estavam tensas, porque havia *paparazzi* por perto. Dava para ver como o maxilar do Finn estava cerrado, enquanto ele olhava em diante, o que só fez as suas maçãs do rosto ficarem ainda mais pronunciadas. Com as suas pestanas escuras e o seu cabelo em desalinho, ele estava lindo de morrer. Os olhos da Brit estavam voltados para o chão, os seus caracóis escuros ocultavam-lhe parcialmente o rosto, enquanto ela se deixava levar pelo Finn. Ela tinha o blusão de ganga dele sobre os ombros.

O mesmo blusão de ganga que ele tinha pousado numa pedra para eu me sentar, o blusão de ganga que ele me emprestou quando eu tropecei numa poça, na praia.

Ver aquela fotografia foi lancinante, mas qualquer pessoa que prestasse atenção aos mexericos das celebridades teria ficado intrigada: quem era aquele rapaz de vinte e poucos anos que tinha conquistado o coração da Brit Easton?

Ao longo de janeiro e fevereiro, surgiram mais imagens *online*: fotografias deles na praia, em Santa Monica, a comerem gelado; o Finn nos bastidores do concerto da Brit no Madison Square Garden, a assistir nas alas, com a cara a reluzir de orgulho; apanhados nos semáforos enquanto conduziam, com o Finn ao volante; a saírem de bares, restaurantes, discotecas e concertos.

Sempre que o Finn sabia que estava a ser observado, a sua expressão era cautelosa, mas, quando era apanhado desprevenido, era impossível não ver no seu rosto a adoração que sentia por ela.

Jornalistas e *bloggers* seguiram a história do seu romance, revelando factos sobre como se apaixonaram enquanto escreviam o mais recente disco da Brit.

Em março, quando o seu primeiro *single* foi lançado, entrou diretamente para o topo das tabelas, e quando o seu álbum saiu um mês depois, atingiu o primeiro lugar em cinco países.

Quando vi pela primeira vez as covinhas totalmente vincadas nas bochechas do Finn enquanto ele olhava para Brit, chorei. E, durante todo o mês de maio, não fui capaz de ouvir uma única música que me fizesse lembrar dele. No início de junho, a Brit, que havia sido tão reservada quanto o Finn sobre o relacionamento dos dois, finalmente prestou declarações.

– Estamos muito felizes – disse ela. – Estamos a ver como as coisas correm, desfrutando do tempo que passamos juntos.

Essas palavras fizeram-me ir cortar o cabelo.

Gostaria de dizer que já ultrapassei o Finn. Tive um ano para seguir em frente. Mas, nos meses que se seguiram à sua partida, quando ainda não tinha visto nada na imprensa sobre ele e a Brit, não pude deixar de ter esperança de que ele afinal voltasse para mim.

Agora essa esperança tinha sido aniquilada.

Eu não estava pronta para que ele me deixasse para trás. Achei que nunca estaria pronta para isso.

Mas depois apareceu o Tom.

.

– Tenho saudades da nossa cozinha – murmura o Tom enquanto estamos deitados lado a lado na minha cama, a olhar para o teto e a ouvir duas crianças pequenas a guinchar que nem possessas no apartamento de baixo. O pai delas grita-lhes para fazerem menos barulho, e a sua voz estrondosa ecoa através das tábuas do chão.

Sorrio por ele ter usado a palavra «nossa».

– Também eu.

– O que farias, se um dia tivesses uma família? – pergunta ele. – Converterias os dois pisos novamente numa única casa?

– Adoraria, se tivesse dinheiro para tal.

O Tom só passou três das últimas treze noites no seu quarto na Drifty. Por um motivo ou por outro, acaba sempre na minha cama.

Achei que seria estranho tê-lo aqui, no meu apartamento, no meu quarto, que contém tantas recordações do Finn, mas o Tom parece adaptar-se a qualquer sítio onde esteja. Parece-me natural partilhar o meu espaço com ele. É como se o conhecesse há meses, e não há apenas seis semanas.

Foi por isso que fiquei tão surpreendida com a revelação que o Bill me

fez ontem à noite...

– Acho que encontrámos um novo subchefe de cozinha – disse ele num tom otimista.

– Quem? – perguntei, encantada por saber que se tinha resolvido outro problema.

– O Tom! – exclamou o Bill, com ar de quem achava que era evidente.

Fiquei atordoada e, quando referi que mesmo assim teríamos de encontrar um substituto permanente, o Bill não queria acreditar que eu não sabia que o Tom planeava ficar na Cornualha.

Pensei que era ele que estava confuso, até que me disse que o Tom tinha encontrado um sítio para viver em Perranporth. Também me revelou que o Tom tinha experiência de chefe de cozinha, dos seus tempos na Marinha, outra coisa que eu desconhecia.

Há tanta coisa sobre ele que ainda não sei.

Viro-me na cama e olho para o seu perfil. Um momento depois, ele vira-se para mim.

– Tenho de voltar a Caernarfon, no domingo.

O meu coração dá um salto com as suas palavras e, por um segundo, tenho medo de que o Bill tenha percebido mal, que ele se vá embora.

– Porquê?

– Tenho de embalar as minhas coisas. Parece que a venda da casa vai por diante.

– E depois voltas?

– Sim.

O meu alívio neste momento deve ser tão óbvio como o meu medo de há poucos instantes.

– Como é vais até lá? – pergunto.

– Do mesmo modo que vim.

– Vais trazer um carro no regresso?

– Não.

– E as tuas coisas? – pergunto com preocupação.

– Terei de as mandar vir à parte. A Cara fica com os móveis.

– As tuas coisas caberiam no *meu* carro? Isto é, queres boleia?

Ele fica a olhar para mim.

– A sério?

– Achas que seria desconfortável?

– Em que sentido?

– A Cara vai lá estar?

– Não, ela já se mudou.

Sorriso para ele, mas o sorriso dele desvanece-se e senta-se na cama, com as pernas fora dos lençóis.

– Estás bem?

– Sim, estou – diz ele por cima do ombro, enquanto eu olho para as suas costas lisas e musculadas.

Quando estico a mão para lhe tocar, ele levanta-se e entra na casa de banho, fechando a porta atrás de si.

Ele *não* está bem. Não sei porque é que mentiu.

.

Dois dias depois, ele muda de ideias.

Estamos a tomar o pequeno-almoço na pequena mesa da minha cozinha e ele acaba de me dizer que, afinal, amanhã vai de autocarro e comboio.

– Se não queres que eu te leve, então que tal se te emprestar o carro?

Estou a tentar parecer calma e razoável. Presumo que ele não queira que eu presencie os destroços da sua antiga vida, ou que talvez a Cara, afinal, lá esteja. Ou talvez não me queira sujeitar à viagem.

– Não, Liv, não é preciso – responde ele.

– Tom, é uma viagem infernal. Deves ter demorado umas dez horas a chegar até cá. Porquê passares por isso quando podias fazê-lo em metade do tempo e trazer todas as tuas coisas contigo?

As suas feições estão tensas e ele parece estar a evitar o contacto visual.

– É por minha causa? – pergunto em voz baixa.

– Não, Liv, garanto-te que não é por tua causa – jura ele de forma convicta, estendendo a mão para segurar a minha.

Agora ele procura o meu olhar e sinto-me aliviada ao ver que está a ser sincero.

– Então porque não me deixas levar-te? Podíamos ir amanhã depois do almoço e voltar na terça à noite. Também tenho esses dias livres.

– Obrigado, mas não – responde ele com firmeza, retirando a sua mão da minha e pegando na colher. – Tenho de fazer isto sozinho.

– Bom, nesse caso, vou emprestar-te o carro – digo com determinação, tentando ignorar o que me custou ouvir aquilo.

Penso que estou a ajudá-lo, ao insistir, mas ele bate com a colher na mesa.

– Não quero que me emprestes o carro – diz ele bruscamente, com os olhos a brilhar enquanto empurra a cadeira para trás.

– Porque não? – arranjo coragem para perguntar, quando ele começa a andar pela sala.

– Porque eu não conduzo – responde ele com rispidez.

Fico a olhar para ele enquanto passa a mão pelo cabelo, frustrado.

Fico sem palavras. Mas ele é piloto de helicóptero!

Não é?

Como é que pode *não ter* carta de condução?

E é então que me ocorre: ficou sem ela.

O que terá acontecido?

Excesso de velocidade?

Conduziu sob o efeito de álcool?

Feriu alguém?

Matou alguém?

Será que perdeu o emprego porque matou alguém?

É por isso que ele *está aqui*?

Espera.

Andará fugido à Lei? Ele apareceu cá apenas com uma mochila... *Que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?*

Ele solta um suspiro longo e pesado enquanto vê todos estes pensamentos a percorrerem-me o espírito.

– Duvido muito que seja alguma das coisas que estás a pensar – diz ele com seriedade, a sua voz parecendo extremamente cansada enquanto se senta de novo à mesa e esfrega o maxilar.

– Porque é que não me podes dizer, simplesmente? – pergunto baixinho, enquanto ele desvia o olhar.

Um momento depois, ele volta a fitar-me, com os seus olhos castanhos dourados cheios de resignação.

– Porque isso vai mudar as coisas entre nós. E não estou preparado para isso.

Estou tão baralhada.

Ele suspira e estende a mão, um gesto conciliatório. Fico a olhar para ela durante alguns segundos, antes de unir a minha palma à dele. Ele passa o polegar sobre os nós dos meus dedos.

– Encontrei um sítio para ficar, em Perranporth.

Até que enfim que me conta!

– O Bill perguntou-me se eu estaria interessado no lugar de subchefe de cozinha. Eu disse que conversaria contigo.

– Ele já me tinha falado nisso – confesso, olhando para o polegar dele, que faz um percurso lento para trás e para a frente.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Não disseste nada.

– Estava à espera de que tu o fizesses.

Passam cinco segundos antes de ele falar.

– Deixa-me só tirar o País de Gales do caminho.

– E depois? – pergunto eu.

– E depois falamos.

Engulo e aceno com a cabeça. Depois, levanto-me e tiro o meu prato da mesa do pequeno-almoço.

Não comi nada.

Enquanto o Tom está fora, faço algo de que rapidamente me arrependo: procuro-o na Internet.

Não consigo encontrar nada que me dê pistas sobre o motivo pelo qual ele terá perdido a carta de condução, mas encontro um artigo sobre ele no emprego. E a ideia de que alguma vez duvidei da sua afirmação de que é piloto de helicópteros faz-me sentir profundamente envergonhada. Sinto que traí a sua confiança e continuo sem saber de quaisquer segredos obscuros que ele possa ou não estar a esconder.

Agora, é quarta-feira de manhã e acordei de madrugada, com a cabeça a mil à hora.

Terá acontecido algo de mau quando ele estava a trabalhar? O artigo referia o terreno difícil que ele tem de cobrir, à volta do Parque Nacional de Snowdonia, e também no mar, aproximando-se de falésias e barcos, aterrando em locais estreitos nas montanhas. Muitas coisas podem correr mal, e talvez muitas tenham corrido. Estará ele a sofrer de perturbação de stress pós-traumático?

Gostaria de que a minha mente parasse de pensar em tudo isso. Ele falará comigo quando estiver preparado e, até esse dia chegar – e tenho de me conformar com o facto de que talvez nunca chegue –, tenho de respeitar a sua privacidade.

Sobre a mesa de cabeceira, o meu telemóvel acende-se. Saio da cama e abro a mensagem que acabou de chegar. O meu coração dá um salto quando vejo que é dele.

«Estou de regresso. Mandas-me uma mensagem quando acordares?»

Digito de volta: «Estou acordada! Onde estás?»

Ainda são cinco e meia da manhã. Quando é que ele chegou à Cornualha? Ontem à noite? Ele disse que iria diretamente para Perranporth, para se instalar. Reservou uma estadia de três semanas numa autocaravana,

num parque de campismo, que não é bem o alojamento permanente que o Bill pensava, mas era o que havia disponível, pelo que se vai aguentar por lá até à primeira semana de agosto.

«Na praia. Em St. Agnes.»

«Estou aí em dez minutos!»

O meu telemóvel começa a tocar. É o Tom.

– Estou?

– Ou posso ir eu ter contigo – sugere ele, e o som do seu divertimento afetuoso e profundo envolve-me o peito.

– Isso é uma opção? – pergunto sem fôlego.

– Estou aí em dez minutos – diz ele, repetindo as minhas palavras.

Vou diretamente para a casa de banho e lavo os dentes.

Nos dois minutos que passo junto à porta aberta do meu apartamento, à espera dos passos do Tom, tenho a sensação surreal de não me lembrar do seu aspeto. Mas depois vejo a sua cara linda aparecer através dos painéis de vidro da porta principal e o meu estômago dá cambalhotas.

Ele esboça um pequeno sorriso, os seus olhos de mel olham para mim com uma ligeira cautela enquanto dou um passo em frente para o deixar entrar. Não fez a barba desde que se foi embora, há três dias, tem o cabelo louro-escuro desgrenhado e traz a mochila preta e a mesma camisola com capuz cinzento-carvão que trazia quando era apenas um estranho para mim. Eu deveria sentir-me intimidada com a sua altura e largura – ele é tão alto, tão forte. Deveria ter cuidado, sabendo que ele esconde segredos. Ainda não sei porque é que está na Cornualha, porque é que não está a trabalhar como piloto de helicópteros, e porque é que não tem carta de condução. Ainda não percebi bem porque é que a relação dele acabou, ou porque é que ele parece querer deixar o País de Gales. Ele é um enigma sob tantos aspetos e, no entanto, agora que está diante de mim, consigo sentir o meu coração a aproximar-se do dele, ansiando por eliminar todo o espaço entre nós.

Tenho de fazer um grande esforço físico para me afastar sem lhe tocar, mas passo para a área ao fundo da minha escada, para permitir que ele feche as duas portas silenciosamente atrás de nós.

Não subo logo as escadas, como habitualmente faria, talvez porque *deseje* estar num espaço confinado pequeno com ele. Na escuridão, sem luzes acesas e sem janelas, o ar à nossa volta parece carregado de eletricidade.

Deslizo as minhas mãos pelo seu peito e pelos seus ombros, e ele baixa as suas mãos até à minha cintura, puxando-me gradualmente contra as suas ancas. O meu coração dispara quando ele desce a sua boca até à minha.

O nosso beijo é lento e profundo. Sinto arrepios ao longo da coluna, e as minhas pernas transformam-se em gelatina. Tento tirar-lhe as alças da mochila dos ombros, mas está demasiado pesada. Ele afasta-se de mim abruptamente, num gesto que mais parece um íman a ser separado do outro, e larga a mochila no chão. Depois, somos novamente sugados um para o outro, com os corpos alinhados.

Mal há espaço suficiente para eu atacar os botões das suas calças de ganga, mas estou determinada. Enquanto as suas mãos me acariciam as coxas, apanhando a bainha do vestido de verão que vesti, apercebo-me vagamente da areia nas pontas dos seus dedos, mas depois a única coisa a que presto atenção é aos seus dedos e ao seu suspiro quente na minha boca quando ele percebe que não estou a usar roupa interior.

Ele tira total partido da situação e, passado menos de um minuto, estou a gritar desesperadamente na sua boca:

– *Quero-te.*

– Não tenho proteção. – A sua resposta é gutural, arfante, enquanto continua a tocar-me.

– As minhas análises estão limpas. As tuas também? – As palavras saem-me confusas. Estou de cabeça perdida.

– Sim. E quanto à contraceção?

– Está assegurada, da minha parte.

Ocorre-me vagamente por que motivo perguntou, se não pode ter filhos, mas depois distraio-me com os seus braços fortes, que me levantam, me viram e me deitam suavemente nas escadas. Um momento depois, somos um só.

.

Quando terminamos, esforço-me por recuperar o fôlego. Foi tão sensual, tão inesperado. Ele ainda está dentro de mim e sinto e ouço o seu riso tranquilo no meu pescoço.

– Espero que os teus hóspedes usem tampões nos ouvidos, para dormir.

– Oh, merda!

A escada passa mesmo por cima da parede do quarto principal, por isso, os meus hóspedes estão mesmo por baixo de nós.

– É para compensar por todos os acordares matutinos que tivemos de suportar – sussurro, abafando as gargalhadas.

A família que cá tem estado hospedada nos últimos dez dias inclui dois jovens particularmente barulhentos, mas é a voz ribombante do pai, e os seus berros repentinos, o que deixa os nervos em franja.

– Subimos? – murmura o Tom.

Eu aceno com a cabeça, ainda encostada a ele. Não quero que ele me largue e, para minha surpresa, não o faz. Pega em mim e carrega-me pelas escadas acima, até ao meu quarto, deixando a mochila onde a largou. A sua força deixa-me tão excitada.

– Apetecia-me tomar um duche – diz ele, fechando a porta atrás de nós com o pé.

– Também a mim.

Então, ele leva-me até à casa de banho antes de me pousar suavemente e esticar o braço até à torneira. Nos minutos que se seguem, tenho o enorme prazer de ensaboar o seu corpo e de lhe tirar a areia da pele. Ele parece sentir o mesmo prazer em tratar de mim.

– Não foi assim que imaginei voltar a ver-te – diz-me ele depois do duche, já na cama, nus, com os braços e as pernas entrelaçados.

A sua voz é surpreendentemente calma e contemplativa.

– Não?

– A minha ideia inicial era ir diretamente para Perranporth e pôr as minhas coisas em ordem.

– Não o fizeste?

Ele planeava lá ficar a noite passada.

– Não, vim diretamente para aqui.

– Não conseguiste ficar longe.

– Não consegui – concorda ele.

– Sentiste-te compelido a desenhar na areia outra vez?

Não me esqueci da areia nos dedos dele.

– Não, senti-me compelido a ver-te. Desenhar na areia foi apenas para matar o tempo.

Sorrio contra o seu ombro.

Ele baixa a mão e acaricia-me a bochecha, levantando-me gentilmente o queixo para que eu o encare.

– Estou a apaixonar-me por ti, Liv – diz ele suavemente, com seriedade.

O meu coração quase me salta do peito enquanto fito os seus olhos, que brilham de emoção. Antes que eu possa abrir a boca para responder, ele continua:

– E isso assusta-me imenso.

– Também me estou a apaixonar por ti – digo, na esperança de o tranquilizar, de lhe dizer que estamos nisto juntos.

– Isso é ainda mais assustador.

A sua admissão, juntamente com o súbito olhar assustado no seu rosto, faz-me ficar imóvel.

– Porquê? – pergunto com cautela.

– Temos de falar.

– Estás a distanciar-te das árvores – constato com surpresa, quando chegamos à praia.

O Tom perguntou-me se eu estaria disposta a dar um passeio com ele, apesar de ainda serem apenas sete da manhã.

Se ele está finalmente pronto para se abrir comigo, irei com ele quando e onde quiser.

– Nunca tencionei que fossem uma série. Simplesmente, gosto de desenhar – diz ele com um sorriso doce, estendendo a mão para me ajudar a descer a rampa para barcos.

A maré levou muita areia, pelo que o nível da praia desceu. Neste momento, o ribeiro está a verter-se diretamente sobre rochas e seixos, pelo que faltam as marcas na areia que sempre me farão pensar na macieira do Tom.

– Há algum motivo para o alfabeto? – pergunto enquanto caminhamos por diferentes versões de *A*, *B* e *C*. Algumas são maiúsculas, outras minúsculas, algumas parecem estar em negrito, enquanto outras estão em itálico. Parecem tão perfeitas, todas elas, que podiam estar impressas.

– Não é o alfabeto – responde ele.

Hm... aos meus olhos, parece mesmo um alfabeto, penso eu, olhando em frente para os *D*, *E* e *F*, e ainda mais longe para os *L*, *M* e *N* que se prolongam e se entrelaçam uns com os outros à nossa volta. Mas depois começo a reparar noutros símbolos gravados na areia, símbolos que parecem um *x* que foi unido de um dos lado para parecer quase um *a*; outro símbolo que é uma cruz entre um *8* e um *S*, e outro que parece um *T* caído de bêbado.

– O que é então? – pergunto eu, intrigada.

– Símbolos aeronáuticos.

– Sorrio para ele e aponto para um *V* maiúsculo em itálico.

– O que é que significa aquilo?

- Velocidade.
- E isto? – Um *h* minúsculo inclinado.
- Altitude acima do nível do mar.
- Céus, como o adoro!

Talvez ele consiga ver o calor nos meus olhos, porque a sua voz torna-se baixa e sedutora.

– E isso – diz ele, sabendo que vai mexer comigo – é sinónimo de *impulso*.

Começo a rir-me.

O Tom sorri, mas consigo ver a preocupação no fundo dos seus olhos encantadores. Ele acena-me com a cabeça em direção à ruínas do velho porto, que mais parecem blocos de *Jenga* derrubados, e começamos a caminhar por cima da sua tela.

– Já não sou um piloto de helicópteros, Liv – diz ele calmamente. – Despedi-me do meu emprego há alguns meses.

O meu peito contrai-se porque acho que não era isso que ele queria, a julgar pela sua expressão destrocada. Fico à espera que me diga o motivo.

Sentamo-nos lado a lado, numa parte da antiga muralha do porto. A rocha plana e larga está fria e húmida, do ar marítimo, e fico contente por ter escolhido umas calças de ganga e uma camisola para vestir, antes de sairmos de casa.

Ele olha para mim diretamente.

– Lembras-te de quando me perguntaste se eu era filho único?

– Sim.

Foi quando estávamos a falar de como ele costumava vir para a Cornualha, em miúdo, e daquela vez em que ficou com o avô durante seis semanas, enquanto os pais estavam a passar por uma fase difícil no casamento. Mas não faço ideia da relevância que isso possa ter para o caso.

– Não te contei a verdade toda. Eu tive um irmão mais velho, que nunca conheci. Morreu durante o sono, aos dez meses de idade. Os médicos disseram que foi a síndrome da morte súbita do bebé.

– Coitados dos teus pais – murmuro, virando-me mais para ele.

– No final do ano passado, o meu pai teve uma paragem cardíaca. Sobreviveu, mas teve episódios de desmaio antes do enfarte, que foi exatamente o que aconteceu ao meu avô, antes da sua própria morte por paragem cardíaca.

A minha testa franze-se enquanto espero que ele continue. A sua expressão é grave.

– Acontece que o meu pai tem uma doença cardiovascular que afeta a forma como o seu coração bate. Esta doença pode causar arritmias, batimentos cardíacos rápidos e irregulares, bem como desmaios e, em certos casos, convulsões. Normalmente, o ritmo cardíaco é reposto ao fim de poucos minutos e a pessoa recupera a consciência. Mas, nos casos do meu avô e do meu pai, o coração continuou a bater de forma anormal e eles entraram em

paragem cardíaca. O meu avô estava sozinho, mas o meu pai estava com um amigo que, felizmente, sabia fazer reanimação cardiopulmonar e conseguiu pôr o seu coração novamente a funcionar. Mais tarde, foi-lhe diagnosticada a síndrome do QT longo, SQT.

– Nunca ouvi falar.

– É uma doença rara – continua ele, fazendo uma pausa antes de acrescentar: – É também hereditária.

Fico a olhar para ele, com o sangue a gelar. Estendo o braço e pego nas suas mãos, sentindo os nervos à flor da pele.

– É provável que tenha sido essa a verdadeira causa de morte do meu irmão – diz.

– Também a tens? – Faço a pergunta com uma forte inspiração, subitamente abalada, como se estivesse prestes a chorar.

– Não sei ao certo – admite ele suavemente, permitindo-me aproximar as suas mãos do meu colo. – Mas acho que sim.

– Tiveste algum sintoma? – Custa-me fazer a pergunta com o súbito nó que tenho na garganta.

– Desmaiei há cinco meses.

Fico de boca aberta.

– E, nesse mesmo dia, deixei de pilotar – continua. – A ideia de poder desmaiar na cabina durante um voo... Não precisei de receber um diagnóstico para saber que nunca mais me arriscaria a voar.

– Mas agora já fizeste os testes de diagnóstico?

Ele abana a cabeça.

– Porquê? – pergunto eu, alarmada.

– Não estou preparado. Essa é outra razão pela qual eu e a Cara nos separámos.

Eu tinha aberto a boca para começar a falar, mas calo-me. Deixo que isto seja uma lição para mim.

– Ela também não conseguiu lidar com o facto de a SQT ser hereditária. Tanto quanto sei, posso ter filhos, mas eu disse-lhe que não me arriscaria a passar isto a uma criança. Muitas pessoas continuam a ter filhos, e essa é uma escolha sua, mas eu não seria capaz.

– Há algum tratamento para a síndrome?

Ele acena com a cabeça.

– O meu pai está a tomar beta-bloqueadores e, a dada altura, é provável que lhe seja colocado um DCI.

– O que é que é isso?

– Um desfibrilhador cardioversor implantável, um pequeno dispositivo eletrónico ligado ao coração e que monitoriza os batimentos cardíacos. Pode reiniciar o coração se este entrar em paragem cardíaca súbita.

Ele sabia a resposta àquela pergunta aleatória sobre o *pacemaker* natural do coração, na nossa primeira noite de *quiz*. Será que a pista esteve sempre debaixo do meu nariz?

– Também podes ter um desses? – pergunto, com esperança.

Ele abana a cabeça.

– Na maioria dos casos, só são implantados em pessoas que já sofreram uma paragem cardíaca.

– Então, o teu coração pode simplesmente parar? – Sinto capaz de vomitar.

Ele acena com a cabeça.

– O stresse, o exercício físico ou o choque podem desencadeá-lo. Pode até ser provocado por um ruído súbito, como o disparo de um alarme, e pode acontecer durante o sono, se o coração abrandar.

A partir de agora, vou estar sempre vigilante. E vou desligar todos os meus alarmes.

– Também pode acontecer enquanto se nada – diz ele. – E, claro, corre-se um maior risco de afogamento se se desmaiar na água.

– Nunca mais voltas a entrar na água – digo com firmeza, contente por ele não ter entrado no mar desde que chegou, pelo menos que eu saiba.

A sua expressão suaviza-se.

– Felizmente, não sou fã de nadar em águas frias.

Solto um pequeno suspiro de alívio.

– Mas não quero mudar a minha vida, Liv. Não quero evitar fazer exercício ou mesmo nadar se me apetecer, e não quero viver com medo de ruídos altos ou sobressaltos. A vida é demasiado curta, na melhor das hipóteses, e tenciono vivê-la o mais plenamente possível. E há muitas pessoas com SQTL que têm vidas longas, realizadas e felizes. Já não posso ter o meu emprego de sonho, e vou ter de me habituar a isso. – Os seus olhos começam a brilhar e ele desvia o olhar e aclara a garganta. – Mas quero viver à minha maneira, sem que ninguém me diga o contrário. Posso morrer amanhã, independentemente de ter ou não esta doença.

As suas palavras fazem-me pensar nos meus pais.

– A Cara, os meus pais e os meus amigos mais chegados têm insistido muito comigo para fazer os exames, tomar medicação e mudar a minha maneira de viver. Foi por isso que precisei de fazer uma pausa. Precisei de distância de todos eles, para ter alguma paz e sossego e para pensar. E depois conheci-te. E assusta-me estar a arrastar-te para esta minha confusão, Liv. Compreendo que te queiras afastar.

Inclino-me para a frente e dou-lhe um beijo nos lábios, para o calar.

– Não me vou embora – digo com firmeza, com as lágrimas quentes a picarem-me os olhos. – Talvez eles não consigam compreender que queiras viver cada dia como se fosse o último. Mas eu consigo.

– Ora então... – digo num tom que parece que estou a falar com uma criança muito pequena, quando, na verdade, estou ao colo do Tom, no sofá de um Seaglass deserto, e a olhar para a sua cara muito divertida. – Acontece que eu te amo. E acontece que tu me amas. – Inclino a cabeça para o lado e ele faz-me a vontade, acenando com a cabeça em sinal de assentimento.

Dissemos essas palavras um ao outro há uma semana e os meus sentimentos por ele só se tornaram mais fortes desde então.

– E eu quero passar todos os minutos que puder contigo, e tu queres passar todos os minutos *comigo*! – digo com alegria. – Por isso, não faz sentido nenhum que estejas à procura de outro sítio para viver, quando já tens o sítio perfeito ao teu alcance.

A sua estada de três semanas no parque de férias em Perranporth está a chegar ao fim.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Estás a convidar-me para ir viver contigo, Liv?

– Porque não? Já estás praticamente a viver comigo. Aquela autocaravana foi um puro desperdício de dinheiro.

Ele sorri, mas os seus olhos estão sérios.

– Só nos conhecemos há dois meses.

– E então? A vida é para ser aproveitada, certo? – O meu coração contrai-se quando o digo, e certamente que o Tom terá visto o lampejo de dor que me atravessou o rosto por instantes, mas tento disfarçá-lo com um sorriso despreocupado.

Tenho estado a fazer isto nas últimas três semanas. Seria de esperar que a esta altura já tivesse melhorado.

– Amo-te – murmura ele, pressionando um beijo suave nos meus lábios para que eu saiba que ele aprecia que eu me esteja a fazer de forte.

A última coisa que ele na sua vida quer é uma mulher nervosa, a

lembrar-lhe constantemente de que ele pode – *Oh, céus!* – literalmente cair redondo a qualquer momento.

O sangue gela-se-me nas veias quando este facto me atinge mais uma vez. O stresse de tentar esconder-lhe os meus medos pode muito bem ser o *meu* fim.

Afasto-me dos seus lábios e olho para ele.

– Então, vamos buscar as tuas coisas e trazê-las para a minha casa.

Ele sorri e baixa a cabeça, dizendo para a cavidade na base do meu pescoço

– Há outras coisas que quero fazer primeiro.

As suas mãos percorrem um caminho lento pelas minhas coxas, provocando arrepios nos meus braços.

Decido deixá-lo fazer o que quiser comigo. Por estes dias, ele consegue safar-se com praticamente tudo.

.

Depois de o Tom me ter contado toda a verdade sobre o porquê de estar aqui na Cornualha, tive dificuldade em largá-lo por um segundo que fosse. Ele veio em busca de paz e sossego, mas vai cá ficar porque se apaixonou por este sítio.

E porque se apaixonou por mim.

Que ele queira começar de novo *aqui*, que tenha escolhido St. Agnes, de entre todas as aldeias, vilas e cidades do mundo, preenche-me de uma forma que eu não sabia que precisava.

Doía-me tanto sempre que o Finn virava as costas à Cornualha, me virava as costas a mim.

Na maior parte do tempo, tenho conseguido esquecê-lo, mas, por algum motivo, ele tem-me vindo ao pensamento com frequência, ultimamente. Não com mágoa, embora ainda me custe saber que ele seguiu em frente, mas passei a encarar o nosso relacionamento de forma mais analítica.

O Finn ajudou-me a ultrapassar o período mais negro da minha vida. Ele foi forte para mim quando eu estava mais em baixo, voltando ano após ano e ajudando-me a manter-me firme. Ele foi o cipreste italiano da minha macieira murcha, e irei amá-lo sempre por isso.

Estou muito orgulhosa dos seus feitos. Ele está a sair-se tão bem, e merece ser feliz. E merece estar com outra pessoa que também seja feliz.

Parece-me um pouco irónico que a minha vida esteja a correr tão bem – tanto mental como profissionalmente –, no preciso momento em que ele já não está cá para o testemunhar. Ele ajudou-me a estender as minhas asas, mas foi outro homem que me viu voar.

Parte do que adoro na minha relação com o Tom é o facto de ela ter começado a partir de um sítio de força. Já não sou uma sombra de mim mesma, paralisada pela dor e pelo luto, e não estamos cada um a puxar para seu lado. Gosto de saber que sou suficientemente forte para o apoiar se ele

precisar de mim.

Espero que o Finn saiba o quanto valorizo o amor e o apoio que *ele* me tem dado ao longo dos anos. Espero que ele saiba que lhe estarei sempre grata.

Um dia, vou dizer-lho, embora não saiba quando. Ele acabou por responder ao convite para o casamento da Amy e do Dan, dizendo que não podia vir – está no estúdio com outro artista e não consegue sair.

Sinto emoções tão contraditórias em relação a isto. Por um lado, não quero estar perto dele – ainda me sinto ferida e não gostaria que a atmosfera ficasse desconfortável no casamento, especialmente com a presença do Tom.

Por outro lado, não consigo imaginar-me a passar um verão inteiro sem ver a sua cara.

.

Ainda penso muito no Finn quando vou à inauguração da minha estátua de arte pública.

Foi ele quem me deu a ideia para esta peça, naquele dia em Chapel Porth. As suas palavras ressoaram na minha cabeça durante semanas: *Nunca te vi esculpir uma única coisa que viesse de um sítio de alegria.*

Então, um dia, caiu-me a ficha.

Foi um inferno fazê-lo posar para mim durante várias horas por dia, meses a fio, e depois disso ele jurou que nunca mais queria ver a minha cara, mas, agora, quando tenho o meu irmão à minha esquerda e, à minha direita, a sua efígie de bronze em tamanho real, posso dizer que cada segundo valeu a pena.

Pelo menos, para mim. O Michael está com um ar completamente indiferente.

Uma instituição de beneficência relacionada com a síndrome de Down fez-me a encomenda, depois de eu ter tido a iniciativa de a abordar. Concordaram com o meu argumento de que precisávamos de mais estátuas que representassem grupos minoritários, e deram-me luz verde para começar a angariar fundos. A Arabella ajudou, e o *lord* e a *lady* Stockley fizeram um donativo generoso. Agora, a estátua de Michael foi erguida num espaço verde, mesmo em frente à sede da instituição beneficência. E, uma vez que «alegria» foi uma palavra que esteve sempre presente durante o processo, decidi esculpi-lo no seu estado mais feliz, com um grande sorriso no rosto.

O que é engraçado, porque, neste momento, ele está a fazer um gesto de desagrado e a fazer que não com a cabeça ao fotógrafo de imprensa.

– Diz «queijo», Michael! – peço-lhe eu com um sorriso.

– «Queijo!» – diz ele cheio de sarcasmo e com um revirar de olhos exagerado.

– Imagina que um Aston Martin DB acaba de entrar no parque de estacionamento de Chapel Porth – diz o Tom.

O Michael ri-se com a sugestão do Tom, o que também me faz sorrir. O

fotógrafo oficial tira rapidamente mais algumas fotografias.

O Michael passou dos *thrillers* de assassinos em série para os filmes de ação e espionagem, e está neste momento a ver todos os filmes do James Bond. Estes são muito mais a minha cena do que as coisas sangrentas que ele costumava ver, portanto, eu e o Tom temos visto alguns com ele, de vez em quando, e diverte-me ver as suas reações a todos os carros espetaculares.

O Michael tem-se afeiçoado muito ao Tom, nas últimas semanas. Claro que ajuda o Tom também ser um entusiasta de carros, além de conhecer todos os modelos de aviões que aparecem no ecrã. Há duas semanas, juntámo-nos para ver o *007 Spectre*. A dada altura, o vilão, interpretado por Christoph Waltz, vai num elegante helicóptero preto. Quando o viu, parou de comer pipocas e olhou para o Tom.

– É um Eurocopter AS Dauphin N – disse o Tom sem pestanejar, enquanto Daniel Craig e Léa Seydoux perseguiam o vilão pelo Tamisa numa lancha rápida. – Anteriormente conhecido como Aérospatiale SA Dauphin – acrescentou.

– Como é que *sabes* isso? – O Michael estava estupefacto.

– Fui piloto de helicópteros – respondeu o Tom com um encolher de ombros.

Estávamos os dois aninhados num sofá, enquanto o Michael tinha o outro só para si. Fiquei tensa, mas o peito do Tom manteve-se relaxado sob a palma da minha mão, com as suas pernas compridas esticadas e cruzadas nos tornozelos e com os pés apoiados na mesa de centro.

Entretanto, o Michael tinha-se levantado, e estava de queixo caído.

– Foste piloto de helicópteros? – perguntou ele com espanto.

– Sim.

Depois disso, o Michael pôs o filme em pausa e exigiu saber todos os modelos de aeronaves em que o Tom já tinha estado.

Mais tarde, quando finalmente chegámos a casa e nos deitámos, o Tom confessou que tinha sido bom falar sobre voar sem sentir a pressão de ter de explicar porque é que já não podia.

Foi um belo momento de ligação entre eles.

*

Já acabámos de tirar as fotografias, mas ainda tenho de dar algumas entrevistas curtas a jornalistas da imprensa regional. Pelo canto do olho, vejo a Rach a dar um abraço ao Michael. Ele é todo sorrisos e mimos, agora que já não tem de posar para o fotógrafo.

Estou tão grata aos meus amigos por terem feito a viagem até Middlesex comigo. O Dan e a Amy também vieram, apesar de só faltarem três dias para o casamento. O Tom está a conversar com eles, provavelmente a oferecer-se para ajudar em qualquer trabalho de última hora, se bem o conheço.

Ele vê-me ao longe e sorri, e eu esqueço-me momentaneamente do que estava a dizer.

Assim que me liberto dos meus deveres, vou ter com ele.

Ele puxa-me para os seus braços e diz-me ao ouvido:

– Estou absurdamente orgulhoso de ti.

Afasto-me e beijo-lhe a bochecha, reparando que o Dan e a Amy nos observam, sorridentes.

A Amy ficou radiante quando soube que eu e o Tom marcámos uma viagem a Londres, para lá passarmos umas noites, na próxima semana. É uma coisa importante, pois será a primeira vez que estou longe do Michael em vários anos. O meu coração derreteu-se quando o Tom me perguntou se eu queria convidá-lo também. Não quis, de todo.

Primeiro, o Michael não teria gostado – da última vez que o arrastei para uma galeria, ele levantou-se e declarou em voz alta que era: «Uma secaaaaaaa!»

Segundo, eu quero passar umas noites fora com o Tom, a sós. A ideia de poder passear por galerias e museus de mãos dadas, partilhando a minha paixão com alguém que a compreende e aprecia... mal posso esperar.

Estou contente por ter algo pelo qual ansiar, algo que me faça esquecer o facto de que este domingo é o aniversário da morte dos meus pais, e agora tenho a certeza de que o Finn não voltará nesta data.

Ano após ano, durante cinco anos, ele voltou infalivelmente, mas agora apaixonou-se perdidamente por outra mulher. E não é uma mulher qualquer. Como é que eu algum dia poderia competir com a Brit Easton?

Eu costumava sonhar com o Finn a deixar a Brit, a voltar para mim, implorando que o perdoasse, dizendo-me que se mudaria para St. Agnes por mim.

Agora, quando imagino tal cenário, sinto um calafrio. O que faria se tivesse de escolher entre o Finn e o Tom? Eu e o Finn temos tanto passado em comum – teria eu forças para lhe virar as costas?

Decido que não adianta ficar stressada com um cenário que nunca se irá concretizar.

Uns dias depois, a Amy e o Dan dão o nó. Eu e a Rach somos damas de honor, e esforço-me por não chorar enquanto eles dizem os seus votos. Fico espantada sempre que penso que eles se conhecem desde o liceu e que um caso de verão, aos vinte e dois anos, os levou a declarar o seu amor eterno.

Escolheram casar na Igreja Paroquial de St. Agnes e, durante a maior parte do tempo, consigo pôr de lado as minhas memórias do funeral dos meus pais, há seis anos. Pelo menos, o copo-de-água não vai ser no mesmo sítio do encontro pós-enterro. O Chas fechou as portas do Seaglass ao público esta noite para poder acolher a festa de casamento do sobrinho, o que é coisa de monta, pois é um sábado de agosto. Ele regressou da sua viagem à volta do mundo há alguns dias e foi imediatamente para trás do balcão.

– Meu Deus, que saudades que eu tive deste velho estaminé – disse ele, de mãos apoiadas no tampo do balcão. O seu rosto estava cheio de amor e admiração enquanto olhava à sua volta, e depois fitou o mar com uma expressão melancólica.

Achei que se sentiria menos nostálgico quando voltasse a passar pela loucura dos *cocktails* de sexta-feira à noite, mas pareceu gostar da adrenalina da noite passada.

Espero que ele leve as coisas com calma, mas sinto-me melhor sabendo que agora já consigo fazer reanimação cardiorrespiratória, se for preciso. Fui a casa da Rach, dias depois de o Tom se ter aberto comigo, e pedi-lhe que me ensinasse. Ela também me explicou como utilizar o desfibrilhador comunitário.

Derramei muitas lágrimas no sofá da minha amiga, nesse dia.

O Tom está sentado com a Ellie, na igreja – estávamos na noite de *quiz*, há duas semanas, quando o Dan e a Amy o convidaram para o casamento. O Dan tinha acabado de me chamar à parte e de me dar um abraço rápido, sussurrando-me ao ouvido:

– É bom ver-te feliz.

Pouco antes disso, tinha tido um momento surreal quando reparei que a Amy e a Rach trocavam olhares suspeitos enquanto eu contava uma história e me ria. O Tom e eu tínhamos estado na praia nesse dia e havíamos feito pequenos desenhos de animais na areia. Eu acabara de lhe contar sobre o Brendan e as suas criações de espuma de café, por isso ele estava a tentar competir. Quando chegou a altura de desenhar um elefante, ele fez uma tromba tão comprida que eu caí para o lado de tanto rir. Por alguma razão, a Rach e a Amy não estavam a achar a minha história tão engraçada como eu pensava, e foi então que me apercebi de que a *The Boys of Summer*, a versão mais roqueira e mais dura dos Ataris, estava a tocar nas colunas. É muito parecida com a versão que os Mixamatois tocaram na sua última noite com o Finn como vocalista. As minhas amigas estavam à espera que eu reparasse.

– Amy, vou ficar bem com quaisquer músicas que escolheres para a *playlist* do teu casamento – tranquilizei-a com um sorriso, apertando-lhe a mão.

– Vou evitar a Brit Easton – prometeu ela.

– Bom, *isso* eu agradecia.

.

Sáímos da igreja e deparamo-nos com um céu azul límpido. Os sinos da igreja repicam e ouvem-se em toda a St. Agnes. Os transeuntes param para observar enquanto salpicamos a bela noiva e o belo noivo com pétalas de rosa. A Amy está vestida com um vestido branco simples com um elegante decote em caracol e o Dan está lindíssimo num fato cinzento-escuro.

A Rach também está de fato cinzento, embora num tom mais claro do que o de Dan, a mesma cor usada pelos padrinhos, Tarek e Chris. Ela estava tão grata à Amy por não lhe ter pedido para usar um vestido.

Eu estou num longo e fluido vestido verde-esmeralda com sandálias douradas de salto muito alto, e o Tom está a usar um fato azul-marinho. Fui com ele comprar o fato e quase me sinto envergonhada por ele estar tão *sexy* neste momento. Tom é muito alto e o corte fino do casaco faz com que os seus ombros pareçam ridiculamente largos.

Não pensei nas colinas íngremes quando escolhi estes saltos, mas o Tom mantém-me firme enquanto partimos em direção a Trevaunance Cove.

Ele tem estado tão calmo desde que me contou sobre a sua suspeita de doença cardíaca. Não parece atribuir muita importância à sua saúde, mas dou por mim a pousar a cabeça no seu peito quando estamos juntos, na cama, a ouvir o seu coração a bater no silêncio. Ele é tão forte em tantos aspetos, tanto física como mentalmente. É reconfortante. Espero preocupar-me menos com ele à medida que os dias e as semanas – e espero que os meses e os anos – forem passando.

Temos de andar em fila indiana quando chegamos a Stippy Stappy, e eu sorrio quando vejo o Michael sentado no banco de jardim à porta de sua casa.

- Olá! – grita ele, acenando alegremente para nós.
- Vemo-nos mais logo? – pergunto, acenando de volta.
- Sim! Lá estarei! – responde ele, animado.

Ele vem à festa pós copo-de-água. A Amy e o Dan preparam um *buffet* de marisco para os amigos e familiares mais próximos. Quando o jantar terminar, as mesas do andar de baixo serão levantadas, para dar lugar a outros amigos que virão juntar-se à festa.

Com tanta gente a entrar, não faço ideia de como é que o Chas planeia manter o público afastado, mas duvido que o Dan e a Amy se apercebam, caso haja intrusos. Tenho a sensação de que convidaram toda a gente com quem algum dia se cruzaram.

Quando percorremos os últimos metros até ao Seaglass, a visão é de cortar a respiração. O Dan e a Amy vão à frente, e o longo cabelo louro-claro da noiva esvoaça atrás dela ao sabor da brisa, com as águas turquesa cintilantes do mar Céltico a estenderem-se diante deles.

Os empregados saem para os receber e chovem mais *confetti* de pétalas de rosa, enquanto Amy e Dan sobem as escadas.

Mais tarde, uma vez terminada a refeição e feitos os discursos, eu e os meus amigos dirigimo-nos para a varanda, para que as mesas possam ser levadas para a festa que se segue. O sol amarelo-dourado está a aproximar-se do horizonte e as fiadas de luzes que colocámos no exterior do edifício começam a acender-se.

O Tom está encostado ao corrimão da varanda e eu aproximo-me naturalmente do espaço entre as suas pernas. Isto leva-o a abraçar-me por trás e a puxar-me suavemente contra ele, de modo a que as minhas costas fiquem coladas ao seu peito. O meu coração está tão cheio de amor por ele.

O Chas aproxima-se com um copo de cerveja e põe um braço magro à volta do pescoço do seu sobrinho. Ele tem estado a ajudar uma banda *indie* local a montar o seu equipamento, no pequeno estrado no interior.

– Se ao menos o Kieran aqui estivesse! – exclama o Chas. – Eu expulsava aqueles tipos e a punha-vos lá.

O Kieran, o antigo vocalista da Mixamatoxis, mudou-se para o Canadá no ano passado, com a sua namorada e futura mulher.

– Tenho saudades desses bons velhos tempos – diz o Tarek com nostalgia, batendo no copo do Chas com o seu copo de coca-cola.

– Foram ótimos, não foram? – concorda o Dan, dando uma palmadinha carinhosa no peito do tio.

– Talvez esteja na altura de a banda se juntar novamente – sugere a Amy com um sorriso.

O Chas olha para o Tom e levanta uma sobrancelha.

– Sabes cantar?

O Tom solta uma gargalhada e abana a cabeça.

Quando regressou, o Chas ficou surpreendido por me encontrar numa relação séria.

– Achei que estivesse casada com este sítio, tal como eu! – brincou ele, referindo-se ao Seaglass.

O Chas pareceu satisfeito com a forma como geri as coisas, e eu gostei de passar para um cargo de gestão, mas estou contente por poder relaxar agora, mesmo que continue a trabalhar até ao fim de agosto. Será bom ter um pouco mais de tempo para me concentrar nos outros aspetos da minha vida, quando o outono chegar.

Mal posso esperar por passar um inverno aqui com o Tom. Ele vai adorar ter acesso a tantas praias desertas, assim que os turistas se forem embora, e eu estou empolgada com o regresso ao meu *atelier* no jardim – o Tom acha que o estúdio devia ter aquecimento geral, para não ficar demasiado frio, quando o tempo mudar.

Também vai ser bom ter o resto da casa de volta; poder acordar e descer as escadas para a sala-cozinha.

Nunca pensei sentir-me tão desejosa pelo fim do verão.

O Michael entra na varanda, com um grande sorriso no rosto quando nos vê.

– Cá está ele! – grita a Rach, chamando-o para junto de si.

– Ouvi dizer que agora és famoso – diz o Chas, quando o meu irmão acaba de trocar abraços.

O Michael olha-o com circunspeção.

– A tua estátua! – explica o Chas.

– Oh, sim! – O Michael sorri outra vez.

E depois olha para além de Rach, para o outro lado da varanda, e a sua cara ilumina-se ainda mais.

– FINN! – grita ele, agitando loucamente os braços sobre a cabeça.

Todas as luzes do universo se apagam e um único holofote ilumina o Finn enquanto ele caminha ao longo da varanda, ao som dos suspiros e exclamações dos nossos amigos, que evidentemente *não* sabiam que ele viria.

Sinto-me encolher à medida que tudo dentro de mim se contrai, ficando cada vez mais pequena. Atrás de mim, o Tom torna-se rígido.

O Finn está a poucos metros de distância quando seus olhos verdes captam os meus e fico abalada com a emoção crua que vejo neles. Depois, ele interrompe o contacto e olha para além de mim, para o Tom.

Um segundo depois, está no meio dos nossos amigos.

Desvio o olhar dele e procuro a Amy.

Eu não sabia, gesticula ela, de olhar arregalado, alarmada, fazendo-me que não com a cabeça.

E depois olho novamente para o Finn, e os anos colapsam sobre si próprios, desequilibrando-se e tombando, à medida que as peças da nossa história de amor se amontoam.

Vejo-o a olhar para mim ao espelho, com uma camisola preta esburacada e a sorrir quando me disse que eu era a Olivia Arterton.

Vejo-o em palco, com um sorriso a curvar-lhe os lábios, quando me

apercebo de que está a cantar a «22» da Taylor Swift.

Vejo-o segundos antes da primeira vez que nos beijámos, depois de eu ter tentado espetar o dedo numa das suas covinhas e de ele me ter pegado no dedo e o ter mordido.

Vejo-o aqui fora, na varanda, com o vento a fustigar-lhe as maçãs do rosto com as suas mechas de cabelo escuro, minutos depois de eu o ter perturbado ao chamar-lhe Danny Finnegan.

Vejo-o sentado à minha frente, na mesa do Taphouse, a dizer-me que nada do que eu digo é aborrecido.

Vejo-o na pista de dança com o Michael e os seus amigos, e a olhar para mim, incrédulo e feliz, quando o meu irmão lhe deu o primeiro abraço.

Vejo-o na praia...

Na minha cama...

Nas falésias...

E no Seaglass.

Ele está em todo o lado.

Como é que me pude esquecer?

Só me apercebo de que me afastei do Tom quando dou por mim sozinha.

– Acho que vou andando para casa – diz-me o Tom por volta das dez e meia.

Acabo de me juntar a ele no balcão, onde tem estado a conversar com o Bill, que ficou na festa depois do serviço de jantar.

Tenho estado a dançar com a Rach e a Ellie, e a passar a maior parte do tempo a tentar convencer-me de que não estou consciente de todos os movimentos do Finn.

Ao que parece, o Dan disse-lhe que, se ele mudasse de ideias à última hora, seria sempre bem-vindo.

Pelos vistos, mudou de ideias à última hora.

Ainda não dissemos mais de duas palavras um ao outro. Ele foi para o bar logo a seguir a ter chegado, para estar com o Tyler, enquanto o Dan, o Tarek e o Chris foram atrás dele. O Chas foi conversar com uns amigos e eu voltei rapidamente para junto do Tom.

Não soube bem o que dizer, e o Tom não me pressionou, mas sinto a sua atenção a focar-se repetidamente na minha cara, tentando dar sentido às emoções que estão claramente a invadir-me.

– O quê? Não! – protesto agora contra as suas palavras. – Não podes ir-te embora! Estás bem?

– Estou ótimo. Só... estou um pouco cansado e...

– Se tu vais, eu também vou.

– Não sejas tonta. Fica e diverte-te – insiste ele.

– Vou só buscar a minha carteira atrás do balcão – digo com firmeza.

Ele suspira, com os seus olhos castanhos-dourados a olharem para mim.

– Se não me deixas ir embora sem ti, então acho que vou ter de ficar.

– Essa parece-me ser a melhor opção. – Dou-lhe uma palmadinha no peito, com alívio e sou recompensada com um pequeno sorriso. – Amo-te – recordo-lhe.

Sinto que ele precisa de que o lembre disso neste momento.

– Eu também te amo – responde.

Aninhando-me nos seus braços, encosto ternamente a minha face ao seu peito. Para quem está de fora, posso parecer tranquila, mas a minha mente está a entrar em curto-circuito.

Vejo o Chas na outra ponta do bar, a conversar com o vocalista da banda. Ele está a preparar alguma. Quando sai de trás do calcão e sobe para o estrado vazio, o meu coração tem um baque.

– O que acham de o noivo e o resto dos Mixamatosis nos tocarem uma canção? – diz ele ao microfone. – Pelos velhos tempos? Têm aqui o vosso antigo vocalista, esta noite.

Ouvem-se vivas e a multidão começa a entoar:

– Canta! Canta! Canta!

O entusiasmo vai crescendo e depois a sala inteira começa a aplaudir quando o Dan, o Tarek, o Chris e o Finn sobem ao pequeno palco. Eles conversam brevemente entre si, antes de olharem em volta para o equipamento, para se orientarem. O Finn está de costas para o público enquanto observa os seus antigos colegas de banda a verificarem os instrumentos que lhes foram emprestados, e depois vira-se e pega no microfone, a analisar a multidão com os olhos. Eles fixam-se em mim por alguns segundos, antes de passarem para o Tom e depois passarem para a Amy, que está ali perto.

– Esta é para a noiva – diz ele, com um sorriso vagaroso.

O Tom aperta-me a cintura e inclina-se para me falar ao ouvido:

– Volto já.

– Não te vais embora, pois não? – Olho para ele, em pânico.

– Vou só à casa de banho – promete, apertando-me de novo a cintura e olhando de relance para o palco. O seu olhar prende-se e mantém-se por um momento, e vejo o seu maxilar cerrar-se quando se afasta.

Volto a minha atenção para o palco e vejo o Finn a observar-me. Ele baixa os olhos quando os seus companheiros de banda começam a tocar e a melodia instantaneamente reconhecível da «Never Tear Us Apart», dos INXS, sai dos altifalantes. A voz profunda e cheia de alma do Finn enche a sala. *Don't ask me...*

Os pelos da minha nuca eriçam-se, tal como da primeira vez que o ouvi cantar. Não fico indiferente à coincidência de ser uma canção da mesma banda.

É uma excelente escolha para o Dan e a Amy, mas, quando os olhos do Finn se erguem novamente e se fixam nos meus, sinto que está cantar a letra para mim.

Fico em cacos.

Na minha garganta, forma-se um nó enquanto olho para ele, tentando controlar a minha reação. As suas sobrancelhas juntam-se enquanto me observa e toda a sala parece desvanecer-se.

Não consigo lidar com isto.

– É que *nem penses nisso* – sibila-me a Amy ao ouvido quando consigo desviar o olhar durante a parte instrumental da música.

– O quê? – pergunto com rouquidão, olhando para ela de forma atordoad.

– Ele é passado. Deixa-o lá trás.

– Falar é fácil.

– Tenho de te dizer uma coisa e preciso que me ouças – diz ela com firmeza, quase com raiva, quando o intervalo instrumental chega ao fim e o Finn recomeça a cantar.

Eu olho para ela com relutância, incapaz de me concentrar totalmente porque a voz dele é tão bonita.

Mas ninguém contraria uma noiva no dia do seu casamento. Especialmente *esta* noiva.

– Quando penso em ti no teu momento mais feliz, penso em ti naquele verão em que tinhas acabado de terminar a faculdade. Tinhas o mundo inteiro aos teus pés e estavas tão cheia de entusiasmo e alegria pelo que o futuro te ia trazer. Tu reluzias. *Brilhavas*. A única vez que voltei a ver-te assim, desde então, foi com o Tom.

Sinto formigueiro na cabeça quando os olhos dela ficam marejados.

– Não faças isso, Liv – implora-me ela, enquanto a canção chega ao fim e todos aplaudem. Há pessoas a olhar para ela, mas a Amy ignora o facto de que a canção lhe foi dedicada. Ela nem sequer presta atenção à a banda, porque continua a falar determinada, diretamente para o meu ouvido.

– Vais acabar no mesmo beco sem saída onde estiveste durante anos. Ele aparece, parte-te o coração em pedaços e depois desaparece. Não posso ver-te assim, não quando pareces estar tão perto de encontrar a felicidade duradoura.

Ela afasta-se e olha-me com severidade no momento em que a «Fire» dos Kasabian começa a tocar nas colunas. Os rapazes só tocaram uma música.

Mas será que estou *mesmo* perto de encontrar uma felicidade duradoura? Quanto tempo pode durar aquilo que tenho com o Tom? E se um dia o seu coração para simplesmente enquanto passeamos na praia? Posso acordar *amanhã* e descobrir que o perdi.

Atrás da Amy, vejo o Tom sair das casas de banho. Baixo a cabeça, pestanejo furiosamente e tento recompor-me. Não quero que ele me veja abalada.

– Por favor, Liv – implora a Amy.

Eu aceno com a cabeça e caminho em direção ao Tom, indo diretamente para os seus braços.

– Afinal, acho que já quero ir para casa.

Ele abraça-me com força, encostando com a mão a minha cabeça ao seu peito, e talvez seja a batida que vem das colunas e reverbera pelo meu corpo, mas prefiro imaginar que é o seu coração a bater contra o meu.

Na manhã seguinte, no aniversário da morte dos meus pais, a minha determinação enfraquece. Estou sentada em frente do Tom, à mesa do pequeno-almoço, e acabo de lhe dizer que vou dar um passeio pelas falésias.

– Queres companhia? – pergunta ele, de forma neutra, dando uma colherada na sua *granola*.

Aclaro a garganta.

– Acho que preciso de ir sozinha.

Quando chegámos a casa ontem à noite, ele respeitou a minha necessidade de silêncio. Adormeci nos seus braços e acordei neles, portanto, esperava que isso bastasse para o tranquilizar. Mas, a julgar pela sua expressão, vejo que não foi suficiente. Tenho a sensação de que ele consegue ver o que me vai no espírito.

Respiro fundo.

– Preciso de ver o Finn – confesso.

Os olhos dele estão inquietos enquanto nos fitamos por um momento, e então ele acena com a cabeça e olha para baixo, pousando a colher na tigela.

– Amo-te – sussurro. – Acho só que eu e ele ainda temos assuntos pendentes.

– Não terão sempre? – pergunta ele diretamente. – A menos que te empenhes a fundo e tenhas uma relação a sério com ele, não ficarás para sempre a pensar no que as coisas poderiam ter sido? E se ele não se mostrou disponível para uma relação até agora, o que te faz pensar que alguma coisa mudou?

– Não me parece que tenha havido *qualquer* mudança – respondo, irritável. – Ele tem uma namorada.

– Pela forma como olhava para ti ontem à noite, Liv, acho que ela já se foi há muito.

O meu coração dispara. Ele passa as mãos pela cara com aparente frustração.

– Vai – diz ele, com a voz a falhar-lhe. – Faz o que tens a fazer. Estarei à tua espera quando chegares a casa.

– Obrigada – sussurro, estendendo a minha mão para apertar a dele. – Volto mais logo e depois vamos juntos até casa do Michael.

Está previsto almoçarmos com ele, hoje.

Sinto-me pessimamente quando pego no meu telemóvel e nas chaves, mas, se não levar isto até ao fim – e tenciono que este *seja* o fim –, vou arrepende-me para sempre.

Não posso passar mais um ano, quanto mais o resto da minha vida, sem um ponto final no assunto.

Enquanto subo o caminho junto à praia, com o oceano e as ilhas de Bawden Rocks à minha direita, não consigo deixar de me sentir culpada por ter deixado o Tom em casa. Espero que ele seja capaz de me perdoar.

Mandeí uma mensagem ao Finn há uns minutos: «Vou até ao banco.»

Ele respondeu: «Já vou a meio caminho.»

Ele sabia que eu iria lá hoje. Quanto tempo teria ele esperado até que eu aparecesse? Não vale a pena pensar nisso.

O meu peito contrai-se quando o vejo. Ele olha por cima do ombro e vê-me. Julgar-se-ia que ele é feito de pedra, não fosse o seu cabelo escuro a esvoaçar ao vento e os seus olhos a acompanharem lentamente os meus passos em direção a ele. Os seus lábios estão em linha reta, mas, quando encurto a distância entre nós, ele esboça um pequeno sorriso e põe-se de pé.

– Olá – diz ele, abrindo os braços.

Eu hesito. Não quero ser envolvida por ele, mas não posso recusar um abraço depois de todo este tempo.

A minha cabeça e o meu coração estão desorientados, enquanto nos abraçamos. Tenciono que o cumprimento seja breve, mas, quando começo a afastar-me, por instantes ele segura-me com mais força.

E depois solta-me.

– Como estás? – pergunta ele, quando nos sentamos no banco, a um palmo de distância um do outro. – Gosto do teu cabelo.

– Oh, obrigada.

Ponho-o atrás das orelhas, consciente do seu olhar. Até ontem, ele só o vira comprido.

– Estou bem – respondo, mas pareço indecisa. – E tu?

Ele olha para o oceano.

– Já estive melhor.

Eu mexo-me no meu lugar.

– Onde está a Brit?

Ele encolhe os ombros.

– Provavelmente em Los Angeles, a fazer buracos na minha roupa à tesourada. O que é irónico – acrescenta com cinismo –, visto que finalmente deixei de usar *t-shirts* comidas pelas traças.

As suas palavras fazem-me sentir tantas coisas confusas.

– Vocês acabaram?

– Sim – responde.

– Porquê?

Ele hesita durante uns momentos, antes de me olhar pelo canto do olho.

– Por tua causa.

– Por minha causa? – O meu estômago dá cambalhotas. – O que é que eu tenho que ver com a vossa relação?

– Eu disse-lhe que vinha até cá e ela não ficou nada contente. Respondeu que, se eu viesse, a nossa relação acabava. Por isso, acho que acabámos.

– Finn, não – digo num tom determinado. – Podes resolver isso.

– Não posso. É tarde demais.

– Nunca é tarde demais. Não se lutes por ela. Podes voltar, podes telefonar-lhe agora mesmo e convencê-la de que não queres estar aqui, de que te arrependes de ter vindo.

– Mas isso seria mentira – diz ele, em tom neutro, voltando o seu olhar para o mar.

Fico a observá-lo, com a pulsação acelerada.

Ele vira-se de novo para olhar para mim.

– Ama-lo? – pergunta.

É difícil testemunhar o nervosismo temeroso no seu olhar verde-azulado, mas forço-me a manter o contacto visual.

– Sim.

O tempo parece parar por instantes, e, depois, ele enterra o rosto nas mãos.

A imagem da sua expressão abatida e dos seus olhos a encherem-se de lágrimas repentinas fica-me gravada na memória. Suspeito que levarei essa visão comigo para o túmulo.

Estendo a mão e toco-lhe nas costas. O seu corpo sacode-se sob a minha palma e depois começa a tremer. Não consigo suportar a sua dor, por isso, quando ele se vira para mim, deixo que me agarre desesperadamente.

Instantes depois, também eu desato a chorar.

– Amo-te, Liv – soluça ele. – Não a amo a ela como te amo a ti.

– Claro que não! – digo. – Não é assim que o amor funciona. Eu também não amo o Tom como te amo a ti. Não quer dizer que não o ame tão profunda ou apaixonadamente. É apenas diferente. Eu não o amo menos por causa disso.

Ele solta um suspiro trémulo e inspira de forma igualmente irregular, e depois solta-me e esfrega os olhos com as palmas das mãos, tentando secar as

lágrimas. Procuro lenços de papel no bolso das minhas calças de ganga, entregando-lhe um e tirando outro para mim. Ambos nos assoamos ruidosamente.

– E se eu me mudasse para cá? – pergunta ele, virando-se para me olhar com os olhos vermelhos.

Fito-o em estado de choque e noto a esperança no seu rosto, à espera da minha resposta.

– Tu não queres viver em St. Agnes – digo, trémula.

– Mas viveria – responde com firmeza. – Por ti.

– Mas não serias feliz – argumento.

– Seria – repete ele no mesmo tom. – Se te tivesse.

– Finn! – exclamo, abanando a cabeça com desespero. – Não vás por aí. É demasiado tarde.

– Tu própria acabaste de dizer que nunca é tarde demais. Que eu devia voltar para casa e lutar pela Brit.

Custa-me ouvi-lo dizer o nome dela. O que é que isso me revela? Que estou muito longe de o ter esquecido.

– E se eu ficasse e lutasse por ti? – pergunta ele.

Eu engulo, procurando serenar.

– Não quero que o faças – respondo com firmeza. – Quero ficar com o Tom. Ele... ele tem um problema de coração – dou por mim a confidenciar. – É potencialmente fatal.

Passam três segundos.

– Está a falar a sério?

A pergunta dele não é feita com empatia ou preocupação. O tom é o de alguém que pergunta: *Estás a gozar comigo, porra?*

– Por que raio dizes isso dessa forma? – exijo saber.

– Bem, é mesmo típico, não é? Sentes-te atraída pela dor e pelo sofrimento. É por isso que és uma ótima artista.

– Se estás a sugerir que escolho ficar com o Tom para benefício da minha criatividade, estás completamente doido.

– Não foi isso que quis dizer.

– Nunca te perdoaria se o dissesses.

– Desculpa – diz ele abruptamente. – Não quis dizer aquilo.

– Amo-o, Finn – digo resolutamente. – Não o amo porque me sinto atraída pela dor e pelo sofrimento. O que sinto por ele é puro e limpo. Amo-o porque ele é forte e firme. Porque ele escolheu St. Agnes. Porque me escolheu a *mim*. Ele nunca hesitou. – Estendo o braço e pego-lhe na mão, enquanto os seus olhos se enchem novamente de lágrimas. – Não sei se alguma vez disse te agradeci – digo de forma rouca, com a minha própria visão a ficar desfocada. – Não sei o que teria feito sem ti ao longo de todos estes anos. Estou-te muito grata, Finn. Ajudaste-me a ultrapassar o momento mais difícil da minha vida. Foste muito importante para mim. Uma parte de mim nunca deixará de te amar. Mas eu escolho-o a *ele*. E tu tens de abrir mão de mim.

– Conhece-lo há pouco tempo – diz ele, também rouco. – Como é que tens tantas certezas quanto a ele?

– Não sei, mas *tenho* a certeza.

– Importas-te que eu fique nas margens, à espera, para o caso de estares enganada? – pergunta ele, tentando tornar a situação ligeira, mas a sua dor atinge-me diretamente no meu âmago.

– Não esperes por mim, Finn – imploro-lhe. – Tenciono ficar com o Tom durante muito tempo.

Talvez para o resto da minha vida. E, se não for para o resto da *minha* vida, então que seja para o resto da dele.

*

Quando chego a casa, as últimas lágrimas já secaram, mas ainda sinto os rastos de sal nas minhas bochechas. Pergunto-me, surrealmente, se o Tom verá um padrão neles, e, depois, pergunto-me se o Tom os verá sequer.

E se ele se tiver ido embora? Porque é que ele haveria de ficar?

Porque me disse que ficaria, lembro-me a mim própria.

Quando digo uma coisa, tenho tendência para estar a falar a sério. Não precisas de duvidar de mim.

Quando ele me disse essas palavras pela primeira vez, lembro-me de achar que podia apaixonar-me por ele. E apaixonei-me. Amo-o. E confio nele. Ele vai cá estar.

O meu ritmo cardíaco começa a estabilizar quando estou à porta de casa, tentando recompor-me antes de tirar as chaves do bolso. O apartamento de baixo está silencioso quando destranco a porta da entrada e entro no corredor. Acho que os nossos hóspedes saíram.

Os *nossos* hóspedes. Apercebo-me de como isto soa bem. O Tom e eu somos uma equipa, agora. Sei que ele estará ao meu lado a cada passo que eu der.

Abro a porta do apartamento de cima e o meu peito dilata-se ao vê-lo sentado no cimo das escadas, à minha espera. A sua expressão é cautelosa até ler o que deve estar escrito na minha cara.

– Amo-te – digo, enquanto a tensão se esvai dos seus ombros e ele se levanta, fazendo um pequeno sorriso de alívio.

Fecho a porta e vou ter com ele.

Enquanto nos abraçamos no patamar, com os nossos corações e corpos alinhados, algo dentro de mim se acalma. Desde o regresso de Finn, a inquietação interior que costumava atormentar-me voltou. Até agora, só podia ser acalmada esculpindo, mas estar novamente nos braços do Tom lembra-me a primeira vez que pus as mãos na argila fria, após a morte dos meus pais.

É como regressar a casa.

EPÍLOGO

Um verão depois...

– Cristo – murmura o Tom, limpando o suor da testa com as costas da mão.

– Da última vez que estive em Florença, estava um calor destes.

Ele sorri para mim.

– Estás contente por estar de volta?

– Delirante.

Acabámos de voltar da Galleria dell'Accademia, onde eu queria que o Tom visse a estátua original de David.

Hoje é o aniversário da morte dos meus pais, o que explica em parte o facto de ter escolhido estas datas para o meu tão esperado regresso a Itália. Mandeí uma mensagem ao Finn, há algumas semanas, para o avisar que ia viajar. Não achei que ele regressasse a St. Agnes este ano – ele reatou com a Brit e, tanto quanto sei, estão felizes –, mas não quis correr o risco.

Ele respondeu: «Espero que te divirtas.»

E foi só isso.

Provavelmente, custa-lhe que eu nunca o tenha visitado em Los Angeles. Não que eu não quisesse ir. Depois da nossa discussão daquele dia, no parque de estacionamento de Chapel Porth, quando o Michael insistiu que não queria que eu ficasse em St. Agnes por sua causa dele, comecei a reavaliar as coisas. É verdade que eu me tinha mantido na minha zona de conforto. O Michael ficaria bem se eu decidisse viajar de vez em quando. Bastava-me ir.

Aos poucos, eu e o Tom começámos a fazer umas escapadinhas aqui e ali – incluindo a viagem a Londres, depois do casamento da Amy e do Dan. E, agora, aventurámo-nos no estrangeiro e estamos a planear passar uns dias em Florença antes de irmos a Pietrasanta, para visitar a cidade e a pedreira de mármore que fica perto.

– *Gelato?* – pergunto ao Tom.

– Claro que sim.

Diante do balcão da gelataria, perante uma seleção de cores vibrantes, ele escolhe pêssego, que é a mesma cor da sua *t-shirt*. Dou-lhe um beijo no ombro e sorrio para ele.

– Obrigada por teres vindo comigo.

– Onde é que vamos a seguir? – pergunta ele com um sorriso.

Dois verões depois...

Chego a casa e encontro o Tom sentado na sala que era o quarto dos meus pais. Está a olhar pela janela, para as palmeiras, de costas para a porta. Bato discretamente na parede, surpreendida por ele não me ter ouvido subir as escadas.

– Oh, ei! – diz ele, dando um salto.

Detesto sobressaltá-lo desta maneira. Vivo com receio de lhe pregar um susto que lhe possa parar o coração. Mas, de momento, parece estar a funcionar bem.

Houve uma vez, há uns meses, em que ele se sentiu tonto. Tinha acabado de criar uma obra de arte na areia inspirada no trabalho da associação Surfers Against Sewage, que se estendia por cem metros quadrados, na praia de Perranporth. A Rach tinha-lhe perguntado se ele a faria, para ajudar a sensibilizar as pessoas para a causa da poluição marinha. Ela providenciou um fotógrafo oficial e tudo.

Fiquei apavorada quando o Tom estendeu a mão para se apoiar no meu braço, depois de ter terminado. Segui-o para todo o lado, durante vários dias.

Tenho medo de que as peças em grande escala sejam demais para ele, mas nunca lhe pediria que parasse de as fazer. Respeito que ele tenha de viver a sua vida como bem entende.

– Devias estar absorto em pensamentos – digo, depois de ele se inclinar para me dar um beijo.

– E estava – ele concorda.

– Há alguma coisa que queiras partilhar comigo?

– Na verdade, sim.

A sua expressão é séria, mas ele não parece preocupado.

Vamos sentar-nos no sofá da sala de estar. Neste momento, o apartamento de baixo está ocupado por um casal de artistas.

– Fui a um médico – diz-me ele.

O meu sorriso desaparece-me do rosto.

– Está tudo bem?

Ele estende a mão para pegar na minha. Ele nunca foi ao médico desde que o conheço.

– Decidi que quero receber um diagnóstico.

Aperto-lhe a mão.

– Porquê agora?

– Estou pronto – diz ele suavemente. – Mas também... – Ele respira fundo. – Acho que isso nos pode ajudar.

– Como?

– Quando eu e a Cara pedimos um crédito à habitação, pediram-nos que fizéssemos um seguro de vida. Eu decidi ir mais longe e subscrever um seguro que cobrisse doenças graves.

Pergunto-me onde é que ele quer chegar com isto.

– Se me for diagnosticada a síndrome do QT longo, terei direito a um pagamento, Liv. Dos grandes. Podíamos até comprar quotas no Seaglass. Se quisesses.

Tenho a cabeça à roda. Quotas do Seaglass? O Chas tem estado a pensar em procurar um investidor. Ele não se quer afastar da gestão em definitivo, mas finalmente aceitou que não é tão jovem como julgava e que pode estar a pôr a saúde em risco se não abrandar o ritmo.

Assim, decidiu que, em vez de vender tudo, iria tentar encontrar um investidor com quem gostasse de trabalhar.

E desconfio que ele adoraria trabalhar com o Tom.

O Tom é agora o chefe de cozinha – o Bill saiu para abrir o seu próprio restaurante, em Redruth. Adoro entrar na cozinha quando o Tom está a trabalhar, a gritar «serviço!» e a empratar as saladas como um profissional. Tal como o pessoal do bar, a equipa da cozinha move-se de forma muito fluida, uns a contornarem os outros como se fossem água. Trabalhar em restauração é uma forma de arte em si mesma.

Nesta altura, só trabalho a tempo parcial no Seaglass, durante os meses de junho, julho e agosto, porque preciso dos outros nove meses do ano para esculpir. Em janeiro, fui convidado a participar no Simpósio Internacional de Escultura, no Vietname, juntamente com trinta outros escultores de todo o mundo. Foi uma experiência incrível, conhecer outros escultores e vê-los em ação. Cada um de nós criou as suas próprias peças, que foram agora colocadas num parque de esculturas para serem apreciadas pelo público. A minha carreira como escultora está a ir de vento em popa, mas continuo a adorar trabalhar no Seaglass, com o Tom. É uma combinação perfeita.

– O que é que achas? – pergunta ele. – Quero que seja algo para nós os dois.

Aceno com a cabeça e subo para o seu colo, com os olhos cheios de lágrimas.

– Acho que te amo. E adoraria que o Seaglass fosse nosso.
De certa forma, já parece que é.

Três verões depois...

Sento-me cinco filas atrás, com a Amy, a olhar para a cabeça do Finn. Ele está no banco da frente, com o seu avô de um lado e Liam do outro. O Tyler está sentado ao lado do Liam.

A avó do Finn, a Trudy, faleceu há duas semanas, depois de um AVC fatal.

O Tom ofereceu-se para vir comigo ao funeral, mas compreendeu quando lhe perguntei se não se importava que eu fosse sozinha. Esta é a primeira vez que vejo o Finn em três anos.

– Obrigado por teres vindo – diz-me ele, depois da cerimónia. Ele viu-me com o Dan e a Amy no adro da igreja e aproximou-se, com o nariz e os olhos vermelhos de tanto chorar.

– Onde está o Tom? – pergunta ele.

– Achei que seria melhor vir sozinha – respondo.

Ele faz-me um pequeno aceno de cabeça.

– Como está a Brit? – pergunto-lhe, pouco à-vontade.

Ele abana a cabeça, olha para mim e depois desvia o olhar. Presumo que isso signifique que já não estão juntos.

– Estás bem? – pergunto baixinho, enquanto o Dan e a Amy se afastam para nos dar alguma privacidade.

– Nem por isso – admite. – O meu avô está arrasado. Não sei como é que se vai aguentar sem ela.

– O Liam faz-lhe companhia.

O Tyler foi morar com uns amigos, há alguns anos. Agora, trabalha como especialista em *cocktails* num bar em Newquay, onde vive. Nós treinámo-lo bem.

Ele engole e acena com a cabeça, e depois olha-me nos olhos.

– Parabéns, já agora. Soube das notícias.

- Sobre o quê?
- O que é que achas? – pergunta ele, com o sobrolho franzido.
- Que agora sou membro da Royal Society of Sculptors?

Ele abana a cabeça.

– Não.

– A compra do Seaglass?

Ele suspira.

– Não, Liv. A outra coisa. Mas parabéns por isso também – acrescenta ele com um pequeno sorriso, e o meu peito contrai-se com o olhar de orgulho no seu rosto.

– Ia mandar-te uma mensagem sobre a outra coisa – digo a sério. Queria ter tido oportunidade de lhe contar antes de ele saber por outras pessoas. – Mas depois aconteceu isto.

Há cerca de três semanas, acordei e vi que o Tom não estava na cama, ao meu lado. Ele telefonou-me meia hora mais tarde para me pedir que fosse até ao Seaglass.

Quando cheguei, ele estava junto à porta principal e chamou-me para a varanda. Na praia, tinha desenhado um padrão geométrico na areia – uma série de triângulos com uma forma octogonal no topo. De tantas em tantas semanas, ele faz desenhos na areia – ainda mais frequentemente no inverno, quando há menos pessoas –, mas nos últimos dois anos começou a desenhar formas e padrões abstratos, achando-os ainda mais relaxantes do que as peças figurativas. Também já aceitou algumas encomendas de instituições de beneficência.

Sorri para ele.

– Que fixe.

– Lembra-te alguma coisa? – perguntou-me ele, com um sorriso cúmplice no rosto.

Voltei a olhar e de repente vi-o: era um desenho em perspetiva de um anel de diamante.

– É um diamante! – exclamei.

E foi nessa altura que ele tirou o anel do bolso e se ajoelhou.

Levei a mão à boca, olhando para ele em choque, enquanto os seus olhos brilhavam com lágrimas de comoção, e depois disso também eu comecei a chorar.

– Aceitas casar comigo, Liv?

Fiz que sim com a cabeça, porque não conseguia falar. Depois, ele levantou-se e pôs-me o anel no dedo.

– Ele ainda te faz feliz? – pergunta-me o Finn suavemente.

Aceno com a cabeça, de coração apertado.

Ele abre um pouco os braços e dou por mim a entrar no seu abraço sem sequer pensar. Ele continua a ser-me tão familiar.

– Lamento tanto a partida da tua avó – digo-lhe no ombro.

Ele dá-me um aperto forte e depois solta-me.

- Como é que está o Michael? – pergunta ele.
- Está bom – respondo com um sorriso, afastando as minhas lágrimas.
- Talvez passe por lá amanhã para o ver.
- Ele adoraria.
- Vens ao funeral? – pergunta-me ele.
- Queres que eu vá? – Ele olha para mim por um momento, parecendo pensar no assunto, e depois sorri e abana a cabeça.
- Não é preciso. Vai para casa, ter com o Tom. Dá-lhe os meus cumprimentos. E cuida de ti.

Afasto-me de cabeça baixa, com as lágrimas a pingarem-me do nariz, e depois levanto o queixo e volto a olhar para o futuro.

Quatro verões depois...

– Filhos? – pergunta-me o Tom ao pequeno-almoço.

A pergunta sai-lhe da boca de uma forma tão descontraída que me faz rir. É o tipo de tom que ele usa quando está a fazer o pequeno-almoço.

– Omelete?

– *Bacon*?

– *Granola*?

E agora:

– Filhos?

– Está a perguntar-me se quero filhos a acompanhar a minha torrada? – respondo.

– Sim – diz ele com um sorriso, batendo-me no nariz com a sua colher.

É junho e estamos na cozinha do andar de baixo, depois de termos decidido não alugar o apartamento durante este mês. Ainda está reservado para julho e agosto, mas queríamos ficar com ele só para nós, pelo menos durante uma parte do verão. Os pais do Tom chegam esta tarde e temos planos para um churrasco. Eles já nos visitaram algumas vezes e, no Natal passado, fomos a Norfolk, para os ver. A mãe do Tom é bastante picuinhas e o pai é relativamente estoico, mas o amor que têm pelo filho é evidente. Gosto muito deles.

– *Tu* queres ter filhos? – pergunto, lançando-lhe um olhar de soslaio.

Estamos sentados um ao lado do outro, no banco corrido da mesa de jantar. Ele acena com a cabeça.

– Quero. E estava a pensar o que acharias da fertilização *in vitro*.

Sinto uma pontada no peito quando me lembro de que ele se recusa a ser pai biológico dos nossos filhos, mas adoro que esteja aberto a outras opções.

– Incomodava-te se usássemos um dador de esperma? Preferias adotar?

– Gostaria muito de adotar – diz ele. – E talvez devêssemos pensar nisso

para os bebês número dois e número três.

– Quantos filhos queres? – pergunto eu, alarmada.

– Oh, uma casa cheia – responde ele com um pequeno sorriso que se alarga quando vê a minha cara de pânico. – Pronto, está bem, contento-me com dois ou três. E, para responder à tua pergunta, adoraria trazer ao mundo uma criança com metade dos teus adoráveis genes. E, se estiveres disposta a passar pela gravidez e pelo parto, então estou a bordo.

– Amo-te – sussurro, pestanejando para não chorar.

Quem é este homem com quem me casei? Este homem que se certificou de que era o meu nome, e não o dele, a figurar nas escrituras do Seaglass, porque queria que eu tivesse segurança mesmo *antes* de casarmos?

Ele continua a gerir a cozinha, e o Chas continua a trabalhar, mas eu afastei-me um pouco. Ganhei o concurso público para uma grande encomenda, o que me tem mantido ocupada. Concorri com outros quatro escultores, por isso foi muito importante para mim.

No último ano, também decidi abrir mão dos meus pais. Das suas esculturas em bronze, isto é. Continuo a pensar neles todos os dias, ainda que já não vá às falésias no dia do aniversário das suas mortes.

Foi catártico esculpir o meu pai e a minha mãe, embora durante muito tempo depois disso não tenha sido capaz de falar sobre essas peças. Já houve pessoas que me perguntaram sobre elas, pois estão no meu *website*, mas sempre disse que não estavam à venda. Porém, da última vez que um colecionador de arte me telefonou a perguntar por elas, hesitei. Senti que estava na hora de as libertar no mundo.

O Tom e eu usámos algum desse dinheiro para reservar o mês de junho para nós, e devo dizer que cada minuto que passamos juntos lá em baixo, nesta cozinha gloriosa, vale a pena.

– Então, o que achas? – pergunta o Tom.

Eu aceno com a cabeça, decidindo usar o resto do dinheiro da venda dos bronzes dos meus pais para financiar a fertilização *in vitro*. Eles teriam gostado disso.

– Acho que sim.

Cinco verões depois...

Choro no ombro do Tom quando a nossa terceira ronda de fertilização *in vitro* não vai por diante.

– Pronto – diz ele, roucamente, abraçando-me com força. – Vamos dar um passeio, apanhar ar fresco.

Subimos o caminho da costa, passando pela Drifty, caminhando um à frente do outro ao longo do trilho estreito. Ele deixa-me tomar a dianteira e tenho a certeza de que é para minha proteção. Quando o caminho começa a nivelar-se, olho para baixo, à nossa esquerda, para a Trevaunance Cove e o Seaglass. A maré está a subir e a água está mais azul-esverdeada do que nunca, com as ondas a embaterem na areia branca e cremosa. Olho de relance para o banco quando passamos por ele, lembrando-me de ver o Tom ali sentado há cinco anos, meio escondido entre as flores amarelo-vivo do tojo.

As flores desabrocharam em força, assim como a urze roxa. A Cornualha está em plena floração e o seu coração canta, completamente alheio à dor do meu.

Estou a sentir-me frágil, não só porque o meu período veio esta manhã, mas também porque a Amy me telefonou há umas horas para me dizer que está grávida de três meses do seu segundo filho, e também que o Liam se mudou para Los Angeles. O avô dos rapazes faleceu em junho.

Eu estava em Manchester, para a inauguração de uma estátua, e não pude ir ao funeral, mas mandei uma mensagem ao Finn, dizendo-lhe que lamentava muito. Hoje em dia, já quase não falamos, mas fiquei triste por não o ver. Ouvi dizer que está a namorar com outra cantora e compositora, mas não sei se é algo sério.

O que sei é que, com o passar do tempo, tem tido menos motivos para voltar a St. Agnes. E agora, com os dois avós já falecidos, com o Tyler a viver em Newquay e o Liam a mudar-se para Los Angeles, talvez passem anos até

que nos voltemos a ver.

Tento não pensar demasiado nele, mas, como o Tom disse certa vez, teremos sempre assuntos pendentes. Acho que ainda estou a tentar aceitar esse facto.

– Talvez devêssemos pôr os papéis para a adoção – digo quando estamos prestes a chegar ao topo da colina.

A vista é incrível daqui de cima. Esta é uma terra de colinas e vales, grandes falésias e oceanos violentos, e eu adoro-a com todo o seu dramatismo.

Mas também adorei as Maldivas, quando lá fomos, pouco antes da Páscoa. Já vi mais do mundo ao lado do Tom do que algum dia achei que veria, depois do acidente dos meus pais.

– Só porque é um processo muito demorado – acrescento.

Dou mais alguns passos antes de olhar por cima do ombro, perguntando-me porque é que ele não me responde.

Ele está parado, com a mão no peito, pálido.

– O que foi? – pergunto, aflita, com as minhas entranhas a inundarem-se de pavor.

E é então que ele simplesmente cai.

– TOM! – grito, correndo para ele.

Tenho receio de que tenha batido com a cabeça numa pedra, porque o caminho está cheio delas, mas a urze amorteceu-lhe a queda.

– Tom – digo, batendo-lhe nas bochechas para tentar acordá-lo. Ele apagou por completo. – Tom!

Sei que, em caso de desmaio, há boas probabilidades de o coração recomençar a bater e retomar o seu próprio ritmo, mas ele não se mexe e, quando pressiono desesperadamente os meus dedos contra o seu pescoço, não sinto qualquer pulsação.

– Oh, Deus! Tom, não!

Olho em volta de forma frenética, para ver se há alguém que me possa ajudar, mas não vejo uma só alma, pelo que pego no meu telemóvel e ligo para os serviços de emergência, pousando o telefone ao meu lado, esperando que haja rede suficiente para a chamada, enquanto começo a fazer reanimação cardiorrespiratória. Coloco uma mão em cima da outra, no centro do peito, e começo a fazer pressão, com força e velocidade.

– Tom, por favor – imploro, inclinando-lhe a cabeça para trás e apertando-lhe o nariz, fazendo duas respirações de salvamento antes de continuar com as compressões.

Adiante, um homem aparece na colina, vindo da direção de Trevellas Cove.

– Socorro! – grito-lhe, e ele acelera o passo.

– Vá buscar o desfibrilhador! Está à porta do Surf Life-Saving Club – grito quando ele se aproxima. Pego no meu telemóvel e praguejo para o céu.

– E chame uma ambulância! – grito-lhe quando ele já vai a correr em sentido contrário.

Olho para o Tom a tempo de o ver abrir os olhos.

– Tom! – Ele olha para mim, com a luz do sol refletida nas suas profundezas castanho-douradas.

– Oh, graças a Deus! Estás bem? Tom?

– O que aconteceu? – pergunta-me ele.

– O teu coração parou. Simplesmente parou.

– Senti palpitações.

Encosto a cara ao seu pescoço e choro, com a minha mão firme no seu peito, para garantir que o seu coração se mantém forte. Quero esculpir este peito, um dia, este coração que tanto amo, este coração que receio que ainda me possa ser levado embora.

Ele levanta a mão e dá-me umas palmadinhas fracas nas costas, e ao longe, passado pouco tempo, ouvimos o som de rotores. Ele vira a cabeça para observar o céu e ambos vemos um helicóptero de busca e salvamento, vermelho e branco, a aproximar-se cada vez mais.

– Que irónico – murmura ele, entredentes.

O Tom salvou centenas de vidas quando pilotava um helicóptero igual a este.

– Estão um bocado atrasados, colegas – acrescenta ele, só para mim, quando a porta se abre e um paramédico desde, agarrado a um cabo. – A minha mulher já me salvou.

Ele está a tentar manter uma atmosfera animada, mas estou tão em choque e atemorizada que nem consigo sorrir.

– Ainda assim, tens de ir ao hospital e ser examinado – digo-lhe.

Ele não me contraria.

– Porra, Tom, pregaste-me um susto do caraças! – digo, chorando.

– Amo-te – diz ele.

O paramédico está quase connosco.

– Também te amo – respondo.

Mas da vez seguinte que o seu coração para, ele está sozinho.

Seis verões depois...

Ele partiu.

E eu sinto-me perdida.

Sete verões depois...

Ele senta-se ao meu lado no banco e estende o braço, pegando delicadamente na minha mão e olhando para o mar. Não sei como é que ainda me restam lágrimas, mas, mesmo assim, elas continuam a vir.

– Lamento tanto, Liv.

Dobro-me e começo a soluçar, e depois estou nos braços dele e só me ocorre: *cá estamos outra vez...*

.

– Vivo rodeada de fantasmas, Finn – digo-lhe algum tempo depois, quando já consigo usar a voz.

A minha mãe...

O meu pai...

O Tom...

De certo modo, até sinto que vivo com os fantasmas dos filhos que nunca chegámos a ter.

Já não consigo lidar com isto de hospedar famílias. Estou seriamente a pensar em vender a casa.

– Vem para Los Angeles comigo – diz ele calmamente, pondo-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Só por um tempo. Vem comigo, Liv. Eu trato do teu bilhete, do teu alojamento, de tudo. Não terás de pensar em nada.

Ele continua mais ou menos com o mesmo aspeto, embora um tudo-nada mais velho. O seu cabelo está um pouco mais curto, menos selvagem, mas só ligeiramente. Continua escuro e desganhado. Os seus olhos verdes, cor do mar Céltico, continuam tão belos como sempre, as suas pestanas permanecem igualmente escuras. Tenho a certeza de que as suas covinhas ainda lá estão, embora não as veja há muito. O seu peito ganhou volume, está mais

consentâneo com o homem de trinta e cinco anos que ele é do que com a estrela de *rock* magricela de vinte e poucos anos que às vezes ainda imagino quando penso nele.

E, ultimamente, tenho pensado muito nele. Ele contactou-me depois da morte do Tom. Só queria dizer-me que estava lá para mim se eu precisasse dele.

– Eu não ficaria em tua casa? – pergunto-lhe, pensando no seu convite.

– Não achei que quisesses ficar comigo – responde ele, mantendo o contacto visual firme. – Mas adoraria.

– A tua namorada não se importa?

Ele fica a olhar para mim durante um momento.

– Não tenho namorada há quase dois anos.

– Oh! – Mal ouço a palavra que me sai da boca. – Tens espaço?

Ele deixa escapar um pequeno sorriso de divertimento.

– Sim, Liv, tenho espaço.

– O Michael pode vir?

– Claro que pode.

.

Uma semana depois, num sábado, partimos. O Michael adorou cada segundo da viagem de avião. Ficou encantado quando eu e o Finn lhe telefonámos a perguntar se queria ir passar férias a Los Angeles.

– Sim! Espetacular! – respondeu ele.

Desde que o Tom morreu, tenho estado muito mais consciente da forma como o meu irmão tenta proteger-me. Vimos muitos filmes no sofá dele e almoçámos muitas vezes juntos. Ele convida-me para os bailes do seu clube social, mas, da única vez que fui, senti-me demasiado triste e fiquei pouco tempo.

A visão de Michael e dos seus amigos na pista de dança mal conseguiu trazer-me um sorriso ao rosto. Nessa noite, os meus pensamentos estavam mais voltados para o Finn do que para o Tom.

.

O Finn vive num T4, em Hollywood Hills. A casa tem quatro andares, mas só duas divisões de largura. Não tem um grande jardim, a piscina é comprida e estreita, com uma parede de plantas ao fundo. A minha parte preferida de sua casa é o terraço que tem uma vista sobre as colinas da baixa de Los Angeles.

Então é isto que se consegue quando se assina contrato com uma grande editora discográfica. Estou maravilhada.

O quarto e o escritório do Finn ficam no quarto piso, a que se tem acesso através de um pequeno elevador central. Outros dois quartos, que eu e o Michael ocupámos, ficam no terceiro andar, e, no segundo piso, há uma cozinha e uma casa de jantar. A sala de estar ocupa a maior parte do rés-do-

chão e dá diretamente para a piscina. O último quarto também fica nesse piso.

O Michael está cheio de vontade de ir para a piscina. Eu estou cansada e não me apetece nada, mas custa-me desiludi-lo. Quando o Finn se apercebe das minhas emoções ambíguas, intervém, sugerindo que eu me sente na borda da piscina, com um copo de vinho, enquanto eles se divertem.

Rapidamente me põem a rir às gargalhadas com as suas tolices. É exatamente o bálsamo de que eu precisava.

No último ano e meio, tenho vivido em piloto automático. Quando acordei no dia de S. Valentim, apenas seis meses depois de o Tom ter caído nas falésias, e vi que não tinha uma mensagem sua a explicar a sua ausência, comecei a ficar preocupada. E depois ouvi uma ambulância a descer a rua.

Cheguei à enseada a tempo de o encontrar a ser retirado da praia numa maca, mas já era demasiado tarde. Um turista havia-o encontrado desmaiado, na areia, mesmo no meio de um padrão geométrico de corações que se espalhava pelo areal. Ele devia estar prestes a telefonar-me.

.

Mais tarde, depois de o Michael adormecer, eu e o Finn levamos as nossas bebidas para o terraço e sentamo-nos num dos seus sofás ao ar livre, de frente para a cidade. As luzes das colinas cintilam na escuridão e o ar está agradavelmente quente e cheira ao jasmim plantado em vasos, numa das pontas do terraço.

– Como te sentes? – pergunta-me ele.

– Bem – respondo. – Aos poucos, lá chegarei. Mas obrigada. Acho que isto pode ser exatamente aquilo de que preciso.

– O prazer é todo meu. Estou contente por vos ter aqui. Finalmente – acrescenta com um sorriso irónico.

– Detesto que me vejas sempre nos meus piores momentos. Não é justo para ti. Quantas mais vezes terás de me apoiar?

– Liv, és a pessoa mais forte que conheço. Dá algum crédito a ti própria.

Ele estica o braço e aperta-me a mão. Deixo que ele me segure, mas depois sinto-me demasiado nervosa e retiro-a.

Ele bebe um gole da sua garrafa de cerveja.

– Como estão o Liam e o Tyler?

– Estão bem. O Tyler esteve cá recentemente. Foram juntos a alguns concertos.

– Onde mora o Liam? Achei que vivesse aqui, contigo.

– Só podes estar a brincar. Viver com aquele pestinha?

– Achei que ele já tivesse uns vinte e três anos – respondo, a rir-me.

– E tem. O que significa que é mais do que capaz de se desenrascar sozinho. Ele vive em Glendale, perto de onde eu costumava morar.

– És um bom irmão para eles, Finn – digo com sinceridade.

Ele parece divertido.

– Depois de lhe ter chamado pestinha?

– És um bom irmão – repito a sério.

Os avós fizeram um trabalho incrível a cuidar dos dois quando a mãe deles desapareceu. Mas não teriam sido capazes de dar conta do recado sozinhos. Só Deus sabe o que teria acontecido se o Tyler e Liam não tivessem também o Finn, que os trouxe a Los Angeles todos os anos, para que eles pudessem passar os Natais juntos, longe das lembranças sombrias.

– E és um bom amigo – acrescento, aproximando-me para lhe pegar de novo na mão.

Ele olha para as nossas mãos contemplativamente. Depois, levanta os olhos para procurar os meus. O que nos rodeia é iluminado apenas pelo brilho de edifícios distantes e candeeiros de rua, mas é suficiente para ver o seu rosto na escuridão, os seus olhos a reluzir.

– Ainda te amo, Liv.

Quase retiro a minha mão, mas, quando não consigo agir por instinto, ela lá fica, com os nossos dedos entrelaçados a suprir a distância entre nós.

– Sei perfeitamente que estás de luto pelo Tom. Mas preciso que saibas isso.

Sinto o coração na garganta.

– Como é que ainda me amas, ao fim destes anos todos? Depois de tudo o que fiz?

– O que é que fizeste? – pergunta ele, confuso.

– Casei-me com *outro homem*, Finn! – Levanto a voz, angustiada. – Isso não te *magooou*?

– Deu cabo de mim, porra – responde com aspereza, largando a minha mão para a passar pelo cabelo.

– Então, como é que ainda me podes amar?

– *Nunca* deixarei de te amar. Já to disse. Vou amar-te até ao dia em que morrer, e para lá disso também.

Eu olho para ele. Ele olha para mim. Ele está a falar muito a sério.

Passam cinco segundos até que a sua expressão se suaviza e ele roda de modo a que todo o seu corpo fique virado para o meu.

– Achas que algum dia poderíamos reatar? – pergunta ele com seriedade.

– Não digo agora, claro, mas quando estiveres pronta. Eu espero por ti, Liv. Se não consegues imaginar dividir o teu tempo entre Los Angeles e o Reino Unido, eu volto para St. Agnes. Mas, se já não me amas, diz-me agora, por favor.

– *Claro que ainda te amo* – interrompo-o num sussurro, à espera que o sentimento de culpa me atinja.

Mas a culpa não vem.

E sinto que o Tom está ali comigo, naquele momento, a dar-me a sua bênção, a querer que eu seja feliz.

E talvez eu mereça sê-lo. Talvez já tenha passado por demasiado. Talvez esteja na hora de dar uma oportunidade ao Finn, uma oportunidade a sério, de me dar uma oportunidade *a mim própria*. De *nos* dar uma oportunidade.

Talvez tenha chegado a *nossa* hora.

É-me difícil voltar para a Casa da Praia depois daquela semana em Los Angeles. O Michael estava pronto para se vir embora. Sentia saudades do Timothy e de todos os seus amigos.

– Mas tu podes ficar – disse-me ele enquanto eu o ajudava a fazer as malas, como se fosse assim tão simples e eu não precisasse de o acompanhar no voo para casa.

Por isso, vim-me embora com ele, mas, agora, na sala-cozinha, rodeada de demasiado espaço e demasiadas recordações, decido que regressarei em breve.

Um mês depois, volto a Los Angeles e, desta vez, quando entro em casa do Finn e só lá estamos os dois, a atmosfera parece tensa.

– Ficas com o mesmo quarto da última vez? – pergunta-me ele, puxando a minha mala até esta parar em frente ao pequeno elevador.

– Sim – respondo, com dificuldade em encará-lo.

Ele também parece estar nervoso.

Mas, nessa noite, já ambos nos sentimos à-vontade na companhia um do outro. Estamos sentados no sofá dele, na sala de estar do rés-do-chão, a meio de uma garrafa de vinho. Do lado de fora das portas de vidro, a piscina iluminada é de um azul brilhante, lançando sombras cintilantes sobre a folhagem que cresce na parede do fundo.

– Desculpa ter demorado tanto tempo a vir até cá – digo, sentindo uma súbita necessidade de pedir perdão.

– Não vás por aí, Liv, peço-te. Não fiquemos presos ao passado, está bem? – diz ele com suavidade.

Eu aceno que sim com a cabeça.

– Está bem.

A «Michael», dos Franz Ferdinand, começa a tocar no seu sistema de som.

Eu rio-me.

– Lembras-te...

Não termino a pergunta.

– Do quê? – insiste ele.

Eu abano a cabeça.

– Lembrei-me da quando me mostraste esta canção pela primeira vez, e de como a cantaste para o Michael, no carro. – Esboço um pequeno sorriso. – É difícil não pensar no passado.

– Isso não é *viver* no passado – responde ele com um ar divertido. – Isso é recordar. Não há mal algum em *recordar*. – Ele ri-se. – Uma das minhas memórias preferidas é a tua cara quando tocámos a «22». Ficaste atónita.

Desato a rir e continuamos a trocar recordações, acabando com o resto da garrafa. Não falamos de coisas tristes, e porque havíamos de falar? Ambos tomámos decisões que magoaram o outro. Isso não significa que tenham sido as decisões erradas. Prezarei para sempre os anos que tive com o Tom.

Ao pensar nele, de repente, a dor brota dentro de mim. Peço licença para ir à casa de banho.

Enquanto estou junto ao lavatório, a olhar para o meu reflexo no espelho, espero mais uma vez que a culpa me atinja.

E, uma vez mais, ela não vem.

Respiro fundo. Está tudo bem. *Eu* estou bem. Agora é para seguir em diante, não é para recuar. Em tempos, tomei essa decisão em relação ao Tom. Posso tomá-la de novo em relação ao Finn.

Quero voltar a tentar que as coisas resultem com ele.

Quando saio da casa de banho, não o encontro no sofá. Ouço o tilintar de copos a baterem no andar de cima, na cozinha. Sigo o som e saio para o patamar do primeiro andar, vendo-o junto ao lava-loiças, com as mãos apoiadas na bancada e os nossos copos de vinho vazios postos de lado. Ele parece esgotado, ali parado.

– Damos a noite por terminada? – pergunto, aproximando-me dele.

Ele olha para mim por cima do ombro, quando me aproximo, com uma expressão apreensiva.

– Pensei que quisesses descansar.

– Sim, acho que sim.

É de madrugada, no Reino Unido.

Ele vira-se para mim, encostando-se à bancada.

– Pareceste-me triste – diz ele calmamente, com os músculos do maxilar a retesarem-se.

– E estava. Mas agora já estou bem.

Ficamos a olhar um para o outro, e nenhum de nós fala enquanto os segundos passam. Depois, ele estende-me as mãos, com as palmas voltadas para cima, num pequeno gesto carinhoso, com o rosto iluminado por uma esperança hesitante.

Eu sorrio e dou um passo em frente.

Ele puxa-me para junto do seu peito e sinto-me tão bem por estar de novo perto dele. Encosto a cara ao seu ombro, o meu nariz cola-se ao seu pescoço quente e inspiro o seu cheiro tão reconfortante. Afasto a cabeça e levanto uma mão para lhe tocar no maxilar.

Ele olha-me fixamente através das suas pestanas compridas, com os seus olhos verde-azulados ainda ansiosos. Percebo que, *de facto*, envelheceram, e não me refiro às rugas finas nos cantos exteriores. Eles perderam algum do seu brilho.

Quero trazer o brilho de volta. Quero vê-lo sorrir de novo, com covinhas e tudo. Naquele preciso momento, é o que mais quero no mundo.

Levanto a minha outra mão. E depois pressiono as pontas dos meus

polegares no ponto onde deveriam estar as suas covinhas. Ele sacode-se para trás com divertimento.

– Há quantos anos querias fazer isso? – pergunta ele, rindo-se.

– Há anos demais – respondo com um grande sorriso.

De repente, sinto-me trespassada por uma estranha onda de emoções que me faz sentir tonta e sem fôlego.

– Amo-te tanto, tanto, Finn.

A apreensão no seu rosto dissipa-se com as minhas palavras.

– Também te amo – sussurra ele, com os olhos a cintilar.

Eu ponho-me em bicos de pés, mas ele vai ao meu encontro, a meio caminho.

O nosso beijo é lento, profundo e dolorosamente familiar. Tudo nesse beijo parece bater certo.

Penso no Tom, mas só por breves instantes. Durante a maior parte do tempo consigo viver o momento presente com o Finn.

Movemo-nos ao mesmo tempo, com as minhas pernas a enrolarem-se à volta da sua cintura enquanto ele me levanta e se vira, pousando-me na bancada da cozinha.

Eu alcanço a bainha da sua *t-shirt* e puxo-lha sobre a cabeça, e então as suas mãos deslizam-me por baixo do vestido, ao longo das minhas coxas. A temperatura entre nós é escaldante. Eu preciso disto. Eu *quero* isto. E, pelo que sinto quando ele encosta o meu corpo ao seu, ele também precisa e também quer.

Não levamos as coisas com calma. Não me parece que sejamos capazes de o fazer. É tudo rápido e urgente, deixando muito pouco espaço ao pensamento racional.

É perfeito.

E, depois, quando os nossos corpos suados ainda estão entrelaçados e tão cheios de lassidão que mal nos mantemos de pé, deslizo da bancada para os seus braços.

– Leva-me para a tua cama, Finn. E não me largues durante os próximos sete dias.

– Não largo – promete ele.

*

Mantém-se fiel à sua palavra. Ao longo da semana seguinte, voltamos a conectar-nos emocional e fisicamente, costurando os pedaços de nós que demos um ao outro há vários anos.

Quando disse ao Finn que o Tom nunca havia vacilado, podia ter dito o mesmo em relação a ele. O seu amor por mim nunca vacilou. A dor da sua infância impediu-o de escolher St. Agnes, mas ele sempre me escolheu a mim.

Fui eu que não o escolhi a ele.

Mas agora escolho-o eu. Escolho-nos *a nós*.

Outros sete anos depois...

– *Here comes the sun...*

Acordo com o meu marido a cantar para mim. E depois apercebo-me de que não está a cantar para mim, e sim para a Maggie, aninhada no espaço entre nós.

– Devias estar na tua própria cama, sua macaquinha marota – repreendo com uma voz sonolenta. – Quem disse que podias vir para aqui?

– Papá – responde ela com um risinho atrevido.

O Finn estica o braço para lhe fazer cócegas nas costelas e ela contorce-se e guincha de riso, com as covinhas a aparecerem bem vincadas.

– *Shh!*

Os meus olhos arregalam-se quando espreito por cima do ombro, para o berço ao lado da nossa cama, mas o irmãozinho dorme profundamente. Fico a olhar para as suas pestanas escuras e compridíssimas, e depois volto-me novamente para a nossa filha.

– ‘Tá aco’dado? – pergunta ela, ajeitando-se na cama para se sentar contra a cabeceira. – Dá o bebé – ordena ela, abrindo os braços.

Ela ainda não tem dois anos e meio.

Olho para o Finn, que me fita, divertido.

– Ouviste a miúda, dá-lhe o bebé – diz ele, em tom de provocação.

– O bebé está a dormir – respondo com firmeza.

– Dá o bebé – diz ela novamente.

O Finn e eu quase nos rimos. Quase.

– Não, ele está a dormir – repito com firmeza.

Tal como a sua mãe estava há um minuto.

A Maggie trepa por cima de mim e espreita para o berço, com os ombros a descaírem perante a visão.

– Oh! – diz ela com um suspiro, aninhando-se de novo na sua posição

confortável.

– Queres continuar a dormir? – pergunta-me o Finn.

– Agora já não adianta.

– Desculpa – sussurra ele. – Ela mostrou-se muito determinada.

É-lhe difícil dizer que não à nossa filha. Mas também lhe custa dizer que não a mim. Nesse aspeto, foi sempre assim.

A porta abre-se com um estrondo e o Lennie entra, com a sua espada de esponja em riste.

Quando descobri que o avô do Finn se chamava Leonard, implorei-lhe que dêssemos esse nome ao nosso filho, nascido há quatro anos e meio.

No início, ele não estava muito convencido, mas acabou por aceitar a minha ideia.

Escolhemos Maggie – Margaret – em honra da minha avó, e adoro o facto de o seu nome soar um pouco como Aggie, onde vivemos.

O Lennie vai entrar para o jardim de infância no mês que vem, pelo que tivemos de decidir onde ficar a viver no futuro próximo. A Cornualha é onde vivem três dos tios dos nossos filhos – o Liam mudou-se de Los Angeles há alguns anos, com saudades da sua cidade natal, o Tyler ainda está em Newquay, e o Michael mora mesmo ao fundo da rua. Até o Finn tem dado por si a ter saudades de St. Agnes quando não estamos cá. Ele diz que é diferente, agora que temos filhos. Estamos a criar as nossas próprias memórias, e são quase todas são felizes.

Há alguns anos, remodelámos a casa, para repor a configuração original, e mudámo-nos para o quarto principal, ao fundo do corredor, com vista para o jardim.

Continuamos a ter uma casa em Los Angeles, embora não seja a casa vertical onde fiquei quando comecei a lá ir. Depois de termos o Lennie, mudámo-nos para um terreno maior, com um jardim mais adequado para crianças. Também gostamos muito de lá passar tempo com a família americana do Finn, e continuaremos a fazê-lo nas férias escolares. Mas *casa* é em St. Agnes.

Temos o Lennie e a Maggie, e o pequenote no berço, que acabou de ser acordado pelo irmão mais velho, chama-se Eddie. Tem um nome só seu, não lho demos em honra de ninguém.

O Tom continua no meu coração. Ainda penso nele com frequência. Por vezes, tenho umas saudades desesperadas de ouvir o seu riso grave, ou de ver os seus olhos castanhos-dourados a olharem para mim do outro lado da mesa. De outras vezes, sinto falta da sensação de estar nos seus braços. Amá-lo-ei para sempre.

Não o esculpi, e acho que nunca o farei. Quando a Arabella faleceu, há alguns anos, com noventa e nove anos, também não senti vontade de a esculpir. Sinto que deixei para trás as minhas peças de «Partida» e passei a criar obras de arte que vêm de um lugar de alegria e deslumbramento. Dedico-me de todo o coração a tudo o que faço – não quero passar meses a trabalhar

em algo que não me inspire, por isso, tento aceitar apenas encomendas que me interessam.

Pensei que seria demasiado difícil manter o meu investimento no Seaglass, depois da morte do Tom. Quando o Chas decidiu que estava na altura de se reformar, com oitenta e três anos, o Finn ofereceu-se para comprar a parte dele.

Hesitei antes de deixar que o fizesse. Há anos que andava a pensar em vender tudo e ir-me embora, mas, afinal, passou este tempo todo e ainda cá estou. Por isso, dei o aval ao Finn e agora somos ambos donos do Seaglass, embora tenhamos funcionários que o gerem por nós durante a maior parte do tempo.

A Casa da Praia, o Seaglass e St. Agnes lembrar-me-ão sempre o Tom. E fico contente por isso. Sinto-me próxima dele aqui e *quero* sentir-me próxima dele.

Mas estes locais também me recordam o Finn. Eles fazem parte da *nossa* história. Já tive duas grandes histórias de amor na vida. Não me sinto uma viúva trágica.

Sinto-me sortuda.

– Anda, vamos dar um passeio na praia – digo eu de repente, tirando o Eddie do berço.

Uma eternidade depois, saímos os cinco pela porta da frente e descemos a colina em direção a Trevaunance Cove. A estrada serpenteia por entre as vibrantes colinas verdes e o mar parece iluminado a partir de dentro, à medida que a luz do sol matinal é filtrada pela água.

Chegamos à enseada e vemos que a tempestade da noite anterior arrastou mais areia para a praia e que o riacho deixou um rasto em forma de árvore.

Mais uma vez, o Tom está aqui comigo.

Mas já não vejo uma macieira na sua última fase de vida.

Vejo uma árvore.

No início da primavera.

E depois o verão voltará de novo.

Playlist de Sete Verões

~~Sold~~ater Weather

ThelieNeighbourhood

~~Figure of~~ICQHW

RaydHBlood

~~Nekal Pow~~tonight

DOXIS

~~Tis the Damn Season~~

Cayfish and the Bottlemen

~~GNoid My~~Gitbw

The Chastity the Stone Age

~~Ready to Start~~

Ritared FireMikky Ekko

~~Minute & Time~~

Wahli Activis

~~Michael~~

Bilaliez Etichmand

~~Nve B~~Endr II's Apart

MOIS Alice

~~Fire~~

Kaylinia Swift

~~Satakurs Outside the Hospital Doors~~

Etichprag at Last

~~Heed Gynne's~~ ShorSmer

The Beatles

Agradecimentos

Ao fim de todos estes anos a escrever, ainda tenho grandes momentos em que preciso que me belisquem, e a maior parte deles deve-se a vocês, meus queridos leitores. Adoro receber notícias vossas, portanto, se ainda não o fizeram, cumprimentem-me nas redes sociais: @PaigeToonAuthor. Podem também inscrever-se na minha *newsletter*, #TheHiddenPaige, em www.paigetoon.com para receberem notícias e conteúdos extra.

O boca-em-boca é tão essencial para ajudar as histórias de um escritor a chegarem aos leitores, por isso, agradeço muitíssimo a todas as pessoas que dedicaram algum do seu tempo a recomendar os meus livros, seja pessoalmente, em papel ou *online* – fico-vos mesmo muito grata.

Desfrutei de cada passo da minha jornada editorial com a Penguin Random House, e tem sido um sonho trabalhar com as equipas da Century, no Reino Unido, e da G. P. Putnam's Sons, nos Estados Unidos. Um agradecimento especialmente grande a Venetia Butterfield e às minhas excelentes editoras, Emily Griffin e Tara Singh Carlson – foi um prazer trabalhar com todas vocês.

Um enorme obrigada também às seguintes pessoas que trabalham na Century: Olivia Allen, Hannah Bailey, Charlotte Bush, Claire Bush, Briana Bywater, Emma Grey Gelder, Rebecca Ikin, Laurie Ip Fung Chun, Rachel Kennedy, Evie Kettlewell, Jess Muscio, Richard Rowlands, Jason Smith, Jade Unwin, Linda Viberg e Selina Walker, e a estas fantásticas pessoas da Putnam: Sally Kim, Ivan Held, Samantha Bryant, Sanny Chiu, Brennin Cummings, Ashley Di Dio, Hannah Dragone, Tiffany Estreicher, Ashley Hewlett, Aranya Jain e Claire Winecoff. Agradeço também aos meus revisores Caroline Johnson (Reino Unido) e Chandra Wohleber (EUA). Obrigada a Monique Corless, Amelia Evans e à equipa de direitos estrangeiros da PRH, bem como aos meus editores de todo o mundo, por tudo

o que fazem para levar os meus livros a um público mais vasto – fico muito feliz quando sei de leitores que descobriram os meus livros através de versões traduzidas.

Obrigada à minha querida amiga, Lucy Branch. Desde que nos conhecemos, através do infantário dos nossos filhos, há muitos anos, que admiro a sua paixão pela arte e pela escultura. Obrigada por partilhares os teus conhecimentos e por me ajudares a compreender o que motiva a Liv. (Nota: A Lucy é a principal conservadora do Reino Unido especializada em bronze, bem como autora e apresentadora do *podcast* *Sculpture Vulture* – procure o seu trabalho!)

Obrigada às notáveis escultoras Hazel Reeves e Laury Dizengremel, por terem sido tão generosas com o seu tempo, ajudando-me na minha pesquisa sobre esculturas – sem vocês, estaria perdida.

Obrigada à autora Hilary Standing, por me ter permitido ler o seu fantástico livro de memórias sobre a sua experiência de ter uma irmã com síndrome de Down, antes mesmo de este ter sido enviado ao seu agente. Ri e chorei e fiquei totalmente embrenhada na leitura e, quando o livro for publicado, vou falar dele a toda a gente!

Obrigada à cantora e compositora Kal Lavelle, pela sua ajuda na investigação relacionada com a indústria musical. Descobri a Kal enquanto escrevia o meu livro *The Longest Holiday* e estava sempre a ouvir a sua bela canção «Shivers». Facto curioso: a Kal co-escreveu outra canção, também chamada «Shivers», com Ed Sheeran. Gostei muito de conversar contigo, Kal.

Embora as probabilidades de ela algum dia ler isto sejam muito baixas, gostaria de agradecer à Taylor Swift pela inspiração que as suas canções me deram. Eu tinha uma vaga ideia para este romance, mas ela ganhou vida depois de ouvir a letra de «Tis the Damn Season». Em poucos dias, soube exatamente como a história se desenrolaria do princípio ao fim, com uma clareza de partir o coração. Não me desviei dessa ideia em aspeto nenhum. Espero que, se a Taylor alguma vez se deparar com este romance, ele a faça sentir um pouco do que as suas canções me fazem sentir a mim.

Obrigada a...

... Carol Bruno, pela conversa sobre arte na areia, em Portugal, que me deu a primeira centelha de uma ideia.

... Craig Scott, por dar vida ao *Seaglass* com as suas descrições vívidas do sector da restauração.

... David Moore, do Edinburgh College of Art, e Dr. Darron Dixon-Hardy, da Universidade de Leeds, por terem respondido às minhas perguntas sobre escultura e aviação, respetivamente.

... Christopher Ryan, do National Trust, em Chapel Porth, pela ajuda relacionada com a praia e os horários das marés.

... Jo Carnegie, pela história sobre a espuma de café, que eu avisei que iria roubar.

... Alison Cross e a equipa da Cornwall Hideaways, bem como os

proprietários da verdadeira Casa da Praia, e ainda Damien Anderton e Rob Pippin, pela sua ajuda relacionada com a própria St. Agnes.

Todos os locais referidos no livro são reais, com exceção do Seaglass, que é fortemente inspirado num bar da praia de Trevaunance Cove chamado Schooners. Se alguma vez lá forem no verão, quando estiver aberto, por favor tirem uma fotografia da varanda e enviem-ma! Escrever sobre St. Agnes foi intimidante para mim, pois é um lugar muito especial; sabia que não seria capaz de lhe fazer justiça. Mas espero que esta história faça sorrir alguns dos habitantes locais, apesar de eu ter recorrido à imaginação aqui e ali.

Agradeço também a Salome Quao e a Eddie Powell, e deixo um agradecimento tardio a Bethany pela sua ajuda com a pesquisa relacionada com Bury St Edmunds para o livro *Only Love Can Hurt Like This*.

Obrigada a estes autores incríveis: Dani Atkins, Sophie Cousens, Lizzy Dent, Giovanna Fletcher, Zoë Folbigg, Carley Fortune, Ali Harris, Emily Henry, Colleen Hoover, Catherine Isaac, Abby Jimenez, Milly Johnson, Lindsey Kelk, Christina Lauren, Caroline Leavitt, Lia Louis, Jill Mansell, Mhairi McFarlane, Annabel Monaghan, Beth O’Leary, Louise Pentland, Jill Santopolo, Mia Sheridan, Emily Stone, Heidi Swain, Adriana Trigiani, K.A. Tucker, Lucy Vine e Jo Watson. Sempre que um dos vossos nomes aparece nas minhas redes sociais ou na minha caixa de entrada em relação aos meus livros, fico derretida. Muito obrigada por todo o vosso apoio – significa muito para mim.

Obrigada aos meus pais, Vern e Jen Schuppan, aos meus sogros, Ian e Helga Toon, e às minhas queridas amigas, que encontram sempre tempo para ler e dar opiniões sobre as primeiras versões dos meus livros: Jane Hampton, Katherine Reid, Katherine Stalham, Femke Cole, Colette Bassford, Rebecca Banks e Kimberly Atkins. Por último, mas não menos importante, obrigada à minha família: Greg, Indy e Idha Toon, pelas coisas de bastidores que mais ninguém vê, mas que eu valorizo de todo o coração. Amo-vos muito.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Este verão
 1. 1
4. Sete verões antes
 1. 2
 2. 3
 3. 4
 4. 5
 5. 6
 6. 7
 7. 8
 8. 9
 9. 10
 10. 11
5. Este verão
 1. 12
 2. 13
 3. 14
6. Cinco verões antes
 1. 15
 2. 16
 3. 17
 4. 18
 5. 19
 6. 20
7. Este verão
 1. 21
 2. 22
8. Quatro verões antes
 1. 23
 2. 24
 3. 25
 4. 26
9. Este verão
 1. 27
10. Três verões antes
 1. 28
 2. 29

- 3. 30
- 4. 31
- 11. Este verão
 - 1. 32
 - 2. 33
 - 3. 34
- 12. Dois verões antes
 - 1. 35
 - 2. 36
 - 3. 37
 - 4. 38
- 13. Este verão
 - 1. 39
 - 2. 40
 - 3. 41
- 14. No verão passado
 - 1. 42
 - 2. 43
 - 3. 44
- 15. Este verão O sétimo verão
 - 1. 45
 - 2. 46
 - 3. 47
 - 4. 48
 - 5. 49
 - 6. 50
 - 7. 51
- 16. Epílogo
- 17. Um verão depois...
- 18. Dois verões depois...
- 19. Três verões depois...
- 20. Quatro verões depois...
- 21. Cinco verões depois...
- 22. Seis verões depois...
- 23. Sete verões depois...
- 24. Outros sete anos depois...
- 25. Playlist de Sete Verões
- 26. Agradecimentos

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)